Expedição Centenária Roosevelt-Rondon - Parte II

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra sobre a 7ª Fase do “*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar” – Expedição Centenária Roosevelt-Rondon – Parte II*, em três tomos, reverencia dois ícones da história da humanidade que gravaram para sempre seus nomes dentre os mais corajosos desbravadores de todos os tempos, ao sulcar as tumultuárias águas de um Rio inóspito, enfrentando a fome, os Saltos, as Cachoeiras, os Rápidos e toda a sorte de adversidades impostas pela densa floresta tropical e seus habitantes.

Dedicamos esta obra a um personagem quase desconhecido – o Sargento Manoel Vicente da Paixão –, do 5° Batalhão de Engenharia, um veterano que participou com destaque dos trabalhos da Comissão das Linhas Telegráficas, enfrentando as adversidades do Sertão no planalto dos Paresí. Como Cabo, foi nomeado, por Rondon, para comandar um Posto Militar instalado no Juína, local que serviria de ponto de apoio à Comissão de Rondon. Nesse Posto ele recebeu, em 1911, a visita de um grupo de índios Nambiquara tendo o mérito de lhes conquistar a confiança e o prestígio.

Agradecimentos

A Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Aos meus irmãos, Luiz Carlos Reis e Silva e Carlos Henrique Reis e Silva, amigos de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

Ao General-de-Exército Antônio Hamilton Martins Mourão – Comandante do Comando Militar do Sul (CMS) que sempre apoiou e sancionou nossas pesquisas em todo o território nacional;

Ao General-de-Exército Paulo Humberto César de Oliveira – Comandante do Comando Militar do Oeste (CMO), Coronel Valdenir de Freitas Guimarães, assessor cultural do CMO e Tenente-Coronel Inf Renato Braga Pires, Cmt do 2° B Fron, Cáceres, MT, e a cada um de seus subalternos pelo apoio irrestrito e amigo ao nosso projeto;

Ao Dr. Marc Meyers, mentor intelectual da Expedição Centenária, e seu irmão Pedro Meyers patrocinador solidário e solitário de nossas jornadas;

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, esteio fundamental na divulgação do Projeto e conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e artigos;

A meu amigo, irmão e mestre Cristian Mairesse Cavalheiro meu primeiro e mais fiel colaborador que continua apoiando nossas jornadas;

Aos Professores Sérgio Pedrinho Minúscoli e Major R/1 Eneida Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro. À minha querida parceira Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar.blogspot.com*", que incansavelmente contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto–aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais, além de assessorar no planejamento e coordenação da captação de recursos;

Aos professores e alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) pelo incentivo e apoio integral ao nosso Projeto;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Mensagens

Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani

Com tristeza reconheço que esta é a realidade. Sei que uma andorinha só não caracteriza o verão, mas agradeço a Deus por termos um oficial como Você, Coronel Hiram. Apesar de tudo, avante heroico navegador. Seu espírito indomável jamais se dobrará perante a mesquinhez. Talvez tudo isto seja ignorado, como era por mim até agora, mas os que tomarem conhecimento, oferecerão a Você, um herói, uma reconhecida continência, como o faço agora.

Coronel Manoel Soriano Neto

Caríssimo amigo e acendrado patriota Hiram!

Muitas palmas para o seu novo livro! Que o excepcional lavor de sua nova obra, de forte conteúdo cívico-patriótico, sirva de bom luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram! Quando eu tive o privilégio de escrever as abas de seu livro "*Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Solimões*", afirmei e agora reitero: "*Tal como Orellana e Pedro Teixeira, no heroico pretérito, o Coronel Hiram, pela epopeia há pouco realizada [a singradura do Rio Solimões], acaba de consagrar, galhardamente, o seu ilustre nome em nossa historiografia, ad perpetuam rei memoriam*".

As belezas e lições atemporais entesouradas em seu magnífico e mais recente escrito têm o condão de robustecer, de forma superlativa, o sentimento de brasilidade, o apreço à nossa Soberania e a relembrança de nossos avoengos lusitanos – "*De nada a brava gente se temia*" – mote que se adapta,

à perfeição, à saga por você empreendida, desta feita ao longo do Rio Roosevelt, prenhe de audácia e coragem...

Insista, persista e não desista, destemido argonauta de nossa Amazônia! E nos momentos de descrença, pois, desgraçadamente, eles vêm e nos atordoam, lhe transmito, para reflexão, um importante pensamento de autoria do notável escritor Jacob August Riis:

> Quando nada parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes, sem que nenhuma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas e eu sei que não foi aquela a que conseguiu isso, mas TODAS AS OUTRAS QUE VIERAM ANTES!

"*Ex toto corde*" ("*De todo o coração*"), o mais amigo dos abraços deste seu sempre admirador, Soriano.

Coronel Aguinaldo da Silva Ribeiro

Caro Coronel Hiram,

Tenho a absoluta certeza de que o senhor concluirá com êxito mais essa tarefa, em que pese todos os tipos de obstáculos. É oportuno destacar que a "*árvore da adversidade também dá fruto doce*", sendo assim, as remadas continuadas e vigorosas nos Rios amazônicos que o Comandante costuma executar, vencerão não só as marolas, mas também os pessimistas e a desconfianças dos descrentes.

Pessoalmente, pude acompanhar e saudar, nas águas do Tapajós, mais um dos seus feitos. Foi naquela oportunidade que engajei o "*Batalhão Rondon*".

A colaboração foi com o barco regional "*Piquiatuba*" e com os nossos valorosos homens dos Rios. Jovens caboclos que de maneira desinteressada cooperaram, seja com ou sem luminosidade, sob Sol ou chuva, com vento ou sem vento, o acompanharam até a sua chegada na Pérola do Tapajós.

Sua amizade com aquela tropa se consolidou e tenha certeza que há um respeito mútuo pela camaradagem, liderança, determinação, humildade, tenacidade, confiança, exemplo, entre outros atributos, que tive o privilégio de vivenciar e de ter como referência pessoal. Dessa forma, busquei retribuir ao meu Comandante de Pelotão um pouco dos ensinamentos e do apoio recebidos durante o período acadêmico.

Lembro também do caso que o senhor destacou e que resultou na sua punição. Até para os companheiros de turma esse fato é pouco comentado ou desconhecido. A forma como foi disparado, envolvendo um dos seus Cadetes, aquele que inclusive lhe fez acordar mais cedo para cuidar do carro dele e, creio que, com a filha no colo. Recordo, ainda, da sua chegada em Aquidauana, quando eu o encontrei preparando a casa para receber a sua família. O tempo passa, mas esse infortúnio parece não ser esquecido, nem relevado, tampouco desconsiderado, apesar de destacar que lhe trouxe coisas boas. Todavia, já que não se consegue apagar totalmente esses rastros do passado, é importante que as explicações e o relato dos fatos sejam do conhecimento de mais e mais almas.

"*Tâmo*" junto Comandante e torço por mais um sucesso e, como dizia o Marechal RONDON, "*Pra frente, custe o que custar*".

Boas remadas e fique com Deus. Seeeelva!!!

Coronel Álvaro

Caro amigo e irmão Hiram

Agradeço a distinção para receber de presente tão precioso trabalho. Por justo e perfeito te presto a merecida congratulação por mais essa edificante obra de relatos belos, históricos e patrióticos. Você é mesmo um gigante desbravador de nosso território e dos feitos de nossa história.

Parabéns!

TFA, Álvaro

Coronel Flávio André Teixeira

Prezado Amigo e Ir∴ Hiram,

Inicialmente, quero te parabenizar pelo êxito da Expedição Rondon. Não vi muita coisa ainda, mas o que vi, me deixou bem impressionado. Para variar o caminho percorrido não foi fácil, como sempre. As tuas aventuras realmente tem de ser "*aventuras*". Fico feliz que o Angonese foi teu parceiro, assim ficou mais fácil tua jornada e dividiu os obstáculos e infortúnios momentâneos. Aproveito e te questiono da nova jornada: Oriximiná - Macapá. Se já sabes quais são as tuas datas para esta nova aventura, pois, se não surgir nenhum contratempo, e você permitir, pretendo te acompanhar neste percurso final do "*Desafiando o Rio Amazonas II*". Fico no aguardo de teu retorno.

Meu fraternal abraço.

SELVA!!!

Flavio A. Teixeira∴

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Deprecação

(Gonçalves Dias)

[...] Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da flecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do Rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, que ainda possam
Dos seus, que já dormem, os nossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do Mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De flechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo quati...
A morte pousava nas plumas da flecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teu inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio Sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos
Que eu vi combatendo no albor da manhã:
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, que és Deus, ó Tupã!

Rumo a Cáceres

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota. (Theodore Roosevelt)

De 22 de outubro a 13.11.2014 descemos o magnífico Rio Roosevelt, antigo Rio da Dúvida, em uma jornada de pura emoção, aprendizado e camaradagem, com uma breve e inesperada interrupção, provocada pelos índios Cinta-larga, de dois dias entre a 1ª e 2ª etapa, totalizando 23 dias. Eu planejara meticulosamente a navegação pelo Rio Roosevelt, preparara os mapas com esmero, georeferenciara os pontos de controle e estimara suas distâncias, ampliara, sempre que possível, os locais de travessia mais críticos tentando determinar a melhor opção de transposição que, na descida, eu, como precursor, ia ratificar ou não. O terreno e a vazão é que iriam definir se a rota que eu planejara era realmente a melhor. "*Era minha praia*", mais de três décadas navegando por diversos caudais nas mais longínquas plagas desta "*terra brasilis*" davam-me a segurança necessária para saber que cumpriria a missão com sucesso na transposição dos temidos Saltos e Cachoeiras do Rio Roosevelt.

Planejamento da 2ª Fase

Entre as duas fases da Expedição Centenária (outubro de 2014 e outubro de 2015) eu executara a Circunavegação da Lagoa Mirim, a Descida do Amazonas (Santarém, PA a Macapá, AP), a Circunavegação da Laguna dos Patos e a Descida dos Rios Aquidauana e Miranda no Pantanal sul-mato-grossense.

O planejamento e a execução destas jornadas não permitiram que eu dedicasse à 2ª Fase da Expedição Centenária a atenção necessária e toda a programação foi realizada pelo Cel Ivan Carlos Gindri Angonese e o Dr. Marc André Meyers. Desta feita, pela primeira vez, desde que iniciara minhas jornadas em 2008, eu ia apenas executar o que fora idealizado pelos meus parceiros.

A generosidade não está em dar aquilo que tenho a mais,
mas em dar aquilo de que vós precisais mais do que eu.
(Gibran Khalil Gibran)

Embora essa fosse mais uma oportunidade de homenagear Rondon, relutei muito em participar desta empreitada, pois não se tratava absolutamente de canoagem. Meu neto Arthur estava por nascer, tinha dois interessantes compromissos náuticos na Laguna dos Patos e pretendia lançar o livro "*Descendo o Rio Negro*" na Feira do livro de Porto Alegre. Um fator, porém, foi determinante para deixar tudo isso para trás – um compromisso moral assumido com o amigo e empresário Pedro Meyers, irmão do Dr. Marc. Antes de iniciar minha descida pelo Amazonas, de Santarém, PA, a Porto Santana, AP, comuniquei ao Sr. Pedro Meyers que poderia começar a quitar minha dívida para com ele. O amigo adiantara um valor considerável antes do início da descida do Roosevelt para que eu pudesse saldar minhas dívidas antes de descer o Roosevelt:

– E-mail do Amigo Pedro Meyers

No dia 02.03.2015, o empresário Pedro Meyers remeteu-me um e-mail, ao qual só tive acesso na noite do dia seguinte, quando já me encontrava em Monte Alegre, PA, Descendo o Rio das Amazonas:

Caro Cel. Hiram,

Obrigado pelo seu e-mail e pelo seu nobre gesto. Antes da Expedição eu tinha dito ao Marc que eu ajudaria a financiar a aventura de forma que os R$ 15.000,00 foram considerados por mim como parte do pacote de financiamento, ou seja, não é uma dívida e sim uma merecida doação especialmente tendo em vista sua enorme contribuição para o sucesso do empreendimento. Sem você, como me relatou o Marc, a aventura não teria chegado a um bom termo. Não fique, pois, zangado comigo por não aceitar a devolução da doação.

Abraços e sorte em suas andanças pelo Brasil afora.

Pedro

– Resposta ao E-mail

Estava em Prainha, PA, quando lhe respondi emocionado:

Caro amigo

Eu e minha família guardaremos eternamente na memória este gesto tão nobre e gentil. Minha fé na humanidade, hoje tão focada nos bens materiais e consumismo desenfreado, é revitalizada por atitudes como a sua. Infelizmente minha senda diária tem sido por demais árdua agravada inevitavelmente pelos problemas financeiros, por isso, sua contribuição é tão bem vinda. Continuamos de "*Pé e à Ordem*" prontos a atender a qualquer chamado da família Meyers.

Que o Grande Arquiteto do Universo abençoe, ilumine e guarde ao senhor e a todos os seus.

TFA do Hiram Reis, um humilde canoeiro eternamente em busca da "*Terceira Margem*".

Aeroporto Internacional Marechal Rondon

Até quando os ímpios, Senhor, até quando os ímpios saltarão de prazer? Até quando proferirão, e falarão coisas duras, e se gloriarão todos os que praticam a iniquidade? (Salmos 94:3-4 – Bíblia Sagrada)

20.10.2015: Partimos de Porto Alegre, RS, eu e o Coronel Angonese com destino a Cuiabá, MT, onde encontramos, no final da manhã, o Dr. Marc e jornalista Cacá de Souza no Aeroporto Internacional Marechal Rondon Cuiabá, MT.

O Cacá está tentando produzir um documentário a respeito de nossas jornadas, em homenagem ao Marechal da Paz, através da Lei Rouanet. Infelizmente, neste país Tupiniquim, onde a fronteira que deveria nortear os bons costumes, o bom senso e a cultura foi totalmente ultrapassada e corrompida, onde a dignidade e a honra servem de escárnio e as criaturas estão dia-a-dia prostituindo-se e se perdendo na iniquidade, parece ser mais fácil conseguir apoio, propaganda e incentivos para viabilizar montagens cênicas degradantes como a peça "*Macaquinhos*" apresentada na 17ª Mostra SESC Cariri de Culturas, em Juazeiro do Norte, CE, em que oito atores, completamente nus, apontam mutuamente para seus ânus como querendo indicar aos espectadores de onde saiu a inspiração para a tal apresentação.

Cuiabá, MT

Servi no 9ª Batalhão de Engenharia de Construção (9° BEC), sediado em Cuiabá, MT, no período de 1978 a 1979 trabalhando, como Chefe da Equipe de Terraplenagem, diuturnamente (das 05h30 às 22h00),

sete dias por semana, nas BR-364 e 070. Trinta e seis anos haviam passado desde que daqui eu partira para exercer a função de instrutor na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). A Capital e o Estado do Mato Grosso desenvolveram-se por demais, graças ao agronegócio implantado com muito trabalho e competência pelos arrojados migrantes vindos, na sua maioria, do chamado Cone Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). O entorno das estradas antes formado apenas por intermináveis e áridos cerrados está agora dominado por enormes plantações que se estendem por todo o horizonte. O Estado do Mato Grosso é hoje o maior produtor brasileiro de soja e algodão em pluma, segundo maior produtor de arroz, quinto produtor de cana-de-açúcar e sétimo de milho.

À tarde fomos com o Cacá de Souza até à FUNAI onde contatamos o simpático servidor da autarquia Sr. Carlos Márcio Vieira Barros. O Carlos Márcio discorreu, na oportunidade, sobre sua experiência de vida com os Nambiquara no início de sua carreira na Fundação e nos garantiu que tomaria as devidas providencias para viabilizar nosso acesso às Terras Indígenas Paresí e Nambiquara.

Cáceres, MT

21.10.2015: No dia seguinte, (quarta-feira), seguimos destino a Cáceres, MT. A BR-070, agora asfaltada, fazia-me lembrar de um jovem e aguerrido 1° Tenente de Engenharia, Chefe da Equipe de Terraplenagem, enfrentando obstinadamente o terreno e os elementos com um único objetivo – construir uma estrada dentro dos mais altos padrões técnicos, no prazo mais curto possível e dentro do orçamento previsto.

Naquele ano concluímos o Plano de Trabalho quase dois meses antes do prazo. Em Cáceres, estabelecemos contato com o Comandante do 2° Batalhão de Fronteira (2° B Fron), Tenente-Coronel Renato Braga Pires, que autorizou nossa hospedagem no Hotel de Transito da Guarnição e onde ultimamos algumas providências administrativas.

Ainda não tínhamos a confirmação do apoio do Exército Brasileiro (EB) à Expedição e como eu não conseguisse falar diretamente com meu Amigo e Irmão maçom o General-de-Exército Antônio Hamilton Martins MOURÃO, Comandante do Comando Militar do Sul (CMS), falei com o Coronel James BOLFONI da Cunha, um de seus assessores, que garantiu que iria retransmitir meu recado ao General MOURÃO que, na oportunidade, estava empenhado em manobras no Estado de Santa Catarina. Mandei ainda uma série de mensagens para o celular do General MOURÃO preocupado que estava com a pequena e frágil camionete que o Dr. Marc alugara para nos apoiar na missão. A tralha de rancho e acampamento era enorme, precisávamos levar na carroceria 300 litros d'água para as mulas e para nós e, além disso, teríamos pela frente péssimas estradas a percorrer.

22.10.2015: Na quinta-feira, de manhã, o Angonese contatou o Sr. Eduardo Ramos (Chefe da Comitiva Santo Antônio), o "*Boi*", para confirmar a data e local onde deveriam ser descarregadas as mulas e tomamos outras providências administrativas.

À tarde, véspera de nossa partida, estávamos fazendo compras no supermercado quando recebi uma ligação do Chefe do Estado-maior do Comando Militar do Oeste (CMO), General-de-Brigada DENIS Taveira

Martins, informando que o Comandante Militar do Oeste General-de-Exército PAULO HUMBERTO Cesar de Oliveira, atendendo solicitação do Gen MOURÃO, tinha autorizado que o 2° B Fron nos apoiasse com dois militares e uma viatura Agrale Marruá AM21 – VTNE 3/4 ton destinada ao transporte de tropa e/ou carga de até 750 Kg. Solicitei imediatamente que a Rosângela remetesse ao General DENIS uma cópia do projeto que o Angonese encaminhara ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) com o objetivo de fornecer subsídios à Ordem de Serviço que seria encaminhada à 13ª Brigada de Infantaria Motorizada (13ª Bda Inf Mtz), de Cuiabá, MT, que a repassaria, por sua vez, ao 2° B Fron de Cáceres, MT.

23.10.2015: Partimos, na tarde da sexta-feira, depois de garantir que a viatura Marruá nos encontraria no caminho, lá pela terça-feira, já que o Dr. Marc não queria perder mais nenhum dia de viagem.

É muito complicado partir para jornadas dessa magnitude com o cronograma rígido, engessado, por isso mesmo, tenho preferido realizar minhas Expedições sozinho sem interferências externas que possam comprometer o bom andamento do Projeto ou de minhas pesquisas. As informações surgem à medida que progredimos no terreno e alguns desses novos fatos podem merecer uma atenção especial, determinando que direcionemos nossas pesquisas sobre eles, se assim não o fizermos não estaremos realizando uma pesquisa, mas um mero turismo.

Tenho necessidade, como naturalista, de tentar conhecer o desconhecido, de procurar desvendar mistérios, de descobrir segredos e de ampliar aquilo que foi reportado sem a profundidade adequada.

1843 a 1847

Francis de Castelnau

Vila Maria tomou este nome por ter sido fundada sob o reinado de D. Maria I. A cidade parece destinada a rápido crescimento; mas o descaso do Governo, e também dos próprios habitantes, de par com a falta de comunicação com o baixo Paraguai, tem impedido que ela se desenvolva como era de esperar. Sua população não vai além de 500 ou 600 pessoas e toda a freguesia de que é ela centro não possui mais de mil e 800 habitantes de todos os matizes, inclusive cerca de duzentos escravos. Contam-se entre os habitantes uns seiscentos índios, descendentes, diz-se, dos Chiquitos da Bolívia. Vila Maria está situada na margem esquerda do Rio Paraguai, num lugar em que a barranca não tem menos de uns dez metros de altura. Apesar da situação em que está, toda a região em volta não raro se acha inundada, pois o Paraguai, recuando sempre para o lado esquerdo, tende a destruir o terreno em que está construída a cidade. Já várias casas desabaram no Rio, enquanto outras se acham de tal modo em risco de cair, que foi preciso abandoná-las.

Vila Maria é a principal cidade de Mato Grosso, do lado da fronteira boliviana. O comandante da praça, como já dissemos, é um capitão, que tem debaixo de suas ordens de setenta a oitenta soldados. O destacamento de Jauru, composto de oitenta e quatro homens comandados por um alferes, está subordinado ao posto de Vila Maria, bem como o das Onças, que é constituído de uma quinzena de soldados, comandados por um sargento e um cabo. Veem-se na caserna quatro peças de artilharia, duas de calibre dezoito e as outras de doze.

Estes canhões foram trazidos até Diamantino pelo Rio Arinos, em 1825. O atual comandante de Vila Maria, que naquele tempo estava empregado em Diamantino, fê-los arrastar por terra até Buriti, de onde foram transportados Rio Paraguai abaixo até o seu destino, onde chegaram em 1827. As autoridades deste estabelecimento são um subdelegado e um juiz de paz. O principal, para não dizer o único comércio do lugar, é o da ipecacuanha ([1]), planta que cresce em abundância nas margens do alto Paraguai, do Vermelho, do Sepotuba e do Cabaçal.

A colheita desta planta é praticada geralmente durante os meses de seca, ou seja desde março até setembro; mas há ocasiões em que ela é igualmente praticada mesmo na estação das águas, quando é muito mais fácil arrancar a planta do chão amolecido pela umidade.

As canoas que saem de Cuiabá, descem o Rio do mesmo nome e sobem o Paraguai, entretendo assim um comércio que atinge por ano milhares de arrobas do produto a que nos estamos referindo.

Foi em 1814 que o Desembargador José Francisco Leal anunciou a existência da ipecacuanha nessa região, onde tinha sido enviado pelo Governo, com o fito de procurar terrenos auríferos no distrito de Vila Maria e nas margens do Rio Cabaçal. Estes, apesar de não serem nada raros, lhe pareceram muito menos ricos em mineral do que havia calculado.

---

[1] Ipecacuanha (Psychotria ipecacuanha): seu nome origina-se da palavra nativa i-pe-kaa-guéne – "planta de doente de estrada", mais conhecida como ipeca ou poaia. Nas raízes desta planta, nativa das florestas tropicais americanas, são encontrados dois alcaloides importantes – a emetina e a cefalina que são usados no combate da diarreia e amebíase, além de serem considerados excelentes expectorantes e anti-inflamatórios.

Durante muitos anos ninguém se importou de utilizar a descoberta; mas, em 1830, um negociante de nome José da Costa Leite, tendo conseguido juntar duas arrobas da planta, remeteu-as para o Rio de Janeiro, onde a acharam de boa qualidade e a pagaram à razão de 1.600 réis a libra.

Negócio tão vantajoso deu logo origem a uma exploração considerável do produto, que continuou até 1837, quando a sua cotação começou a baixar, em consequência da enorme quantidade que dele se oferecia no mercado. Avalia-se em nada menos de vinte e cinco mil arrobas a quantidade de ipecacuanha lançada no comércio entre os anos de 1830 e 1837. Por fim, a extração da planta foi abandonada, até o ano de 1844.

Por esta época, tendo sido vendidas no Rio de Janeiro algumas arrobas de ipeca à razão de 850 e 900 réis, preço que embora muito inferior ao que ela alcançava no princípio ainda deixava boa margem de lucro, voltou-se a explorá-la regularmente, com a probabilidade de que não mais se terão de temer as bruscas oscilações de preço verificadas no começo.

A ipecacuanha, a julgar pelo que dizem os nativos, só ao cabo de dezesseis anos atinge completo desenvolvimento; sendo assim, não é crível que os mercados fiquem jamais tão abarrotados que o preço do produto venha a baixar demasiadamente. (CASTELNAU)

05.01.1914

Magalhães

[...] em demanda de S. Luís de Cáceres, onde chegamos, às 17h30, do dia **5** do mesmo mês. (MAGALHÃES, 1916)

Rondon

A **5** de janeiro tínhamos deixado o pantanal. O aspecto da região mudara – pequenas colinas aqui e ali, vegetação densa, interrompida por clareiras com ranchos de palha.

À noitinha, chegávamos a São Luís de Cáceres – a última cidade que encontraríamos antes de atingir as do Amazonas – pitoresca cidade com suas casas brancas e azuis, de gelosias ([2]) ou rótulas, herdadas dos antepassados árabes, através dos portugueses.

Terminava aí a primeira etapa da viagem, a mais fácil, a bordo de navios pequenos mas confortáveis: boa mesa, noites agradáveis em redes penduradas no tombadilho, sem mosquitos. (VIVEIROS)

Roosevelt

Ao fim da tarde de **5** chegamos à bonita e antiga cidadezinha de São Luiz de Cáceres na mais remota extremidade da região habitada do estado de Mato Grosso, a última cidade que veríamos antes de atingir as povoações do Amazonas. Quando nos aproximávamos, passamos por grupos de lavadeiras pretas seminuas à beira d'água.

Os moradores, com a banda de música local, estavam reunidos no sopé da íngreme ladeira da rua principal onde o vapor atracou. Grupos de mulheres e meninas, brancas e trigueiras, nos observavam da ribanceira baixa. Suas saias e blusas eram vermelhas, azuis, verdes, de todas as cores, enfim.

---

[2] Gelosia (do italiano) ou rótula (do latim): também conhecidas como venezianas, consta de uma treliça de madeiras cruzadas no vão de uma janela que protegem o interior da edificação da luz e do calor e permitem que se observe a parte externa sem ser visto.

Sigg, que tinha seguido adiante com o grosso da bagagem, veio ao nosso encontro em um improvisado barco de gasolina formado por uma canoa a cuja popa o nosso motor "*Evinrude*" havia sido adaptado; estava ele proporcionando a várias pessoas de proeminência do lugar um passeio que as enchia de grande satisfação.

As ruas da pequena cidade não eram calçadas e tinham estreitos passeios de tijolos.

As casas térreas eram caiadas de branco, ou de paredes azuis, cobertas de telhas vermelhas; as janelas, com persianas, vinham dos tempos coloniais; remontando através do Portugal cristão e mourisco, originaram-se de uma remota influência árabe.

Lindas caras, algumas louras, outras morenas, miravam dessas janelas a rua. As mães de suas mães devem ter, por gerações sucessivas, assim mirado o exterior, de janelas idênticas, nos dias coloniais de antanho.

Mas ali mesmo em Cáceres o espírito do novo Brasil já ia penetrando; fora construído um belo edifício público para Grupo Escolar ([3]). Fomos apresentados ao Diretor, um homem esforçado que realiza excelente obra, um dos muitos professores trazidos nos últimos anos para Mato Grosso, de São Paulo, centro do novo movimento educacional que muitíssimo fará em benefício do Brasil.

O Padre Zahm foi passar a noite com os frades franciscanos franceses, que são excelentes companheiros.

---

[3] Grupo Escolar: Escola Estadual Esperidião Marques, criada pelo Decreto n° 297 de 17.01.1912 e inaugurada em 1913.

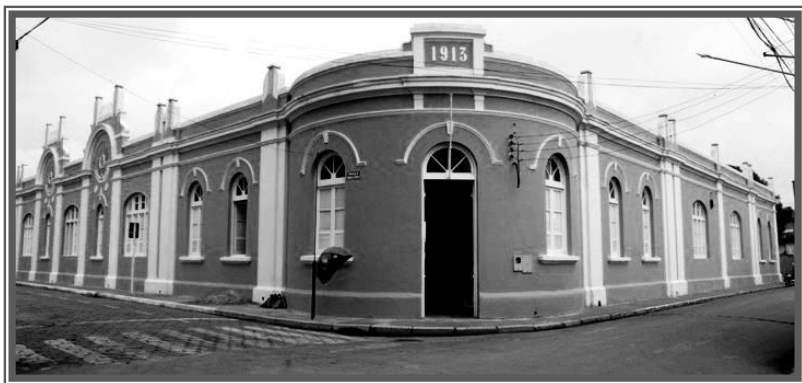
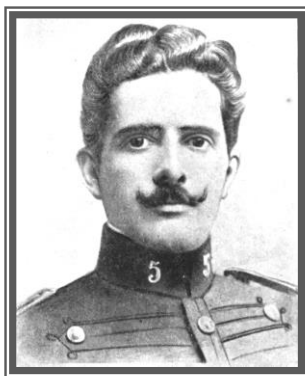
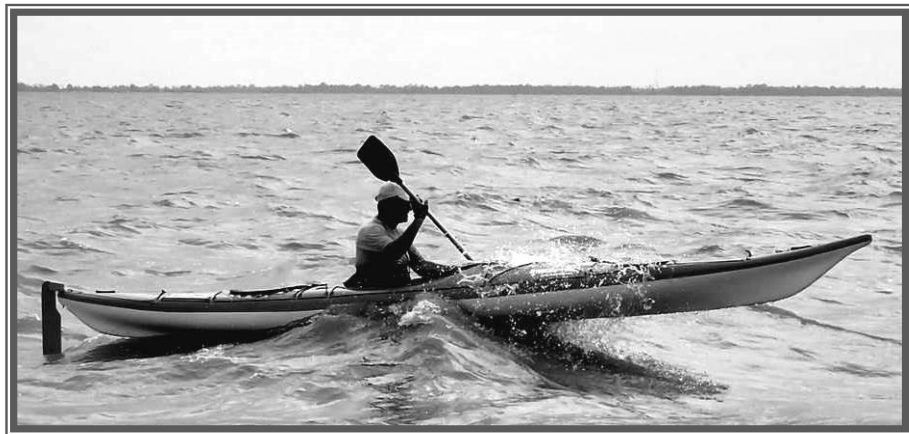



Imagem 01 – Escola Estadual Esperidião Marques, Cáceres, MT

Eu dormi na confortável residência do Tenente Lyra, uma casa ([4]) de verão com paredes grossas, portas largas e pátio aberto cercado por uma galeria. O Tenente Lyra ia acompanhar-nos; era um velho companheiro de explorações do Coronel Rondon. Entramos em algumas lojas para fazer as últimas compras e à noitinha passeamos pelas ruas poeirentas e sob as árvores da praça; as mulheres e meninas sentavam-se em grupo às portas ou ficavam às janelas. Aqui e ali instrumentos de cordas soavam na escuridão. (ROOSEVELT)

[4] O Tenente Lyra, gaúcho de Pelotas, casou-se em São Luiz de Cáceres, com Thereza Dulce filha de José (Giuseppe) Dulce, proprietário do "*Ao Anjo da Ventura*". Thereza, após a morte de Lyra desposou o Capitão José Antônio Cajazeira.

Naufrágio do Coração

(Múcio Teixeira)

Viste, Poeta! a nau das minhas alegrias
Ir bordejando além, por esse Mar afora?
Foi cheia de ilusões, de crenças, de utopias.
E o que há de ser de mim, sem ter mais nada, agora?

Como é triste lembrar que se foi tudo embora,
Nessa nau, tão pequena e frágil, que ontem vias
Ancorada na praia, alegre como a aurora,
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias!

Agora, no alto Mar, os vagalhões do Oceano
A lutar e a rugir, num desespero insano,
Lançam-na à solidão da eterna profundez!

Que naufrágio! E ao Mar as naus se precipitam...
O Mar – é esta existência, onde as paixões se agitam:
E a nau – é o coração, que enchi de mais, talvez!

A Fundação de Vila Maria

Hino de Cáceres, MT
(*Natalino Ferreira Mendes e Capitão Lenírio da Silva Porto*)

Marcha um povo rompendo a floresta
Ganha terras e aumenta o Brasil
No Ocidente penetra e, na testa,
Albuquerque de porte viril. [...]

De Albuquerque foste a preferida
Minha terra cristã e feliz
Cidade amor de São Luiz
Salve, Cáceres, princesa querida.

Tratados de Limites – Arbitragem Cristã

Naqueles tempos nada se tinha por acabado e perfeito se a religião não o consagrava; e como, além disso, a ideia de que todos os reinos da terra eram sujeitos ao Papa, que tinha sobre eles direito de soberania, os reis e conquistadores procuravam sempre assegurar nas concessões a proteção da Santa Sé à legitimidade dos seus descobrimentos e domínios.
(João Francisco Lisboa)

As arbitragens sobre as terras internacionais já foram, em priscas eras, decididas pelos príncipes do Vaticano. Esta tradição remonta a 1092 quando o Papa Urbano II concedeu a Ilha da Córsega ao Bispo de Pisa. A Espanha fora beneficiada, por Sisto IV, com a posse das Ilhas Canárias e Portugal, por sua vez, teve asseguradas suas posses às terras conquistadas aos "*infiéis*" conforme bula assinada por Eugênio IV. Nicolau V reconheceu como portuguesas todas as conquistas na África e Ilhas vizinhas e, depois dele, Calisto III, em 1456, proclama que só Portugal tinha o direito de descobrir o "*Caminho das Índias*".

“*Mundus Novus*” e a Bula “*Inter Cœtera*”

[...] não concordando os Históricos, faltos de fundamentos, nem acertando os Geógrafos as suas medidas, não é possível assentar ponto fixo para esta demarcação, porque de premissas ou prováveis e duvidosas, não se pode deduzir ilação infalível – Cartógrafo genovês Francesco Tosi Colombina (FONTANA)

Os reis católicos da Espanha, Fernando e Isabel, aproveitaram-se da descoberta da América, por Colombo, e o fato de o trono da Santa Sé ser ocupado por um Pontífice espanhol, Alexandre VI, para pleitear o reconhecimento de sua soberania sobre as terras recém-descobertas. O Papa espanhol expediu imediatamente uma Bula doando à Espanha, em caráter perpétuo, o Novo Mundo, com o compromisso dos reis de Castela de propagarem a Fé Católica nas novas plagas.

A controvertida Bula “*Inter Cœtera*”, de 04.05.1493, definia uma linha imaginária que passava a cem léguas a Oeste das Ilhas dos Açores e Cabo Verde com origem no Polo Ártico e término no Polo Antártico. As terras ao Ocidente desta Linha pertenceriam à Espanha. O Rei D. João II, de Portugal, não concorda com a decisão e, sem conseguir demover Alexandre VI de sua decisão, prepara uma frota de guerra com o propósito de assegurar os direitos lusitanos sobre as regiões descobertas por Colombo no Ocidente que, de acordo com a Bula promulgada por Calisto III, em 1456, e o Tratado de Alcaçovas, de 1481, pertenciam à coroa portuguesa. A beligerância teve seu fim com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, a 07.06.1494, deslocando a linha para 370 léguas a partir da Ilha de Cabo Verde.

Portugal assegurava, com isso, a posse de grande parte do Brasil além de desfrutar das vantagens do "*Caminho da Índias*". O Tratado de Tordesilhas nasceu caduco. Não havia, naquela época, como demarcar com exatidão essa linha, pois o processo de cálculo que permitiria sua definição só viria a ser dominado no final do século XVII.

Coroa Ibérica

D. Sebastião, o desejado, Rei de Portugal e o último da Dinastia dos Avis, cresceu com a plena convicção de que era um predestinado. Ao enfrentar os mouros, em número significativamente superior, na batalha de Alcácer Quibir, evidenciou nas suas ações achar que o "*Milagre de Ourique*" repetir-se-ia, afinal a Batalha de Ourique foi um episódio simbólico para a monarquia portuguesa, graças a ela D. Afonso Henriques foi aclamado Rei de Portugal, em 25.07.1139.

Para desespero de D. Sebastião e de seus combatentes, o milagre não se repetiu e a sua morte precipitou uma série de acontecimentos que culminaram com a unificação das coroas de Espanha e Portugal sob a autoridade da Espanha ficando, o período, conhecido como União Ibérica.

O período, que durou 60 anos (1580-1640), permitiu que os espanhóis estendessem seus domínios no Pacífico em regiões reconhecidamente portuguesas e nas regiões platinas da América.

O desinteresse pelas possessões amazônicas era embasado, seguramente, em dois fatores fundamentais: o econômico e o fisiográfico.

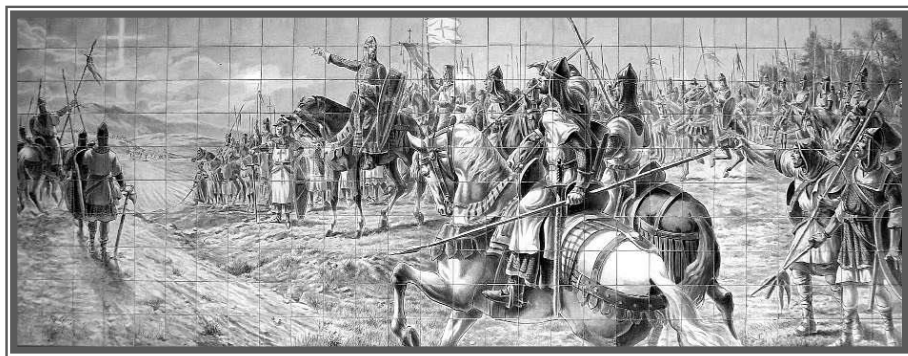



Imagem 02 – Batalha de Ourique (Jorge Colaço)

O primeiro em virtude da desilusão da missão de Gonzalo Pizarro na busca do País da Canela e do El Dorado que redundara em um retumbante fracasso.

O segundo, talvez a "*vera causa*" (verdadeira causa), a Cordilheira dos Andes que impedia ou pelo menos dificultava a colonização espanhola da terra das Amazonas.

A Cordilheira, segundo Euclides da Cunha foi "*um cordão sanitário ou ao menos um desmedido aparelho seletivo*".

Os portugueses, por sua vez, ampliaram sua área de influência na América e a Amazônia foi sendo conquistada pelos lusos nos seus mais longínquos rincões, graças à instalação de fortificações e criação de pequenos povoados.

O Rei D. João V, com o ouro da "*terra brasilis*", pagou cientistas que elaboraram os fundamentos cartográficos do Tratado de Madri, construiu Fortes diminuindo a vulnerabilidade da colônia brasileira e negociou com o Papa Benedito XIV a bula "*Candor Lucis*" em 1745 que estabelecia as prelazias de Goiás e Cuiabá.

O Vaticano, através da “*Candor Lucis*”, reconhecia publicamente o avanço português sobre a linha de Tordesilhas antes mesmo do Tratado de Madri de 1750.

Quando da assinatura do Tratado de Madri, em 1750, os espanhóis, acatando os argumentos de Alexandre de Gusmão, que defendia o princípio do “*Uti Possidetis*”, reconheceram a soberania portuguesa sobre a região. A Coroa Portuguesa dá início, então, à criação de fortificações e povoações ao longo da fronteira luso-espanhola estabelecida pelo Tratado de Madri, uma estratégia que fazia parte da extraordinária visão geopolítica lusa de manutenção da sua soberania.

A Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil publicou na íntegra o Termo de Fundação da “*Vila Maria do Paraguai e Providências para o seu Engrandecimento*”. Notamos nos documentos, que se seguem, preocupação do Governador e Capitão-General de Luiz de ALBUQUERQUE de Mello Pereira e Cáceres com a administração do povoado recém criado.

Termo de Fundação de Cáceres, MT

> TERMO DE FUNDAÇÃO do novo estabelecimento a que mandou proceder o Ilm° e Exm° Sr. Luiz de ALBUQUERQUE de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão-General desta Capitania de Mato Grosso denominada Vila Maria do Paraguai.
>
> Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1778, aos 6 dias do mês de outubro do dito ano, neste distrito do Rio Paraguai e margem Oriental dele, no lugar aonde presentemente se dirige a estrada que se seguia a Cuiabá desde Vila Bela,

sendo presente o Tenente de dragões Antonio Pinto do Rego e Carvalho, por ele foi dito que tinha passado a este dito lugar por ordem do Ilm° e Exm° Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão-General desta Capitania de Mato Grosso, para com efeito fundar, erigir e consolidar uma povoação civilizada, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, compreendidos todos os casais de índios castelhanos proximamente desertados para estes domínios portugueses da Província de Chiquitos, que fazem o número de 78 indivíduos de ambos os sexos, a que juntando-se todo o outro número das mais pessoas congregadas para o dito fim, faz o total de 161 indivíduos de ambos os sexos; cuja povoação, segundo as ordens do dito senhor, se denominará de hoje em diante, em obséquio do real nome de Sua Majestade, – Vila Maria do Paraguai – , esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e comodidade pública: e porque suposto o plano do terreno para dita Vila se acha com alguma disposição para continuar a fundar-se com regularidade: contudo, como alguns dos alinhamentos não estão conformes ao projeto da boa polícia [ordens e regulamentos estabelecidos], como deveria ser, determinou ele dito Tenente a todos os moradores em nome de S. Exª que, deixando de fazer mais algum benefício a várias cabanas existentes, só nelas assistem enquanto se fabricavam casas no novo arruamento, que lhe fica prescrito, e balizado por ele Tenente com marcos sólidos de pau de lei; sendo obrigados a não excederem nem diminuírem a dita construção na altura de 14 palmos de pé direito na frente de todas as casas que se levantarem e 21 palmos de altura no cume: outrossim determinou que precisamente chamariam para regular os ditos pés direitos ao carpinteiro João Martins Dias, e na

falta deste outro algum inteligente no ofício, afim de conservar sem discrepância, segundo o risco, a largura de 60 palmos de ruas que estão assinadas por ele dito Tenente; cujas atualmente demarcadas e abalizadas terão os seguintes nomes, a saber: a primeira contando do Norte – Rua d'Albuquerque, a imediata para o Sul – Rua de Melo, as quais ambas vão desembocar na Praça e cada uma delas faz face à mesma do Norte e do Sul; assim como também as travessas de 30 palmos, que dividem os quartéis das ditas ruas, e se denominarão estas travessas, a primeira contando do Poente para o Nascente, Travessa do Pinto, e a que se segue contando também para o Nascente, Travessa do Rego, e no alto da Praça da mesma banda do Nascente, cuja frente fica riscada entre as Ruas e Travessas, com 360 palmos, cujo número tem também as mais quadras, poderão os moradores erigir a sua Igreja por ficar a porta principal dela para o Poente, como o determinam os rituais; e o mais terreno desta frente da Praça por agora se não ocuparia em casas, deixando-o livre para as do Conselho e Cadeia, quando se deverem fabricar.

Cada morada dos ditos povoadores não terá mais de 100 palmos de comprimento para quintal, que lhes ficam determinados para o centro de cada um dos quartéis.

O que tudo assim executado pelo dito Tenente de dragões na presença de todos os moradores, mandou a mim Domingos Ferreira da Costa, fiel deste registro, que servindo de escrivão fizesse este Termo para constar do referido, o qual assinou com as testemunhas seguintes: – Leonardo Soares de Sousa, homem de negócio; Ignácio de Almeida Lara, João Marques d'Ávila; Ignácio José Pinto, Soldado Dragão; Manoel Gonçalves Ferreira, Soldado Dragão; e Antonio Pereira de Matos, Antonio da Costa

Rodrigues Braga, José Francisco, Agostinho Fernandes, Antonio Xavier de Moura, Antonio Teixeira Coelho.

E eu Domingos Ferreira da Costa, fiel deste Registro, que o escrevi.

– O Tenente de Dragões Comandante Antonio Pinto do Rego e Carvalho, Leonardo Soares de Sousa, Ignácio de Almeida Lara, João Marques d'Ávila, Ignácio José Pinto, Manoel Gonçalves Ferreira, Antonio Pereira de Mattos, José Francisco, Antônio da Costa Rodrigues Braga, Agostinho Fernandes, Antônio Xavier de Moura, Antonio Teixeira Coelho. – Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.

Ilm° e Exm° Sr. – Depois da nova fundação de Vila Maria do Paraguai, a que procedi no ano de 1778, precedente, povoando-a com os casais de índios espanhóis, que às minhas diligencias haviam desertado para estes domínios; conforme a respectiva carta que dei a Sua Majestade por carta de 20 de novembro do referido ano, que a V. Exª dirigi, incluindo o Termo da mesma fundação, aonde me tenho esforçado e vou esforçando de fazer levantar igreja, casas e promover as ordinárias agriculturas com algum princípio de fábricas de tecer algodões, o que faz um objeto precisíssimo nestes países; além de outras mais providências competentes ao mencionado adiantamento; julguei que absolutamente se fazia necessário erigir em nova Paróquia a dita Vila; tanto para mais respeitosa memória e profundo obséquio do augusto nome da rainha nossa senhora, de que se honrou; como afim de que a todos aqueles moradores, compreendidos os de dentro de um território de quase 50 léguas mais ou menos de extensão, se facilitasse a mais frequente administração dos Sacramentos da Igreja, de que até aqui não participavam que raríssimas

vezes; fazendo-se justamente muito mais considerável até por este princípio aquele dito estabelecimento: por cujos motivos solicitei por via do Vigário da Igreja e da Vara do Cuiabá a desanexação de alguma parte da sua vastíssima Paróquia, da mesma sorte extensíssima, que igualmente solicitei deste Vigário em ordem a constituírem o distrito da nova freguesia de Vila Maria; e assim executou com efeito, ainda que as concernentes deliberações dos ditos dois Vigários da Vara do Cuiabá e Mato Grosso passaram sendo condicionais até que o Rev. Bispo diocesano, que é o do Rio de Janeiro, aprovasse, ou confirmasse este seu procedimento: no que deve presumir que o mesmo Prelado não terá dúvida, se considerar as grandes vantagens espirituais que hão de resultar do mencionado preciso arbítrio: o que tudo ponho na presença soberana da mesma Senhora, com a notícia de já ter chegado à dita Vila Maria o novo Pároco, que enfim se destinou, apesar de não pequenas dificuldades que se opuseram.

Igualmente vou a V. Exª relatar, para que também suba ao real conhecimento; a útil compra de uma boa fazenda de gado, que acabo de mandar ajustar, na outra margem do Rio Paraguai, oposta à da mesma nova Vila; com o destino de servir à indispensável subsistência dos referidos índios espanhóis, de que principalmente se povoa; porquanto, sendo criados em países de imenso gado vacum como são todas estas adjacentes Províncias de Moxos e Chiquitos, estranhariam infinito a falta de semelhantes socorros, ou continuariam a obrigar a real fazenda à grossa despesa de lhe estar comprando frequentes vezes [como por necessidade já tinha principiado a executar-se] alguns bois, ou carne seca, o que, atendido ao maior excesso dos preços, séria na verdade bem difícil de tolerar; além

de que sucedeu que a citada compra desta fazenda de gados, que apenas distará da nova povoação coisa de uma légua com o Rio de permeio, saiu em preço o mais acomodado para a mesma Real Fazenda, tanto que espero que dentro em poucos tempos, no caso de se administrar com o devido cuidado, não só esta se indenizará amplamente do despendido, mas que poderá ainda utilizar-se por modo considerável, vendendo boas porções do dito gado para o consumo desta Capital; em cujas vizinhanças pelos mais pastos e disposições que na verdade tem, não foi até agora possível fazer abundar e baratear sensivelmente a carne de açougue, por mais que nisso tenho cuidado, e sei que cuidaram os meus antecessores.

Exponho da mesma sorte na presença de Sua Majestade que tenho ultimamente feito várias disposições as mais eficazes afim de não só restabelecer, mas melhorar o lugar de índios chamado do Santana, a 9 léguas de distância para Leste do Cuiabá, e criado no inimitável Governo do Conde de Azambuja; porém que se tinha reduzido a uma sucessiva decadência, o que com efeito se vai conseguindo com muito bom sucesso; particularmente edificando-se no mesmo lugar uma nova Igreja [que não havia], com bastante magnificência e asseio para estas terras, que de todo está concluída; concorrendo com o maior zelo e atividade para esta tão pia, como indispensável obra, o atual Juiz de Fora da Vila do Cuiabá José Carlos Pereira, a quem tenho incumbido as respectivas providencias do dito lugar de Santana.

Dou por fim também conta a Sua Majestade de que tendo presentes as grandes utilidades, principalmente futuras, que traz consigo o ajudar a povoação e comércio destas dilatadíssimas Províncias, facilitando a correspondência de uns com outros gover-

nos; tenho de próximo persuadido e feito sugerir com bom efeito, e sem a minha despesa do Real Cofre, o estabelecimento de uma nova fazenda na passagem do Rio chamado Parrudos, ou de S. Lourenço, para lá do Cuiabá 26 léguas; do que espero redundará uma grande comodidade para os tropeiros, correios e mais viandantes, assim de Goiás, como desta Capitania, que transitarem aqueles sertões, além da que já lhes resultava, de encontrarem no outro recente estabelecimento e registro denominado da Insua, que muito pouco depois da minha chegada também erigi de novo, nos confins Orientais desta Capitania, notícia que a V. Exª participei por carta de 4 de janeiro do 1774, para que chegasse ao Real Trono.

Desejarei que todos estes procedimentos, que á V. Exª tenho declarado, não desmereçam, ainda que não seja que pelo que tem de zelosos, o real agrado da rainha nossa senhora, a cuja elevada notícia e consideração espero que V. Exª os participará.

Deus guarde a V. Exª muitos anos. – Vila Bela, 25 de dezembro de 1779. – Illm° e Exm° Sr. Martinho de Mello e Castro. – Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. (RIHGB - XXVIII - I, 1865)

Tragédia no Oceano I
(*Múcio Teixeira*)

A dúvida de Hamlet, a dúvida suprema
Dos que tentam vencer esse fatal dilema
Do "ser e do não ser"; – a enervante ironia
Que às gargalhadas ri, num choro de histeria;

A febre que nos mina e que não tem remédio,
A insônia, o desalento, o desespero, o tédio...
– Eis o mal que lateja e cresce surdamente
No aflito coração da inconsolável gente
Que entregou as porções mais charas de sua vida.
A esse Navio-esquife! – a máquina homicida
Que houve quem atirasse à solidão deserta
Do Mar – que não é mais do que uma cova aberta:
Onde o mastro é a cruz, e os ventos os coveiros,
Que passam, a cantar, por entre os derradeiros
Estertores e ais dos náufragos: – que rolam
Na revolta extensão das vagas, que se empolam
E saltam, rebentando... e fervem, marulhosas,
Espumando e rugindo, em convulsões teimosas;
Ora erguendo-se ao céu, em líquidas montanhas,
Ora se retraindo ao fundo das entranhas
Do imenso abismo em treva, escancarado, eterno,
Onde há monstros! onde há vulcões! onde há o inferno!

Eu naufraguei: eu posso imaginar horrores l
Posso pintar ao vivo as explosões de dores,
Os presságios, o espanto, a rápida esperança
Que surge, pra mais fundo ir enterrando a lança
Do medo, do terror, – dessa mortal tristeza
Que nos invade a alma em face da certeza
De um perigo iminente, horrível, sobre-humano,
Vendo tão longe o céu... e tão vasto o Oceano ! [...]

Cáceres – Ilha da Amizade

Pensando no crescimento do agronegócio mato-grossense, o Grupo Fogliatto com seu Diretor Presidente Argeu Fogliatto, no ano de 1983 adquiriu a Fazenda Porto do Campo, localizada no município de Lambari do Oeste, MT. A partir daí desenvolveu um projeto ecológico de abertura de área, com ideias revolucionarias que transformou a fazenda em um modelo de desenvolvimento ecológico e sustentável.

23.10.2015 (sexta-feira) – Navegando o Paraguai

Partimos de Cáceres, margem esquerda do Rio Paraguai, às 15h20 em duas pequenas, mas confortáveis, voadeiras pilotadas pelo alemão e pelo Angonese, dando início à etapa mais tranquila de nossa Expedição. Apesar de ser uma sexta-feira, as margens estavam tomadas por pescadores ou grupos de banhistas que aproveitavam as águas ou a sombra da vegetação para escapar da canícula.

Avistamos urubus, biguatingas e dois enormes e preguiçosos tuiuiús (Jabiru mycteria) pescando pequenos e inocentes lambaris sem ao menos precisar entrar n'água. Volta e meia o alarido provocado por bandos de araras e periquitos quebrava, momentaneamente, a tranquilidade da natureza que nos envolvia.

Depois de navegarmos por aproximadamente 30 km, encontramos a Foz do Rio Tenente Lyra (15°55'23,6" S / 57°39'05,0" O). Deixamos, então, o Rio Paraguai para trás e adentramos no Sepotuba. A jusante da Foz atual avista-se uma segunda Foz que pode ter sido o leito do Rio anteriormente. Os Rios de planície são inconstantes e tumultuários e tem a necessidade de redesenhar seus cursos continuamente.

Imagem 03 – Fazenda Porto Campo (FUNAI)

A perda da mata ciliar, a ação antrópica e o consequente assoreamento aceleram ainda mais este processo. Aportamos no nosso destino, Pesqueiro da D. Josefina (15°42'44,3" S / 57°40'01,6" O), sogra do nosso guia e piloteiro "*Alemão*", a 72 km de Cáceres, às 18h30. Tentamos, sem sucesso, fazer contato pelo celular com familiares e amigos e depois de um saboroso peixe assado preparado pela D. Josefina fomos dormir em nossas barracas armadas sob um tapiri.

24.10.2015 (sábado) – Navegando o Sepotuba

Partimos às 09h40 do Pesqueiro da D. Josefina e, depois de percorrer 08 km, às 10h00 aportávamos na Fazenda Porto do Campo (15°42'36,3" S / 57°42'38,4" O) de propriedade do Sr. Argeu Fogliatto. A família Fogliatto tem uma história de sucesso ligada ao melhoramento genético do gado nelore que é considerado como um dos melhores do Brasil.

Imagem 04 – Foz do Sepotuba (Google)

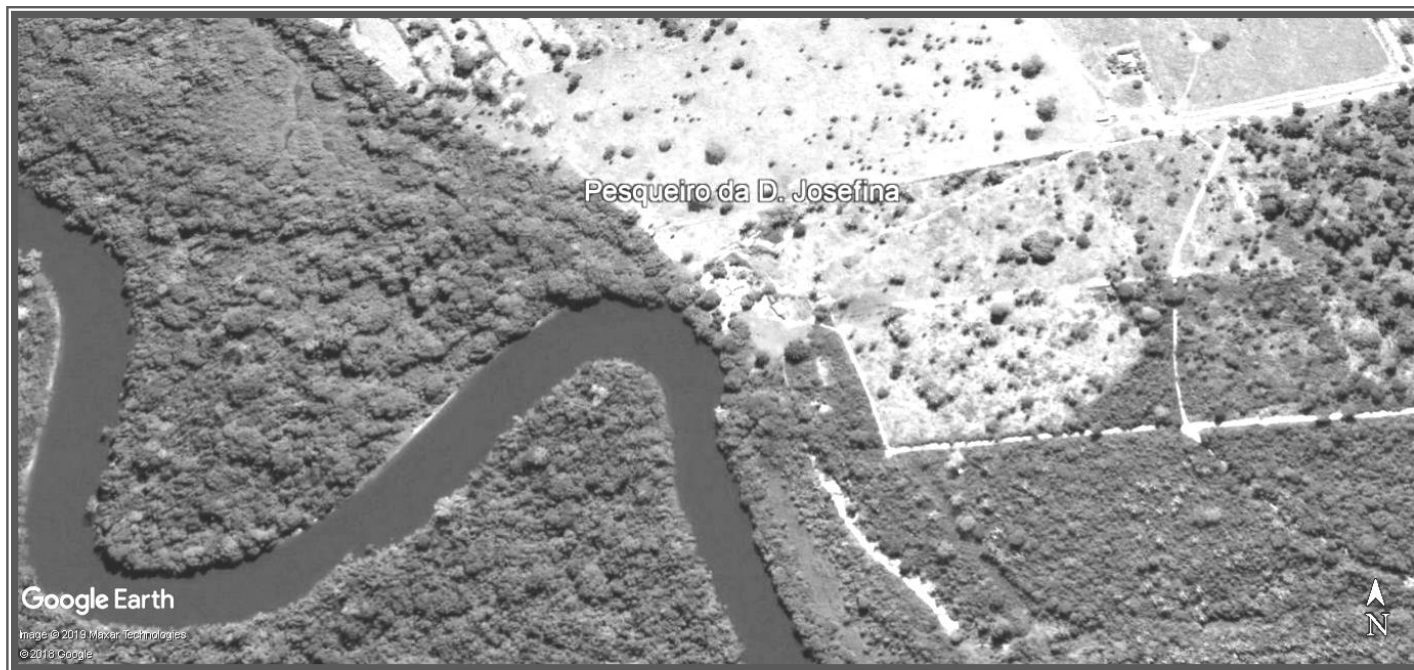



Imagem 05 – Pesqueiro D. Josefina (Google)

O Sr. Argeu concedeu-nos uma entrevista, à sombra de uma mangueira que teria sido plantada, em 1914, por Theodore Roosevelt, discorrendo sobre sua trajetória de vida e sua parceria de sucesso com os índios Paresí.

A história da propriedade está intimamente ligada às Expedições promovidas por Rondon e sua equipe. O Sr. Argeu mostrou-nos a figueira onde Rondon teria determinado que pendurassem o veado abatido por Roosevelt – "*Penduramos o veado numa árvore*" (ROOSEVELT). Difícil confirmar tal versão baseado apenas nos diários de Roosevelt e Rondon, mas o Sr. Argeu afirma que assim reza a tradição oral.

Posso afirmar, porém, com certeza, que, em 1912, sob a mencionada figueira, foram montadas as redes de Rondon e Roquette-Pinto:

> No mesmo dia da partida armamos nossas redes à margem direita do Sepotuba, debaixo de uma figueira enorme, na fazenda de Porto do Campo. (ROQUETTE-PINTO).

As instalações de fazenda primam pelo bom gosto, limpeza e funcionalidade e a bela e centenária residência da Fazenda foi reformada e ampliada mantendo o estilo arquitetônico da época.

Partimos, depois de desfrutar de um lauto almoço com a hospitaleira família Fogliatto. Encerramos nossa jornada, depois de navegar por mais de 85 km, na Ilha da Amizade (15°02’01,0” S / 57°41’56,0” O) onde, depois de nos refrescarmos nas corredeiras do Rio, jantamos e pernoitamos na varanda da residência de um amável pescador.

Relatos Pretéritos - Rio Tenente Lyra ou Sepotuba

06 a 08.01.1914

Magalhães

As 15h00 do dia **6**, partiu o Nyoac, Rio Paraguai acima, penetrando em seguida pelo curso do Sepotuba, e no dia seguinte às 15h45 parava junto à fazenda do Porto do Campo [...] (MAGALHÃES, 1916)

Roosevelt

06.01.1914: Após deixarmos Cáceres, subimos o Rio Sepotuba, que no dialeto dos índios da região significa "*Rio das Antas*". Este Rio só é navegável para navios grandes quando as águas estão altas. É de corrente rápida e belas águas claras, que desce das terras elevadas do planalto e se estende através da floresta tropical da baixada. O Rio Sepotuba nasce no Norte do estado do Mato Grosso, estando suas nascentes situadas nas escarpas da Chapada dos Paresí, que possui até 800 metros de altitude. Esta chapada é o divisor de águas entre a Bacia Amazônica e a Bacia do Paraguai. À nossa direita, ou na margem Ocidental, e a espaços na margem esquerda, a mataria é interrompida por pastagens nativas e campinas.

07.01.1914: Num destes locais, chamado Porto do Campo, de 60 a 70 quilômetros acima da Foz, existe uma fazenda de boa extensão. Ali fizemos alto, pois a lancha e as duas pranchas – embarcações nativas de comércio, com casa no convés – que ela rebocava, não comportavam toda a comitiva e bagagem. Assim, grande parte da bagagem e alguns do nosso grupo foram mandados à frente para Tapirapuã, ponto onde devíamos encontrar nossa tropa cargueira.

Enquanto isso, nós com o resto da comitiva fizemos nosso primeiro acampamento de barracas em Porto do Campo, para aguardar a volta das embarcações. As barracas ficaram enfileiradas. Ao centro, lado a lado, a do Cel Rondon e a que abrigava a mim e a Kermit. Em frente às duas, em altos mastros, as bandeiras do Brasil e da América; ao nascer e ao pôr do Sol as bandeiras eram içadas e arriadas ao toque de corneta e nós todos nos perfilávamos. O acampamento foi instalado junto à casa da fazenda. Nas árvores próximas viam-se admiráveis orquídeas violáceas. [...]

08.01.1914: Certo dia, quando remávamos numa canoa esperando que os cães tocassem uma anta para nós, eles trouxeram para o Rio um casal de pequenos veados catingueiros. Não seria decente matá-los a tiro, por isso apanhamo-los a laço. Os naturalistas queriam obtê-los como espécimes; e nós outros como petisco. Um dos homens foi picado por um marimbondo vermelho. Sentiu fortes dores durante 24 horas e ficou impossibilitado de trabalhar. Em uma lagoa 2 cães tiveram as pontas das caudas arrancadas por piranhas, quando nadavam, e o pessoal da fazenda contou que na mesma lagoa um cão fora despedaçado e devorado por aqueles peixes vorazes. Foi esse um outro exemplo a mais da variedade de comportamento daqueles monstrozinhos ferozes. Em outras lagoas deixaram incólumes a nós e aos cães por vezes repetidas. Variam em agressividade conforme o local, exatamente como os tubarões e crocodilos [...]

09.01.1914: A **9** de janeiro, pela manhã, saímos para uma caçada de antas. Caça-se a anta em canoas, pois elas moram no mato cerrado e, quando tocadas pelos cães, vêm para a água. Naquela região havia extensos pantanais com papiros e grandes lagoas longe do Rio.

Muitas vezes as antas rumavam para elas em busca de abrigo, despistando os cães. Nesses lugares era excessivamente difícil apanhá-las e nossa melhor oportunidade seria ficar no Rio e levar as canoas para o ponto a que a corrida parecesse dirigir-se.

Partimos em quatro canoas. Três delas eram montarias de índios, calando muito na água. A quarta era a nossa excelente canoa canadense, leve, segura e espaçosa, feita de finas fasquias de madeira cobertas de tela revestida de cimento. O Coronel Rondon, Fiala com sua câmara fotográfica e eu fomos na canoa com dois remeiros, nativos das classes mais pobres, gente boa. O remeiro da frente era de quase pura raça branca; o da ré, quase preto legítimo, e evidentemente era o de melhor caráter entre os dois. As outras duas canoas levavam dois estancieiros que tinham vindo de Cáceres com seus cães. Estas montarias estavam tripuladas com remeiros índios e mestiços; e os fazendeiros, que eram brancos quase puros, também remavam vigorosamente algumas vezes.

Todos vestiam roupas quase iguais, sendo que as dos "*camaradas*", isto é, homens mais pobres ou trabalhadores, eram esfarrapadas. Nas canoas não usavam senão camisa, calças e chapéu, todos de pés descalços. A cavalo punham compridas perneiras que eram realmente simples botas altas, flexíveis, sem solas; usavam esporas nos pés descalços. Havia todas as gradações de raças entre branca quase pura, a negra e a indígena. No conjunto, havia mais sangue branco nas classes altas e mais de negro e índio entre os camaradas; mas notavam-se exceções em ambas as classes, e não havia distinções por questão de cor. Todos eram igualmente corteses e amistosos. Os cães foram a princípio conduzidos em duas das montarias, sendo então soltos sobre o barranco. [...]

Afinal, saltamos em terra num ponto onde havia mato baixo e onde a floresta era um palmeiral de franco acesso. Era um lindo trecho de floresta. O Coronel Rondon seguiu para um lado, voltando uma hora depois com um caxinguelê ([5]) para os naturalistas. Fiala e eu fomos pelo palmeiral até um alagadiço coberto de papiros. Muitas trilhas se dirigiam para o mato, especialmente ao longo das margens do alagadiço e, embora fossem quase todos feitos pelo gado, havia neles também pegadas de anta e de veado. A anta deixa um rasto muito semelhante ao de um pequeno rinoceronte, sendo um dos singulares ungulados. Podíamos ouvir os cães, de vez em quando, evidentemente espalhados em várias trilhas. Era um lote de cães de fila sem préstimo. Corriam anta ou veado, ou qualquer coisa que deles fugisse, enquanto a trilha fosse fácil de seguir; mas não eram perseverantes, mesmo a perseguir animais em fuga e não queriam saber de animais perigosos.

Enquanto parados junto ao alagadiço, ouvimos algo que vinha por um dos carreiros. Em poucos momentos apareceu um garboso macho da maior espécie de veado mateiro. Parou e flechou para trás logo que nos percebeu, não nos dando oportunidade de atirar; em seguida avistamo-lo correndo a toda velocidade no palmeiral. Apontei minha arma para uma abertura entre duas palmeiras. Por sorte o cervo surgiu ali, dando-me tempo a firmar o ponto à frente dele e atirar. Caiu no mesmo lugar. O projétil "*ponta de umbela*" furou-lhe a paleta e indo para a frente quebrou-lhe o pescoço. A parte plúmbea ([6]) da bala, da exata forma do cogumelo ou umbela, parou sob o couro do pescoço, no lado oposto. É um projétil excelente. [...]

---

[5] Caxinguelê: serelepe – Sciurus pricktossauro hex.

[6] Plúmbea: de chumbo.

Penduramos o veado numa árvore. O Coronel Rondon regressou e com pouca demora um dos remeiros que ficara observando o Rio gritou para nós que havia uma anta na água, a uma boa distância Rio acima, e que duas das canoas estavam no seu encalço.

Pulamos na canoa e os dois remeiros fincaram os remos n'água, impelindo-a contra a forte correnteza, cortando-a de viés para a outra margem. A anta vinha Rio abaixo a grande velocidade, tendo somente a sua característica cabeça fora d'água, enquanto as pirogas vinham rapidamente alcançando-a, entre gritos dos remeiros. Quando a anta se voltava um pouco para um e outro lado, a tromba comprida ligeiramente erguida e o forte arqueado do alto da cabeça e parte superior do pescoço davam-lhe um aspecto peculiar e pouco usual.

Não consegui atirar porque o animal estava emparelhado com uma das pirogas que o perseguiam. Subitamente mergulhou, baixando um pouco a tromba, em curva, ao fazê-lo. Não havia mais sinal dela; olhávamos atentos para todos os lados. A piroga da frente acostou à nossa canoa e os canoeiros esperaram com os remos prontos. Vimos então a anta subindo o barranco. Tinha nadado sob a água, em ângulo reto com a direção em que vinha, até a margem, surgindo sob a ramaria pensa em um ponto onde um carreiro de caças beberem abria uma brecha na barranca.

Os ramos parcialmente ocultavam a anta que ficava na sombra escura. Não se podia atirar bem. Minha bala penetrou-lhe o corpo muito atrás e a anta desapareceu no mato a correr, como se não fosse atingida, embora a bala realmente houvesse acertado o alvo, tirando-lhe a vontade de confiar na velocidade e de deixar a proximidade da água.

Três ou quatro cães estavam a esse tempo nadando para o outro lado, enquanto os outros ladravam no lado oposto; tão logo alcançaram a outra margem foram postos no rasto da anta e correram ganindo. Em dois minutos vimos a anta cair n'água à distância, Rio acima, e fomos ao seu encalço tão rápidos quanto nos permitiam os remos cortando a água. Não chegamos a tempo de cercá-la, mas por fortuna alguns cães tinham chegado à beira do Rio justamente no ponto onde a anta ia ganhar a terra e repontaram-na para trás. Dois ou três cães estavam nadando. Estávamos a mais de meia largura do Rio, longe da anta, um tanto Rio abaixo, quando ela mergulhou.

Fez desta vez um mergulho surpreendente, muito demorado, nadando sob a água como se fosse um hipopótamo, pois passou sob a nossa canoa e surgiu entre nós e a barranca próxima. Alvejei-a. A bala atingiu-lhe o crânio. Afundou imediatamente.

Nada havia agora a fazer, senão esperar que o corpo flutuasse. Eu temia que a correnteza forte o arrastasse para baixo, pelo leito do Rio. Mas meus companheiros asseguraram-me que não era assim e que o corpo ficaria onde afundara até que flutuasse, o que se daria dentro de uma ou duas horas. Tinham razão, exceto quanto ao tempo. Por espaço de duas horas remamos ou paramos a canoa sobre o local, firmando-nos nas galhadas, ou então rodamos por um quarto de légua e subimos de novo costeando a praia, a ver se o corpo havia engastalhado ([7]) nalgum ponto. Cruzamos então o Rio e fomos almoçar no lugar onde o veado fora pendurado, lugar ideal para piqueniques. Quase havíamos desistido da anta, quando de súbito ela surgiu apenas alguns passos abaixo do lugar onde afundara.

---

[7] Engastalhado: enroscado.

O corpanzil negro e redondo foi com grande dificuldade içado para a canoa e todos viramos de proa Rio abaixo. O tempo estava se tornando carregado, e agora – já tarde para atrapalhar a caçada ou nos aborrecer – um pesado aguaceiro nos apanhou em cheio. Pouco nos importava, pois a canoa avançava com a anta e o grande veado no fundo e um acampamento confortável e seco estava à nossa espera. [...]

Aquele acampamento era interessante e atraente por mais de um motivo. Os vaqueiros, com esposas e filhos, estavam alojados nos dois lados do campo onde nossas barracas foram armadas. De um lado havia uma grande casa caiada e coberta de telhas, onde residia o administrador – um homem azeitonado, de constituição delgada e férrea, com uma esposa também cor de azeitona, e oito pequenos bonitos com lindíssimos cabelos. Geralmente o administrador andava descalço e suas maneiras não só eram boas, como também distintas. Currais e ranchos estavam próximos àquela casa.

No lado oposto do campo ficava a fileira de cabanas de coberta inclinada de folhas de coqueiro em que os vaqueiros residiam com suas escuras companheiras e os filhos. Todas as noites ouvíamos, partindo do lado daquelas choças, os sons amortecidos de uma música que lhes fazia lembrar a ascendência selvagem, tão próxima no tempo e simultaneamente distanciadíssima; no ar quente e parado, sob o luar brilhante, ouvimos o bater monótono de um tambor e o tanger de algum antigo instrumento de corda. [...]

A anta que eu matara era das grandes. Não desejava abater outra, exceto, é claro, se fosse isso aconselhável para obtermos alimento; desejava conseguir alguns espécimes do grande porco selvagem de

beiço branco, o "*queixada*" dos brasileiros [em inglês pronuncia-se "*cashada*"], que tornariam quase completa nossa coleção de grandes mamíferos das florestas brasileiras. Os outros membros da Expedição mataram mais duas ou três antas. Um era macho adulto, porém muito menor que o exemplar que eu matei. Os caçadores disseram que era uma variedade diferente. O crânio e o couro foram remetidos com os outros espécimes para o Museu, onde depois do devido exame e comparação sua identidade específica seria estabelecida.

As antas são animais solitários. Raramente se encontram duas juntas, exceto no caso da mãe com a cria. Vivem no matagal denso, dormindo durante o dia e à noite saindo para pastar, frequentando o Rio ou alguma lagoa para banhar-se e nadar. [...]

Levei dois dias de árduo labor para apanhar o grande queixada de beiço branco – denominação imprópria, aliás, pois toda a parte inferior da maxila é branca, assim como a parte baixa da cara. Informaram-nos de que a certa distância, além da outra margem do Rio, eles seriam encontrados. O Coronel Rondon mandara um de nossos homens, um índio Parecí puro sangue, seu antigo companheiro, à procura de rastos. Era um homem excelente que trajava e procedia como todos os excelentes homens que tínhamos. Chamava-se Antônio Parecí. Ele encontrou o rasto de uma vara de 30 ou 40 queixadas e no dia seguinte partimos no seu encalço.

Nada matamos no primeiro dia. Éramos um grupo muito grande, pois alguns dos fazendeiros que nos visitavam levaram seus cães. Tenho minhas dúvidas sobre se estes homens queriam mesmo encontrar os queixadas grandes, pois estes são mortíferos inimigos de cães [e às vezes perigosos para os homens].

Um dos visitantes se recusou francamente a ir ou a deixar que seus cães fossem, explicando que os ferozes porcos do mato "*eram muito mal-educados*" [segundo suas próprias expressões] e que os homens e cães que se prezavam não deviam aproximar-se deles.

Os outros fazendeiros só se mostravam receosos unicamente por seus cães; receio sem fundamento, segundo creio, pois não penso que os cães pudessem ser, por qualquer meio, levados até a perigosa vizinhança de tais adversários. Benedito, capataz da fazenda, foi conosco assim como dois ou três outros camaradas, inclusive Antônio, o índio Paresí. Os cavalos foram levados a nado através do Rio, cada um ao lado de uma piroga. Passamos em seguida com os cães e, selados os cavalos, partimos.

Era uma cavalgada pitoresca. Os caçadores nativos, homens de todas as cores, desde o branco ao cobreado escuro, usavam todos perneiras de couro sobre os pés descalços munidos de esporas, com rosetas de quatro polegadas de diâmetro. Seguíamos à retaguarda, pois só esse modo de viajar era possível. Dois ou três homens à frente levavam os facões desembainhados, abrindo com eles cada metro da trilha, enquanto estávamos no mato. Os caçadores iam em cavalos inteiros e seus cães eram castrados. Na maior parte do tempo estávamos em mata pantanosa. Em certos trechos transpusemos ou contornamos campos alagadiços. Num deles pastava uma manada de gado semisselvagem. Garças, socós, patos e jaburus existiam nesses charcos; e vimos um bando de lindos colhereiros róseos.

Em um capão, as figueiras estavam asfixiando as palmeiras assim como na África matam os pés de sândalo. À sombra desse capão não havia flores nem arbustos. O ar era pesado, o solo escuro coberto de

folhas secas. Cada palmeira servia de suporte a uma figueira que apresentava todos os estágios de desenvolvimento. As mais novas subiam pelos estípites ([8]) como simples trepadeiras. No estágio seguinte, a trepadeira já encorpada estendia seus rebentos, envolvendo o tronco em um amplexo mortal; alguns destes abraçavam-no como tentáculos de enorme polvo. Outros pareciam garras, cravadas em cada fenda, em torno de qualquer saliência. No estágio que a este se sucedia, a palmeira já fora morta e seu esqueleto sem vida aparecia entre os fortes braços da grossa trepadeira nela enroscada; afinal, em outros casos, a palmeira já desapareceu e as grossas hastes se uniram para formar uma grande figueira. Havia negros poços d'água aos pés das árvores mortas e de suas assassinas. Algo de sinistro e diabólico pairava na penumbra silenciosa do capão, como se, naquele ermo, seres conscientes estivessem envolvendo e estrangulando outras criaturas conscientes.

Passamos por matas admiráveis de altas palmeiras babaçu. Os estípites erguem-se esbeltos e fortes a grande altura, com os ramalhetes de palmas de sete a dez metros de comprimento, nos quais as espatas verdes se inserem aos pares, em ângulo reto. Em torno às lagunas, solenes buritis levantam-se como grandes colunas, abrindo em leque as grandes palmas de compridas e rijas folhas, que irradiam do ponto extremo do tronco. Havia uma árvore recoberta das cores vivas de um bando de araras multicores. Ao alto, em algazarra, voavam papagaios. [...] Naquelas matas, a multidão de insetos que picam, ferretoam, devoram e preiam outras criaturas, muitas vezes com o complemento de atrozes sofrimentos, excede tudo o que se possa acreditar.

---

8 Estípites: caules das palmeiras.

O mito comovente da "*natureza benfazeja*" não poderia enganar até mesmo à criatura mais ingênua, se a esta fosse dado verificar por si própria a férrea crueldade da vida na zona tropical. É fora de dúvida que "*a natureza*" – expressão inteiramente imprópria, diga-se de passagem, na linguagem comum, especialmente quando usada para designar um todo único – é verdadeiramente implacável, não menos com relação aos tipos do que aos indivíduos, e absolutamente indiferente ao bem e ao mal, prosseguindo em suas finalidades com inteiro desprezo pela desgraça e pela dor que inflige. (ROOSEVELT)

Rondon

Deixando Cáceres (06.01.1914), deixamos também o "*Nyoac*" – não poderia ele ir além. Começamos a subir o Sepotuba [Tapir], explorado cientificamente em 1908. Rio claro, descendo do planalto para as florestas das terras baixas, só era navegável no tempo das águas. Subimos até Porto Campo, onde pousamos a 07.01.1914. (VIVEIROS)

Pereira da Cunha

CAPITULO VI

06.01.1914: Cáceres deveria ser o termo da minha viagem e aí era mister deixar os bons companheiros que, tomando uma pequena lancha, tinham que subir ainda o Paraguai, e tomar o Sepotuba, quis, porém, a boa-sorte que tão cedo não fosse privado daquela companhia, e que conhecesse maior trecho navegável do Rio Paraguai e ainda o Sepotuba. De fato, não estando no porto a lancha para conduzir a Expedição, resolveu-se que o "*Nyoac*" subisse mais o Paraguai e penetrasse no Sepotuba, até Porto do Campo, onde Roosevelt aguardaria a lancha, caçando antas e porcos.

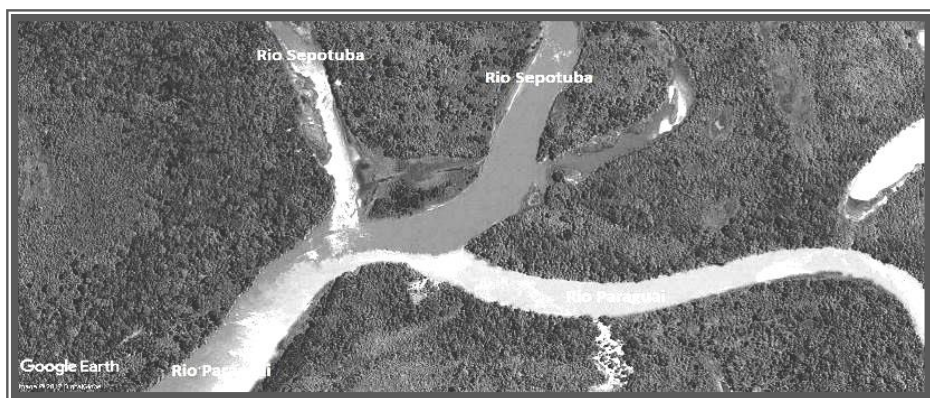



Imagem 06 – "Perfeita Cruz"

Como não houvesse para mim condução de regresso ([9]), continuei a viagem com os antigos companheiros e mais alguns outros, que nos esperavam em Cáceres e aí completaram a Expedição.

Íamos partir, e, sendo forçada a permanência por alguns dias em Porto do Campo, embarcaram conosco, para que fosse possível fazer Roosevelt caçar, dois ou três caçadores, todos com matilhas, mas, um deles, o Sr. João Ribeiro, com uma cachorrada que entre todas sobressaia pelo número e pela qualidade, e, como tudo e todos estivéssemos prontos para partir, deixamos, Cáceres na tarde desse dia ([10]), em demanda do Sepotuba.

O extenso Paraguai, já de há muito correndo entre terras mais altas, estreitava-se agora sempre entre renques de mato, e era bem outro o aspecto do grande alagador de pantanais, subindo sempre, encontramo-nos, à tardinha, em uma posição interessante e pitoresca, pois que com o nosso navio estávamos ao centro de uma "*perfeita cruz*" ([11]) formada pelas águas em que navegávamos.

---

[9] De Cáceres para Ladário.
[10] Desse dia: 06.01.1914.
[11] Imagem 06 – "*Perfeita Cruz*".

Para quem se encontrasse pela primeira vez nesse ponto do Rio, e na intenção de continuar a subi-lo, difícil seria a sua orientação, pois que, como tudo indica, o natural seria seguir para frente, tomando como afluentes os dois Rios que aí vêm desembocar de um e outro lado. Mas enganosa, quão aparentemente certa, seria tal solução, visto como a cruz é assim formada: a parte inferior, pelo trecho do Paraguai já por nós navegado, o braço direito, pelo próprio Paraguai que aí defleta em ângulo reto, a parte superior, pela entrada de uma "*baía*" [grande lago ou sacado]; e o braço esquerdo, pelo Sepotuba. Entramos pelo Sepotuba, e logo foi a nossa primeira observação a limpidez de suas águas, e a sua forte correnteza que a custo era vencida pelo pequeno "*Nyoac*", estávamos na "*poaía*", como lá se diz, e que exprime estar nas regiões das matas ricas em ipecacuanha ([12]), como são as das terras que margeiam o belo Rio que agora navegávamos, correndo em asseado leito de pedras, entre margens bem altas e cobertas de forte orla de mato. A noite clara e enluarada permitia ver o soberbo panorama, e a magia do astro de luz suave, tocando como sempre almas e corações, recrudescia a saudade daqueles que de nós distavam, e fazia-nos pensar nestes que de nós distariam, dentro em breve, na ousada empresa em que não nos era dado também aventurar.

07.01.1914: a manhã de **7** encontrou-nos em Porto do Campo e, logo cedo e bem atracado que foi o "*Nyoac*", começou a descarga de tudo quanto pertencia à Expedição, enquanto a turma de soldados, em terra e dirigida pelo infatigável Capitão Amílcar, estabelecia o primeiro abarracamento.

[12] Ipecacuanha (Psychotria ipecacuanha): planta medicinal cujo nome tem origem na palavra nativa i-pe-kaa-guéne, que significa "*planta de doente de estrada*".

Na tarde desse dia, partiram alguns membros americanos da Expedição, aproveitando a lancha, que subia com uma chata levando bagagens e carga para Tapirapuã; era esse o último ponto atingível por via fluvial, sobre o próprio Sepotuba, base e ponto de apoio escolhido pelo bravo Coronel Rondon, para as suas extraordinárias explorações, e donde deveriam seguir por terra, através do Sertão, Roosevelt e mais membros da Expedição, até as cabeceiras do Rio da "*Dúvida*", nome que exprimia bem o ignorado de seu curso e a mágica atração que o mistério, fascinador como a esfinge, exercia sobre a alma sempre ardente e viva do antigo "*cowboy*".

Tal como desde 17 de dezembro do ano anterior, ainda nesse dia, apesar do abarracamento, jantei ao lado de Roosevelt e com ele troquei ideias, como de costume e quase diariamente sucedia, sobre problemas sociais e políticos, e, como já nos houvesse ele dito que nós, no Brasil, havíamos resolvido problemas que ainda estavam insolúveis nos Estados Unidos.

Embora o inverso também fosse verdadeiro, tentei ainda uma vez sondar o espírito do experimentado estadista, no intuito de conhecer quais seriam esses problemas, e saber, principalmente, quais teriam sido as soluções dadas aos que nos restavam ainda insolúveis.

Ou fosse porque o Destino [que os primitivos já consideravam imutável até pelos Deuses] não permitisse, ou fosse porque o nosso hóspede não quisesse desvendar o seu pensamento, o caso é que, só a respeito do problema relativo ao perpetuamente ou desaparecimento do negro entre nós e entre os americanos foi que se expandiu o meu vizinho de mesa.

1914 BRAZIL AND THE NEGRO 409

indescribable contrast to the days of the omnibus and surface cars. Sometimes I hear one of my juniors complain of the vitiated air of the subway or some other objectionable feature which imagination most likely has created, and I cannot but have a silent contempt for his ingratitude, which he would surely acknowledge if he could be translated for a time to the days of the omnibus and street cars and be compelled to endure their horrors on a winter night in the midst of a raging blizzard.

The second paper in this series, "The Modern Law Office," will appear in an early issue

BRAZIL AND THE NEGRO

BY THEODORE ROOSEVELT

IN THE SERIES ON SOUTH AMERICA

It may be noted that in this article Mr. Roosevelt is not attempting either to justify or condemn the Brazilian attitude toward the Negro as contrasted with that of the United States, but simply to set forth clearly what the Brazilian attitude is in fact.—The Editors.

Imagem 07 – Outlook, february 21, 1914

Condenava ele o processo norte-americano que, fazendo a completa separação de raça, só conseguia com isso desenvolvimento sempre crescente do número de negros, arredando assim a solução do problema e tornando-a cada vez mais difícil e grave, e, dizia, então, enquanto nos Estados Unidos é cada vez maior o número de negros, sucede no Brasil o fato inverso, desaparecendo a dificuldade da solução e a gravidade do problema com o desaparecimento do próprio problema, pois que, diluída no sangue branco a pequena porção de sangue negro ainda existente, dentro de um futuro não muito remoto estará a população do Brasil isenta de negros.

Mais tarde soube por que razão não tivera segredo para com esse problema o forte explorador; lendo os artigos por ele escritos no Outlook, lá deparei, no número de 21 de fevereiro de 1914, com um desses artigos sob o título: "*Brazil and the Negro*" – e que nada mais era do que o desenvolvimento dessas ideias. (CUNHA)

PORTO ALEGRE — BRAZIL
Escriptorio
Rua Concordia n. 6
Director: Tacito Pires
REDACTORES
Esperidião Calisto e Alcibiades A. dos Santos

O EXEMPLO
JORNAL DO POVO

ANNO II — NUMERO 37
Assignaturas
Anno.... 10$000—Semestre.. 5$000
.... Trimestre.. 2$500....
Pagamento adiantado
Gerente: Vital Baptista
Administrador: Felippe Eustachio

23 de Outubro de 1904

Eleitor apaixonado. O homem de côr, que sente seus melindres abocanhados pelo boçal preconceito que pretende implantar a superioridade das raças humanas, baseando-se na côr da epiderme, quando lhe abrem os braços fraternos, reconhecendo que a sua côr trigueira não o incompatibilisa para as funcções com que seu merito pode arcar, o seu reconhecimento vai ao fanatismo para com os que assim lhe fazem justiça.

Os descendentes de africanos não primam pela humildade, como dizia um notavel politico; e sim primam pela **gratidão,** genero que já vae escasseando no mercado dos sentimentos affectivos da humanidade.

Roosevelt, benemerito presidente da republica dos Estados Unidos da America do Norte que, convidando a sentar-feitios de accordo com a excentricidade innata aos americanos, como se pode apreciar da local que, sob a epigraphe acima, em seguida transcrevemos das columnas da „Federação":

A proxima eleição presidencial nos Estados Unidos da America do Norte já tem provocado apostas interessantissimas. Agora é um negro, influente politico em S. Luiz, grande admirador de Rooseveldt, que offerece a vida contra a modica quantia de cinco dollars. Para maior garantia da aposta, assignou este contracto:

„A todos que lerem o presente, o Senhor seja comvosco! Sabei que eu, Americo Prates, são de corpo e de espirito, prometti solemnemente, tomando Deus por testemunha, pôr termo á minha existencia, atirando-me do meio da ponte do Eads, ao Mississpi, num dos sete

Imagem 08 – O Exemplo n° 37, 23.10.1904

Faço aqui um curioso adendo, repercutindo um artigo um que representa bem, ainda que de certa forma hilária, a profunda admiração dos negros americanos pelo então candidato Roosevelt.

O Exemplo, n° 37 – Porto Alegre, RS
Sexta-feira, 23.10.1904

Eleitor Apaixonado

O homem de cor, que sente seus melindres abocanhados pelo boçal preconceito que pretende implantar a superioridade das raças humanas, baseando-se na cor da epiderme, quando lhe abrem os braços fraternos, reconhecendo que a sua cor trigueira não o incompatibiliza para as funções com que seu mérito pode arcar, o seu reconhecimento vai ao fanatismo para com os que assim lhe fazem justiça.

Os descendentes de africanos não primam pela humildade, como dizia um notável político; e sim primam pela gratidão, gênero que já vai escasseando no mercado dos sentimentos afetivos da humanidade. Roosevelt, benemérito Presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte que, convidando a sentar-se em sua mesa um célebre homem de cor, declarou guerra tenaz contra o menosprezo em que éramos tidos, ao ponto de serem linchados os que conquistavam uma mulher descorada, tem colhido dos homens de cor a flor da gratidão que desabrocha de todos os feitios de acordo com a excentricidade inata aos americanos, como se pode apreciar da local que, sob a epígrafe acima, em seguida transcrevemos das colunas da "*Federação*"

A próxima eleição presidencial nos Estados Unidos da América do Norte já tem provocado apostas interessantíssimas. Agora é um negro, influente político em S. Luiz, grande admirador de Roosevelt, que oferece a vida contra a módica quantia de cinco dólares. Para maior garantia da aposta, assinou este contrato:

> A todos que lerem o presente, e Senhor seja convosco! Sabei que eu, Américo Prates, são de corpo e de espírito, prometi solenemente, tomando Deus por testemunha, pôr termo à minha existência, atirando-me do meio da ponte do Eads ao Mississpi, num dos sete dias seguintes ao da eleição presidencial de 1904, se Theodoro Roosevelt, candidato republicano, não for eleito.

São do corpo e do espírito... Do corpo talvez; do espírito, certamente que não, acrescenta um colega. (O EXEMPLO, N° 37)

Continuando com o Comandante Pereira da Cunha:

CUNHA: Desde alguns dias, Kermit sofria de acessos palustres, velha infecção que adquirira no México e que o havia aborrecido e acompanhado em África, e agora, reentrando em regiões em que a palustre é endêmica, reaparecia-lhe essa maldita companheira. Esse terrível mal, sério bastante em qualquer outro, era ainda mais preocupante em Kermit, pois que o medicamento indicado e indispensável em tal caso, o quinino, não podia ser ministrado ao nosso Kermit, visto que outra moléstia isso provocaria, como já lhe tinha sucedido; e foi pensando no perigo a que estava exposto seu filho, perigo que só poderia aumentar com o internamento pelo Sertão, que, seriamente preocupado, Roosevelt revelou-me nessa noite as suas apreensões.

> Há de ter notado, que falo muito de Kermit, mas ele merece, sei o que ele vale e a sua dedicação por mim, e, se tentasse qualquer esforço para fazê-lo retroceder, conheço bem quanto seria isso inútil, pois não me abandonaria, entretanto, além de ser ele meu filho muito querido, está na flor da idade, é noivo, já estaria casado se não fosse esta viagem, e seria uma calamidade transbordante de injustiça se viesse a morrer numa travessia que vamos empreender.

Pela primeira vez eu via Roosevelt ter apreensões sobre a arriscada empresa, mas eram elas todas pela sorte de seu filho e não pela sua, e, continuando, a respeito disso se pronunciava: "*Tendo dedicado as minhas energias à exploração científica que encetamos, nela perderia a vida com glória, como certamente gostaria o meu amigo de perder a sua em um combate naval; acresce ainda que, mesmo*

tendo em conta a minha boa saúde, não posso esperar viver senão mais uns quinze anos, a minha preocupação, portanto, é toda por Kermit".

Assim terminava a nossa conversa daquela noite, enquanto, no acampamento, eram dadas as providências para a primeira caçada de anta, a realizar-se na manhã seguinte. Nessa manhã de **8** de janeiro, depois de sermos fotografados, das sentidas despedidas, e de ter Roosevelt, com alguns companheiros embarcado para a caçada, despedi-me dos que não tomavam parte em tal caçada, embarquei por meu turno no "*Nyoac*", e, com um prolongado adeus aos que ficavam em terra, e, depois, aos que ainda vimos nas canoas, deixamos, cheios de saudades, Porto do Campo e os bons companheiros, sentindo, com amargor e tristeza, não poder compartilhar-lhes a sorte na bela e arriscada exploração através do Brasil. (CUNHA)

Infelizmente um país sem memória que não valoriza a sua história nem reverencia seus heróis prefere chamar de Sepotuba ou Cipozal o Rio Tenente Lyra. O Tenente João Salustiano Lyra, foi encarregado, pelo então Coronel Rondon, de realizar o levantamento topográfico desta região para a futura instalação das linhas telegráficas que ligariam Cuiabá a Santo Antônio do Madeira.

Recorreremos a um capítulo do livro "*Impressões da Comissão Rondon*", do Coronel Amílcar Armando Botelho de MAGALHÃES, para reportar o acidente fatal que vitimou o valoroso Tenente Lyra e prestar uma justa homenagem a este herói anônimo de fibra inquebrantável que depois de tombar nos "*ermos sem fim*" do Sertão inóspito cumprindo seu dever emprestou seu nome ao Rio.

Amílcar Armando Botelho de MAGALHÃES (1942)

UMA PÁGINA DE SAUDADE

1° Tenente João Salustiano Lyra

Quis um destino caprichoso, imprevisto como todos os destinos, que fosse perder a vida num pequeno Rio [Sepotuba, afluente da margem direita do Alto Paraguai] aos 03.04.1917, quando dirigia uma turma independente de Serviço Geográfico, em trabalhos de levantamento da Carta de Mato Grosso. [...]

No cenário apenas quatro protagonistas, dois que pereceram e dois que se salvaram; uma corredeira impetuosa onde as águas borbulham e burburinham, espadanando sobre rochedos; em torno a floresta despovoada, silenciosa e indiferente como toda massa inerte da natureza... Nesse desvão sem glória, a mão do destino apaga facilmente uma existência gloriosa e uma juventude viril também preciosa – Lyra e Botelho.

Tem muita força a fatalidade: como conceber de outra forma que dois grandes nadadores, de fortes músculos, acostumados a esforços mais violentos, fossem vencidos nessa luta?! Ainda mais quando a calma revelada pelos náufragos levou-os a atirar para terra as cadernetas de levantamento, para que não se perdessem na corrente e com elas desaparecesse o resultado do trabalho até aí executado; quando espontaneamente atiram-se na água, na convicção de que tal iniciativa evitaria, como evitou, a submersão da pequena canoa [montaria] em que navegavam! Esta, flutuou realmente, depois de colher em seu bojo boa porção de líquido, e, arrastada pela correnteza só pôde ser atracada à margem 200 metros a jusante, apesar do esforço neste sentido empregado pelo piloto.

> Fora lançado na água, ao primeiro desequilíbrio da canoa, o proeiro, que nadou para a margem e nada mais viu, porque tratara apenas de se salvar. O piloto, no último olhar que lançou para a retaguarda, viu ainda os dois oficiais à tona da água; quando saltou em terra e correu margem acima ao local do sinistro, nenhum vestígio mais deles encontrou: haviam desaparecido.
>
> Aos gritos do piloto, na esperança de que os oficiais, arrastados pela velocidade das águas, pudessem ter saído mais abaixo, apenas o eco respondeu... Por terra, trilhando caminhos diferentes, a tropa diariamente vinha à beira do Rio, ao encontro da turma de levantamento, em pontos previamente determinados pelo Chefe da Expedição – Tenente Lyra.
>
> E era essa justamente a última etapa a vencer, para amarrar o serviço a Tapirapuã, porto da margem esquerda do Sepotuba [hoje Rio Tenente Lyra] até onde, desde a foz, a Comissão havia já executado o levantamento desse curso de água. A última etapa correspondeu, assim, o último dia de vida dos dois distintos oficiais. (MAGALHÃES, 1942)

Mais uma vez Esther de Viveiros se equivoca afirmando, desta feita, que os expedicionários trocaram de embarcação em Cáceres. Relata Viveiros:

> Deixando Cáceres, deixamos também o "*Nyoac*" – não poderia ele ir além. Começamos a subir o Sepotuba [Tapir], que eu explorara cientificamente em 1908. Rio claro, descendo do planalto para as florestas das terras baixas, só era navegável no tempo das águas. Subimos até Porto Campo, onde pousamos a **7** de janeiro de 1914. (VIVEIROS)

O próprio Rondon, nas suas "*Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 pelo Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon no Teatro Fênix do Rio de Janeiro sobre Trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegráfica no Teatro Fênix*", afirma:

> Daí saímos na manhã seguinte, continuando a subir o Paraguai, em demanda do Porto do Campo, no Rio Sepotuba, onde chegamos depois das 3 horas da tarde de **7** de janeiro. O "*Nyoac*" não podia ir além; desembarcamos e pela primeira vez armamos as barracas formando acampamento para a quase totalidade do pessoal da Expedição. Permanecemos nesse acampamento até o dia **13** não só afim de dar tempo à lancha "*Anjo da Ventura*", propriedade da Casa Dulce, de Cáceres, para fazer o transporte de toda a carga e de parte do contingente de Porto do Campo para Tapirapuã, como também para completar a coleção de grandes mamíferos que o Sr. Roosevelt estava fazendo. (RONDON)

Ratifica essa afirmativa o Capitão Magalhães:

> As 15 horas do dia **6** partiu o "*Nyoac*", Rio Paraguai acima, penetrando em seguida pelo curso do Sepotuba [...] Nesse 1° acampamento permanecemos até o dia **13**, data em que às 11 horas partimos na lancha "*Anjo da Ventura*" e em uma chata a reboque, afim de prosseguir o acesso do Sepotuba, em demanda de Tapirapuã, onde desembarcamos às 11 horas e 30 minutos de 16 e acampamos pela segunda vez. (MAGALHÃES, 1916)

Concluímos nossa tese com o relato bastante contundente do Comandante Heitor Xavier Pereira da Cunha nas suas "*Viagens e Caçadas em Mato Grosso*":

De fato, não estando no porto a lancha para conduzir a Expedição, resolveu-se que o “*Nyoac*” subisse mais o Paraguai e penetrasse no Sepotuba, até Porto do Campo, onde Roosevelt aguardaria a lancha, caçando antas e porcos [...].

Entramos pelo Sepotuba, e logo foi a nossa primeira observação a limpidez de suas águas, e a sua forte correnteza que a custo era vencida pelo pequeno “*Nyoac*”, [...] (CUNHA)

Imagem 09 – Partida de Cáceres, MT

Imagem 10 – Ponte Marechal Rondon, Rio Paraguai, Cáceres, MT

Imagem 11 – Pesqueiro da Dona Josefina

Imagem 12 – Sr. Argeu Fogliatto, Fazenda Porto do Campo

Ilha da Amizade – Tapirapuã

*A 16 de janeiro, chegávamos a Tapirapuã, Quartel General da Comissão. Carinhosa acolhida, bandeiras das Nações americanas festivamente desfraldadas. Organizaria aí a marcha por terra, através dos Sertões Paresí e Nambiquaras. Para essa marcha, mandara eu reunir uma tropa de **10** muares e **70** bois cargueiros – dos que se empregam em Mato Grosso no transporte de cargas e cangalhas [...] (VIVEIROS)*

Tropa Ponta Cortada ao Carlito de Itararé.

(Luciano Rosa)

Duzentas mulas argentina, mansas, xucras, caborteiras.
Cruzaram pela fronteira nadando pro nosso lado.
Ponta, corrida, cortada, porque as melhores vêm na frente.
Sistema de antigamente selecionando a mulada.
Tropa pronta e faturada, burro cargueiro e bruaca ([13]).

E o velho Tito Guaiaca, cozinheiro e ponteador.
Na frente, as mansas de arreio e a velha mula ruana ([14]).
*Na goela, leva a campana do **cincerro cantador** ([15]).*
De São Borja até Cruz Alta, foi quase um mês estradando.

Mais meio até Passo Fundo folgando pra descansar.
Dois dias e um pouco mais, tropa na estrada de novo.
Estirada ao novo povo, da Vacaria dos Pinhais.
*Estalo, relho e assovios, do **cincerro** à badalada.*
Planalto, picada e Rio, no rumo de Itararé.

Lages... Castro... os birivas, nestas tropeadas muleiras.
Não respeitavam fronteiras, divisa ou tempo qualquer.
Quanto maior a distância, a lembrança dobra a idade.
Mas o que dói, é a saudade do pago o rancho e a mulher.
[...]

---

[13] Bruaca: mala de couro cru.
[14] Ruana: marrom suave.
[15] Cincerro cantador: polaca.

Ilha da Amizade a Tapirapuã (25.10.2015)

A 3ª e derradeira jornada fluvial foi executada pela manhã. O leito do Rio Tenente Lyra tornou-se cada vez mais raso e pedregoso, diversos rápidos e corredeiras sucediam-se exigindo habilidade e atenção dos piloteiros. Volta e meia, me sentava à proa procurando orientar o Cel Angonese na condução da voadeira, a transparência das águas facilitava a detecção de obstáculos. O número de pesqueiros particulares e de pescadores sucediam-se ininterruptamente em ambas as margens, não era de admirar que o pescado estivesse tornando-se cada vez mais escasso. Aportamos em Tapirapuã no final da manhã, depois de navegar por 29 km, carregamos nossas bagagens para a sala de informática da Escola Estadual Marechal Rondon e nos despedimos de nosso caro guia e piloteiro Alemão.

Fomos autorizados a utilizar o fogão da cozinha da Escola e depois do almoço e de um breve descanso fui fazer um reconhecimento da área visitando a "*Casa de Rondon*" (14°51'02,4"S/57°46'05,3"O). Em fevereiro de 2012, o prédio conhecido como "*Casa Rondon*" foi considerado como Patrimônio Histórico e Cultural do Mato Grosso. A residência foi sede e moradia da Comissão Telegráfica liderada pelo Marechal Rondon, a partir de 1906. Nela hospedou-se, também, o Presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt quando por aqui passou, em 1914, em busca do Rio da Dúvida. Mais tarde fui até o Restaurante da simpática D. Vanda que me informou que a aquela área faz parte de um dos maiores assentamentos latino-americanos chamado Antônio Conselheiro e que a maioria dos assentados já tinha vendido suas glebas como soe acontecer com as populistas reformas agrária tupiniquins.

Lá pelas 16h00, chegou a comitiva comandada pelo "*Boi*" (Sr. Eduardo Ramos) com suas nove mulas e burros e um cavalinho polaqueiro ([16]), curiosamente número de montarias seria idêntico ao da Expedição original caso a narração de Viveiros fosse correta:

> Para essa marcha, mandara eu reunir uma tropa de **10** muares e **70** bois cargueiros [...]

Na realidade, segundo Rondon, eram **110** muares e não dez. Ao subir o Sepotuba Viveiros relata:

> Continuávamos a descer o Rio, na lancha "*Anjo da Ventura*", e os cães acompanhavam nas margens, onde a floresta tropical formava parede [...]

A Expedição, na verdade, subia e não descia o Sepotuba. Ao desembarcar o polaqueiro machucou a pata traseira que recebeu especial atenção nas duas semanas que se seguiram até estar completamente curada.

Relatos Pretéritos - Tapirapuã

16 a 20.01.1914

Rondon

> Afinal, desarmamos as barracas no dia **13** e seguimos para Itapirapuã, perto do Sepotuba, aberto em 1908 pela Comissão das Linhas Telegráficas, para atender às necessidades do aprovisionamento dos seus trabalhos no Chapadão dos Parესí, até muito além do Rio Juruena e da Serra do Norte.

[16] Polaqueiro: tem a mesma função da "*égua madrinha*" que como o polaqueiro serve de guia à tropa já acostumados com aquele que traz em seu pescoço uma polaca (cincerro, sininho).

Ali chegamos pouco antes do meio dia de **16** de janeiro iniciando-se logo a preparação das cargas e das tropas que tinham de partir com a Expedição para o interior do Sertão. Foi necessário subdividir a carga de vários caixões da Comissão Americana, de modo a acondicioná-la em volumes de peso proporcionado ao esforço que se pode exigir de animais que vão ser obrigados a percorrer mais de 600 km através de campos paupérrimos de gramíneas forrageiras. Eu conseguira fazer reunir em Tapirapuã, para os serviços de transporte, **110** muares e **70** bois cargueiros. Para organizar e expedir os vários lotes dessa tropa, com 360 volumes grandes e muitos outros, menores, de sobrecarga, foram necessários cinco dias de trabalhos incessantes. Enquanto isso, os naturalistas iam aumentando as suas coleções zoológicas, pela aquisição de novos exemplares, alguns dos quais caçados pelos Srs. Roosevelt e Kermit. Adotaram-se também medidas indicadas pela oportunidade das circunstâncias presentes, para obter o aceleramento na marcha da Expedição, desejado pelo Sr. Roosevelt. Formamos duas turmas, que deviam avançar separadamente através do Sertão, até se encontrarem de novo, na estação de José Bonifácio. A 1ª, chefiada pelo Ex-presidente, auxiliado por mim, seguiria pela estrada de abastecimento da Comissão das Linhas Telegráficas, passando por Utiariti; a segunda, sob a chefia do Capitão Ajudante Amílcar de Magalhães, tomaria caminho mais direto, pelas cabeceiras dos Rios Verde, Sacre, Papagaio, Buriti e Sauêuiná, para chegar a Juruena a tempo de prosseguir daí por diante com um avanço de, pelo menos, 24 horas sobre a primeira: deste modo, o Sr. Roosevelt não passaria pelo dissabor de ver a sua marcha detida por algum embaraço da estrada, porque, antes, o Capitão Amílcar, que se encarregara da reparação e concerto das pontes e estivados, já o teria removido. (RONDON)

Roosevelt

13.01.1914: No dia **13** levantamos acampamento, carregamos a lancha e a chata com todos os nossos objetos e nossas pessoas, e arrancamos Rio acima para Tapirapuã. Éramos ao todo 30 homens, com cinco cães, e levávamos barracas, camas e provisões; a carne fresca que cada vez menos fresca ia ficando; e as peles e tudo o mais amontoado com essas cousas.

Choveu quase todo o primeiro dia e parte da primeira noite. A seguir, o tempo continuou em geral enfarruscado, agradável para viajar; algumas vezes a chuva e a soalheira tórrida se alternavam. A cozinha – aliás excelente – era feita num curioso fogãozinho ao ar livre, na popa da chata coberta. Esse fogão era formado de pedaços de cupim colocados entre os bordos da embarcação. Junto a ele o escuro cozinheiro, com filosófica solenidade, trabalhava ao Sol e à chuva com duas ou três panelas.

Nossos homens, boas almas debaixo de peles de todas as cores e matizes, dormiam, na maior parte do tempo, encolhidos entre caixas, fardos e mantas de carne seca. Uma enorme tartaruga terrestre estava peada na proa da chata. Quando os homens dormiam muito próximos, ela fazia esforços inúteis para trepar sobre eles; em retribuição, alguns deles, de vez em quando, transformavam-na em assento.

Vagarosamente a máquina resfolegante ia impelindo a lancha e seu pesado reboque contra a rápida correnteza. O Rio tinha subido, e fazíamos cerca de dois quilômetros por hora. À frente, a escura faixa das águas estendia-se em curvas entre intermináveis muralhas de floresta tropical.

Era como se atravessássemos uma gigantesca estufa. Coqueiros babaçu e buriti, sarãs, enormes figueiras, bambus empenachados, árvores estranhas de troncos amarelos, árvores baixas com folhas enormes, árvores altas com delicada folhagem rendilhada, árvores de troncos com escoras naturais, outras com o estipe erguendo-se esguio, liso e direito a incríveis alturas, todas entrançadas entre si por um emaranhado de trepadeiras se debruçavam à beira do Rio. Os galhos pendiam até a água, formando uma cortina através da qual era impossível ver o barranco e excessivamente difícil atingi-lo. Raramente alguma ostentava flores – grandes cachos brancos ou de pequenas flores vermelhas ou azuis. As mais das vezes, as flores lilases das begônias trepadeiras faziam largas manchas coloridas. Inúmeras parasitas cobriam os galhos e até cresciam sobre os troncos enrugados. Vimos pouca vida alada. Alguns biguás, de vez em quando, e martins-pescadores voando de galho em galho.

Com longos intervalos passávamos por alguma fazenda. Em uma delas a casa grande, coberta de telhas vermelhas e caiada, ficava numa encosta gramada, atrás de mangueiras. As folhas de madeira estavam abertas nas janelas sem vidraças e suas grandes salas eram inteiramente nuas, sem um livro, sem um enfeite. Uma palmeira, carregada dos pendentes ninhos de guaches ([17]), ficava próxima da porta. Para o lado de trás havia laranjeiras e pés de café e perto ficavam o bananal, o arrozal e a plantação de fumo. O capataz, de tez lívida, era hospitaleiro e cortês. O mulherio trigueiro se manteve, furtivo, nos bastidores. Como a maior parte das fazendas, esta era propriedade de uma firma com escritório em Cáceres. [...]

---

[17] Guaches: japiim do mato – Cacicus haemorrhous.

Ao fim da primeira tarde acostamos numa modesta fazenda, das mais pobres. As casas eram cobertas de folhas de palmeiras. Até as paredes eram de grandes palmas folhudas de babaçu, fincadas em pé no solo e acamadas umas sobre as outras. Alguns da comitiva saltaram em terra, outros ficaram a bordo. Não havia mosquitos, o calor não era excessivo e dormíamos bem.

14.01.1914: Pelas 05h00 da manhã seguinte cada um de nós havia bebido uma xícara do delicioso café brasileiro e as embarcações continuavam a viagem. Durante o dia todo navegamos lentamente Rio acima. Passamos por duas ou três fazendas. Paramos em uma para arranjar leite. Ali as árvores estavam recobertas de pequenas orquídeas amarelas. Ao escurecer paramos numa aberta onde não havia galhadas para impedirem que encostássemos as embarcações no barranco. Não havia quase mosquitos. A maior parte do pessoal levou as redes para terra e o acampamento foi armado nos arredores singularmente belos.

As árvores eram palmeiras babaçu, algumas com suas folhas coroando altos troncos; outras havia com palmas mais longas, que subiam quase do solo. Estas folhas eram de grande comprimento, algumas de não menos de 13 ou 14 metros. Arbustos e capim alto, cobertos de orvalho e brilhando com o verde das esmeraldas, cresciam nos espaços abertos.

15.01.1914: Partimos ao amanhecer do dia seguinte. Um dos marinheiros se tinha extraviado no interior do terreno. Começou a dar voltas sem conseguir achar o Rio; tínhamos partido sem notar sua ausência. Paramos de pronto ao dar por ela, e com dificuldade o homem abriu caminho através dos cipós e dos espinheiros do matagal, na direção do ruído do motor da lancha e dos toques de buzina

com que lhe indicávamos o lugar onde estávamos. Naquela densa mataria, quando o Sol está oculto nas nuvens, um homem sem bússola, que se afaste cem metros do Rio, pode facilmente se extraviar irremediavelmente.

Ao passo que subíamos o Rio, os coqueiros babaçu se tornavam cada vez mais numerosos. Naquele trecho, por espaço de muitos quilômetros eles davam um aspecto característico às matas marginais. Em toda parte seus ramalhetes de folhas compridas e curvas se erguiam entre as outras árvores e em certos pontos as sobrepujavam em altura. Mas nunca igualavam em altura aos gigantes das outras árvores comuns. Num coqueiro altíssimo vimos um aglomerado de orquídeas violetas crescendo à meia altura do tronco. Numa outra árvore enorme – não coqueiro –, que sombreava uma pequena clareira, havia cerca de cem ninhos de guaches.

Passamos durante esse dia por uma grande fazenda, além de dois ou três pequenos sítios. As várias casas e ranchos, todos cobertos de folhas de coqueiros, ficavam junto ao Rio, num largo espaço de solo descoberto, escalonado de coqueiros babaçu. Uma chata coberta estava encostada ao barranco. Mulheres e crianças olhavam das janelas sem vidraças; os homens achavam-se parados à frente das casas. A construção maior era cercada por uma estacada feita de rachas de palmeiras fincadas no chão. Bois e vacas pastavam em volta, e carros de sólidas rodas inteiriças de madeira estavam inclinados, com suas lanças encostadas no chão.

Fizemos nossa parada do meio-dia em uma ilha onde existiam altas árvores, cheias de frutas agradáveis ao paladar [Deviam ser ingazeiros, que abundam naquelas paragens]. Outras árvores da ilha estavam cobertas de flores de um vermelho vivo e amarelas;

delicadas florinhas azuis e outras brancas, estreladas, atapetavam o chão. Aqui e ali, pela superfície do Rio, voavam andorinhas com tanta cor branca em sua plumagem que, brilhando ao Sol, Pareciam ter os corpos níveos suportados por asas pretas. A correnteza do Rio se ia tornando mais rápida; havia trechos de águas revoltas quase semelhando corredeiras; máquina, incansável, fazia força e arfava sob a dificuldade crescente com que impelia para frente a lancha e sua pesada companheira. À noite amarramos junto ao barranco, num claro da mata que permitia acampamento confortável. Nessa noite os cupins abriram largos furos no mosquiteiro de Miller e quase lhe destruíram as meias e os cordões dos sapatos.

16 a 20.01.1914: Ao nascer do Sol continuamos a viagem. Havia trechos de água rápida e encarneirada, quase formando corredeiras; em toda parte a correnteza era forte e nosso avanço muito lento. A prancha era rebocada por um cabo e sua tripulação recorria aos varejões. Mesmo assim, às vezes com muita dificuldade, conseguíamos vencer a correnteza. Duas ou três vezes, socós e biguás, pousados em alguma tranqueira do Rio, ou em árvores da margem, deixavam a lancha se aproximar até alguns metros. Em um trecho de mato alto notamos um bando de tucanos, visíveis, mesmo entre as copas das árvores, devido aos seus enormes bicos, e à destreza sossegada com que andavam, subiam e saltavam entre a galharia. Passamos por várias fazendas.

Pouco antes do meio-dia, a **16** de janeiro, chegamos a Tapirapuã, sede da Comissão Telegráfica. Era um lugar atraente dando sobre o Rio, e se achava garridamente engalanado em nossa honra, não só com as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos, como com as de todas as repúblicas americanas.

Havia ali um grande espaço coberto de grama verde com árvores no centro. Em um lado desse espaço ficava o escritório da Comissão e, no outro, o de uma grande fazenda que ali tinha sua sede. Adicionem-se a isso, estrebarias, ranchos, abrigos externos, currais e, nas proximidades, áreas cultivadas.

Vacas leiteiras, bois para corte, bois carreiros e burros andavam quase que à vontade. Havia dois ou três caminhões e carros, assim como um trator utilizados na construção das linhas telegráficas, mas inservíveis na época das chuvas, ao tempo de nossa Expedição. Daquele lugar iríamos começar nossa viagem por terra com burros e bois de carga, várias dúzias dos quais foram reunidos para nos esperar. Muitos dias foram necessários para repartir as cargas e organizar várias combinações necessárias para que tão grande comitiva pudesse empreender a longa travessia do Sertão, atravessando uma região onde não havia alimento bastante para homens ou animais e onde era sempre possível entrar nalguma zona em que reinassem pestes fatais ao gado ou aos cavalos.

Fiala, com a habitual eficiência, tomou a seu cargo os apestos relativos ao grupo americano da Expedição, tendo em Sigg um ativo e útil auxiliar. Harper, que como os outros trabalhava com zelo dedicado e jovial, ajudava-o também, exceto quando ocupado a auxiliar os naturalistas. Estes últimos, Cherrie e Miller, tinham feito, tanto quanto possível, o melhor e mais difícil trabalho da Expedição. Haviam colhido cerca de mil aves e 250 mamíferos.

Não era provável que conseguissem outro tanto no resto de nossa viagem, pois tencionávamos, dali por diante, fazer tão poucas paradas e jornadear tão rapidamente quanto nos permitissem o terreno, o tempo e as condições dos meios de transporte.

Eu sempre desejava que dispuséssemos de mais tempo para estudar os hábitos de vida de empolgante interesse dos belos e admiráveis animais de pelo e aves que víamos a cada momento. Todo museu de primeira classe deve ainda organizar competentes colecionadores de espécimes; julgo, porém, que um museu poderia atualmente trazer benefícios mais duradouros se mandasse para os sertões imensos, onde a natureza selvática domina, observadores competentes que registrassem aquilo que observassem.

Tais homens deveriam também colher espécimes, pois essa colheita ainda é necessária; mas teriam de ser, de preferência, capazes de ver por si, e de expor sugestivamente aos olhos alheios os hábitos e costumes das criaturas que moram nas regiões desabitadas do mundo.

Naquele lugar tanto Cherrie como Miller conseguiram certo número de mamíferos e aves que antes não haviam obtido; se alguns eram novos para a ciência, era cousa que só podia ser determinado após a chegada dos espécimes ao Museu Americano.

Quando fazia inspeção de suas armadilhas para pequenos mamíferos durante a manhã, Miller encontrou um exército de terríveis formigas. A espécie era das pretas grandes e moviam-se em uma frente bem extensa. Estas formigas, algumas vezes chamadas formigas militares, como as invasoras africanas, marcham em grandes corpos que destroem ou fazem sua presa qualquer coisa viva que não se possa afastar a tempo de seu caminho. Andam depressa e tudo foge ante seu avanço. Os insetos constituem sua presa principal; é de admirar como até as mais perigosas e agressivas criaturas das espécies inferiores não lhes oferecem resistência séria.

A atenção de Miller foi atraída para esse exército de formigas por ter visto uma grande centopeia de 23 a 25 centímetros procurando fugir-lhes. Certo número de formigas estava a mordê-la, e ela se torcia a cada mordida, mas não cuidava de utilizar contra as assaltantes suas compridas mandíbulas encurvadas. Em outras ocasiões ele vira grandes escorpiões e grandes aranhas caranguejeiras procurando fugir de forma idêntica, mostrando a mesma incapacidade para atacar suas vorazes inimigas ou para se defenderem. As formigas sobem a grande altura nas árvores, chegam aos mais altos ninhos e do pronto matam e despedaçam os filhotes das aves.

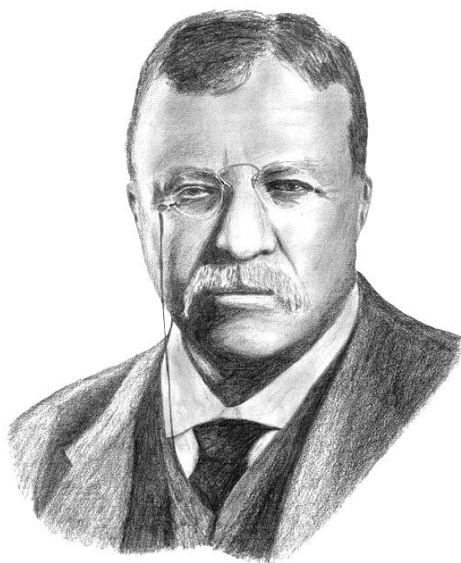
Mas não são tão comuns como imaginam alguns escritores; podem-se passar dias sem se encontrar seus exércitos, e por certo muitos ninhos nunca são por elas visitados nem ameaçados. Em alguns casos parece provável que as aves se salvam, e a seus filhos, de outras maneiras. Alguns ninhos são inacessíveis. De outros, os pais talvez retirem os filhotes. Miller uma vez, na Guiana, estivera por alguns dias a observar um ninho de carriças formigueiras, com filhos implumes. Lá chegando uma manhã, viu a árvore e o ninho repleto de formigas. Supôs, a princípio, que os filhotes tinham sido devorados, mas logo viu os pais que, a uns 30 m apenas de distância, penetravam na mata levando alimento nos bicos e dela saindo sem alimentos, e isso por vezes repetidas.

Miller nunca descobriu seu novo ninho, mas estava certo de que os passarinhos alimentavam seus filhotes, que haviam sido removidos do ninho antigo. Estas carriças esvoaçam por cima e à frente das colunas de formigas assaltantes, alimentando-se não só dos insetos que elas espantavam, como também das próprias formigas.

Este fato tem sido posto em dúvida, porém Miller matou algumas com formigas no bico e no estômago. Libélulas em grandes bandos muitas vezes adejam sobre as correições, flechando para cima delas; Miller não pôde vê-las apanhando as formigas, mas essa era sua opinião. Eu próprio vi essas formigas atacando uma caixa de marimbondos muito agressivos e perigosos. Os marimbondos zumbiam em grande excitação, mas Pareciam incapazes de lhes resistir. Vi também limparem um broto ocupado por suas parentas, as venenosas formigas de fogo; estas lutaram e não tenho dúvida de que mataram e aleijaram muitas das suas inimigas pretas, ativas e numerosíssimas, que em pouco deram cabo das primeiras. Daquelas terríveis formigas só encontrei de cor preta, mas há espécies vermelhas. Atacam seres humanos, precisamente como o fazem a todos os animais, e em casos tais o único recurso é a fuga precipitada. [...]

Naquele acampamento o calor era elevado, de 33° a 40° C, e o ar pesado, saturado de umidade; caíam frequentes aguaceiros, mas não havia mosquitos e tínhamos muito conforto. Graças à proximidade da fazenda, passávamos regaladamente com abundância de carne, galinhas e leite fresco. Dois ou três pratos brasileiros eram deliciosos: a canja, uma sopa espessa feita de arroz e galinha, a melhor sopa que um homem com fome possa ingerir; e o picadinho de carne, servido com um molho simples mas bem temperado.

A besta que me coube como montaria era um animal possante, de boa marcha. O Governo brasileiro pusera ali à minha espera bonitos arreios guarnecidos de peças de prata, que muito me agradaram, embora minhas roupas muito surradas e grosseiras fizessem com ele um visível contraste.

Em Tapirapuã dividimos a bagagem e a nossa comitiva. Mandamos à frente, num carro puxado por seis bois, a canoa canadense, com seu motor e algumas caixas de gasolina e cem latas fechadas, cada uma com rações diárias para seis homens. Tinham sido arranjadas em Nova York, sob a direção especial de Fiala, para serem utilizadas quando chegássemos a lugar onde quiséssemos ter alimento variado e bom, em volume reduzido. Todas as peles, crânios e espécimes em álcool, assim como toda a bagagem que não era de absoluta necessidade, foram remetidas pelo Rio Paraguai abaixo, para Nova York, aos cuidados de Harper. A tropa cargueira, sob a direção do Capitão Amílcar ([18]), fora organizada para seguir formando um destacamento separado. O grosso da Expedição, composto pelos membros americanos, Coronel Rondon, Tenente Lyra e Dr. Cajazeiras, com a bagagem de todos e com provisões, formava outro destacamento. (ROOSEVELT)

[18] Amílcar: Amílcar Armando Botelho de Magalhães.

Tropa Cargueira

Funeral de Tropas I
(Moacir D'Ávila Severo)

O berro do boi, o grito do homem,
O assovio do vento no fio do alambrado,
São fundos que marcam a última viagem
De vidas-passagens, destinos traçados.

Antes de partirmos de Tapirapuã com a Expedição Centenária e prosseguir com os relatos da Expedição Científica, vejamos as providências tomadas pelo Cap Amílcar Magalhães, segundo o "*Anexo n° 5*":

> **18 a 20.01.1914**: Pelas 18h00, de **18** e pela madrugada de **19**, saíram os quatro lotes de tropa do Rio da dúvida, com 54 bois cargueiros, conduzindo 136 volumes dos quais 99 eram da Comissão americana, 9 de barracas de campanha, um com as tabuletas designativas dos Rios Roosevelt e Kermit e 28 com gêneros destinados à alimentação do pessoal da tropa e com suas respectivas bagagens. Convém dizer aqui, a propósito, duas palavras em relação a esses 99 volumes americanos:
>
>> Quase todos eles eram constituídos de substâncias alimentícias, acondicionadas de modo que a cada um dos dias da semana correspondia um certo menu, encerrado em pequenos caixotes dentro dos quais estavam as conservas e petrechos, divididos em duas caixas de zinco hermeticamente soldadas. Exteriormente viam-se inscritos os números um a sete para assinalar os dias da semana de domingo a sábado, respectivamente. Os caixotes continham assim almoço e jantar para dois dias, cada lata representando as duas refeições de um só dia para oito homens, e eram calculadas de tal modo que a relação de peso e de volume determinaria a sua flutuação se por acaso caíssem na água.

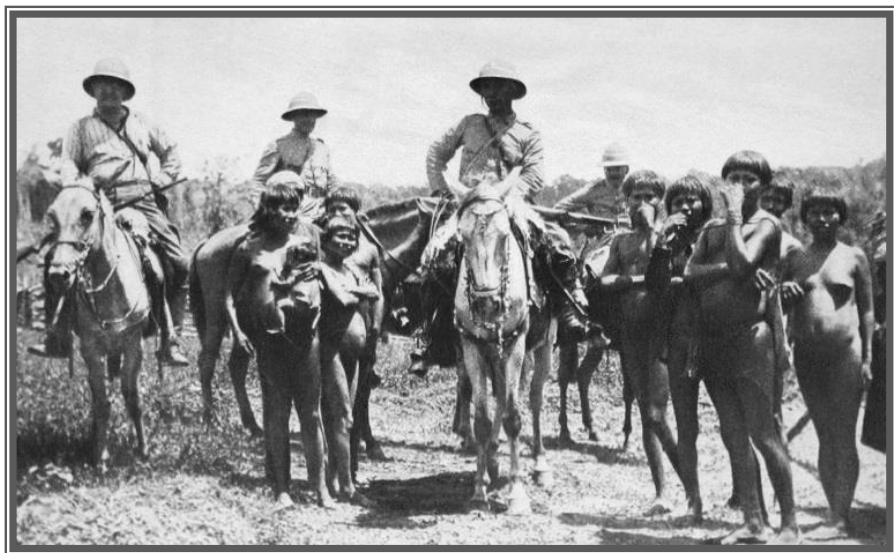



Imagem 13 – Roosevelt e Rondon e os Nambiquara

21.01.1914: No dia **21** pela manhã partiu a tropa de 54 burros que conduziria as cargas da primeira turma, sob a chefia de honra do Sr. Coronel Roosevelt. Às 13h00 partia o pessoal técnico da primeira turma ao qual acompanhei até meia légua de distância, retrocedendo então a Tapirapuã, depois de apresentar as minhas despedidas à Comissão Americana e demais membros componentes da primeira turma. [...]

Regressando a Tapirapuã, comecei desde logo a ativar os preparativos de organização da minha turma, designada por "*segunda*", conforme fez público a Ordem do dia n° 2, de 16.01.1914, da chefia da Comissão Brasileira. Mandei imediatamente chamar à minha presença o encarregado geral das tropas de minha turma, Antenor Rodrigues Gonçalves, e os arrieiros de cada uma das tropas, Pedro Augusto de Figueiredo, da de bois, e João da Cruz Gomes, da de burros, transmitindo-lhes ordens terminantes para que tudo estivesse pronto no dia seguinte.

22.01.1914: Apesar, porém, dos meus esforços, só às 16h00 de **22**, partia o primeiro lote de dez bois cargueiros, saindo o derradeiro lote de tropa às 19h00. A tropa que servia às necessidades da minha turma era constituída de 97 animais quando saí de Tapirapuã [...] Pouco antes da partida do primeiro lote de bois, partiram o Tenente Luiz Thomaz Reis [fotógrafo e cinematografista] e o Sr. Hoehne [botânico] e pouco depois os taxidermistas Blake e Reinisch e o Adido Joaquim Horta – todos com destino ao salto. Às 16h20 saiu o primeiro lote de burros com 11 animais e um tocador montado; às 16h25 o segundo com outro tocador montado, às 17h25 partiu o terceiro com 11 animais de cangalha e dois tocadores montados e às 17h45 o último lote de muares, com uma mula adestra; às 19h00 horas saiu finalmente a derradeira fração da tropa – o segundo lote de bois cargueiros com 13 animais, tocando-se quase ao mesmo tempo os 17 bois adestros. [...] Verificando pessoalmente a situação de todas as tropas e mandando descarregar um lote em meio do cerrado, para que os prejuízos fossem menores, retrocedi a Tapirapuã, acompanhado do médico da turma Dr. Fernando Soledade e do Ten Vieira de Mello, Cmt do Destacamento, combinando tudo de modo que ao clarear do dia seguinte pudéssemos marchar com todas as tropas e concentrá-las em Salto da Felicidade, ponto naturalmente eleito para 1° pouso [24 km de Tapirapuã].

23.01.1914: Assim aconteceu; às 05h30 do dia **23**, estava sendo arriado o meu animal de montaria e em seguida partia eu acompanhado do Dr. Soledade, deixando em Tapirapuã o Tenente Mello, que faria a retaguarda da coluna, para providências sobre o transporte, em carroça, de todas as cargas que fosse encontrando em caminho e que à beira da estrada seriam mandadas arrumar por mim.

Tais cargas aí colocadas indicariam não ter sido encontrado o animal cargueiro que as havia derrubado, na véspera. Às 07h00, chegamos ao pouso do lote de burros que na véspera fizera acampar no cerrado, e aí esperei pacientemente que terminassem os tropeiros os preparativos de marcha, assistindo ainda carregar os animais, enquanto o Dr. Soledade prosseguia viagem para o Salto da Felicidade, a meu conselho, para evitar que se impacientasse com a espera, pois que, seguindo o meu programa, eu não deixaria para trás tropa alguma e, custasse o que custasse, as levaria todas por diante até este Salto. Às 07h30, pus-me em marcha escoltando o lote agora reduzido a 8 animais, e, às 07h45, encontrei a carga de um dos cargueiros desaparecidos, mandando desmontar um dos tocadores para utilizar a sua montada como cargueiro e fazendo distribuir por alguns dobros ([19]) as diferentes peças de seu arreamento. Às 13h00, alcancei o "*Salto*" com as tropas de bois e de burros que vim arrebanhando pela estrada, começando pessoalmente a dirigir a passagem de todas elas e as cargas respectivas, para a outra margem [direita] do Sepotuba, utilizando a balsa aí existente. Durante esse tempo chegou de Tapirapuã o Tenente Mello e, às 16h55, tínhamos passado cargas e animais para o outro lado, dirigindo-nos então ao rancho em que acantonavam os demais membros da 2ª turma.

[...] Teríamos que agregar ao contingente mais um inferior e dez praças que se achavam em Aldeia Queimada, o que elevaria a 67 o número de indivíduos da minha turma; iríamos atravessar uma zona onde reinava o paludismo e estávamos também sujeitos, evidentemente, a todos os acidentes que se podem produzir no Sertão; não possuíamos nem farmacêutico, nem um prático que o substituísse;

[19] Dobros: Pequeno volume que se põe em cima da carga dos tropeiros.

finalmente, apesar da Expedição dispor de um outro médico que acompanhava a primeira turma, partíramos de Tapirapuã na convicção de que não tínhamos necessidade de pedir-lhe explicações sobre a utilização dos medicamentos mais essenciais. [...] Ainda nesse dia **23**, mandei carnear o primeiro boi para o pessoal da turma. Ao cair da tarde, chegou com o campeador um dos quatro cargueiros extraviados nessa primeira marcha; vinha em pelo esse animal e nem fora possível encontrar-se a cangalha e tão pouco a carga de gêneros que transportava.

Comuniquei à turma as disposições de marcha para o dia imediato e dei ordem ao pessoal da tropa para a partida o mais cedo possível, mandando que permanecessem no salto: um inferior, que aguardaria a volta do portador com a vossa resposta e levar-me-ia a última resolução dos demissionários após sua leitura, e um tocador da tropa de muares, incumbido de campear os três animais sumidos e marchar ao meu encontro. Nessa marcha inicial perdeu-se um boi cargueiro que estava extraviado e foi depois encontrado morto no cerrado, presumindo-se que tenha sido vitimado por mordedura de cobra, enquanto pastava.

24.01.1014: No dia **24** de janeiro, às 06h30, partia a tropa de bois, que foi cinematografada pelo Tenente Reis; às 09h40, saíram os nossos bois adestros e os de corte; às 09h55, partiu um para conduzir os petrechos de cozinha de última hora. Às 14h00, recebi em meu acampamento o Sr. Cel Roosevelt, seu filho Kermit Roosevelt, os naturalistas Miller e Cherrie, assim como os membros da Comissão brasileira destacados na primeira turma. Mandei armar as suas barracas em uma área já preparada por mim, defronte ao meu acampamento, onde permaneceram até o almoço do dia imediato.

Imagem 14 – Roosevelt e Rondon – café da manhã no Cerrado

Às 19h30, após o almoço, que fora distribuído uma hora antes, formou o pessoal e recebeu ordem de marcha com designação do pouso em "*Quilômetro Cinquenta*", partindo em seguida. [...] Fazendo a retaguarda geral, cheguei, às 18h30, ao "*Quilômetro Cinquenta*" em cujos ranchos fizemos o nosso segundo acantonamento. [...] Tendo conhecimento do grande "*Areal*" que separa o pouso do "*Quilometro Cinquenta*" do de "*Aldeia Queimada*", dei as providências necessárias, por intermédio do Ten Vieira de Mello, Cmt do Contingente, para que as Praças recebessem pela madrugada o almoço preparado e se pusessem em marcha imediatamente. Choveu muito durante esta travessia.

25.01.1014: Às 05h30 de **25,** partiu o nosso Contingente, depois da distribuição do café e do almoço preparado. À beira do fogo ficou o almoço dos oficiais para ser servido meia hora antes da partida da tropa de muares. Ainda para evitar o "*Areião*", à hora do Sol quente, partira à tarde a tropa de bois.

Às 08h50, almoçamos e em seguida tivemos a decepção de saber que faltavam quatro burros, dos quais dois eram dos de sela. Às 09h30, foram encontrados três animais e mandei deixar encostado aí um deles que, por doente, estava evidentemente frouxo, em condições de não poder seguir viagem. Parti à retaguarda do último lote de burros, ao meio dia, depois de ter-me assegurado pessoalmente de que não faltava nenhum dos nossos bois; a meio do caminho fiz seguir o Tenente Mello para a frente e aguardei a passagem da tropa de bois. Após o almoço, seguiu o Sr. Coronel Roosevelt com sua comitiva para o Rio da dúvida, em cuja margem direita acampou. Às 16h55 o corneteiro do meu acampamento deu o sinal de Comandante do 5° Batalhão de Engenharia, anunciando a vossa chegada ao meu acampamento, de onde parti convosco para o acampamento do Rio da Dúvida, aí pernoitando por necessidade do serviço [...]. Entre as 16h00 e 17h30 trovejou e choveu copiosamente.

Às 21h30, com uma das mais escuras noites que tenho visto no Sertão, alcancei "*Aldeia Queimada*" com a cauda da coluna e a corneta quebrou em seguida o silêncio com os toques de rancho para oficiais e rancho para as praças. Acantonamos em uma esplêndida casa que a Comissão de linhas telegráficas tem aí construída, acantonando também o pessoal da turma nas outras casas existentes.

26.01.1914: Ao amanhecer de **26** mandei ler as ordens do dia da Expedição a todo o contingente que acompanhava a turma até aí e ao qual se agregou o destacamento de dez praças e um inferior que aí aguardavam nossa passagem. Sabendo, por informações, que "*Aldeia Queimada*" tem mau encosto para as tropas, adotei medidas de previdência e, da vigilância exercida resultou, felizmente, que, ao clarear do dia, no pouso, pouco trabalho tiveram os

campeadores para reunir todos os animais, dos quais deixei aí um burro frouxo, tendo afrouxado também em caminho [em aparição] um outro muar. Sendo curta a distância de Aldeia Queimada ao Rio verde, onde iríamos pousar, mandei *"rodear o gado"* ([20]) todo no pasto, recolhendo-o para arrear ao cair da tarde. Às 13h30, parti e às 18h30 cheguei com o último cargueiro ao Rio verde, onde pela vez primeira a turma armou suas barracas-toldo.

27.01.1914: no dia **27**, às 07h30, levantei acampamento da cabeceira do Sete de Setembro e fiz um grande alto, no Rio da Dúvida, onde assistimos a vossa partida com a turma de exploração desse Rio, sob a chefia de honra do Sr. Coronel Roosevelt, partida realizada às 12h00.

29.01.1914 a 05.02.1914: Como sabeis, de **29** de janeiro a **05** de fevereiro, marchei diariamente, acampando sete vezes para dormir, a última das quais à margem direita do Ribeirão das Aldeias. Para alcançar este último pouso, foi preciso que eu permanecesse em pessoa no acampamento anterior [Gralhão] até 19h45, hora em que iniciei a marcha para a frente, deixando, apesar disso, três animais perdidos e em seu encalço dois tocadores, pois que, ao toque de desarmar barracas, quando já se preparava o contingente para marchar, faltavam ainda 17 animais da tropa!

06.02.1914: Desta maneira alcancei o novo acampamento, pela madrugada do dia **06** de fevereiro [01h20], debaixo de forte aguaceiro, sendo

---

[20] Rodear o gado: fazer com que o rebanho circule em determinada área com a finalidade de assentar o pasto e o mato.

obrigado a deixar várias cargas para trás durante o meu trajeto. De tal modo ficou desorganizado o serviço de transporte que tive de ceder à imposição das circunstâncias, permanecendo um dia no mesmo acampamento, e realizando dessa forma o ideal dos tropeiros que é de quando em vez "*falhar*" um dia para descansar.

Fiz, entretanto, seguir a tropa de bois e os bois adestros para Juruena, com ordem de regressar no dia seguinte e conduzir o excesso de cargas produzido pelo afrouxamento de dez muares na marcha de Gralhão a Ribeirão das Aldeias e neste último lugar, além do desaparecimento de dois muares em Gralhão e dois bois no citado Ribeirão, perfazendo um total de 14 animais cargueiros fora de combate. [...]

A partir de Juruena teríamos, pois, conforme as vossas ordens, além da responsabilidade de dirigir uma turma, mais a de consertar as pontes, pontilhões e estivados, sem prejuízo da nossa marcha. À dedicada colaboração do Tenente Vieira de Mello Filho eu devo o ter conseguido alcançar esse duplo objetivo.

Para a execução do serviço que agora nos incumbia, estabeleci a divisão do contingente em duas turmas, cada qual dispondo de um inferior, revezando-se diariamente o pessoal no trabalho que competia a cada turma, sem prejudicar a escala mantida desde a marcha inicial, de uma escolta à retaguarda do mesmo contingente.

A escolta compunha-se de um inferior e duas praças, cujo objetivo era compelir os retardatários a completar a marcha sob sua vigilância. Uma das turmas [a maior] era a do preparo da estrada, sob a direção imediata do Tenente Mello e a outra, a do preparo do acampamento.

Funeral de Tropas II
(Moacir D'Ávila Severo)

A tropa aponta na ponta da estrada
Maleva que leva ao Juízo Final.
Ergue-se à poeira, parda bandeira,
Em cerimônia a um funeral.
O berro do boi, o grito do homem,
O assovio do vento no fio do alambrado,
São fundos que marcam a última viagem
De vidas-passagens, destinos traçados.
E o grito de "Eira"
Ecoando no espaço
Ao lerdo expressa
Mais pressa no passo.
Toda esta tropa se ajunta com a junta
De bois mansos: Pintado e Pitanga,
Do ventre ajoujados ([21]) num mesmo fadário,
De viver e morrer parceiros de canga.
Caminham em silêncio, têm mais experiência,
Pela convivência com o homem-patrão.
Querem mostrar aos que berram em protesto
Que perdão é bom gesto se a morte é razão.
E o grito de "Eira"
Que ouviam na canga
Ora é grito sentença
Ao Pintado e ao Pitanga.
Outras tropas virão nesta estrada,
Soldados sem armas à luta fatal.
Tombarão como heróis trocando suas vidas
Pela fome do homem em mais um funeral.

---

[21] Ajoujados: atrelados.

Anjo da Ventura

Imagem 15 – Anjo da Ventura

Em 1914, São Luís de Cáceres recebeu a visita do Ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, que participava da Expedição Roosevelt-Rondon. Conta-se que ele ficou encantado com o comércio daqui, pousou ([22]) duas noites lá no "Ao Anjo da Ventura", da família do Zé Dulce que também era dona do vapor Etrúria. (PINHEIRO JR)

Quando passamos por Cáceres, em 2015, uma obra de arte chamou minha atenção, a formosa escultura, de 150 kg de antimônio, que encimava um antigo estabelecimento comercial "*Ao Anjo da Ventura*" inaugurado na última década do século XVII. Infelizmente o mau estado de conservação e a descaracterização da antiga construção em que se destacava a porta principal, de esquina, em arco ostentando uma artística ferragem, ladeada por duas colunas coroadas com harmoniosos capitéis. As demais portas eram ornadas com arcos em baixo relevo e vidros coloridos fixos na parte superior das portas e vasos sobre as platibandas de balaústres.

---

[22] Residência do Tenente Lyra e Sr.ª Thereza Dulce Lyra (filha do José Dulce).

Relatam os professores Acir Fonseca Montecchi e Inêz Aparecida Deliberaes Montecchi no artigo "*Anjo da Ventura: a Cidade e o Espelho*":

> A escultura batizada pelo nome de "*Anjo da Ventura*" pelo que as fontes indicam, foi trazida para São Luiz de Cáceres no ano de 1890, por José Dulce. Nascido em 1847, em Gênova na Itália, aos dezenove anos desembarca em Buenos Aires, Argentina, trabalhando inicialmente no comércio, para em seguida iniciar atividade de comerciante ambulante. O advento da Guerra do Paraguai demarcou sua atividade comercial itinerante. Seguindo as tropas em combate, fazendo-se presente nos acampamentos militares, mascateando mercadorias, teve uma rápida passagem por Corumbá, chegando a Vila Maria do Paraguai em 1871, após o término do conflito bélico. Nesta localidade, instalou-se comercialmente, constituiu família, conquistou poder político, acumulou um grande patrimônio e morreu em 1921.
>
> Após a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, observa-se a presença de imigrantes no controle do capital mercantil no Brasil e na região do Rio da Prata, exercendo forte influência em Mato Grosso. O desenvolvimento capital mercantil está ligado ao desenvolvimento da indústria na Europa, na segunda metade do século XIX, ao desenvolvimento dos transportes e à necessidade de novos mercados consumidores e novas fontes de matérias primas. Aquilo que conhecemos hoje como mercado mundial está, nesse momento, sendo formado. Os comerciantes e suas casas comerciais eram postos de distribuição de mercadorias produzidas pelas indústrias e, simultaneamente, compradores de matéria-prima para a indústria, para a indústria europeia [e americana, mais à frente] que eram a outra ponta do sistema.

Imagem 16 – Ao Anjo da Ventura

Em 1871 José Dulce e o também italiano Leopoldo Lívio D'Ambrósio fundam a firma comercial José Dulce & Vilanova, instalando-se na Rua de Baixo, hoje Mal. Deodoro [...].

Em 1890, já consolidada, a empresa inaugura a sua sede comercial na confluência da Travessa da Cadeia com a Rua Augusta, hoje, Ruas Comandante Balduíno e Coronel José Dulce, funcionando como agência de crédito e financeira na medida em que era preposto do Banco do Brasil. Após alguns anos de funcionamento da empresa comercial, José Dulce compra a parte de Leopoldo D'Ambrósio, passa a ser o único proprietário do estabelecimento e de outros ramos de atividade produtiva e de transporte de passageiros e cargas.

Dentre suas propriedades destacavam-se mais de 70.000, [setenta mil] alqueires de terras na região e o vapor Etrúria, que se tornou um ícone do transporte de passageiros e cargas [...].

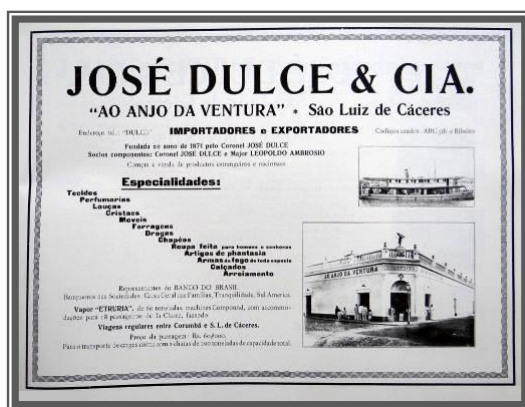



Imagem 17 – José Dulce e Cia

É desse cenário que emerge a escultura. Existem fortes indícios de que tenha sido encomendada a um artista italiano ainda, por nós, desconhecido. Uma vez em Cáceres, a obra de arte foi colocada no alto da platibanda de balaústre do imponente prédio neoclássico que abriga a casa comercial identificada pelo nome fantasia "*Ao Anjo da Ventura*".

Descrição Iconográfica

Enquanto motivos, temos nessa escultura uma figura feminina alada, em pé, apoiando o pé esquerdo sobre um globo, com a perna direita levemente flexionada para trás. Em sua mão esquerda, outro objeto esférico tendo como detalhes, estrelas incrustadas. Na mão direita, um cetro ou bastão ornamentado com detalhes cônicos e uma estrela em sua extremidade. Seus cabelos ondulados estão presos, as asas afastadas para trás. Uma túnica drapeada, colada, desenha os contornos do seu corpo que, levantada pelo vento, lhe descobre a perna direita até a altura da coxa o que provoca no observador uma ideia de movimento. A posição da cabeça suavemente levantada em direção ao céu dá a sensação de que a escultura vai alçar voo em direção ao Norte. (MONTECCHI & MONTECCHI)

Imagem 18 – Ilha da Amizade

Imagem 19 – Dr. Marc e o Alemão no Rio Tenente Lyra

Imagem 20 – Sr. Eduardo Ramos e sua comitiva – Tapirapuã

Imagem 21 – Formatura Matinal – Pesqueiro do Lídio

Tapirapuã – Aldeia Jatobá

Não estranhes se, às vezes, sentires que os animais estão mais apegados a ti do que teus semelhantes. Eles também são teus irmãos. (Francisco de Assis)

Tapirapuã – Pesqueiro do Lídio (26.10.2015)

Partimos de Tapirapuã, margem esquerda do Rio Tenente Lyra, às 09h55 montados em nossos muares, dando início a uma jornada bastante diferente da navegação dos 194 km que percorrêramos desde Cáceres pelos Rios Paraguai e Tenente Lyra e muito mais humana já que em vez do ruído e poluição provocados pelos motores de popa nos deslocaríamos no dorso de animais. O ritual, que se repetiria no início da manhã e da tarde das duas semanas seguintes, consistia em colocar os animais em forma orientados pelo cavalinho polaqueiro e pelo "*Boi*" – Chefe da Comitiva de muares. O "*Boi*" colocava o freio e o buçal nos animais e nos entregava os mesmos para que os arreássemos. Fazíamos rodízio dos animais substituindo a montaria usada na parte da manhã por uma descansada à tarde, de manhã eu montava a Bolita e à tarde o Roxinho.

Logo depois de partirmos de Tapirapuã, adentramos na MT-339. A comitiva seguia tranquilamente pela estrada de chão quando surgiu um pequeno contratempo provocado por um garanhão negro que provavelmente encantado com a formosura das mulas pulou uma cerca elétrica tumultuando o andamento da comitiva. O imprevisto foi sanado graças à intervenção rápida e um tiro de laço certeiro de nosso amigo "*Boi*". O fogoso corcel fujão foi levado, então, de volta ao cercado e continuamos nossa jornada.

Fizemos duas paradas para descanso, uma por volta do meio-dia no Sr. Valdomiro (14°45’13,2” S / 57°46’07,8” O) e outra às 16h00. Entre a primeira e segunda parada desmontei e puxei o Roxinho pelo cabresto com o intuito de descansar as pernas durante uma hora. Na última parada paramos em um bar (14°44’49,8” S / 57°46’08,6” O) para beber um refrigerante gelado – o calor era insuportável. Logo em seguida, adentramos na MT-426 e depois de cavalgarmos por quarenta minutos caiu uma chuva torrencial forçando-nos a fazer uso das capas de chuva.

A velha capa de lona dura que estava na garupa do Roxinho estava suja de sangue e fedia demais. Bastante contrariado usei-a não com o objetivo de me proteger da chuva, mas para preservar os arreios e os pelegos. Chegamos ao Pesqueiro do Lídio (14°42’14,3” S / 57°49’24,3” O) localizado na margem esquerda do Rio Tenente Lyra depois de cavalgarmos 24 km. As mulas foram soltas em um terreno cercado e com muito capim. Para nós, infelizmente, foi disponibilizado apenas um celeiro cheio de sacas de milho sobre os quais dormimos.

Relatos Pretéritos

21.01.1914

Rondon

> Por fim, às 13h00 do dia **21** de janeiro, dada a ordem, os que constituíamos a primeira turma da Expedição, cavalgávamos as nossas montarias e partíamos de Tapirapuã, em direção ao lugar denominado Salto, ainda no Rio Sepotuba. Aí chegamos às 16h00, depois de um percurso de 27 quilômetros; armamos o nosso acampamento e

provamos as primeiras sensações da vida errante e incerta dos sertanistas, tão trabalhosa e cheia de imprevisto, tão exigente do iniciativas prontas e enérgicas, tão incompatível com o esmorecimento da vontade e da coragem e tão oposta às comodidades, à calma e à regularidade da nossa vida civilizada, que se tem de escoar, plácida e aconchegada, entre diques protetores de todas as fragilidades, para poder desabrochar na florescência exuberante e bela da poesia, da ciência e da indústria. (RONDON)

Magalhães

No dia **21** pela manhã partiu a tropa de 54 burros que conduziria as cargas da 1ª turma sob a chefia de honra do Sr. Coronel Roosevelt. Às 13h00, partia o pessoal técnico da 1ª turma ao qual acompanhei até meia légua de distância, retrocedendo então a Tapirapuã, depois de apresentar as minhas despedidas à Comissão Americana e demais membros componentes da primeira turma. (MAGALHÃES, 1916)

Roosevelt

Em Tapirapuã dividimos a bagagem e a nossa comitiva. Mandamos à frente, num carro puxado por seis bois, a canoa canadense, com seu motor e algumas caixas de gasolina e cem latas fechadas, cada uma com rações diárias para seis homens.

Tinham sido arranjadas em Nova York, sob a direção especial de Fiala, para serem utilizadas quando chegássemos a lugar onde quiséssemos ter alimento variado e bom, em volume reduzido. Todas as peles, crânios e espécimes em álcool, assim como toda a bagagem que não era de absoluta necessidade, foram remetidas pelo Rio Paraguai abaixo, para Nova York, aos cuidados de Harper.

A tropa cargueira, sob a direção do Capitão Amílcar, fora organizada para seguir formando um destacamento separado. O grosso da Expedição, composto pelos membros americanos, Coronel Rondon, Tenente Lyra e Dr. Cajazeiras, com a bagagem de todos e com provisões, formava outro destacamento. [...] A partir de Tapirapuã nosso percurso se dirigia para o Norte, subindo e atravessando o planalto deserto do Brasil. Das fraldas desta zona elevada, que é geologicamente muito antiga, defluem para o Norte os tributários do Amazonas, e os do Prata para o Sul, fazendo imensos volteios e desvios sem conta. Dois dias antes de nossa partida, as bestas de carga com muitos bois de carga seguiram levando as provisões, ferramentas e outras coisas de que não iríamos necessitar antes de um mês ou mês e meio, quando iniciássemos a descida para o Vale do Amazonas.

Eram cerca de 70 bois, muitos deles bem mansos, mas havia cerca de uma dúzia deles inteiramente bravios ou rebeldes. Com muita dificuldade era a carga colocada neles, que corcoveavam como cavalos selvagens. Seguidamente esparramavam as cargas pelo curral ou no começo da estrada. Os tropeiros, porém, de pele cor de cobre, pretos e mulatos, não só eram senhores de seu ofício, como de têmpera inalterável; quando mostravam severidade, era por ser necessário mostrá-la, mas não porque estivessem zangados. Finalmente conseguiram carregar todos os chifrudos animais e com eles ganharam a picada.

Á **21** de janeiro, partíamos nós com a tropa de bestas de carga. É claro que, como sempre acontece em tais jornadas, houve certa confusão até que os tropeiros e os animais de carga se adaptassem à sua tarefa rotineira. Além das bestas de carga, levávamos bestas de sela para todos nós.

> No primeiro dia viajamos 22 km, e, atravessando então o Sepotuba, acampamos junto a ele, abaixo de uma série de corredeiras. (ROOSEVELT)

Pesqueiro do Lídio – São Jorge (27.10.2015)

Partimos às 08h20, depois da formatura matinal da comitiva. A cavalgada pela manhã transcorria sem alteração até que uma das mulas começou a apresentar sinais de estar sofrendo fortes cólicas – estancando e rolando constantemente. O animal deve ter comido alguma erva para ela desconhecida e agora padecia de indigestão. No dia seguinte, felizmente já havia se recuperado do mal-estar.

Fizemos, por volta das 12h00, uma parada no sítio da simpática família do Sr. Ciro. Deitamos à sombra de um babaçu (Orbignya phalerata) de quase vinte metros de altura asfixiado cruelmente por uma figueira. O tronco estava tão tomado pela trepadeira que só me dei conta de que se tratava da elegante palmeira depois de verificar uma grande quantidade de seus característicos cocos espalhados pelo chão. A maioria dos exemplares que avistamos na região estava tomada pelas figueiras que Theodore Roosevelt, em 1914, descrevera magistralmente quando caçava na Fazenda Porto do Campo.

> Em um Capão, as figueiras estavam asfixiando as palmeiras assim como na África matam os pés de sândalo. À sombra desse Capão não havia flores nem arbustos. O ar era pesado, o solo escuro coberto de folhas secas. Cada palmeira servia de suporte a uma figueira que apresentava todos os estágios de desenvolvimento. As mais novas subiam pelos estípites ([23]) como simples trepadeiras.

---

[23] Estípites: caules das palmeiras.

> No estágio seguinte, a trepadeira já encorpada estendia seus rebentos, envolvendo o tronco em um amplexo mortal; alguns destes abraçavam-no como tentáculos de enorme polvo. Outros pareciam garras, cravadas em cada fenda, em torno de qualquer saliência. No estágio que a este se sucedia, a palmeira já fora morta e seu esqueleto sem vida aparecia entre os fortes braços da grossa trepadeira nela enroscada; afinal, em outros casos, a palmeira já desapareceu e as grossas hastes se uniram para formar uma grande figueira.
>
> Havia negros poços d'água aos pés das árvores mortas e de suas assassinas. Algo de sinistro e diabólico pairava na penumbra silenciosa do Capão, como se, naquele ermo, seres conscientes estivessem envolvendo e estrangulando outras criaturas conscientes. (ROOSEVELT)

Apuizeiro (Ficus fagifolia)

Navegando e me deixando navegar pelo Rio-mar, penetrando suas entranhas, Explorando Igarapés, Igapós, Lagos, Furos e Paranás, numa intimidade ancestral, colhi impressões, focalizei paisagens, e interpretei os fenômenos da prodigiosa natureza que me acalentava no seu ritmo telúrico. Mergulhado na hileia, vivenciei uma experiência singular, mista de encantamento, respeito e devoção. A selva guarda no seu seio imagens únicas de infinitos matizes.

Os gigantes da floresta, sisudos, imponentes irradiam sua secular sabedoria. Sua diversidade tem impressionado ingênuos cronistas nos últimos 500 anos e seus segredos vêm sendo desvendados pelos obstinados desbravadores e apaixonados naturalistas, extasiados diante de sua exuberância.

A imersão no útero da mãe terra estimula e amplia os sentidos mais sutis. Cada ente mineral, animal ou vegetal se transforma num catalisador desse processo mágico. Começamos a ter uma percepção maximizada e atemporal da realidade que nos envolve com o seu sagrado manto verde. Dentre as inúmeras formas que impressionaram minha retina e estimularam minha imaginação, uma delas marcou meu inconsciente não apenas por sua beleza, mas sobretudo pela energia e pela crueldade que se esconde por detrás de cada tentáculo do apuizeiro ([24]), que sufoca progressivamente a árvore hospedeira até matá-la. A descrição do autor Raymundo Moraes deste belo exemplar de fícus é a mais completa e a mais real que já tive, até hoje, a oportunidade de ler, por isso mesmo, repercuto alguns parágrafos:

> […] o apuizeiro, de tamanho reduzido, a brotar da entrecasca, da coroa, do nódulo, da forquilha, de qualquer parte enfim da árvore onde a terra, levada pelos alísios e pelos pássaros, tenha formado um pequenino vaso de madeira viva – assemelha-se a qualquer raminho inocente, obra ornamental e decorativa da jardinaria japonesa. Camuflado de arbusto, aparentemente fraco, sem a menor importância, o perigoso inimigo não deixa adivinhar a rijeza tremenda de suas antenas, a ação envolvente e compressora de seus fios maravilhosos, plásticos, estranguladores. […] como no caso bíblico, de David de Golias, aqui o mais forte não é o maior, mas o mais ágil, do que tem na funda belicosa a pedra pronta e certeira. E o pequeno apuizeiro, quando joga, pela força dos ventos, o bago da sua semente ao peito abroquelado dos colossos da mata, não revive somente as santas escrituras, sintetiza

[24] Apuizeiro: Ficus fagifolia.

> também a verdade científica do "*de natura rerum*" ([25]), vagamente surpreendida, antes dos naturalistas do século XX, pelo olho poético de Lucrécio ([26]). (MORAES)

Voltemos à nossa parada no sítio do Sr. Ciro. As pequeninas filhas do Sr. Ciro nos presentearam com saborosas mangas coração de boi. As frutas tinham pouca fibra, eram grandes e arredondadas, apresentavam uma casca de tonalidade vermelho escura e uma polpa tenra e aromática. A esposa do Ciro preparou-nos um delicioso almoço e o Ciro mostrou-se visivelmente indignado quando o Dr. Marc, parece que esquecido da natural generosa hospitalidade brasileira, ofereceu-lhe dinheiro em troca.

Depois de cavalgarmos vinte e cinco quilômetros, chegamos ao Distrito de São Jorge. Tentamos, sem sucesso, conseguir, com os moradores, um local cercado para as mulas e por fim resolvemos deixá-las nas proximidades do galpão paroquial que ficava atrás da Escola perto do "*redondo*" um local cercado ideal para abrigar os quatro burros fujões. Na secretaria da Escola a coordenadora Professora Ângela fez uma prece desejando sucesso à nossa empreitada. Por estes estranhos desígnios do destino, logo que desfizemos aquele simulacro de "*Cadeia de União*" ([27]) vimos

---

[25] "*De natura rerum*": sobre a natureza das coisas.

[26] Lucrécio: poeta e filósofo latino.

[27] Cadeia de União: os termos cadeia e prisão são sinônimos e, portanto, "*Cadeia de União*" quer dizer "*prisioneiros de um amor fraterno universal*", lembrando que os maçons encontram-se presos aos seus Irmãos na solidariedade do bem comum e do crescimento espiritual. Quando da formação da "*Cadeia de União*", o contato mental é instantâneo, o que quer dizer: nenhum "*elo*" permanecerá isolado e fora do todo, tendo essa formação mental e a Palavra Semestral o dom mágico de unir elos esparsos. (www.revistauniversomaconico.com.br)

aproximar-se do Portão de entrada do Colégio o Sargento Matheus YURI Vicente Cândido (Chefe da viatura) e o Soldado Paulo ÉDER Pereira Dias (motorista e cozinheiro) conduzindo a viatura Agrale Marruá do 2° B Fron. Acantonamos, eu o Angonese e o Dr. Marc, na Escola Estadual Ministro Portella Nunes (14°39’41,7” S / 57°56’42,1” O) e o restante do pessoal pernoitou no Galpão Paroquial, de olho nas mulas.

São Jorge – Aldeia Jatobá (28.10.2015)

Partimos por volta das 09h30, depois de participarmos de diversos eventos promovidos pelo Diretor da Escola Estadual Ministro Portella Nunes – Professor Antônio Carlos da Silva. A jornada, de 16 quilômetros, foi tranquila e chegamos à Aldeia Paresí Jatobá (14°36’04,0” S \ 58°02’00,5” O) por volta das 15h00. Uma hora antes de chegar à Aldeia eu havia desmontado e realizado o percurso final a pé. Na chegada conheci a Sr.ª Nair – Cacique da Aldeia Jatobá, com quem fiquei conversando demoradamente.

Permitam-me, mais uma vez, uma pequena divagação. Em 2004, eu adquirira o livro “*Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*”, de autoria do Padre João Daniel (1758-1776), e ficara extasiado com a riqueza de detalhes daquela verdadeira Enciclopédia Amazônica considerada, pelos aficionados, como a “*Bíblia Ecológica da Amazônia*”. Um texto, em especial, despertou minha atenção considerando que sou fascinado pelos mitos da criação dos povos indígenas:

> Entre os mais Rios e Ribeiras que recolhe o Tapajós é um o Rio Cupari, a pouca mais distância de três dias e meio de viagem da banda de Leste no alegre sítio chamado Santa Cruz; é célebre este Rio, mais que

> pelas suas riquezas, de muito cravo, por uma grande lapa feita, e talhada por modo de uma grande "*Igreja*", ou "*Templo*", que bem mostra foi obra de arte, ou prodígio da natureza. [...]
>
> A tradição, ou fábula, que de pais a filhos corre nos índios Mundurucu, é que ali moraram, e viveram nossos primeiros pais, de quem todos descendem, brancos e índios; porém que os índios descendem dos que se serviam pela porta, que corresponde às suas Aldeias, e que por isso saíram diferentes na cor aos brancos, que descendem dos que tinham saído pela porta correspondente à Foz, ou Boca do Rio. (DANIEL)

Barbosa Rodrigues, Tocantins e Henri Coudreau mencionam nos seus relatos, sobre a Cosmogonia Mundurucu, uma certa Maloca Acupari (Cupari) e a raças que se originaram de suas cavernas ou fendas.

> Um dia, diz a lenda Mundurucu, os homens apareceram sobre a terra. Ora, os primeiros homens que os animais das florestas viram por entre as selvas e as savanas foram os que fundaram a Maloca de Acupari. Certo dia, entre os homens da Maloca de Acupari, surgiu Caru-Sacaebê, o Grande Ser. [...]
>
> Em seguida, olhando para as plumas que plantara em redor da Aldeia, ergueu a mão de um horizonte a horizonte e à este apelo, moveram-se as montanhas, e o terreno da antiga Maloca transformou-se numa enorme caverna.
>
> [...] bateu com o pé no chão e uma larga fenda se abriu. O velho Caru dela tirou um casal de cada raça: um de Mundurucu, um de índios [porque os Mundurucu não pertencem à mesma raça que os índios, mas são de uma essência superior], um casal de brancos e um de negros. (COUDREAU)

Depois de uma incursão fluvial e duas terrestres consegui finalmente, reconhecer e georeferenciar, aquele local como o Berço da Humanidade reportado pelo povo Mundurucu. Baseado em sutis relatos de mais de dois séculos do Padre João Daniel e pretéritas lendas Mundurucu consegui identificar, em primeira mão, um sítio que embora fosse conhecido pelos habitantes locais não era relacionado como o famoso e decantado Berço da Humanidade. O Padre e pesquisador Sidney Canto, que tinha participado de nossa malsucedida empreitada fluvial rumo ao Berço da Humanidade, emocionou-se muito chegando a verter lágrimas quando tomou conhecimento de nosso achado.

Voltemos agora à Aldeia Jatobá, onde a Cacique Nair fez um breve relato do Mito da Criação Paresí:

> Nos tempos pretéritos só existiam Enorê ([28]) e um casal de filhos. Um dia, quando os filhos tinham ido buscar água, ouviram um estranho rumor e sentiram a terra tremer. O ruído vinha de uma pequena fenda em uma rocha próxima a uma ponte natural de pedra sobre o Rio Sucuruiná, um dos afluentes do Rio do Sangue ([29]).
>
> Apenas um Paresí tinha saído, até então, da fenda e dançava embalado pelo som de flautas sagradas ([30]), só depois de um beija-flor entrar pelo buraco e afirmar ser o mundo exterior muito bonito e agradável que Wazáre – o herói mítico ([31]), determinou aos animais que aumentassem o buraco permitindo a saída de todos.

---

[28] Enorê: divindade máxima.

[29] Rio do Sangue: Timalatiá, em Paresí, os índios o chamavam de Sacre, já que tinham dificuldade de verbalizar a palavra Sangue.

[30] Flautas sagradas: jararacas

[31] Herói ou heroína mítica.

Wazáre apresentou ao povo Paresí o novo mundo ensinando-lhes a arte da caça, da pesca e a identificar plantas e frutos comestíveis. Wazáre foi, também, quem batizou os corpos celestiais, os acidentes naturais e os elementos da fauna e da flora. Wazáre, depois de todas estas obras, realizou uma grande festa na qual apresentou aos Paresí um agradável jogo chamado o Xikunahity ([32]) em que os atletas usam uma bola manufaturada com o látex de mangaba. (CACIQUE NAIR)

Outra característica marcante dos Paresí é o xikunahity, um jogo disputado pelos homens, que consiste em arremessar a bola de mangaba com um golpe de cabeça. É bem parecido com o futebol, porém a bola não pode ser tocada por outra parte do corpo a não ser pela cabeça. (FIGUEIREDO)

Bola de Mangaba e o Xikunahity

Rondon

Já em 1911, nas conferencias públicas que realizei no Palácio Monroe, sob os auspícios da Sociedade de Geografia, eu me referi a este jogo, a que os Paresí dão o nome de "*Matianá-Ariti*", e indiquei o processo de que usam para fabricar a bola, com o látex da mangabeira. Agora o Sr. Roosevelt referindo-se a ele sob o título inglês "*head ball*", e descrevendo-o no seu livro "*Through the Brazilian Wilderness*", confirma a opinião, que expendi em 1911, de ser o "*Matianá-Ariti*" uma instituição autóctone desta tribo e acrescenta nunca ter ouvido, ou lido, nada que desse a entender haver prática idêntica em qualquer outro povo do mundo. No que respeita a esta última parte, posso informar que os Nambiquaras e os Kepi-kiri-uats também o conhecem e com ele se divertem.

[32] Xikunahity: Head-Boll, por Roosevelt ou Cabeçabol pelos locais.

No entanto, como o jogam com menos gosto e muito menos habilidade do que os Paresí, continuo a supor serem estes os seus verdadeiros inventores; os outros o terão adotado por imitação, aliás muito fácil de explicar-se, visto a contiguidade dos territórios dessas três nações indígenas. (RONDON)

Roosevelt

Pois o caso é que esses índios Paresí jogam animadamente "*futebol*" com a cabeça. O jogo é exclusivamente deles, pois nunca ouvi ou li que fosse usado por outra tribo ou povo. Usam uma bola oca e leve, de borracha, por eles mesmo fabricada. É esférica, com cerca de 30 centímetros de diâmetro.

Os jogadores formam dois partidos, colocados de modo semelhante aos do "*rugby*" e a bola é colocada no solo, ao ser iniciado o jogo, como no futebol. Então um jogador se adianta a correr, atira-se de barriga ao solo e com uma cabeçada atira a bola para o outro grupo. Esta primeira batida, quando a bola está no solo, nunca a levanta muito, e ela rola e pula para o lado dos contrários. Um destes corre para a bola e, com uma marrada, devolve-a aos da parte adversa. Em geral esta segunda cabeçada levanta a bola, e ela volta em curva alta em pleno ar; um jogador do lado oposto então corre e apara a bola com tal impulso do pescoço musculoso, e tal precisão de destreza, que ela volta para o outro lado como a de couro quando é chutada muito alta.

Se a bola vai para um lado, é trazida de novo e recomeça o jogo. Muitas vezes é rebatida de um para outro campo uma dúzia de vezes, até que seja impelida tão alto que passe sobre as cabeças dos adversários, caindo atrás deles. Ouve-se então a gritaria de alegre triunfo dos vencedores e o jogo recomeça com renovado prazer.

> É claro que não existem regras como num clássico jogo de bola dos nossos, mas não vi desavenças. Os jogadores podem ser oito ou dez, ou maior número, de cada lado. A bola não pode ser tocada com as mãos ou os pés, ou qualquer coisa, exceto o alto da cabeça. É difícil saber o que seja mais digno de admiração, se o vigor e destreza com que a bola é devolvida, quando vem alta, ou a rapidez e agilidade com que o jogador se projeta de cabeça no solo para rebater a bola que vem baixa. Não posso compreender como não esborracham o nariz. Alguns jogadores dificilmente falhavam a cabeçada para devolver a bola que chegava a seu alcance, e com forte impulso ela voava, numa grande curva, em distância realmente de admirar. (ROOSEVELT)

Mito da Criação Paresí

O mito da criação colhido por pesquisadores ao longo dos séculos apresentam, porém, diferentes versões. A tradição oral foi, sem dúvida, contaminada ao longo dos tempos por lendas de outras etnias, pela fé cristã, e pela dinâmica imaginação de seus protagonistas. Karl Von Den Steinen, médico e antropólogo alemão, pesquisador da Universidade de Berlim, na sua obra "*Entre os Aborígenes do Brasil Central*", ao explorar a região no final do século XIX, fez o seguinte comentário sobre a Cosmogonia Paresí:

> O primeiro ser chamava-se Uazalê ([33]) uma mulher sem marido. Embora se desconheça sua origem, sabe-se que era uma rocha com a forma humana. Naqueles remotos tempos não havia mananciais hídricos nem terra até que certo dia Uazalê tomou um pedaço de madeira e introduziu-o na vagina, dando origem a um Rio de águas muito barrentas –

[33] Uazalê: Vazalé, Wazáre ou Uazaré

> Rio Cuiabá, em seguida, mais adiante, surgiu um Rio de águas muito claras – Rio Parésí. Daí em diante foram surgindo todas as demais coisas no mundo – outros Rios, Lagos, terras, elementos da flora, da fauna e os seres humanos. (DEN STEINEN)

Os fragmentos míticos sobre a origem da humanidade Paresí colhidos pelo médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto durante a Viagem Científica da Comissão Rondon à Serra do Norte, de julho a setembro de 1912, merecem um destaque especial que repercutiremos no capítulo que se segue.

Vejamos o que nos reporta o Major José de Lima Figueiredo, oficial do Exército que participou de várias expedições comandadas por Rondon, na sua obra "*Índios do Brasil*", e do Professor Ivânio Zekezokemae em seu TCC, que apresenta versão diversa da apresentada pelo etnólogo alemão. Relata-nos o Major José de Lima Figueiredo a origem Paresí:

> Lendas da Gênesis do Homem – O Sucuruiná, afluente do Rio do Sangue, é um dos tributários do Juruena que com o Teles Pires formam o caudaloso e majestoso Tapajós de águas azuladas. O ponto onde o picadão da Linha Telegráfica corta o Rio citado é conhecido por Ponte de Pedras.
>
> De fato há ali uma obra d'arte construída pelo Sublime Artista. O Rio exercendo o trabalho erosivo cavou na rocha artística arcada que, à guisa de ponte, abarca as duas margens do curso d'água. Em Ponte de Pedras os autóctones localizaram o cenário onde Enorê criou o homem. Pela sua bela lenda se depreende que Enorê cortou um tronco, deu-lhe a feição humana e plantou-o no sombrio solo da floresta, metamorfoseando-o em homem com o auxílio de uma varinha com a qual ele batia no lenho.

Imagem 22 – Ponte de Pedra, Campo Novo do Paresí, MT

Para que o homem não vivesse triste, pelo mesmo processo Enorê fez o Sublime Ser que todos adoram seja qual for a raça: a mulher. Deste casal inicial nasceram dois casais gêmeos: Zaloiá, homem, Hohólailê, mulher; Kamaiarê e Uhainariaú.

Um dia Enorê chamou o primogênito Zaloiá e, num feixe luminoso projetado do céu, ele fez exibir uma casa de pedra, uma espingarda, um boi e um cavalo. Mudou o écran ([34]) para outra direção e mostrou-lhe: um vastíssimo campo onde o veado e a ema experimentavam a velocidade de suas pernas; uma casinha de palha, o arco e as flechas. Dirigindo-se ao filho do Adão indígena indagou:

- Qual preferes? A casa de pedra ou a de palha? Zaloiá preferiu viver no prado, morando na sua choça de palha, onde descansaria das fadigas adquiridas na caça. Achou a espingarda muito pesada e não aceitou o boi e o cavalo, por sujarem muito o terreiro.

O que Zaloiá rejeitou, Enorê deu a Kainaihorê, seu irmão, dizendo-lhe:

- "*Tu serás branco*".

E levou-o para as nascentes do Jauru. Assim explicam os indígenas Paresí a formação das raças. (FIGUEIREDO)

[34] Écran: ecrã – quadro.

O Cacique Ivânio Zekezokemae, Presidente da Associação Halitinã, faz-nos um belo relato:

> Deus vivia no mundo, apenas com dois filhos: Zokozokero e Emazahare. Deus mandou seus filhos para buscarem água no Rio. Quando os filhos de Deus chegaram no Rio, ouviram um barulho tremendo e ficaram com medo. E foram embora correndo. Não conseguiram pegar água. Quando chegaram na casa, o pai deles Deus lhe perguntou:
>
> – Por que não trouxeram água?
>
> Aí responderam dizendo:
>
> – Ouvimos um barulho tremendo ficamos assustados de medo, por isso! Não existem outras gentes que vivem no mundo! Apenas somos nós que estamos vivendo no mundo.
>
> Deus foi ouvir o barulho, aí acreditou que era verdade mesmo. Então, bateu na rocha e rachou. Daí as pessoas que estavam morando embaixo ele deixou desmaiadas. Aí sentiu que era uma multidão de inocentes. Deus as deixou e foi embora para casa.
>
> Após isso, um passarinho saiu do buraquinho para fora. E viu um mundo muito lindo! Cheio de flores mais cheirosas e levou as flores para mostrar para as pessoas. O passarinho voltou para embaixo da rocha e ficou muito triste. Então, perguntaram-lhe por que estava tão triste.
>
> – Conheci o mundo lindo, cheio de flores perfumadas. Portanto, gostaria que nós saíssemos daqui do fundo.
>
> O grande líder, o homem da sabedoria, não acreditou e disse:
>
> – Eu tenho a sabedoria, imagino todas as coisas e nunca vi esse mundo que você conheceu.
>
> O passarinho insistiu dizendo:

– É verdade! Aqui estão as flores que tenho trazido de lá!

O Grande Líder mandou o pica-pau abrir mais o buraco para que pudessem sair. E assim começaram a caminhar por toda a região que os Paresí ocupam, colocando os nomes de Rios, lagos, cabeceiras, localidades e nomes de animais. Fizeram os limites de cada espaço. Cada grupo Paresí: Waimare, Kaxiniti, Kozarini e Enomaniyere, sabe e conhece cada limite de seu território. O nome do grande líder é Kamayhiye e Wamahaliti. O local de onde os grupos de Paresí saíram é Ponte de Pedra, região do Campo Novo do Paresí. (ZEKEZOKEMAE)

Pena que a exiguidade do tempo, mais uma vez, não nos permitisse reconhecer o importante sítio da Ponte de Pedras. Mais tarde, depois do almoço, guiados pelo Márcio Carlos – um simpático funcionário da FUNAI, fomos conhecer uma formosa nascente que brota de uma bela gruta que abastece uma das Aldeias através de uma roda d'água.

O Leão Enfermo I
(Múcio Teixeira)

À semelhança dos Heróis antigos
De que rezam as lendas gloriosas,
Que tombavam nos braços dos amigos,
Contemplando com vistas dolorosas
As montanhas, o espaço, a natureza,
– Tudo cheio de nuvens de tristeza –
E o Oceano – a lutar eternamente...
E o Sol, que é sempre o Sol, mesmo no poente! [...]

Imagem 23 – Cavalgada para o Distrito de São Jorge

Imagem 24 – Babaçu asfixiado cruelmente por uma figueira

Imagem 25 – Maloca Grande da Aldeia Paresí Jatobá

Imagem 26 – Sr.ª Nair – Cacique da Aldeia Jatobá

Roquette-Pinto e os Paresí

Os índios Paresí que ali encontramos pareceram muitíssimo interessantes. Eram na aparência um povo de inusitada alegria, bom humor e índole branda. [...] O Coronel foi recebido como um grande amigo estimado e um Chefe digno de obediência e respeito. (ROOSEVELT)

Nosso contato com os amigos Paresí foi o mais agradável possível. Fomos recebidos com extrema cortesia e invariavelmente cada Cacique nos recebeu formal e devidamente paramentado e nós, em contrapartida, ritualisticamente apresentávamos à comunidade os objetivos da nossa Expedição. A hospitalidade desinteressada dos Paresí fez-me lembrar de meus queridos amigos Tikuna do Alto Solimões, nenhuma taxa ou pedágio foi cobrada quando passamos por suas terras ou ocupamos suas moradas mostrando a altivez de um povo que preserva sua identidade, cultua valores perenes e respeita hoje, como ontem, a figura lendária do Marechal da Paz.

O trabalho do grande antropólogo brasileiro Edgard Roquette-Pinto deveria dispensar apresentações, mas como infelizmente a grande maioria dos brasileiros prefere ler o que reportam os antropólogos estrangeiros a respeito de nossos íncolas façamos uma breve consideração sobre o mesmo. Vejamos, por exemplo, os comentários que Gilberto Freyre faz respeito do livro "*Rondônia*" em que Freyre, reconhecidamente um crítico mordaz no julgamento das teses seus colegas, enaltece a exuberante escrita de "*Rondônia*" e a "*segura base científica*" de Roquette. Igualmente no seu livro "*Ordem e Progresso*", Gilberto Freyre fez treze citações elogiosas ao trabalho do autor de "*Rondônia*".

Em 1946, a "*Rádio 94 FM, a Rádio do Rio – 94,1*", do Rio de Janeiro, passou a denominar-se Rádio Roquette-Pinto, homenageando seu fundador e idealizador.

No site desta mesma Rádio encontramos a seguinte sinopse a respeito do ilustre brasileiro:

> Médico, antropólogo e educador brasileiro, filho de Manuel Menélio Pinto e Josefina Roquette-Pinto Carneiro de Mendonça, nascido no Rio de Janeiro, no Bairro de Botafogo, em 25.09.1884, Roquette-Pinto foi o precursor da radiodifusão brasileira, sempre com o objetivo de difundir cultura e educação. Graduou-se em Medicina, com especialização em Medicina Geral, mas logo rumou para a Antropologia, sendo nomeado Professor assistente de Antropologia do Museu Histórico Nacional em 1906.
>
> Conheceu então uma das figuras mais marcantes para sua biografia e para a História do Brasil, o Tenente Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Roquette-Pinto acompanhou Rondon em uma de suas expedições à Serra do Norte, tendo contato com os índios Nambiquaras e pioneiramente filmando uma civilização que ainda vivia na pré-história em plena alvorada do século XX. Filmava e tomava apontamentos a todo instante em seus cadernos de viagem. Nessa Expedição – e em toda a sua vida – foi etnógrafo, sociólogo, geógrafo, arqueólogo, botânico, zoólogo, linguista, farmacêutico, legista, fotógrafo, cineasta e folclorista.
>
> Com todas as experiências e anotações que trouxe na bagagem, Roquette-Pinto passou os quatro anos seguintes escrevendo um dos marcos da Etnografia brasileira, o livro "*Rondônia*", que o levaria posteriormente à Academia Brasileira de Letras.

Relatos Pretéritos: Povo Paresí

Edgard Roquette-Pinto (1912)

VI

Os Paresí que examinamos achavam-se em Aldeia Queimada, em Utiariti e no Timalatiá; naquele lugar, estavam localizados os dos grupos Kozarini e Kaxiniti do Rio Verde e das cabeceiras do Juba, do Cabaçal, do Jauru e do Guaporé. Em Utiariti e no Salto do Timalatiá viviam os do grupo Uaimaré. Todavia, em Aldeia Queimada pudemos trabalhar com índios deste grupo: Utiariti, em 1912, era, pelos esforços do Tenente Emanuel do Amarante, um grande centro Paresí. A antiga povoação incendiada ia renascendo em novo molde.

Pele – de cor amarelo-cúprica, escura nos Kozarinis; amarelo-claro nos Uaimarés. Lisa, ou pouco enrugada. Sistema glandular cutâneo pouco desenvolvido. [...]

O número de crianças, entre eles, é grande; nossos documentos fotográficos provam-no sobejamente. As mulheres amamentam os filhos até idade relativamente avançada. Não tive notícia de nenhum caso de degeneração física ou psíquica; nenhuma doença nervosa, nenhum mal venéreo. Paludismo crônico em muitos índios; bronquites e inflamações das vias aéreas superiores mui frequentes, tributo pago à poeira do Chapadão. O número de indivíduos de idade avançada pareceu-me restrito; algumas velhas e poucos velhos. [...]

Paresí não é nome nacional; a si mesmo, eles se denominam Ariti e só usam daquele apelativo quando estão conosco. A tribo acha-se dividida em grupos, que falam a mesma língua e têm os mesmos hábitos. As informações que hoje possuímos acerca desta nação precisam bem a existência de três núcleos aritis: Uaimarés, Kaxinitis e Kozarinis. Os Kozarinis são também denominados, pelos outros, Kabixis. Mas esse nome é apenas alcunha pejorativa; os verdadeiros Kabixis são índios da Serra do Norte, que descem para o vale do Guaporé, chegando à cidade de Mato Grosso, onde cometem depredações.

Toda a tribo vive espalhada pelas cabeceiras dos tributários do Paraguai, do Juruena, do Guaporé, e no planalto do seu nome; o chapadão triste, arenoso e inóspito é a Pátria Paresí. Há cerca de 200 anos vive a velha nação em contato com os brancos; quase todos os seus filhos falam, ou entendem, nossa língua. Cada aldeia é sujeita à jurisdição de um Chefe temporal [Amuri] e outro espiritual [Utiariti]. Em alguns casos o mesmo indivíduo desempenha ambas as funções; é Chefe e sacerdote. Um Chefe geral dos Paresí não existe. Há, porém, alguns Amuris influentes em larga zona; Matias Toloiri, guia e amigo do Coronel Rondon, tinha prestígio mui dilatado entre os da tribo.

O Amuri é sempre obedecido; o Utiariti, sempre respeitado. Sacerdote e médico, o Utiariti vai perdendo muito do seu antigo prestígio, à medida que mais intimamente se vão estabelecendo as relações dos índios com os civilizados. A ele, no entanto, cabe guardar na memória as lendas do povo, algumas das quais, colhidas pelo Coronel Rondon, vão transcritas mais além; ele é quem pratica uma espécie de batismo, cerimônia de

apresentação social, que celebram os Paresí; realiza uma sorte de casamento, com ritual bem determinado; corta o pau Iôhôhô, interessante fetiche até agora não descrito; dá início aos cânticos, religiosos ou não: guarda as flautas sagradas [Jararacas].

Atualmente não existe ritual pra a consagração sacerdotal; o futuro Utiariti instrui-se nas canções e nas lendas, assim como nos processos terapêuticos, à medida que vai crescendo, mercê principalmente da sua inteligência. A idade do candidato não parece influir para sua escolha; Luiz Cintra, Amuri do Rio Verde, não tinha mais de 30 anos.

A família, entre eles, é poligâmica, embora muitos homens já se contentem com uma esposa. Sukiú-Azaré, índio do Jauru, tinha três mulheres.

Casam-se jovens; alguns criam meninas, desde tenra idade para desposá-las quando atingirem à puberdade, aos 12 anos. Tratam as mulheres com certo desprezo; em Aldeia Queimada, apesar dos conselhos que recebiam em contrário, só consentiam que elas comessem, quando já estavam absolutamente saciados.

Segregam-nas das cerimônias do seu culto; escondem dos seus olhares os instrumentos sagrados da tribo, afirmando que morre a mulher que os vê; não lhes permitem dançar e cantar em sua companhia. Elas se ocupam em trabalhos de toda sorte: socam o milho, plantam, fiam, lavam a roupa, cozinham, tratam dos filhos. Em geral, são garridas. Pentes e cosméticos são dos mais apreciados presentes que se possam fazer à índia Paresí.

Homens e mulheres andam vestidos; mas, nas horas de calor, é frequente despirem a roupa e envergarem o Imití de algodão, espécie de cinta que será descrita adiante. Não dispensam pulseiras de algodão e perneiras de borracha de mangabeira; mas seus enfeites de penas já pertencem ao passado. Gostam do vidrilho. Em sinal de contentamento, as índias se pintam com urucu, pontilhando a face e o corpo. Certo vestuário, que as mulheres confeccionam com pano obtido dos civilizados, é característico: espécie de saiote passado acima dos seios.

As armas de que usam são as nossas. Atiram bem. Há, porém, um caso especial, híbrido, que consiste no emprego simultâneo de velho escudo venatório, tradicional, feito de folhagens, e dos fuzis modernos de repetição. Escondidos por esse anteparo de verdura, caçam, a tiro, ema, veado, sariema ([35]). Por meio do fogo costumam também matar algumas espécies: ateiam labaredas no cerrado, de maneira a rodear certa área; quando a caça foge às chamas, atacam-na.

Constroem casas grandes, com teto diedro, cobertas de palmas, munidas de portas pequenas. Trinta, quarenta e mais pessoas dormem numa palhoça. Ao centro, um esteio alto e forte. À noite armam redes, em raio, desse esteio para os caibros laterais; entre uma rede e outra, pequena fogueira, cujo clarão enrubesce o interior da cabana.

---

[35] Sariema: seriema – Microdactylus cristatus.

Imagem 27 – Estrutura da Maloca Grande

Kêtêrôkô é nome Pareší de Aldeia Queimada. Ao lado das casas da Comissão Rondon, os índios levantaram sua grande palhoça; lá trabalham as mulheres e vão dormir os homens que prestam algum serviço à linha telegráfica. Nosso tropeiro Antônio Paresí, Iamalurê – para seus patrícios, não pôde resistir à tentação: dormiu com sua gente. Fomos, alta noite, visitar a cabana; entramos sub-repticiamente e ficamos a um canto. A luz das fogueiras, subindo por entre as macas, trançadas de linhas vermelhas ou amarelas, iluminava os corpos nus, estendidos transversalmente. Numa rede, uma família inteira ressonava: pai, mãe e dois filhos, todos muito abraçados. Mais além, uma criança choramingava, ao lado de uma índia moça que a balouçava nos braços, cantando:

– Ená-môkôcê-cê-maká
– Ená-môkôcê-ce-maká [Menino dorme na rede...]

E se a criança é de sexo feminino cantam:

– Uirô-môkôcê cê-maká [Menina dorme na rede...]

O Iôhôhô é fetiche que os Parесí ainda conservam muito escondido. Nada mais que uma vara nodosa, guardada religiosamente, a título de amuleto protetor, durante anos e anos. Quando muito velha, e carcomida pelos insetos, queimam-na e cortam outra; mas a procura de um novo Iôhôhô é acompanhada de certas cerimônias. Enquanto o buscam na mata, e durante o trajeto até a aldeia, o Utiariti e mais um companheiro vão cantando sempre, em voz muito alta, monotonamente, duas notas em som filado. A esse duo chamam grito do Nokauixitá; as mulheres não o devem ouvir.

Para satisfazer ao meu pedido, Luiz Cintra promoveu um grande kaulonená, onde se celebrou a morte de um veado, bebendo oloniti ([36]). À noite recolheram as mulheres à choupana e vieram, diante do nosso rancho, armados de jararacas ([37]), cantar e dançar festejando a caçada, ao redor de uma grande cabaça onde jazia, em postas, um cervo moqueado. E, assim, consegui apanhar no fonógrafo a música das principais cantigas Paresí: Ualalôcê, Teirú, Ceiritá etc. O Ualalôcê narra episódio da vida da índia Kamalalô. Indo passear à floresta viu um homem trepado num pé de tarumã; supondo que fosse um índio, disse-lhe:

> – Ariti, dá-me uma fruta de tarumã? ([38]).

E o homem respondeu:

> – Kamalalô pensa que eu sou Ariti. Eu sou pai do mato...

---

[36] Oloniti: aguardente feita de milho.
[37] Jararacas: as flautas sagradas.
[38] Tarumã: Vitex sp.

O Teirú celebra a morte do cacique de Uaiuazarê-uaitekô, assassinado acidentalmente por Zalôkarê. Tahãrê-kalôrê, que presenciou o fato, compôs o Teirú para comemorá-lo. O Iatokê celebra o Salto do Rio Juruena, que os Parésí, numa antiga luta, conquistaram aos Uaikoakorê. Kamáizokolá é o nome do referido salto:

- Meu nome é Kamáizokolá.
- Eu sou o mesmo Ualokoná.
- Meu nome é Kamáizokolá.
- Nenhum homem poderá banhar-se aqui.
- Eu sou Kamáizokolá.
- Este Rio bom é o maior de todos.
- Meu nome é Kamáizokolá.

Três lendas, que o Coronel Rondon colhera, alguns anos antes, foram igualmente registradas em cilindros fonográficos; infelizmente, esse material danificou-se durante a viagem. Vale a pena transcrever, todavia, o argumento das novelas, que apresentam alto valor etnográfico.

Lenda do Milho

Um grande Chefe Paresí, dos primeiros tempos da tribo, Ainotarê, sentindo que a morte se aproximava, chamou seu filho Kaleitôê, e lhe ordenou que o enterrasse no meio da roça, assim que seus dias terminassem. Avisou que, três dias depois da inumação, brotaria de sua cova uma planta que algum tempo depois rebentaria em sementes. Disse que as não comessem; guardassem-nas para a replanta, e a tribo ganharia um recurso precioso. Assim se fez; e o milho apareceu entre eles.

Lenda da Mandioca

Zatiamáre e sua mulher, Kôkôtêrô tiveram um casal de filhos: um menino, Zôkôôiê, e uma menina, Atiôlô. O pai amava o filho e desprezava a filha. Se ela o chamava, ele lhe respondia por meio de assobios, nunca lhe dirigia a palavra. Desgostosa, Atiôlô pediu à sua mãe que a enterrasse viva, visto como assim seria útil aos seus. Depois de longa resistência ao estranho desejo, Kôkôtêrô acabou cedendo aos rogos da filha, e enterrou-a no meio do cerrado, onde ela não pôde resistir, por causa do calor; rogou que a levasse para o campo, em que também não se sentiu bem. Mais uma vez suplicou a Kôkôtêrô que a mudasse para outra cova, aberta na mata; e aí achou-se à vontade. Então, pediu à sua mãe que se retirasse, recomendando-lhe não volvesse os olhos quando ela gritasse. Depois de muito tempo gritou; Kôkôtêrô voltou-se, rapidamente. Viu, no lugar em que enterrara a filha, um arbusto muito alto, que logo se tornou rasteiro assim que ela se aproximou. Tratou da. Limpou o solo. A plantinha foi se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde, Kôkôtêrô arrancou do solo a raiz da planta: era a mandioca. O casal chamou-a: Ojakôrê; os Paresí depois deram-lhe o nome de Kêtê.

A língua desses índios acha-se hoje documentada em léxico abundante, que Rondon enriqueceu prodigiosamente nos últimos 8 anos, durante os quais tem sido a pessoa mais influente do meio Paresí. Soma considerável de pequenos textos, conseguidos no convívio de muitos meses com alguns índios inteligentes, permitiu-lhe reunir material linguístico de primeira ordem, publicado há pouco, em anexo, no grande relatório geral dos seus trabalhos realizados em Mato Grosso, de 1907 até agora.

Existe grande dificuldade para boa tradução dos textos. Os índios dão o significado dos vocábulos com bastante precisão; mas o valor das frases sofre, consideravelmente, na versão que efetuam, a pedido, do Paresí para o português. Aparecem, continuamente, termos, palavras, radicais, que eles mesmos não sabem dizer donde vieram, todas as vezes que se manda um Paresí traduzir uma frase brasileira para seu idioma.

Para conseguir destacar pronomes pessoais, escolhi pequenas locuções brasileiras que fiz traduzir por diversos índios, comparando. O resultado foi o seguinte, que transcrevo do meu caderno, tal qual:

- Eu estou com fome – Nônatitá.
- Você está com fome – Hinatitá.
- Nós estamos com fome – Uinatitá.
- Eles estão com fome – Natiáhitá. [...]

Os Aritis acham-se em adiantado grau de diferenciação cultural; mormente os do distrito de Diamantino, por onde passa a linha telegráfica, exatamente aqueles que foram examinados em 1888, por von den Steinen. Naquele tempo, segundo diz o notável etnólogo, faziam comércio de fumo torcido e aromatizado com urubamba, peneiras, redes, penas, mandioca, algodão, cará [Dioscorea sp.], batatas, ipeca, com as populações de São Luiz de Cáceres e Diamantino. A rede dos Paresí era de algodão e as dos chamados Kabixi [Paresí-Kozárini] eram de tucum.

As ligas de borracha de mangabeira eram reservadas para as mulheres; usavam os homens ligas de algodão. Tatuavam-se nos braços e nas coxas, desenhando arcos, com tinta de jenipapo, por meio de um espinho de gravatá. Usavam um protetor genital: daiha-sö. Seus trançados eram semelhantes aos dos Aruaque, das Guianas. Hoje, a influência dos tecidos civilizados é manifesta nas obras Paresí. Redes, tecidos e vasos eram fabricados pelas mulheres; os homens trabalhavam em peneiras e trançados.

As mulheres plantavam nas derrubadas, à maneira do que se faz entre os nossos sertanejos, quando toda a família toma parte no serviço. Já naquele ano eram monógamos. Por ocasião do nascimento de uma criança, ambos os progenitores jejuavam, até a queda do cordão umbilical. Aos 3 anos era o pequeno batizado, recebendo o nome de um dos avós.

Os mortos inumavam-se dentro de casa, posta a cabeça para o lado de Leste. Durante os seis primeiros dias depois do falecimento, os parentes próximos jejuavam também. Acreditavam, então, que, se o morto não ressuscitasse, depois desse período, é que tinha conseguido entrar no céu. No sétimo dia bebiam o sumo do kaiterú, misturado com urucu, no meio de grandes e solenes festas. Então, como agora, o Utiariti era o padre-médico; soprava fumaça sobre os enfermos, para afastar a doença, ensinava aos jovens que lhe deviam suceder naquele mister. Da sua teogonia pouco resta. Em 1888, acreditavam que o Sol era uma coroa de penas vermelhas, pertencente a Molihuturé, espécie de Apolo Paresí... O astro só aparecia pelo consentimento do seu proprietário. A lua era uma coroa de penas de mutum-pinima, de que era dono Kaimaré. Suas fases explicavam-se por um processo de que há certas reminiscências ainda hoje: animais diversos ocultam ora parte, ora toda a superfície do planeta. (ROQUETTE-PINTO)

Terra Natal
(D. Francisco Aquino Correia)

Nasci à beira
Da água ligeira,
Sou Paiaguá!
De Sul a Norte,
Tribo mais forte
Que nós não há.

Nas mansas águas,
Vive sem mágoas
O Paiaguá;
O seu recreio,
O seu enleio
No Rio está.

Nele me afundo,
Nado no fundo,
Surjo acolá;
E nem há peixe,
Que atrás me deixe,
Sou Paiaguá!

Se faz soalheira,
Durmo-lhe à beira,
Ao pé do ingá;
Mas se refresca,
Lá vai à pesca
O Paiaguá!

E quando guio,
À flor do Rio,
A minha ubá,
Nem flecha voa,
Como a canoa
Do Paiaguá!

Um dia os brancos,
Dentre os barrancos,
Surgem de lá;
Mas, em momentos,
Viram quinhentos
Arcos de cá.

Na luta ingente,
Que eternamente
Retumbará,
Fez quatrocentas
Mortes cruentas
O Paiaguá.

Não! O Emboaba,
Em nossa taba,
Não reinará!
Nós coalharemos
A água de remos,
Sou Paiaguá!

Nas finas proas
Destas canoas,
Triunfará,
Por todo o Rio,
O poderio
Do Paiaguá!

Nasci à beira
Da água ligeira,
Sou Paiaguá!
De Sul a Norte,
Tribo mais forte
Que nós não há!

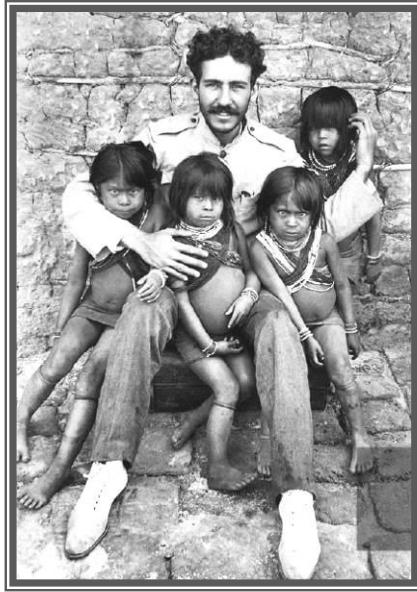



Imagem 28 - Roquette-Pinto e Crianças Nambiquara, 1912

O Poeta e o Canoeiro

(Dyego Maltz)

Meu amigo Canoeiro
Me ensine a navegar
Pelo Vale inteiro
Minha poesia levar.

Poeta então me diga
De onde vem inspiração?
A poesia é minha vida
E os versos vem do coração.

Canoeiro me responda
Quem o ensinou a remar?
Foi nas águas do Rio
Que me deixei levar.

O Canoeiro rema
O Poeta declama
Roubando a cena
No Vale que sonha.

Aldeia Jatobá – Aldeia Zanakwa

Poucos pernilongos mas, por outro lado, piuns de várias espécies eram um tanto excessivos; variavam de tamanho entre o pólvora e a grande mutuca preta. As pequenas abelhas sem ferrão não se amedrontavam e com dificuldade são afastadas quando pousam na mão ou no rosto, mas nunca picam, só fazendo cócegas na pele. Apareciam também abelhas grandes que havendo pousado, não ofendiam se não fossem molestadas; no caso contrário enterravam o ferrão cruel. Os insetos não eram de ordinário inconveniente sério, mas em certas horas se tornavam tão numerosos que eu tinha de escrever de luvas e com a gaze na cabeça. (ROOSEVELT)

Aldeia Jatobá à Fazenda Estrela (29.10.2015)

A partir de Tapirapuã nosso percurso se dirigia para o Norte, subindo e atravessando o planalto deserto do Brasil. Das fraldas desta zona elevada, que é geologicamente muito antiga, defluem para o Norte os tributários do Amazonas, e os do Prata para o Sul, fazendo imensos volteios e desvios sem conta. (VIVEIROS)

Partimos da Aldeia Jatobá, às 08h10, depois de nos despedirmos da Cacique Nair e agradecer-lhe o apoio prestado. O traçado da estrada se estendia altaneiro pelo "*divortium aquarum*" (divisor de águas). Do alto do lombo de nossas mulas deslumbrávamo-nos com a paisagem magnífica que nos permitia avistar, ao longe, as nascentes que alimentam o Rio-mar de um lado e do outro as que fluíam para a Bacia do Prata.

Esquecêramos de entrar em um acesso arenoso à direita e um gentil motociclista Paresí oportunamente orientou-nos a pegar uma estreita trilha que nos conduziria ao caminho correto.

[...] dia após dia trotamos para a frente transpondo chapadas intermináveis de campos e cerrado ralo, com arbustos quase sempre pouco mais altos do que um cavaleiro. Alguns tinham flores amarelas, brancas, róseas e cor de laranja; as mais lindas eram as glórias-matinais. (ROOSEVELT)

Embora grande parte das trilhas e estradas seja argilosa e muito escorregadia após as chuvas encontramos desta feita um trecho arenoso. A aridez do Cerrado impressionava-nos, os arbustos retorcidos com seus troncos carbonizados pelas queimadas constantes eram vítimas silenciosas não só de uma natureza nem sempre benfazeja, mas principalmente pela ação secular e criminosa e daninha por parte dos aborígines. A falta de gramíneas e água prenunciava sérias dificuldades para nossos espartanos muares. A vegetação calcinada, porém, apresentava aqui e ali pequenas e delicadas flores de todos os matizes que momentaneamente quebravam a monotonia da paisagem.

Por volta das 11h00, apeei, para descansar as pernas, conduzindo a mula Bolita pelo cabresto. No limite da Área Indígena, avistei uma boa poça d'água, 300 m fora de nossa rota, alertei meus parceiros e conduzi a Bolita até o local. Qualquer água ou alimento ao longo do percurso não devia nem podia ser menosprezado e tinha de ser devidamente aproveitado. Os animais é que estavam sendo exigidos fisicamente nessa etapa e, por isso mesmo, necessitavam de especial atenção. Logo à frente, fizemos a parada do almoço no acampamento provisório montado pelo Sargento Yuri e o Soldado Eder. Desencilhamos os animais e os soltamos na plantação de uma grande fazenda vizinha à Área Indígena.

Chegamos à Fazenda Estrela por volta das 17h30, depois de cavalgar 30 km. O arrendatário paranaense gentilmente conseguiu um local para montarmos as barracas e carregarmos os equipamentos eletrônicos.

Processo de Savanização Milenar

Os índios sempre souberam como lidar com a terra. São eles que nos ajudam a manter vivas nossas matas e contribuem para a preservação de nossos mananciais.
(Mércio Pereira Gomes)

Alguns desavisados acham que o cerrado ralo e abrasado dos Paresí sempre teve estas características, na verdade a ação antrópica, mais do que a da própria natureza através dos raios, alterou significativamente as zonas da mata de transição e do cerrado para o triste cenário que observamos hoje. O ex-Presidente da FUNAI Mércio Pereira Gomes e outros tantos antropólogos e ambientalistas atrelados a convicções ideológicas sem nenhuma fundamentação científica, mostram desconhecer a cultura que tanto defendem e as leis que regem a sobrevivência dos povos nativos. O Professor Evaristo Eduardo de Miranda afirma que o processo de savanização não só teve origem com os povos primitivos, mas como continua até os dias de hoje. Embora Miranda faça essa observação exclusivamente em relação a áreas florestais, é lógico que ela ocorreu e continua ocorrendo em outros biomas.

> O uso sistemático do fogo pelos humanos, principalmente como técnica de caça, favoreceu a extensão ou a manutenção de ecossistemas abertos como as savanas ou cerrados, em detrimento das áreas florestais, mesmo em condições climáticas desfavoráveis. [...]

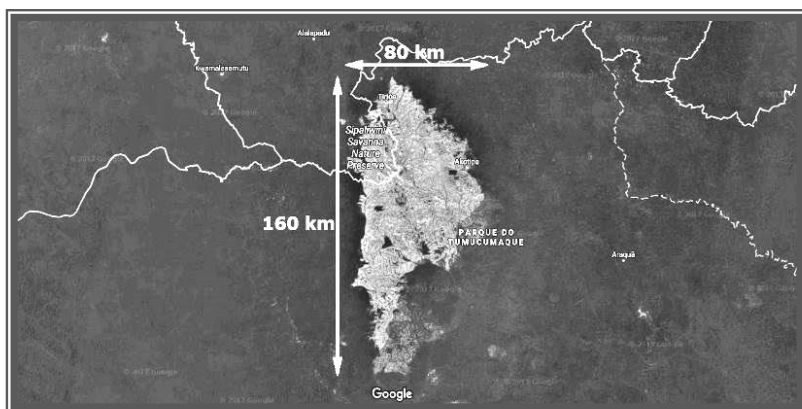



Imagem 29 – Savanização Milenar – Tiriós

Condicionamentos locais de clima e solo podem acelerar ou limitar esse processo, mas o caráter nômade de vários grupos de caçadores-coletores espalhou esse fenômeno em diversos locais da região amazônica. Esse processo de savanização, de ampliação de áreas de cerrados em detrimento das florestas, ainda segue seu curso nos dias de hoje, em vários locais da Amazônia, promovido por culturas ameríndias bem posteriores aos primeiros caçadores-coletores. [...]

A regressão das florestas e a ampliação dos cerrados devido ao uso do fogo podem ser observadas nitidamente em sequências de imagens de satélite, de vários anos, tiradas de áreas indígenas no Norte do Pará, na região dos Tiriós, próxima da fronteira com o Suriname. Ali, os indígenas promoveram um crescimento anual da área dos cerrados em detrimento da floresta, pelo uso generalizado do fogo em grande escala.

Eles alteram a dinâmica vegetal com a promoção de gigantescos incêndios anuais, os maiores de todo o Brasil. Eles propagam-se ao sabor dos ventos alísios do Hemisfério Norte, na direção Nordeste-Sudoeste. (MIRANDA)

Para verificar a destruição promovida pelos Tiriós basta se observar no "*Google Earth*" (Imagem 29) uma região totalmente desmatada de 160 por 80 quilômetros aproximadamente na fronteira do Suriname com o Brasil (Norte do Pará).

As observações de Miranda são reforçadas pelos relatos de Oscar Canstatt, em 1871, de Roquette-Pinto, em 1912 e de Warren Kempton Dean, em 2004:

> Seu modo de caçar os animais em fuga é bárbaro e só possível onde não há nenhuma lei protetora das florestas. No tempo seco, sobretudo, quando o Sol tropical torra com seus raios abrasadores os campos e o mato baixo, ateiam-lhe fogo, e emboscam a caça em lugar onde o elemento destruidor não os pode atingir. Aí é fácil abater a caça que, em desabalada fuga, corre para a única vereda salvadora. (CANSTATT)

> Por meio do fogo costumam também matar algumas espécies: ateiam labaredas no cerrado, de maneira a rodear certa área; quando a caça foge às chamas, atacam-na. [...] O fogo das queimadas que o raio acende, ou o índio, ou o sertanejo, lambe o karêke e o sapé, requeima o murici e a mangabeira; e eles custam a brotar. Mas o pau-santo, mal cessa o fogo, ainda todo negro, com o tronco rachado pelo calor, cobre-se de pontos alvos, abre em flor, qual um retalho de noite que se matiza de estrelas. (ROQUETTE-PINTO)

> Um grupo caingangue residente no Paraná, que havia recebido ferramentas de aço apenas no século XX, lembrava-se de que não mais tinha de escalar árvores, outrora uma atividade muito frequente, para apanhar larvas e mel. Muitos dos que caíam das árvores morriam – agora eles simplesmente derrubavam as árvores. (DEAN)

Madame Marie Octavie Coudreau, quando realizava o reconhecimento do Rio Cuminá, afluente do Rio Trombetas, no dia 28.07.1900, narra:

> A jusante da Cachoeira do Armazém, à margem direita, entre as colinas que se estendem ao longo das margens, uma espessa fumaça preocupou-me. Que fumaça será essa? Existem campos além dessas colinas, ou será que os indígenas estão fazendo a coivara? Só posso fazer conjecturas, não tenho meios para me certificar. (OCTAVIE COUDREAU)

Leandro Narloch apresenta, igualmente, uma série de evidências que desfaz a imagem preservacionista do indígena brasileiro e mostra a preocupação dos colonizadores com a manutenção e a exploração sustentável das florestas.

> O mito do índio como homem puro e em harmonia com a natureza já caiu há muito tempo, mas é incrível como ele sempre volta. [...] As tribos que habitavam a região da mata atlântica botavam o mato abaixo com facilidade, usando uma ferramenta muito eficaz, o fogo. [...] Os portugueses criaram leis ambientais para o território brasileiro já no século XVI. [...] No Brasil, essa lei protegeu centenas de espécies nativas. Em 1605, o regimento do Pau-Brasil estabeleceu punições para os madeireiros que derrubassem mais árvores do que o previsto na licença. [...] "*Essa legislação garantiu a manutenção e a exploração sustentável das florestas de Pau-Brasil até 1875, quando entrou no mercado a anilina*", escreveu o biólogo Evaristo Eduardo de Miranda. "*Ao contrário do que muitos pensam e propagam, a exploração racional do Pau-Brasil manteve boa parte da mata atlântica até o final do século XIX e não foi a causa do seu desmatamento, fato bem posterior*". (NARLOCH)

Imagem 30 – Cacique Seatle

Eu era ainda um jovem adolescente quando tomei conhecimento, pela primeira vez, da Carta que o Cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, em meados do Século XIX, enviou ao então Presidente dos Estados Unidos Franklin Pierce (04.03.1853 a 04.03.1857) quando este apresentou uma proposta de comprar as terras ocupadas por aqueles nativos. O desabafo do Cacique ainda me vem à mente cada vez que vejo ambientalistas de gabinete propalando que os aborígines são lídimos defensores da natureza.

Lembro, apenas a título de exemplo, que: em setembro de 2000, os índios Caiapó da aldeia Puicararanca, São Félix do Xingu, PA, fizeram reféns 40 agentes da Polícia Federal e IBAMA, que fiscalizavam a extração ilegal de mogno dentro da Reserva Indígena.

Que em 2014, o doleiro Carlos Habib Chater foi denunciado na operação "*Lava a Jato*" por associar-se ao Cacique João Bravo na extração ilegal de diamantes na devastada terra dos Cinta-larga. A lista seria interminável, por isso mesmo, paro por aqui.

FOLHA DE S.PAULO | ÍNDICE GERAL

São Paulo, quarta, 23 de dezembro de 1998 FOLHA DE S.PAULO cotidiano

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

VIOLÊNCIA

Líder indígena é acusado de estuprar estudante, e sua mulher, de co-autoria no crime, ocorrido em maio de 92

Justiça condena Paiakan a 6 anos de prisão

Antonio Gaudério - 28.nov.94/Folha Imagerm

Paulinho Paiakan e Irekran Caiapó, durante o primeiro julgamento, por acusação de estupro de estudante

Imagem 31 – Folha de S. Paulo, 23.12.1998

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

QUINTA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2019 19H50

ASSINE A FOLHA | ATENDIMENTO

Opinião | Política | Mundo | Economia | Cotidiano | Esporte | Cultura | F5 | Tec | Classificados | Blogs | +SEÇÕES

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

poder

Maior | Menor | Enviar por e-mail | Comunicar erros | Link

Siga a Folha de S.Paulo no Twitter | Seguir

envie sua notícia

Folha de S.Paulo no

27/09/2000 - 16h05

Caiapós mantém agentes federais como reféns no Pará

da **Agência Folha**

PUBLICIDADE

Cerca de 40 agentes da Polícia Federal e do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) continuam sendo mantidos como reféns de índios caiapós na aldeia Puicararanca, no município de São Félix do Xingu, no sul do Pará.

Os índios retiveram os agentes ontem pela manhã durante uma operação de fiscalização de retirada ilegal de mogno na região, segundo o escritório da Funai (Fundação Nacional do Índio) de Redenção (sul do Pará). Segundo as informações disponíveis, os índios ficaram irritados pois os agentes e fiscais chegaram à reserva sem avisar antes.

Imagem 32 – Folha de S. Paulo, 27.09.2000

FOLHA DE S.PAULO | ÍNDICE GERAL

São Paulo, domingo, 12 de agosto de 2007 FOLHA DE S.PAULO brasil

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

Massacre está ligado à extração ilegal de diamante; 200 índios teriam participado

Lalo de Almeida - 7.mai.04/Folha Imagem

Índios cintas-largas durante reunião com delegado da PF na reserva Roosevelt, em Rondônia

Imagem 33 – Folha de S. Paulo, 12.08.2007

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

QUINTA-FEIRA, 12 DE DEZEMBRO DE 2019 20:13

O garimpo ilegal numa das maiores reservas de diamantes do planeta

texto e fotos
FELLIPE ABREU
LUIZ FELIPE SILVA

27/09/2015 02h08

RESUMO Terras indígenas entre os Estados de Rondônia e Mato Grosso possuem o que, estima-se, possa ser a maior jazida de diamantes do mundo. Os indígenas cintas-largas que ali vivem passaram a colaborar com garimpeiros e atravessadores na exploração; a área agora sofre desmatamento e tem até pista de pouso.

Imagem 34 – Folha de S. Paulo, 27.09.2015

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | vídeos

NEGÓCIOS

BRASIL

Grupo ia multiplicar por seis investimento em diamantes, afirma PF

O cruzamento de informações permitiu aos investigadores chegar pela primeira vez nos financiadores do garimpo

08 DEZ 2015

A operação Crátons da **Polícia Federal**, primeira oriunda de compartilhamento de informações da Lava Jato, desvendou uma **rede de financiamento da extração ilegal de diamantes no chamado "garimpo Lage"** (antigo Roosevelt) que planejava investir R$ 1 milhão e estimava faturar R$ 6 milhões a cada 90 dias. O garimpo fica em Rondônia, na reserva indígena Parque do Aripuanã, dos índios cinta larga.

Imagem 35 – Globo.com, 08.12.2015

G1 MATO GROSSO CENTRO AMÉRICA

Índios e madeireiros são alvos de operação da PF que apura extração ilegal de madeira em terra indígena de MT

Polícia Federal diz que índios envolvidos permitiam a exploração da reserva em troca de pagamentos ou outros benefícios. Até as 7h25, 3 índios foram presos na operação.

Por G1 MT

04/12/2019 07h59 · Atualizado há uma semana

Operação Ybyrá — Foto: Polícia Federal de Mato Grosso/Assessoria

Imagem 36 – Globo.com, 04.12.2019

A Carta em questão deve ser considerada dentro de um contexto cronológico e histórico adequado, embora alienados ambientalistas desconsiderem esses fatores, deve-se levar em conta também, que a dinâmica social de todos os seres humanos vem sofrendo mudanças radicais alterando a visão dos nossos íncolas em relação à natureza que os cerca, tornando-os cada vez mais pragmáticos. Achar que os interesses dos aborígenes são diversos dos demais seres humanos é trabalhar com a ficção é moldá-los com o lirismo fantasioso e encantador do grande escritor José Martiniano de Alencar.

Vejamos a famosa missiva:

O grande Chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. O grande Chefe assegurou-nos também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Nós vamos pensar na sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra. O grande Chefe de Washington pode acreditar no que o Chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na mudança das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas, elas não empalidecem.

Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exaurí-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seu pai sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos. Suas cidades são um tormento para os olhos do homem vermelho, mas talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas dos insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para os meus ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo à noite?

Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho, porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar, animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco que os abatia a

tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão, que nós, peles vermelhas matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram os pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes.

Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas ou até mesmo alguns invernos e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nestas terras ou que tem vagueado em pequenos bandos pelos bosques, sobrará para chorar, sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele.

Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador. O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças. Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos.

Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; o fim da vida e o começo pela luta pela sobrevivência.

Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubéssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã.

Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos.

Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe.

Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos.

Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum.

Fazenda Estrela à Aldeia Kamai (30.10.2015)

Kêtêrôkô é nome Paresí de Aldeia Queimada. Ao lado das casas da Comissão Rondon, os índios levantaram sua grande palhoça; lá trabalham as mulheres e vão dormir os homens que prestam algum serviço à linha telegráfica.
(ROQUETTE-PINTO)

Partimos cedo da Fazenda Estrela e, por volta das 08h00, chegamos à Aldeia Queimada onde acompanhados do Cacique Nelson visitamos o sítio original das casas da Comissão Rondon. Depois da visita fizemos uma preleção sobre os objetivos da Expedição para toda a Aldeia e seguimos viagem.

Passamos pela Aldeia Rio Verde comandada pelo Cacique Carlito e fizemos uma parada na Aldeia Kotitiko capitaneada pelo Cacique Juvenal que nos aguardava devidamente paramentado. Os jovens Paresí filmavam entusiasmados nossa chegada com seus celulares e "*tablets*" de última geração. O Cacique Juvenal fez sua apresentação pessoal e falou da necessidade de regularizar o uso de armas de fogo pelos Paresí argumentando que essa autorização fora dada pelo Coronel Rondon, há cem anos atrás, durante o lançamento das Linhas Telegráficas. Esse argumento foi replicado em todas as Aldeias pelas quais passamos. De Kotitiko fomos para a Aldeia Kamai comandada pelo Cacique Estevão. Cavalgáramos, neste dia 22 km. Entrevistamos, depois de um revigorante banho, o Cacique Geral João Arrezomae (João Garimpeiro). Após a entrevista o Cacique fez uma prece emocionante, na língua Paresí-Haliti, desejando sucesso na nossa empreitada. Fomos acomodados numa espaçosa e muito asseada oca com piso de cimento onde passamos a melhor noite desde que iniciamos a Expedição.

Aldeia Kamai ao AC 01 (31.10.2015)

O dia seguiu a rotina habitual até estacionarmos no Acampamento selecionado pela equipe de apoio – Sargento Yuri e Soldado Eder. Os insetos mencionados por Theodore Roosevelt apareceram com toda pujança e só encontrávamos sossego no interior das barracas. Tentei, diversas vezes, sem sucesso, contato com familiares e amigos através do celular. Fomos dormir cedo, não havia nenhuma opção de lazer no cerrado estorricado.

AC 01 – Fuga das Mulas (01.11.2015)

E era preciso deixá-los inteiramente à solta para poderem vaguear à cata de sua parca alimentação, necessitando do maior tempo possível para descanso e pasto. Ainda em tais condições muitos se enfraquecem quando não é possível levar milho, como sucedia conosco. Não conseguíamos encontrá-los antes de clarear o dia, levando horas para reuni-los, o que nos obrigava a viajar durante o período mais quente e mais fatigante do dia. (ROOSEVELT)

Nesta manhã as mulas não foram encontradas. Como era de se esperar alguns dos animais esfaimados e sedentos sumiram na estrada. Como se este desastre já não fosse suficiente a Viatura Marruá empenhada na busca dos mesmos perdeu sua roda dianteira esquerda, justamente o rodado que fora objeto de manutenção no 2° B Fron.

Perdemos o dia todo procurando os fujões até recebermos notícia de que os mesmos tinham sido encontrados e presos pelo filho do Cacique Marinho da Aldeia Zanakwa. Conseguimos contatar o Comando do 2° B Fron que nos prometeu providências para o dia seguinte.

AC 01 à Aldeia Zanakwa (02.11.2015)

Zaiakúti – Escudo de caçada; é formado por um arcabouço de varas flexíveis mantidas por meio de tiras de urubamba ou mesmo de arame. Tem cerca de um metro de altura e 0,40 de largura. Se a vegetação não auxiliasse o disfarce, seria fraco protetor, dispondo de área tão escassa. (ROQUETTE-PINTO)

No dia seguinte, enquanto meus parceiros deslocavam-se para a Aldeia Zanakwa fui com o filho do Cacique Marinho até a Aldeia Rio Verde tentar, sem sucesso, contato com o 2° B Fron. À tarde fomos tomar um banho revigorante nas límpidas águas do Rio Verde seguidos por algumas simpáticas crianças da Aldeia. O Sargento Yuri tinha permanecido na estrada com a viatura Marruá e no final da tarde conduziu a nova viatura até a Aldeia. A ação rápida e meritória do Cmt do 2° B Fron trouxe tranquilidade à equipe preocupada com a possibilidade de mais um dia perdido. O Cacique Marinho mostrou-nos uma oca em construção e encenou o uso do escudo de caçada (Zaiakúti).

Relatos Pretéritos

22 a 25.01.1914

Rondon

22 a 23.01.1914: Do acampamento do Salto prosseguimos, na manhã seguinte, a nossa marcha para o interior do Sertão; passamos por Aldeia Queimada no dia **23**, onde recebi pedido de exoneração, que concedi, do Dr. Fernando Soledade, Tenente Luiz Thomaz Reis e o Botânico Hoehne, membros da Comissão Brasileira, que vinham com a turma chefiada pelo Capitão Amílcar Magalhães, meu dedicado e diligentíssimo ajudante.

25.01.1914: Dois dias depois, acampávamos na cabeceira da Mandioca, nome dado pelos primeiros exploradores de seringa do Rio Sacre, para lembrar que aí encontraram as roças de uma aldeia de Paresí cujo auxílio lhes era indispensável paia se poderem manter no Sertão. Nesse acampamento, fomos alcançados pelos caminhões automóveis do serviço das Linhas telegráficas, que vinham de Tapirapuã e seguiam paia Utiariti, carregados com volumes da Expedição. Ao padre Zahm, ocorreu então a ideia de se aproveitar desse (RONDON)

Magalhães

24.01.1914: Às 14h00, do dia **24**, recebi em meu acampamento o Sr. Coronel Roosevelt, seu filho Kermit Roosevelt, os naturalistas Miller e Cherrie, assim como os membros da Comissão Brasileira destacados na 1ª Turma. Mandei armar as suas barracas em uma área já preparada por mim defronte ao meu acampamento, onde permaneceram até o almoço do dia imediato.

25.01.1914: No dia **25**, após o almoço seguiu o Sr. Coronel Roosevelt com sua comitiva para o Rio da Dúvida, em cuja margem direita acampou. Às 16h55 o corneteiro do meu acampamento deu o sinal de comando do 5° Batalho de Engenharia, anunciando a vossa chegada ao meu acampamento [...] (MAGALHÃES, 1916)

Imagem 37 – Flores do Cerrado

Imagem 38 – Expedicionários

Imagem 39 – Aldeia Queimada – Cacique Nelson

Imagem 40 – Aldeia Kotitiko – Cacique Juvenal

Imagem 41 – Aldeia Kamai – Cacique Estevão

Imagem 42 – Aldeia Kamai – Cacique Geral João Arrezomae

Imagem 43 – Acampamento 01

Imagem 44 – Aldeia Zanakwa – Cacique Marinho e o Zaiakúti

Aldeia Zanakwa – Aldeia Utiariti

No Rio Sacre, nesta Expedição ([39]) visitamos, como já foi dito, o Salto da Mulher. O leito do Rio, a montante, é de pedra de amolar – arenito amarelo claro, bastante rijo. O Salto de sete para oito metros, deixa passar um volume de água de cerca de 20 mil metros cúbicos [por segundo]. Justamente onde termina o arenito aí se deu a queda, pela diferença do leito que é de areia, para baixo do salto. (MAGALHÃES)

Neste Rio [Sacre] teve Rondon ensejo de visitar o "Salto da Mulher" de que lhes falavam os dois índios e ao qual atribuem os Paresí a lenda da "existência de uma ninfa, debaixo da grande massa d'água que se despenha, com o dom de atrair e arrebatar os incautos que se aproximarem". Foi avaliada a descarga em 30 a 40.000 litros por segundo e a altura da queda em 8 metros. (ROOSEVELT)

Fomos ter ao Timalatiá, ou Sacre – corruptela de Sangue – nome dado ao Rio por causa de uma anta que os índios mataram e esfolaram na margem e que tingiu as águas. Queria eu determinar as coordenadas geográficas de um grande Salto que aí existia, o Zuritô-Uamoloné – Salto da Mulher – nome dado em virtude da lenda de uma iara que para o abismo arrastava os incautos que se aproximavam. (VIVEIROS)

Aldeia Zanakwa à Salto da Mulher (03.11.2015)

Partimos da Aldeia Zanakwa, às 09h10, depois de nos despedirmos da Cacique Marinho e de sua simpática família. No caminho o "*Boi*" e o Angonese tentaram, em vão fazer uso de seus celulares. Essa seria nossa jornada mais cansativa, tínhamos pela frente 50 km de marcha até a Aldeia Salto da Mulher.

[39] Expedição: 1907.

Como íamos passar nas proximidades de uma grande fazenda entreguei ao Sargento Yuri o numerário suficiente para adquirir três sacas de milho, eu estava preocupado com a falta de alimento para os muares, o cerrado ralo não tinha gramíneas suficientes que os sustentassem. O fazendeiro negou-se a receber dinheiro pela aquisição das sacas fornecendo-as gratuitamente ao Sargento Yuri.

As pancadas de chuva sucediam-se e volta e meia os animais escorregavam na estrada argilosa.

Por volta das dezoito horas chegamos à Aldeia e contatamos o Cacique Acelino Noizokae, seu líder, que disponibilizou-nos a confortável residência de seu falecido filho e um curral para os muares. O filho do Cacique morreu afogado depois de pular da Ponte Nova da rodovia MT-235 sobre o Rio Sacre e bater a cabeça no madeirame da ponte velha foi arrastado pelas águas até o Salto da Mulher. Os jovens da Aldeia costumavam lançar-se às águas do Rio Sacre pulando da Ponte Nova, mas desde o acidente fatal que vitimou o filho o Cacique Acelino proibiu definitivamente tal prática.

Colhi algumas mangas "*Coração de Boi*" ainda verdes para serem degustadas durante a marcha. O "*Boi*" estava febril e foi levado ao entardecer até um Posto de Saúde para tratar da furunculose que o afligia.

Diferente das demais Aldeias Paresí onde a caixa d'água era abastecida por poço artesiano alimentado por energia solar aqui era empregado um motor elétrico com a alternativa, em caso de falta de energia, de ser abastecido por uma roda d'água instalada no Rio Sacre.

Aldeia Salto da Mulher ao Galpão (04.11.2015)

Como o aprestamento matinal de meus parceiros fosse por demais demorado, ajudei o "*Boi*" com os animais. Os muares estavam famintos – o luxuriante capim "*braquiarão*" do curral não era próprio para sua alimentação e tivemos de contemplá-los com generosas porções de milho antes de partir. Feito isto ainda me sobrou tempo, ainda, para visitar o Salto da Mulher no Rio Sacre (13°54′06,0′′S / 58°15′56,0″O).

Fizemos uma parada intermediária e nela tivemos o prazer de conhecer o Técnico Agrícola Lúcio Avelino Ozanazokaese, de origem Paresí. Chegamos cedo ao Galpão Agrícola (13°42′27,5′′S / 58°17′35,0″O) dos Paresí depois de cavalgar 25 quilômetros, 19 dos quais pela MT-235. Subi em uma antena, mas não consegui nenhum sinal pelo celular, aproveitei, então, para tomar banho em uma nascente próxima. Logo que a equipe de apoio chegou com a Marruá iniciaram-se os preparativos para o churrasco.

Parceria Agrícola dos Paresí

A partir de 2005, os Paresí permitiram a entrada de fazendeiros nas Áreas Indígenas, situadas na região sudoeste do Mato Grosso, como alternativa suplementar de renda que é empregada em projetos comunitários e melhorias na infraestrutura das Aldeias. Os Paresí entram com a terra e parte dos operadores das máquinas que aprenderam a manejá-las com os funcionários das fazendas e cursos ministrados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) enquanto os fazendeiros fornecem as sementes, máquinas e insumos.

O lucro obtido com a safra do arroz, do milho e da soja é dividido em parcelas iguais. A iniciativa divide opiniões entre as principais lideranças Paresí. Na entrevista que realizamos com os Caciques Juvenal (Aldeia Kotitiko) e João Garimpeiro (Aldeia Kamai) ambos foram taxativamente contrários a este tipo de sociedade.

As lideranças que defendem a parceria, porém, mostram orgulhosas os bens de consumo adquiridos com a receita do empreendimento. O administrador regional da FUNAI, Carlos Márcio Vieira, considera a ação como um fato que deve ser avaliado com critério e isenção e que só o tempo mostrará se é positivo ou não. Os antropólogos, é claro, consideram a experiência como um risco ao meio ambiente e a "*cultura indígena*".

Galpão ao AC 02 (05.11.2015)

Partimos de manhã cedo e às 09h40, depois de contornar uma série de viveiros destinados à criação semi-intensiva de peixes, chegamos à Aldeia Bacaval onde a dinâmica Cacique Miriam coordenava um intenso mutirão, patrocinado pela FUNAI, que ensinava às mulheres Paresí a fabricar sabão e sabonetes.

A origem de Bacaval, como algumas Aldeias Paresí, está intimamente ligada à Missão Jesuíta de Utiariti. Embora a Missão tenha sido desativada, em 1969, na realidade apenas o internato deixou de funcionar, tendo em vista que a Missão Anchieta (MIA) conseguiu autorização da FUNAI para continuar trabalhando com os indígenas nas áreas de saúde e pesquisa.

Ainda em 1969, foi criada a Operação Anchieta (OPAN) com a finalidade de apoiar projetos de agricultura mecanizada. Logo após o fechamento do internato um grupo Paresí fixou-se na região da atual Aldeia Bacaval, com o objetivo de produzir arroz e milho para a Missão. O acordo firmado entre os índios e a MIA estabelecia que a Missão forneceria toda a infraestrutura e, em contrapartida, ela ficaria com toda a produção e pagaria os trabalhadores nativos com gêneros alimentícios, medicamentos e roupas.

Na proximidade das cachoeiras e antes que o sol decline, não nos livramos, porém, de uma ou outra lambe-olho ([40]), abelhinha insuportável que se obstina em nos querer penetrar pelos olhos e os ouvidos. (CRULS)

A abelha que os sertanejos denominam lambe-olho persegue o viajante pelo chapadão afora, procurando água nas lágrimas que umedecem a conjuntiva, ou no suor. (ROQUETTE-PINTO)

Despedimo-nos das gentis, alegres e empreendedoras mulheres de Bacaval e seguimos nossa viagem. Mais adiante atravessamos a BR-364 e continuamos percorrendo uma retilínea estrada de terra a cavaleiro do Rio Papagaio. Na parada para o almoço fomos importunados por centenas de insetos. Mais adiante fizemos outra parada e fui com o Sargento Yuri e o Soldado Eder, na Marruá, até o belo Rio Papagaio para verificar se valia a pena acampar na sua margem direita. O local, porém, ficava muito distante de nossa rota e resolvemos acampar no meio da estrada depois de ter sinalizado nossa posição adequadamente com galhos e iluminação. Tínhamos cavalgado 45 km.

---

[40] Lambe-olho: Melipona duckei.

Pragas Aladas

O Major Amílcar Botelho de Magalhães no seu livro "*Impressões da Comissão Rondon*" faz um relato contundente destes pequenos seres que tanto importunaram e importunam os expedicionários de todos os tempos.

> Do incômodo que causam estes insetos e da quantidade em que se apresentam, só se pode fazer ideia justa por experiência própria; esforçar-me-ei, todavia, em fornecer elementos para que o leitor que não estiver nesse caso, forme juízo aproximado de ambas as coisas. Os mosquitos que mais castigam naquele Sertão, são os piuns, borrachudos, carapanãs e catuquis ([41]).
>
> Pela manhã, quando a cerração desaparecia, e a luz do sol inundava aqueles belos quadros da natureza, nuvens de piuns envolviam as canoas acompanhando-as na sua marcha e formando auréolas em torno de cada cabeça humana na avidez de picar as partes descobertas da pele, que enchiam assim de pequenos pontos, vermelhos logo que o inseto os "*inscrevia*", mais tarde pretos, tal qual essas tintas de dupla cor, tão nossas conhecidas...
>
> Ao fim de dois dias de trabalho, a "*pontuação*" excedia em número aos poros da pele e os expedicionários inexperientes, como eu, eram obrigados a calçar pés de meia nas mãos, para evitar a coceira das picadas. Então a terrível praga atirava-se às orelhas, que era preciso defender com panos, não obstante o calor reinante. Mais tarde aprendi, à minha custa, a munir-me de luvas de pele de cão por serem as mais resistentes, e de véu de filó, preso às abas do chapéu, atado ao pescoço, e caído sobre as orelhas, mas

[41] Catuquis: maruins.

afastado delas, e aberto à frente do rosto, cuja defesa era feita principalmente pela barba, propositadamente crescida...

Ao entardecer, quando a temperatura ia baixando sensivelmente, surgiam novas "*guardas de honra*", formadas de vários tipos de borrachudos, também "*pontuadores*" e mais terríveis, não só porque produzem marcas sanguíneas maiores, como porque estas desenvolvem pruridos menos suportáveis ainda.

Estes desapareciam ao cair da noite e eram "*rendidos*" imediatamente pelos carapanãs, ou pernilongos, transmissores da malária [só a fêmea morde, segundo afirmam os especialistas que se têm dedicado ao estudo da malária], os quais nos obrigavam à defesa mecânica do mosquiteiro, armado sobre as redes, pois do contrário seria quase impossível conciliar o sono, tão lancinantes são as ferroadas que nos pregam e de que não nos livramos nem com a espessura somada de duas peças de roupa – a camisa e o casaco, túnica ou blusa. Além de ferir através da roupa, os carapanãs, graças às oitocentas vibrações de asas por minuto, de que falam os cientistas, causam-nos o incômodo nervoso de lhes ouvir o zumbido característico, quando nos passam próximo.

O catuqui, que ronda a noite inteira, não existe em toda a parte para nos interromper o sono, felizmente, porque, não há malha fina de filó que lhe vede a passagem, embora a natureza o tenha aparelhado exclusivamente para picar a pele nua.

Das abelhas, a multidão é fantástica, em determinadas zonas. Não tínhamos aí as "*frecheiras*" ou lambe-olho, terrivelmente incômodas, porque caem às 4 e às 5 dentro dos nossos olhos, donde as tiramos a exalar enjoativo cheiro, e que abundam ao centro de

Mato Grosso [serra de Chapada e arredores, Paresí, etc.], mas os enxames das múltiplas variedades e tantas espécies [63 espécies do Brasil constam da publicação feita pela Comissão Rondon: Himenoptera, por Adolfo Ducke, naturalista brasileiro, que também se dedica à botânica], formavam coortes agressivas que nos lambuzavam de mel, além de queimaduras a que estavam sujeitos das graúdas tataíras [Trigona cagafogo] zumbideiras. Eram tantas, em determinadas cachoeiras, que impediam de se trabalhar com o teodolito, a breve espaço transformado em pousadouro predileto, com os vidros embaciados por elas, na porfia de descobrirem orifícios por onde penetrar.

Para finalizar esta maçante citação de insetos, lembraremos que existiam ainda ali os maruís, potós, oras, cabas, mutucas, marimbondos, as infernais formigas tocandeiras, cuja ferroada causa dor agudíssima, acompanhada logo depois, em certas pessoas, de acessos febris; e as irritantes formigas taxi, ruivas ou pretas, que têm predileção pelas coníferas de que recebem o nome. (MAGALHÃES)

AC 02 à Aldeia Utiariti (06.11.2015)

Partimos às 08h20 e chegamos por volta das dezesseis horas à Aldeia Utiariti ([42]), depois de cavalgar 40 km. O Cacique Orivaldo não se encontrava na Aldeia, mas os gentis Paresí já tinham sido alertados de nossa chegada e fomos alojados em uma confortável residência de madeira.

---

[42] Utiariti (Falco Sparverius): conhecido também como gavião-pequeno, falcão-americano, falcão-quiriquiri e gaviãozinho é o menor dos falcões e uma das menores aves de rapina brasileiras. Ele é encontrado em todo o território nacional exceto nas áreas florestais. O utiariti é um animal sagrado para os Paresí que acreditam que aquele que o matar atrairá para si e seus familiares muito sofrimento e morte.

Montei minha barraca no quarto, lavei minhas roupas e materiais, pendurei-os no varal para secar, tomei um banho e fui, então conhecer e fotografar o famoso Salto Utiariti. Descrito magistralmente por Viveiros:

> Fomos em demanda do Salto Utiariti, no Sauêruiná [Rio Papagaio]. Mandei alargar a picada do nosso acampamento ao Salto e foi um deslumbramento o panorama da enorme bacia, com seu anfiteatro de luxuriante vegetação. Escondida na beleza do mais lindo Salto vivia enorme força. A água despenhava-se em um esguicho de 80 metros de altura por 90 metros de largura, com uma energia que deveria atingir 80.000 cavalos. O nome Utiariti que os índios dão aos seus Pajés é também o de um pequeno gavião "totem" da tribo. Chegando [em 1909] a Utiariti, vimos uma destas avezinhas, e um dos exploradores ia abatê-la, para a coleção destinada ao Museu Nacional. Deteve-o o índio Tolori – o Matias. – Não o matem! Se o fizerem, nunca mais poderão ser felizes, porque da sua espécie provimos nós, os Paresí. Em homenagem às crenças do meu precioso auxiliar mandei que fosse poupado o Utiariti e dei esse nome ao maravilhoso Salto e ao Rio... e fui feliz... (VIVEIROS)

O Leão Enfermo II

(Múcio Teixeira)

Ei-lo prostrado, o forte – não vencido –
Lucrando sempre por se erguer de novo;
Às vezes, cai exausto, – adormecido
No coração sincero do seu povo!
Depois – ergue-se, forte como outrora,
Qual águia altiva pelo azul distante,
Dourando a pátria com clarões de aurora
O seu olhar de olímpico gigante! [...]

Surge et Ambula (Levanta e Caminha)

(Múcio Teixeira)

[...] Se à noite a tempestade no Oceano
Sacudir pelo ar seus elementos,
Soltaremos o barco a todo o pano:
Vendo se os raios num duelo insano,
Correm com a rapidez dos pensamentos!
Deixa o teu confortável agasalho,
Quando, em noite hibernal, a chuva teima
Em cair, lentamente... e vê do atalho
Se há gota d'água ou pérola de orvalho
Mais fria do que a lágrima – que queima!
É tempo. Olha, que os nossos companheiros
Nos esperam, de pé, no chão da liça ([43]):
Somos valentes, fortes, brasileiros;
Vamos – como do Pampa os cavaleiros –
Lutar entre as fileiras da justiça!
Quem não sente os pulmões oxigenados
Pelo vento que varre estas montanhas?
– Tonifica-te ao Sol dos descampados,
E segue avante, assim como os soldados
Que vão cantando ás regiões estranhas!
Sopra de Homero a trompa bronzeada
Ou de Camões a tuba sonorosa,
Mas não fiques parado em meia estrada,
Como a Níobe ([44]) vil, marmorizada,
Da fantástica lenda religiosa.

---

[43] Liça: peleja.

[44] Na mitologia grega, Níobe era casada com Anfião, filho de Zeus, com quem teve muitos filhos e filhas. Certo dia, num ato de orgulho impensado, proclamou-se superior a deusa Leto, que tivera apenas um casal de filhos, que eram Apolo e Diana que, revoltados com a ofensa feita à mãe, mataram os filhos de Níobe a flechadas.

Imagem 45 – Aldeia S. da Mulher – Cacique Acelino Noizokae

Imagem 46 – Salto da Mulher

Imagem 47 – Acampamento 02

Imagem 48 – Salto Utiariti

Imagem 49 – Salto Utiariti

Imagem 50 – Dr. Marc e "Galego" no Salto Utiariti

Imagem 51 – Travessia do Rio Papagaio

Imagem 52 – Travessia do Rio Papagaio

Carlos Von den Steinen

¤ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* ¤

Os Paresí

Carlos Von den Steinen

RIHGB – Tomo 84 – 2ª Parte, 1918

NOTÍCIA HISTÓRICA – A Noroeste de Cuiabá estanceam ([45]) os "*Campos dos Paresí*" de onde nascem os afluentes tanto do Rio Paraguai, como do Tapajós e do Madeira.

[45] Estanceam: se encontram.

Dos mais antigos índios Paresí, só um pequeno "*reliquat*" ([46]) ainda subsiste, porque se cindiram (dividiram) em muitas outras tribos. Tirante (Fora) os Cabixis, que frequentemente tornam sem segurança os arredores da Cidade de Mato Grosso ([47]), levam os Paresí uma existência pacífica. Era nosso desejo conhecer e estudar os Bororos, desde que se nos afigurava impossível uma visita aos Paresí; mas, em direção quase ponteira ([48]), aconteceu que estes vieram ter conosco.

A maior fortuna, para isso, encontramo-la no então Presidente da Província, Coronel Francisco Rafael de Mello Rego ([49]), por haver colhido todos os nossos desejos com mostras de carinho e de interesse. Ele e a sua distinta esposa, D. Carmina, dentre os Cuiabanos e Cuiabanas a mais completa dama, a ponto de nos parecer uma criatura de outro mundo, obrigam-nos aos maiores agradecimentos, pela indefessa ([50]) solicitude.

Em 10 de janeiro, entreguei ao Presidente o pedido de que conseguisse a vinda de alguns Paresí à capital, fazendo-o também eu, para Diamantino a particulares, porque me afirmavam não serem cumpridas as ordens do nosso Presidente "*conservador*" pelas pessoas de influência daquele lugar, mais "*liberais*". Sobre os Paresí há mesmo comunicações, para nós importantes, de um de seus descobridores, – o Capitão Antônio Pires de Campos

---

[46] Reliquat: remanescente.

[47] Cidade de Mato Grosso: primeira capital do Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade foi fundada em 19.03.1752, pelo Capitão Dom Antônio Rolim de Moura, que instituiu o governo da Capitania de Mato Grosso, desmembrado da Capitania de São Paulo.

[48] Ponteira: frontal.

[49] Coronel Francisco Rafael de Mello Rego: Presidente da Província de Mato Grosso de 16.11.1887 a 06.02.1889.

[50] Indefessa: incansável.

([51]) que nô-las deu em 1723, após um conhecimento de tantos anos, esboçadas num quadro geral daquele "*reino*" de que nós agora não podemos reunir senão os destroços ainda conservados! Eis a informação:

> Naquelas dilatadas chapadas habitam os Parecí, reino muito dilatado, e todas as águas correm para o Norte. É esta gente em tanta quantidade, que se não podem numerar as suas povoações ou Aldeias; muitas vezes em um dia de marcha se lhe passam 10 ou 12 Aldeias, e em cada uma destas tem 10 até 30 casas, e nestas casas se acham algumas de 30 até 40 passos ([52]) de largo, e são redondas de feitio de um forno, mui altas e em cada uma destas casas, entendem, se agasalhará toda uma família.
>
> Todos vivem de suas lavouras, em que mais se fundam ([53]) são mandiocas, algum milho e feijão, batatas; muitos ananás e singulares em admirável ordem plantados, de que costumam fazer seus vinhos e usam também cercar de Rio a Rio o campo; entre esta cerca fazem muitos fojos ([54]) em que caçam muitos veados, emas e outras muitas castas ([55]).
>
> Estes gentios não são guerreiros, e só se defendem quando os procuram: as suas armas são arcos e flechas e usam também de uma madeira muito rija e dela fazem umas folhas largas que lhes servem de espadas e também tem suas lanças, mas pequenas, que com elas defendem suas portas, para o que fazem as ditas portas tão pequeninas, que para se entrar, é necessário ser de gatinhas e também usam estes índios de ídolos; estes tais tem uma casa separada com muitas figuras de vários feitios em

---

[51] Capitão Antônio Pires de Campos: bandeirante paulista que percorreu as terras do atual Estado do Mato Grosso apresando índios. Pires de Campos como "*expert*" da região produziu um relato bastante minucioso sobre diversas nações indígenas.

[52] Passos: como um passo = 0,82 m – 24,6 m até 32,8m.

[53] Fundam: plantam.

[54] Fojos: armadilhas para animais – consistia em escavar um buraco profundo no solo e cobri-lo com ramos e folhas.

[55] Castas: espécies animais.

> que só é permitido entrarem os homens; as tais figuras são mui medonhas, e cada uma tem sua buzina de cabaça que dizem os ditos gentios serem das figuras e o mulherio observa lei tal que nem olhar para estas tais coisas usam e só os homens se acham nelas naqueles dias de galhofas e determinados por eles em que fazem suas danças e se vestem ricamente.
>
> Os trajes ordinários deste gentio é trazerem os homens uma palhinha nas partes genitais e as mulheres com suas tipoinhas a meia perna cujos panos fazem elas mesmas de tecido de penas e de ricas cores com muita curiosidade e lavores de várias castas e feitios. A curiosidade nos machos e fêmeas é extrema; são muito asseados e perfeitos em tudo, que até suas estradas fazem mui direitas e largas e as conservam tão limpas e concertadas e que se lhe não achará nem uma folha.

Antônio Pires enaltece com calor a aptidão das mulheres na beleza e no colorido de todos os seus trabalhos; fala da arte das penas de papagaio e de outros pássaros de caprichosas cores e se extasia diante dos artefatos de pedra, de madeira resistente que sem auxílio de instrumentos de aço eles fabricam. Os chefes trazem ao pescoço uma pedra polida semelhante ao jaspe ([56]) em forma de Cruz de Malta. Soberano, entre os numerosos chefes do povo que habita uma vasta superfície toda produtiva e de clima agradável, toma apelidos portugueses como mostras de agradecimento em honra da Missão Católica. Em contraste com os Pareší, cita Antônio Pires de Campos os Cavihis e Cabixis, bárbaros selvagens erradios ([57]) postos em fuga apesar das 130 espingardas da sua gente, em cujas cabanas deram com vasos cheios de carne humana e cavaletes com crânios e fêmures. [...] (STEINEN)

---

[56] Jaspe: variedade de quartzo de coloração avermelhada, amarelada ou variada.

[57] Erradios: errantes.

Utiariti

O "Naturalista" nato adquire seus conhecimentos em contato com a natureza. [...] Os profissionais cada vez mais isolam-se e protegem-se no casulo da "civilização de laboratório". São cientistas, mas não devem ser chamados de "Naturalistas". Estão ligados ao cordão umbilical de fórmulas e formulários, bolsas e relatórios. Presos a engrenagens burocráticas crescentes, anunciadoras de que os meios justificam os fins, estes nem sempre alcançados. [...] A divulgação do que é simples é vestida com uma linguagem complicada, inacessível aos não iniciados: biologês, geologês, etc. [...] Que diferença dos textos dos grandes "Naturalistas" e cientistas europeus de menos de um século atrás, que lançaram as bases da ciência atual! Que falta eles fazem! Muitos "Naturalistas" natos desistem de transmitir a outrem o que observaram, frente a essas barreiras com sua ortodoxia [...] Como colocar nessa camisa de força as sensações mencionadas de início? Como encaixá-las no matematismo? Alguns "Naturalistas", contudo, têm coragem para desafiar a corrente. (AQUINO)

Aldeia Utiariti (07.11.2015)

Felizmente houve consenso para que permanecêssemos mais um dia em Utiariti. Uma empreitada complexa como a nossa que homenageia uma Expedição que se intitulava "*Científica*" deve envolver hoje como ontem, necessariamente, a busca do conhecimento das coisas e das gentes das regiões percorridas. A conversa com os anciãos, a observação aguçada da natureza que nos cerca, as danças, os ritos de passagem, as lendas e mitos, a visita aos locais considerados sagrados pelos povos nativos fazem parte da rotina de um verdadeiro naturalista, <u>se isso não ocorrer estaremos apenas realizando um percurso como um descompromissado turista</u> – <u>não tem nenhum valor</u>.

No dia de hoje, troquei minhas vestes de expedicionário pelas de "*naturalista*" e consegui, graças a essa sutil metamorfose, documentar o magnífico Salto do Utiariti de ambas as margens, de observá-lo do mesmo ângulo e local em que há mais de um século Rondon o fizera, de perambular pelas ruínas da antiga Missão absorvendo sua história e as difíceis interações dos missionários com as crianças nativas, de interagir com os Paresí mais idosos e mais jovens da Aldeia ouvindo suas estórias, de observar seus jogos e brincadeiras, enfim de participar de seu dia-a-dia.

Nesta manhã, entrevistei a Professora Terezinha e a Sr.ª Tertuliana procurando colher informações adicionais sobre o Utiariti ([58]) e a antiga Missão, instalada à margem esquerda do Rio Papagaio, ao lado do lendário Salto do Utiariti. Após a entrevista, atravessei, de balsa, o Papagaio, acompanhando a Professora e seu esposo, o casal seguiu viagem e eu fui, visitar as ruínas da Missão, localizadas na Terra indígena Tirekatinga, dos Nambiquara que guardam hoje apenas uma pálida lembrança que foi um dia a Missão Jesuítica. Apesar de ser um sítio por demais aprazível, de terras férteis, pleno de belezas naturais e de relevância histórica, o local hoje está totalmente abandonado e as edificações do complexo criminosamente desmanteladas e saqueadas. Ao retornar de minha peregrinação pelas ruínas da Missão encontrei a bela menina Iara e sua amiguinha que me auxiliaram na transposição do Rio trazendo a Balsa para a margem em que eu me encontrava (esquerda). Na margem direita ela e mais três amiguinhos fizeram uma bela demonstração de agilidade e coragem escalando a vegetação marginal e saltando dos galhos mais altos nas límpidas águas do Rio Papagaio.

---

[58] Utiariti: Falco Sparverius.

À tarde atravessei, novamente, o Rio Papagaio acompanhado de um amigo Parespí, chamado Galego, e do Dr. Marc com o objetivo de conhecer o local exato de onde o Coronel Rondon havia tirado a famosa foto do Salto Utiariti.

O Galego nos levou, também, até o cemitério da Missão cujo solo sagrado fora igualmente saqueado e profanado. É interessante verificar que os povos tradicionais, tão ciosos guardiões dos restos mortais de seus ancestrais, principalmente quando reivindicam novas demarcações de terras, sejam capazes de agir de maneira tão abominável. Ao transpormos os umbrais de um cemitério, independentemente da origem ou credo dos mortos, deveríamos fazê-lo com todo o respeito e orar pela alma dos que já se foram.

Nesta tarde uma Comissão de mais de 20 pessoas, da Aldeia Três Jacus, representando o Cacique Tarcísio, veio conversar com o Dr. Marc a respeito do valor de um pretenso "*pedágio*" a ser cobrado para percorrermos o trajeto de Utiariti até o Rio Buriti. Depois de muitas delongas ficou acordado o exorbitante valor de R$ 1.500,00 para percorrermos apenas 43 quilômetros das Terras dos Nambiquara, certamente o mais caro "*pedágio*" do mundo, quase R$ 35,00 por quilômetro.

Nossa "*lua de mel*" com os povos indígenas terminava em Utiariti depois de percorrermos as Terras dos amigáveis Paresí, e iniciava-se, a partir de agora, uma longa jornada pelas "*soturnas e mercantilistas*" trilhas Nambiquara. Remando pelos amazônicos caudais tive contato com dezenas de etnias e encontrei apenas uma delas, a dos Tikuna, que se equipara com a dos Paresí em altivez, empreendedorismo e honestidade.

Missões Jesuítas no Brasil

O mundo avança mesmo sem nós, de nós depende que avance conosco! (ARRUPE)

O Padre italiano Pedro Arrupe, membro da Companhia de Jesus, no livro "*Os Jesuítas: Para Onde Caminham?*", conta-nos:

> A dedicação dos jesuítas aos índios é uma vocação histórica, imersa nos primeiros tempos do Brasil. Entretanto, os jesuítas viram dissolver-se as missões, quando expulsos do Brasil, a partir de 03.09.1759. Com quase cem anos de ausência do Brasil e dizimados em quase todas as partes do mundo, foram incorporados de novo nos ministérios religiosos pelo Breve ([59]) de Pio VII, de 07.08.1814.
>
> Voltaram ao Brasil com a finalidade expressa de reatarem as missões indígenas, se bem que não pudessem, durante quase outro século, estabelecer adequadamente uma Missão entre os silvícolas, apenas o conseguindo na forma de Prelazia.
>
> Com iniciativa, já não própria da Companhia, mas da Nunciatura Apostólica, oferecendo uma Prelazia, os jesuítas brasileiros dedicaram-se estavelmente a uma Missão indígena. De fato, pela Bula "*Cura Universæ Ecclesiæ*", de 22.03.1929, foi confiada à Companhia de Jesus no Brasil a região de 350.000 km², situada no Centro Norte do Estado de Mato Grosso. Essa região foi elevada à categoria de Prelazia, a Prelazia de Diamantino. Até o ano de 1952, a Província do Brasil Central esteve com a direção da Missão Anchieta, na Prelazia de Diamantino.

[59] Breve: decisão do Papa sobre questões teológicas que não são de interesse geral.

Imagem 53 – Missão Santa Teresinha do Utiariti

Impossível desconhecer os sacrifícios imensos, as ações heroicas praticadas pelos primeiros jesuítas que ali trabalharam. Evoquemos a figura de Monsenhor João Batista du Dréneuf, SJ, feito primeiro administrador apostólico da Prelazia. Desde 1930 até 1948 lutou com mil dificuldades para colocar as bases firmes de uma ação missionária eficaz. Em 1935 fundou o primeiro posto missionário, "*Santa Teresinha do Mangabal*", no Rio Juruena, entre os índios Nambiquara.

O solo árido, as distâncias imensas, a falta de comunicações, tudo concorreu para que os missionários sofressem fome e privações sem conta, ao lado de seus amados índios. Provada a impossibilidade de subsistência deste posto, cessa em 1945. No ano seguinte, abre-se outro posto, a 120 quilômetros a Sudeste do primeiro: "*Santa Teresinha do Utiariti*", à margem esquerda do Rio Papagaio.

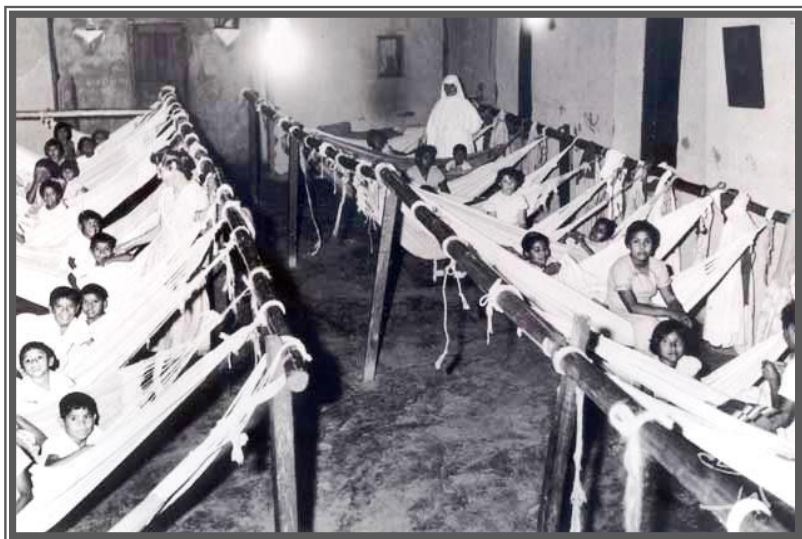



Imagem 54 – Missão Santa Teresinha do Utiariti

Com a morte de Monsenhor du Dréneuf em 1948, assumiu a direção da Prelazia o Padre Alonso Silveira de Mello, SJ, que no dia 21.08.1955 era sagrado Bispo em Porto Alegre, aliás o primeiro Bispo jesuíta em toda a história da Companhia de Jesus no Brasil. A Prelazia dedica-se formalmente à pastoral, no que diz respeito à religião. Mas, não se pode omitir na vida social e ignorar as obras de caridade e de formação. Nessas atividades externas se encontra com outro poder constituído, o Estado. Convém que a Prelazia institua uma ou mais sociedades civis, que facilitem as tramitações de negócios correntes. A criação de tal sociedade realizou-se no dia 19.11.1956. Esta entidade, atualmente com o significativo nome de Missão Anchieta, funciona com sede em Diamantino, a serviço exclusivo da Prelazia de Diamantino, em suas atividades de cunho civil. Por que dizer que a Missão dos jesuítas na Prelazia de Diamantino é uma das mais difíceis do mundo? Por três motivos: grandes distâncias, tribos numerosas e diferentes entre si, e dispersão em pequenos grupos.

1. Utiariti, posto pioneiro, está a 400 km ao Norte da última cidade de Mato Grosso. As tribos da vizinhança são: os Nambiquara, a 120 km; os Paresí, a 200 km; os Iranche, a 200 km; os Canoeiro, os Caiabi, a mais de 500 km por via fluvial. Das tribos que estão no vale do Rio Xingu, as maiores, as mais numerosas, estamos inteiramente desligados por falta de pessoal de comunicação;
2. Sobe a 31 o número de tribos no território da Missão. Todas diferem entre si pela língua, tradições e costumes, constituindo cada uma delas, uma pequena nação;
3. E não se pense que o missionário encontra grandes aglomerações. Os índios de uma mesma tribo vivem em pequenos grupos ou turmas. Seria muito difícil a sobrevivência de um grande número num mesmo lugar por falta de caça, pesca etc. O trabalho na Prelazia se estende a 5 paróquias, 160 sítios sertanejos. O pré-seminário conta com 20 candidatos. O trabalho de evangelização entre os índios atinge a 9 tribos somente. As outras 22 estão à espera do missionário. Dois padres se ocupam no trabalho direto com os índios, na Missão volante. (ARRUPE)

A Missão de Utiariti

Os missionários decidiram mudar-se, em 1945, para Utiariti, considerando que o local possuía terras mais férteis, apresentava condições ideais para a construção de uma Pequena Central Hidrelétrica e, além disso, possuía uma Estação Telegráfica instalada pelo Cel Rondon.

Apenas um aspecto negativo foi considerado pelos católicos – a presença de uma missão protestante – a "*Inland South American Missionary Union*" – com quem, logicamente, teriam de concorrer.

Imagem 55 – Estação Telegráfica de Utiariti

A Missão Utiariti dedicava-se especialmente às crianças. Os jovens, na maioria órfãos, eram separados de seus familiares e mantidos em regime de internato – os Jesuítas sabiam que as crianças eram mais suscetíveis à pregação doutrinária do que os adultos. A Missão reuniu crianças de várias etnias tais como a dos Apiaká, Canoeiro, Irantxe (Iranxe), Kaiabi, Nambiquara e Paresí. Elas aprendiam a língua portuguesa, geografia, história, matemática e religião além de serem iniciadas nas artes e ofícios considerados mais importantes. As meninas eram adestradas no tricô, bordado, corte e costura, e artes culinárias enquanto os meninos nos trabalhos de marcenaria, serraria, pecuária, e mecânica. O internato estabelecia, portanto, um interessante e salutar convívio interétnico – membros de etnias indígenas hostis eram obrigados a participar de tarefas em conjunto, compartilhar do mesmo dormitório e dividir a mesma mesa durante as refeições, tudo isso mantido sob severa vigilância e rígida disciplina dos membros da Companhia de Jesus.

Imagem 56 – Rondon na Cachoeira de Utiariti (FUNAI)

Depois do Concílio do Vaticano II e da Conferência de Medellín, nos idos de 1970, a Missão foi desativada e os jovens aborígenes retornaram à suas aldeias de origem. Embora alguns encontrassem alguma dificuldade em relação à sua antiga língua nativa, o conhecimento adquirido muito contribuiu para o progresso e absorção de novas tecnologias pelos seus pares.

Entrevista com a Professora Terezinha

O relato abaixo é uma "*adaptação*" da entrevista que realizei, em Utiariti, com a Professora Terezinha da Aldeia Nambiquara Três Jacus:

> Meu nome é Terezinha, sou descendente da etnia Paresí-Nambiquara – Paresí por parte de mãe e Nambiquara por parte de pai. Acredito que a missão do Coronel Rondon não era somente a de construir as Linhas Telegráficas, mas, sobretudo, de pacificar os indígenas.

Os Nambiquara e Paresí, antes da chegada de Rondon, eram inimigos ferrenhos, quando os Nambiquara atacavam uma Aldeia Paresí eles queimavam-lhes as ocas e sequestravam suas mulheres. Os Nambiquara, além disso, eram extremamente arredios a qualquer contato com outros povos nativos e os brancos. Quando Rondon chegou a Utiariti ele ficou sabendo do local exato, na margem de um pequeno córrego, onde os Nambiquara escondiam suas armas e lá deixou facões e machados.

Mais tarde, os Nambiquara vieram até o córrego para banhar-se e avistaram maravilhados aqueles instrumentos, estavam começando a manuseá-los quando surgiu a figura altaneira de Rondon envergando seu impecável uniforme de campanha. Os Nambiquara instintivamente flecharam o intruso e uma das flechas endereçada a Rondon, felizmente, atingiu o bornal que ele carregava à tiracolo. Os membros da Comissão que acompanhavam Rondon preparavam-se para atirar quando este interveio impedindo-os.

Rondon, então, tranquilamente chamou a atenção dos Nambiquara e usando o facão cortou facilmente um tronco da vegetação marginal. Os indígenas acostumados com seus toscos machados de pedra ficaram encantados com o desempenho da nova ferramenta. Estabelecidos os primeiros contatos, Rondon alertou às tribos rivais que eles não podiam continuar com essas hostilidades porque logo iriam exterminar-se mutuamente. (TEREZINHA)

Entrevista com a Senhora Tertuliana

O relato abaixo é, também, uma "*adaptação*" da entrevista que realizei, em Utiariti, com a Senhora Tertuliana da Aldeia Paresí Utiariti:

Quando Rondon chegou à região foi informado que o nome daquelas magníficas pedrarias era Utiariti e que por atrás das quedas habitava um belo e mítico pássaro branco que era a encarnação do espírito de um grande Pajé Paresí. (TERTULIANA)

Relato Pretérito: Estrada Tapirapuã/Utiariti

Os muares vindos de Tapirapuã, carregados, chegavam a Juruena "*estrondados*" ([60]) e só com grande esforço podiam vencer os 100 km que ficam entre esse Rio e a Serra do Norte. Mas quando conseguiam fazer o percurso total, ficavam em condições de não poderem ser utilizados de novo sem um descanso completo de, pelo menos, três meses, durante os quais precisavam ser tratados a milho e alfafa. Para vencer essas dificuldades, adaptou Rondon a estrada às condições necessárias para poder ser trafegada por automóveis, desde Tapirapuã até Utiariti. Deste ponto em diante melhoram as condições do terreno e conta-se com as pastagens existentes nas capoeiras dos índios e nos Campos Indígenas. (COMÉRCIO)

Relatos Pretéritos do Salto do Utiariti

Roquette-Pinto (1912)

Utiariti onde se ergue uma estação, será, em breve, um povoado daquele Sertão bruto. Hoje é colônia de Paresí do grupo Uaimaré, chefiada pelo Major Libânio Koluizôrôcê, meu antigo conhecido do Museu, onde estivera em 1910. Vivem ali, felizes, muitas famílias, trabalhando em roças bem mantidas, tomadas pela mandioca e pelo milho. Come-se lá o que Utiariti produz. Já não é pouco. Brasileiros havia dois homens; tudo mais era Paresí. Milho, para nossas montarias, comprei-o também dos índios.

---

[60] Estrondados: derruídos.

Utiariti é semente forte, sã, de vila ou cidade, que se plantou naquele solo. O Rio Papagaio passa-lhe ao lado, cheio de claro, para despencar-se, pouco adiante da estação, no mais lindo salto que se possa contemplar na terra. Numa destas páginas, encontra-se a evocação daquela maravilha, em pálido esboço, que o Sol gravou numa placa fotográfica, alegria e prazer dos meus olhos. Escondida na mágica beleza da queda, que não quero amesquinhar em comparações, porque não sei de outra lindeza igual, vive uma força enorme. A água espirra, em ducha colossal, de 80 metros de altura por 90 de largura; sua energia atinge aos 80 mil cavalos. Uma estreita calha, escavada na rocha quartzífera que a sustenta, deixa passar o arranco do esguicho imenso.

A denominação que os índios dão aos seus médicos sacerdotes, por extensão, serve também para batizar um pequeno gavião [Falcos sparverius] que é totem da tribo.

Na expedição de 1909, chegando ao rio, viram os exploradores sobre uma árvore, ao lado do salto, um pequeno representante do tipo. Para a coleção destinada ao Museu Nacional, foi alvejada ([61]) a avezinha; mas antes que o tiro partisse, o índio Tôloírí, Mathias, influente chefe, e guia da coluna, pediu fosse poupado o Utiarití, protestando que, se o matassem, não poderiam ser felizes, nunca mais, porque daquela espécie de ave provinham os Paresí.

O gavião não morreu. Rondon, em homenagem à crença dos seus auxiliares, deu aquele nome ao Salto do Rio Papagaio.

E foi feliz... (ROQUETTE-PINTO)

---

[61] Alvejada: apontada como alvo.

Rondon (1914)

Dali a 13 km, atingimos outras quedas de muito maior volume e altura – e muitas outras havia nessa região, capazes de fornecer força ilimitada a um parque industrial. Eram esses Saltos do Utiariti de incomparável beleza infelizmente recebeu ali o Sr. Roosevelt telegrama anunciando o falecimento da sobrinha que o acompanhara, e à Mrs. Roosevelt, nas visitas a São Paulo, Uruguai, Argentina e Chile. Havia, a uns 800 m, grande aldeamento de índios, já sob a influência do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). O Chefe da tribo envergava o uniforme de Major e eram estreitas as relações com a Estação Telegráfica que estabelecêramos, porque a esposa do funcionário, uma linda morena, dava aulas às meninas índias.

Tinham as quedas de Utiariti o dobro da largura e da altura das de Salto Belo – despenhavam-se as águas de 80 m – a que excediam de muito em beleza e majestade. Cerca de 100 m antes da queda, alargava-se o Rio cuja água, pouco profunda e coroada de espuma se precipitava envolta em névoa que o vento, às vezes, rasgava, deixando entrever a floresta. Ouvia-se, desde muito longe, o ronco atroador das ondas furiosas e tremia o solo da borda do abismo de onde se evolavam ([62]) nuvens volumosas de eterno nevoeiro. A vista, abaixo das quedas, era de rara magnificência. O Rio lançava-se sobre uma parede de rocha, transversal à corrente, mas, à esquerda, uma saliência nessa parede formava uma belíssima catarata em avanço sobre a queda principal. "*À exceção do Niágara*", disse o Sr. Roosevelt, "*não há na América do Norte catarata que se possa comparar às quedas de Utiariti*." (VIVEIROS)

---

[62] Evolavam: elevam.

Annaes da Bibliotheca Nacional n° 35
Rio de Janeiro, RJ, 1913

Aborígenes e Ethnographos

[...] É uma ideia filiada ao "*totemismo*" ([63]). Em diversas tribos essa variedade de fetichismo pode ser verificada. No "*totemismo*" o "*fetiche*", ao qual o culto é dirigido, em vez de ser um determinado objeto é a espécie à qual esse objeto pertence; assim os Parecis, de Mato Grosso, respeitam como ave sagrada um pequeno gavião [Falco sparverius], que denominam Utiariti. Qualquer ave desta espécie recebe o mesmo culto rudimentar. O vocábulo Utiariti significa propriamente o Mestre, o Padre, o Médico. Em geral a espécie "*totem*" representa os antepassados do povo. [...] (ABNRJ N° 35)

Jornal do Commercio n° 216 – Rio, RJ
Quinta-feira, 05.08.1915

I

Populações Indígenas Encontradas nos Sertões Mato-Grossenses; Contatos e Relações Estabelecidas Entre elas e a Comissão Rondon; Hábitos e Costumes Indígenas

[63] Totemismo: animal, planta ou objeto considerado por certas tribos ou clãs como seu antepassado ou guardião e venerado como símbolo sagrado.

[...] A palavra "*Pareci*", de que nos servimos para designar estes índios é de invenção portuguesa; o nome que eles mesmo dão à sua nação é "*Ariti*", o qual se encontra nos seus cantos, nos títulos dos chefes e, em geral, em todas as instituições de caráter nacional, isto é, naquelas que compreendem o conjunto dos grupos acima indicados. Assim, ao Padre-médico Pareci chamam Uti-Ariti; "*Chefe Pareci*" e "*Língua Pareci*" dizem respectivamente Ariti-Amúri e Ariti-Niranê-nê. Como vemos entre eles existe já a separação das funções dos dois poderes fundamentais de toda sociedade organizada: o poder temporal, mandando diretamente sobro as ações dos homens, e o poder espiritual, governando as opiniões e procurando modificar ou regularizar os atos da vida individual e social, pelo conselho deduzido do um sistema de princípios aceitos por todos.

Como nas civilizações antigas, que engendraram a nossa, o sacerdote Pareci é, ao mesmo tempo, médico, e, para exercitar esta parte das suas funções, ele dispõe do vasto arsenal terapêutico tirado de ervas, folhas e raízes, das quais extrai os seus medicamentos ora por infusões, ora por cozimentos, outras vezes por maceração, etc., e os administra conforme os casos ou em aplicações tópicas ou fazendo o doente ingeri-los. Destes remédios o Coronel Rondon coligiu uma lista contendo 52 espécies, de cada uma das quais dá a indicação de como o Utiariti as prepara, como as administra e para que fim. Dos médicos e dos medicamentos, parece muito natural que se passe para as cerimônias que procedem aos falecimentos.

Quando ocorre algum falecimento os parentes e amigos do morto, que constituem, por assim dizer, toda a aldeia de que ele fazia parte, pranteiam-no longamente, lamentando-se em voz alta, em coro monótono e plangente.

Depois enterram-no no interior da casa em que ele morava, abrindo para isso uma cova bem próxima do lugar em que estava a sua rede: na sepultura colocam os seus arcos, roupas, utensílios diversos e as flechas, previamente quebradas. As covas são redondas, o que faz crer que o cadáver nelas é posto sentado; enchem-nas de terra, que cai diretamente sobre o corpo; a sepultura fica assinalada por um montinho de terra que se acumula em sua abertura. Mas apesar de terem assim tão presentes esses monumentos de tristeza, os Parecis são muito joviais e nunca perdem um pretexto para dançar e cantar. Nestas ocasiões eles se fazem acompanhar de flautas e do ruído sonoro produzido por uma enfiada de castanhas do piqui que prendem no tornozelo da perna direita, com a qual propositalmente marcam o compasso. [...] (JORNAL DO COMMERCIO N° 216)

Jornal do Brasil n° 137 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 09.06.1927

A Expedição Dyott-Roosevelt

Conversando com o Nosso Patrício Dr. José Tozzi Calvão, que foi o Verdadeiro Organizador da Exploração Através dos Nossos Sertões

Os leitores do Jornal do Brasil foram, a seu tempo, largamente informados pelo nosso colaborador Ramon da Paz sobre a "*Expedição Dyott-Roosevelt*", que realizou uma viagem perigosa e interessantíssima através dos sertões mato-grossenses e do Amazonas.

Ramon da Paz, que reuniu um enorme material de observações para editar um volume acerca das regiões percorridas, acha-se atualmente nu Europa, onde, como nos comunica um seu companheiro, o Dr. José Tozzi Calvão, tenciona organizar uma expedição francesa.

No entanto, quisemos aproveitar a presença no Rio, do Dr. Tozzi Calvão, nosso patrício, que foi o verdadeiro organizador da "*Expedição Dyott Roosevelt*", para proporcionar aos leitores do Jornal do algumas informações mais detalhadas sobre aquela empresa.

O Dr. Tozzi Calvão tomou parte em quase todas as expedições norte americanas realizadas na América do Sul; e por isso, está em condições, melhor do que qualquer outro, de expressar opiniões concretas sobre a importância das dificuldades superadas e sobre os resultados efetivos das expedições. Declarou-nos Dr. Tozzi Calvão:

> O principal elemento de sucesso de uma expedição depende sempre do cálculo exato dos mantimentos, que, para a sua duração, precisam, e da perfeita saúde dos membros que dela tomem parte. Não é suficiente possuir uma boa constituição física, mas é indispensável que ela seja preservada dos contágios das febres maláricas e das outras moléstias fáceis a insinuar-se nos organismos os mais fortes, pelo duro regimen de vida, que cada expedicionário se deve impor. A organização dos transportes e dos recursos alimentícios, exige também a competência de homens experimentados nestas viagens, porque, como seria prejudicial qualquer otimismo a respeito às condições do itinerário, assim poderia resultar muito incômodo uma organização pesada dos ditos transportes. Dados os meus conhecimentos dos sertões, e as experiências feitas nas outras expedições, consegui desempenhar as muitas tarefas com a plena satisfação do comandante Dyott.

A expedição teve encontros com os revoltosos em pleno sertão?

Dois encontros. O primeiro aconteceu na madrugada do dia 02.11.1926. Enquanto eu, com a comitiva composta de animais de montaria, de quarenta e cinco bois de carga e de dez homens, preparava-me para a travessia do sertão de Mato Grosso em demanda do Rio Roosevelt [Dúvida], fui surpreendido pelos revoltosos da Coluna Prestes, comandados pelo Capitão Miranda.

Em consideração de que a missão era estrangeira, o Capitão Miranda requisitou somente os nossos animais de sela, que eu tinha escolhido em S. Luiz de Cáceres, deixando-nos alguns cavalos magros e cansados. Com estes animais atravessamos cento e oitenta léguas de sertão, habitado pelos célebres Nhambiquaras, chegando a 24 de dezembro a Utiariti, que fica na margem esquerda do rio Papagaio, acima do Salto de Utiariti, que mede quarenta metros de largura por oitenta de altura.

Qual foi a parte mais difícil da Expedição?

A parte mais difícil da viagem foi a travessia do Rio Roosevelt, que está cheio de cachoeiras e de voltas perigosa. Às vezes precisava parar longas horas no Rio, para cortar algumas arvores colossais que obstruíam, a passagem das nossas canoas. A 2 de fevereiro encontramos as primeiras cachoeiras, e fomos obrigados a abandonar o batelão de madeira, como também parte da carga e os nossos aparelhos radiotelegráficos e os motores. Armamos então a terceira canoa de lona, e assim conseguimos superar a primeira grande dificuldade. Eu procedia sempre na frente, explorando o rio e os canais por onde poderíamos passar. No dia 28 de Fevereiro, precisando caçar, entreguei o lugar de piloto ao índio, que me acompanhava e fiquei na proa, para ter liberdade de matar alguma jacutinga ou mesmo algum macaco.

Foi um desastre, porque, pela imperícia do meu novo piloto, a canoa, ao atravessar uma cachoeira, foi de encontro às pedras virando e jogando os tripulantes n'água. Porém, por boa sorte, a carga de mais necessidade estava bem acondicionada, por isso, flutuando pelas águas espumantes da cachoeira, foi apanhada pelas outras canoas a 2 km abaixo. Lutamos assim, todos os dias, sempre de baixo de fortes chuvas e trovoadas, molhados até os ossos. No dia 3 de março, chegamos à serra do Sargento Paixão, e as cachoeiras do mesmo nome. Tivemos de fazer um varadouro de 3 km. Enquanto eu com mais dois homens íamos abrindo o varadouro numa floreta espessa, fomos cercados por uma tribo de índios desconhecidos, em atitude hostil. Os meus companheiros apavorados quiseram fugir, mas felizmente consegui contê-los, o que foi a nossa salvação, pois, do contrário, os índios nos teriam atacado.

Mostrei, então, que éramos amigos, entregando à tribo, que depois soube chamar-se "*Araras*", machados e facões de presente e recebendo, em troca, arcos, flechas, milho e "*chicha*" [aguardente de milho]. Até a chegada ao rio Madeira varamos, em 45 dias, 65 cachoeiras.

Quantos meses durou a Expedição?

Deixamos o Rio de Janeiro aos 15.09.1926 e chegamos a Manaus no dia 2 de maio deste ano.

Quais são as suas impressões sobre os nossos sertões?

O entusiasmo com que tenho tomado parte em tantas Expedições e o desejo de realizar ainda outras explorações, podem demonstrar o meu vivo interesse para o conhecimento mais perfeito e o estudo de regiões maravilhosas, assim exuberantes de riquezas, e que poderiam, só elas, assegurar a prosperidade de um grande País.

They'll Explore Roosevelt's Famous River of Doubt

(By Pacific & Atlantic)

All aboard for the River of Doubt! George M. Dyott, who plans to explore river Roosevelt discovered in 1914, sailed with companion. on S. S. Van Dyck from New York. L. to r.: Dyott, Eugene Russey, Robert Young and Arthur L. Perkins. The path of the river will take explorers through some of the wildest jungles in the world.

Imagem 57 - Herald and Review, 29.07.1926

Quais são os resultados práticos dessas expedições?

> Os resultadas, hoje, são para os estudiosos. E seja-me permitido afirmar que talvez se interessem mais os estrangeiros do que os nossos patrícios em conhecer as extraordinárias riquezas que existem naquele "*inferno verde*".
>
> Quando o problema das comunicações for resolvido, e parece que o voo de "*De Pinedo*" têm apresentado a possibilidade de solução do problema, os resultados das atuais explorações poderão ser apreciados praticamente.

O Dr. Tozzi Calvão está se preparando para tomar parte numa outra expedição no interior desconhecido do País. (JORNAL DO BRASIL N° 137)

Magalhães (1942)

No Utiariti o Rio corre mansamente antes da queda; ao aproximar-se desta, deu-se o desnivelamento brusco, de modo a formar uma grande corredeira marulhosa e junto do salto as águas se subdividem por causa de uma pequena ilha.

Um grande golfo forma-se à esquerda; outra porção maior contorna a ilha à direita e antes de se despenhar se subdivide, indo uma pequena parte para o abismo, onde cai como extenso e alvo lençol e a outra, de maior volume, volve por um salto preliminar a encontrar-se com o grosso das águas provenientes do golfo.

Despenha-se, então, toda essa massa, da altura de cerca de 80 m, no mesmo enorme poço onde se desfaz o lençol da direita; e de onde se levanta uma grossa nuvem de água como que volatilizada e que, de muito longe, anuncia a existência do salto, a quem tem o hábito de ler e avaliar os acidentes de um terreno.

O corte de arenito vermelho, aí descorado em muitos pontos e completamente desnudado, é vertical; o poço cavado pelas águas é semicilíndrico, aberto no meio do arco anterior já esboroado. À esquerda segue-se o muro de grés, vertical e reto, para o Norte, num abaixamento moderado; à direita a rampa é mais suave para o Rio, então estreito, com especialidade logo depois do salto, onde a sua largura é de 6 m; também aí correm as águas com enorme velocidade. Antes da queda a largura é de 90 m.

No salto a água se eleva em nuvens mais ou menos altas, conforme a temperatura do momento, fazendo sentir constantemente os efeitos da umidade, por mais de 200 m em redor. (MAGALHÃES)

Hino do Mato Grosso
(Dom Francisco de Aquino Correia)

Limitando, qual novo colosso,
O Ocidente do imenso Brasil,
Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,
Nosso berço glorioso e gentil!

Eis a terra das minas faiscantes,
Eldorado como outros não há
Que o valor de imortais bandeirantes
Conquistou ao feroz Paiaguás!

Salve, terra de amor, terra do ouro,
Que sonhara Moreira Cabral!
Chova o céu dos seus dons o tesouro
Sobre ti, bela terra natal!

Terra noiva do Sol! Linda terra!
A quem lá, do teu céu todo azul,
Beija, ardente, o astro louro, na serra
E abençoa o Cruzeiro do Sul!

No teu verde planalto escampado,
E nos teus pantanais como o mar,
Vive solto aos milhões, o teu gado,
Em mimosas pastagens sem par! [...]

Rondônia

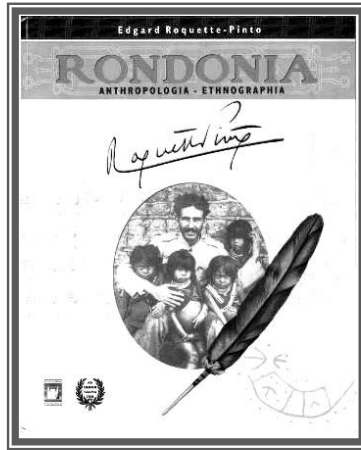



Imagem 58 – Rondônia de Roquette-Pinto

Percorre, a "*Rondônia*", um caminho que vai da objetividade daquelas páginas, um tanto insípidas para os profanos, em que o cientista técnico faz a biometria de tribos inteiras, ou daquelas em que a meticulosidade do médico, nunca deslembrado do seu ofício, descreve o fenômeno de dermatose esfoliativa observada nos índios locais até o surgimento do escritor de humana sensibilidade e excelente forma de expressão. Citemos, a propósito, um trecho da sua página mais afamada entre os leigos, de efeito mais literário a página "*A Morte do Cavalo*" certamente julgada antológica, que merecia, ouço dizer, a preferência do próprio Roquette-Pinto:

> Em pé, pernas abertas para não cair, arquejante, o pelo riscado por alguns fios de sangue a jorrar do pescoço, da anca e da barriga, um triste pedrês ([64]), magro e pisado, tremia num arrepio imenso, como se fosse um grande cavalo de gelatina. Das feridas surgiam, oscilantes, ensanguentadas também, longas flechas retidas no corpo do animal pelas farpas agudas. Extraímo-las do mísero cavalo.

[64] Pedrês: branco e preto.

> E seguimos lentamente, dando-lhe tempo para que nos acompanhasse no seu passo de moribundo. Sempre a tremer, ia arrastando o corpo. Parava um pouco. Depois continuava com esforço, como desejando livrar-se, em último arranco, daquele meio fúnebre. Um quilômetro adiante, deteve-se, dobrou os joelhos, deitou-se sobre o flanco; pôs-se a tremer ainda mais, e lá ficou morrendo... [...]
>
> São feios, efetivamente, aqueles sertanejos; muitos, além disso, vivem trabalhando, trabalhados pela doença. Pequenos e magros, enfermos e inestéticos, fortes todavia, foram eles conquistando as terras ásperas por onde hoje se desdobra o caminho enorme que une o Norte ao Sul do Brasil, como um laço apocalíptico, amarrando os extremos da pátria. É preciso ir lá para retemperar a confiança nos destinos da raça, e voltar desmentindo os pregoeiros da sua decadência. Não é, nem pode ser nação involuída, a que tem meia dúzia de filhos capazes de tais heroísmos. Como são pequeninas estas observações científicas, diante da grandeza da construção daquela gente! (LINS)

Rondônia (1935) – Edgard Roquette-Pinto

Roquette-Pinto acompanhou a Comissão de Rondon à Serra do Norte, nos idos de julho a novembro de 1912, desempenhando as funções de antropólogo, arqueólogo, botânico, cineasta, etnógrafo, farmacêutico, folclorista, fotógrafo, geógrafo, legista, linguista, médico, sociólogo e zoólogo. Percorrendo os ermos dos sem fim daquela inóspita região, descreveu, de maneira notável, o relevo, a hidrografia, a geologia e os mais diversos elementos da fauna e da flora. Analisou criteriosa e minuciosamente a anatomia dos Parisí e Nambiquara, suas manifestações culturais, atividades sociais, crenças, ritos, língua e endemias.

Recolheu artefatos indígenas, filmou o cotidiano nativo e gravou os cantos dos íncolas Nambiquara e Parесí. Os Nambiquara, no tempo de Roquette-Pinto, como ele mesmo relata, viviam na Idade Lítica, usavam machados de pedra e facas de madeira, não dominavam arte da cerâmica, desconheciam as técnicas de construir embarcações e, por isso mesmo, usavam talos de Buriti ([65]) para atravessar os Rios e não sabendo tecer redes – dormiam no chão.

> Todos os índios da Serra do Norte viviam, até agora, em plena Idade Lítica, usando machados de pedra mal polida, facas de madeira, ignorando a navegação, dormindo diretamente sobre o solo, ignorando a fabricação da cerâmica e a rede de dormir. [...]
>
> Para atravessar modestos Rios arranjam uma pinguela, derrubando uma árvore da margem e ajeitando a queda do madeiro de modo conveniente. Se o Rio é largo, fazem um molho de palmas de Buriti, à maneira de flutuante, e deixam-se levar pela corrente, cruzando o curso d'água em diagonal. Não conhecem canoa, nem praticam a navegação. (ROQUETTE-PINTO)
>
> Para atravessar o Rio, um deles colocou por baixo dos braços duas boias finas de talos de buriti, enquanto o outro, firmado nos pés do primeiro, foi por este rebocado até onde estávamos. (MAGALHÃES, 1941)

Esta experiência fantástica foi reportada, com maestria, por Edgard Roquette-Pinto no seu livro "*Rondônia*" do qual repercutimos algumas observações relativas aos índios Nambiquara.

---

[65] Buriti: Mauritia flexuosa.

VIII

Infelizmente, em 1912, os Nambiquara ainda não se achavam bastante acostumados com a presença de estranhos naquelas serranias. Apesar de sua condescendência, a custa de brindes conseguida, minhas pesquisas foram recebidas com justificável desconfiança. Os índios examinados pertenciam aos grupos: Kôkôzú, Anunzê, Tagnani e Tauitê. Dos Uaintaçú, grupo ainda hostil, só consegui uma observação, essa mesmo incompleta. O estado de excitação em que o índio se encontrou, durante o tempo em que o examinei, não permitiu melhor resultado.

A pele é de cor amarelo-siena queimada, escura nos Kôkôzú, clara nos outros. Nos Tagnanis o colorido, em certos indivíduos, chega ao róseo. Muitos tipos quase pretos são encontrados entre os do Juruena e do Juína; são os índios mais escuros do Brasil. [...] Epiderme grossa, enrugada.

Os pelos são retilíneos, duros [lissótricos] ([66]). Em certos indivíduos há cabelos largamente ondulados ["*waved*" dos antropólogos ingleses], semelhantes aos dos Polinésios. Os índios, em geral, arrancam os pelos do corpo e da face e cortam os cabelos, na fronte, com uma concha de lamelibrânquio ([67]). Raros indivíduos deixam fios de bigode; alguns consentem na presença da barba do mento ([68]).

[66] Lissótricos: cabelos lisos.
[67] Lamelibrânquio: moluscos bivalves.
[68] Mento: queixo.

Quase todos deixam crescer livremente as unhas; à hora da comida são utensílios valiosos para dilacerar as carnes. As plantas dos pés nunca se espessam em calosidades extensas, como nos indivíduos de raça negra, que andam descalços. Os pés são relativamente grandes. Pernas finas e musculosas. Abdômen saliente. Mãos pequenas; membros torácicos encordoados, pouco volumosos. [...] A estatura das mulheres, portadoras de pélvis assim reduzida, é bem pequena: as Nambiquara medem 1,47 m de altura, contra 1,62 m que têm os homens. Sendo admitido, em geral, que a estatura feminina é sempre menor que a masculina, cerca de 7%, a altura das Nambiquara deveria andar por 1,51 m. Grosso modo, pode dizer-se que a estatura feminina tem menos de 12 cm que a do outro sexo. [...]

O exame das proporções do corpo, realizado em alguns tipos que representavam o conjunto dos caracteres somáticos mais nítidos da mulher Nambiquara, revelou fatos interessantes, cujo conhecimento é indispensável para o trabalho de comparação antropológica. [...] O tronco é quadrangular, sem depressão lombar, nem vislumbre de esteatopigia ([69]). Os seios, nas moças púberes, são pequenos, em forma de taça [...]. Nas mulheres mães, são grandes, de auréola dirigida para fora, mamilo levantado, nem sempre muito afastados um do outro. O espaço intermamário, em algumas das mulheres mães, tem o valor da metade do diâmetro de uma das mamas. O meio do corpo acha-se acima da sínfise pubiana ([70]).

[69] Esteatopigia: hipertrofia das nádegas por acúmulo de gordura.

[70] Sínfise pubiana: articulação que une o púbis formando a cintura pélvica.

Mede a distância jugo-xifoidiana – [da fúrcula esternal ao apêndice xifóide] – metade da distância xifo-pubiana; sendo, assim, a altura do abdômen igual ao dobro da altura do tórax. Por sua vez, a distância xifo-umbilical é igual ao dobro da linha umbílico-pubiana. Do que se conclui que a mulher Nambiquara tem o umbigo mais próximo do púbis. Pinard já tinha notado a importância prática do conhecimento dessas relações, na semiologia ([71]) da prenhes. Mostrou quanto andaria errado quem fosse aplicar, a todas as raças, elementos de pesquisas que só para umas tantas podem servir. Vi algumas Nambiquara grávidas. A prenhes evoluía já adiantada, mas não consentiram num exame sério; nada posso, destarte, dizer a respeito. Vem, todavia, a propósito referir que nenhuma era lanhada pelos sulcos intradérmicos, devidos à distensão forçada do abdômen, frequentes na mulher branca. Aliás, a pele não tem sempre o mesmo coeficiente de extensibilidade. A dos índios é favorecida por condições especiais, mal conhecidas. Martius figurou no seu Atlas um índio Miranha cujas narinas, perfuradas, atingiam insólita extensão; o indivíduo conseguia passá-los ao redor do pavilhão da orelha do lado respectivo. O lábio dos botocudos é outro exemplo disso.

No tipo masculino, os três segmentos principais da cabeça seguem a mesma norma. O segmento digestivo é maior que os outros dois. Também a altura do tórax é igual à metade da altura abdominal. As mesmas relações encontradas entre tórax e abdômen e entre as partes deste último, no tipo feminino, acham-se nos homens.

[71] Semiologia: estudo dos sinais.

Por essas relações toracoabdominais ([72]), e pela altura do umbigo sobre o púbis, pode dizer-se que o homem Nambiquara tem tronco de mulher; e, levando mais longe a consideração dessas interessantes disposições recíprocas, ainda não seria errado afirmar que, no adulto, nessa gente, permanecem caracteres morfológicos próprios à infância: altura do umbigo, por exemplo.

Um caráter diferencial dos sexos é a situação do meio do corpo: nos homens ele se encontra na borda inferior da sínfise pubiana. É que as mulheres têm membros inferiores mais longos; e os homens, o tronco mais comprido; elas são, antes, macrosquélicas ([73]), e eles braquisquélicos ([74]). Notemos que observações de Ales Hrdlicka ([75]), entre adolescentes, na América do Norte, encontraram fenômeno inverso nas populações brancas.

No tipo masculino, a cabeça cabe 7,5 vezes na altura; obedece ao cânon dos gregos ([76]), o que é realmente interessante. A distância interocular é maior que o comprimento da fenda ocular; a altura total da face é pouco maior que o comprimento da mão. A mão tem cerca de 1/10 da altura total do corpo; o pé corresponde a 1/8 daquela altura. Braço e antebraço têm comprimentos equivalentes; são sensivelmente iguais. O olho mongol é raro.

---

[72] Toracoabdominais: que pertencem ao tórax e ao abdômen.

[73] Macrosquélicas: macroscélicas – possuem pernas compridas.

[74] Braquisquélicos: braquiscélicos – possuem pernas curtas.

[75] Ales Hrdlicka: antropólogo tcheco criador da teoria monogenista-Asiática – doutrina que defende ter o gênero humano uma única origem, a Asiática.

[76] No cânone de Policleto seriam 7 vezes e, no de Lisipo, 8,0 vezes.

Nos índios da Serra do Norte não se vê a queda precoce dos incisivos, tal qual é encontrada nos Paresí. A norma da erupção dos dentes, pelo que andei observando em alguns rapazes e meninos, não é a mesma que se costuma deparar na raça branca; porque as idades, em que a segunda dentadura se completa, me pareceram outras. [...] Aos sete anos rompe o primeiro molar; aos oito, os incisivos medianos e aos nove os laterais. Aos dez, o primeiro pré-molar; aos 11, o segundo. Os caninos, aos 12. O segundo molar, aos 13. O dente do siso, que é o terceiro molar, aparece aos 18, mofino e sem préstimo, quando não se deixa ficar metido no alvéolo durante toda a vida. [...] A dentição completa-se, naquela gente, ao que me pareceu, muito mais cedo. Os molares, que o povo chama dentes do siso, e tendem a desaparecer na raça branca, nos índios, não são dentes de enfeite. Têm função e tamanho de considerar. Acredito que o excesso de trabalho, imposto ao aparelho da digestão, tenha seu rebate nessas características dentárias. Os grandes molares aparecem mais cedo porque são solicitados por mastigação frequente e forte. Comem sempre, de tudo, sem regra nem medida. Não sei de animal que não devorem. Rejeitam, apenas, o tubo intestinal da caça abatida. Os do Juruena comem mais carne que os outros; os de José Bonifácio alimentam-se mais de mandioca e milho. Sua flatulência fá-los companheiros desagradáveis. Todos têm língua saburrosa e muitos as gengivas arregaçadas pela piorreia alveolar. Os dentes, ao contrário do que se verifica frequentemente nos crânios dos sambaquis, não sofrem o processo de usura que Lund, em 1842, descreveu no homem de Lagoa Santa; padecem da cárie que lhes não poupa as coroas.

Uma dermatose especial grassa entre os índios da Serra do Norte. Em verdade, alguns oficiais da Comissão Rondon haviam notado as placas características da doença. Mas, talvez porque não tivessem sido encontrados casos típicos, como esses que me caíram sob as vistas, as manchas passavam por simples descamações epidérmicas traumáticas, oriundas do atrito do corpo na terra, pois que os índios da Serra do Norte dormem sobre o solo. Examinando os indivíduos, cujas fotografias aqui se encontram, verifiquei, porém, a existência de verdadeira dermatose ([77]), imitando diversas das que se acham indicadas entre os nossos aborígenes.

A doença aparece em toda idade; foi encontrada em crianças de peito e em velhos. Ataca igualmente ambos os sexos. Parece ser mais frequente nos índios dos Rios Juruena e Juína. Os Paresí, próximos vizinhos deles, não conhecem o mal; e não me consta que já se tenha verificado qualquer caso no pessoal da Linha Telegráfica. Nenhuma região do corpo é poupada, a não ser o couro cabeludo. As unhas são respeitadas, e a face não é sede predileta das lesões. A doença não é rara; em muitos índios é fácil reconhecer traços de sua existência. No entanto, creio que evolui com intensidade mui variável, porque só em oito indivíduos, dentre cerca de 400, pude verificar suas manifestações bem definidas. (ROQUETTE-PINTO)

[77] Pereba: como curiosidade pere'wa (ferida) é nome tupi para lesões cutâneas.

O paraíso, sonhado pela gente de outras idades, começa a definir-se aos olhos dos modernos, com as possibilidades que o passado apenas imaginava. O homem culto chegou a voar melhor do que as aves; nadar melhor do que os peixes; libertou-se do jugo da distância e do tempo; realiza em um continente o que concebeu em outro, alguns momentos antes; ouve a voz dos que morreram, conservada em lâminas, com o seu timbre, e as inflexões da dor e da alegria; imortaliza-se, arquivando a palavra articulada, com todas as suas características, e as suas formas e seus movimentos com todas as minúcias; e enquanto, mágico inesgotável, vai modificando a terra e lutando contra a fatalidade da morte, fazendo reviver as vozes que ela extinguiu, as formas que ela decompôs, o homem não consegue transformar-se a si mesmo, com igual vertiginosa rapidez. (ROQUETTE-PINTO)

IX

Habitam territórios banhados por águas amazônicas os índios que se acham espalhados pelos vales do Juruena e pela Serra do Norte. São chamados Nambiquara [Nhambikwaras, Nambiquaras, Nambicoaras, Mambyuaras, Mambryáras, Membyuares etc] pelos sertanejos e pelos índios civilizados, seus vizinhos. Somam alguns milheiros. Quantos? Não sabemos. Qualquer estimativa seria invaliosa ([78]). Sendo cerca de uma dúzia de aldeias de que tivemos notícia segura, por visita ou por informação, e dando para cada qual, em média, 100 habitantes, atingimos o total de 1.200 ([79]).

---

[78] Invaliosa: sem valor.

[79] 1.200: O Cel Rondon superavaliou erroneamente a população dos Nambiquara afirmando tratarem-se de 20.000 indivíduos. Em 1938, Claude Lévi-Strauss (LÉVI-STRAUSS) simplesmente replicou o equivocado levantamento de Rondon nas suas anotações.

É muito importante a difusão do nome Nambiquara; existe em Mato Grosso, e no Pará, para os índios de que nos ocupamos. Quer dizer que, do lado Norte e do Sul, os habitantes daquela Serra têm a mesma designação. A concordância faz pensar, à primeira vista, que o nome deve ser, efetivamente, muito característico. No entanto, é apelativo que os nomeados não conhecem, palavra absolutamente estranha ao dialeto de qualquer dos grupos. Convém conservá-la, todavia, para evitar confusões.

O limite Meridional da região dos Nambiquara é o Rio Papagaio. Ao Norte parece que sua zona de distribuição atinge o Ji-Paraná; a Leste, o Tapajós; a Oeste, o Guaporé.

O grupo que habita próximo às margens do Juruena e do Juína, do Rio Papagaio até o Camararé, que chamarei grupo de Sudeste, denomina-se Kôkôzú ou Kôkôçú.

O que habita no baixo Rio 12 de Outubro e se estende provavelmente até a confluência do Arinos com o Juruena, onde também devem chegar alguns representantes do primeiro, denomina-se Anunzê; chamá-lo-ei grupo de Nordeste.

O que vive a Sudoeste da invernada de Campos Novos desce até o Guaporé é denominado Uaintaçú e constitui o grupo do Sudoeste.

O grande grupo Nordeste mora já na vizinhança das águas do Madeira, nas margens de tributários do Ji-Paraná. Parece-me formado por diferentes núcleos secundários, cujas relações ainda não foram bem caracterizadas; pertencem-lhe os índios que encontrei na invernada de Três Buritis, nos Campos de 14 de Abril, em José Bonifácio, Campos de Maria de Molina. Seu núcleo principal habita entre os Rios 12 de Outubro e Roosevelt [Rio da Dúvida].

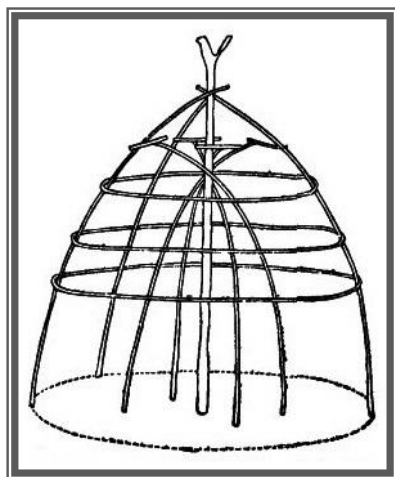



Imagem 59 – Arcabouço da Palhoça – Índios da S. do Norte

Do grupo <u>Setentrional</u> só encontrei os Tagnanis, Tauitês, Salumás, Tarutês, Taschuitês; mesmo assim, apenas sobre Tagnanis e Tauitês consegui diversas notas. Os Anunzês, de Campos Novos, falam nos Taiópas e nos Xaodi-Kókas, até agora não achados; no extremo norte da região, Rondon tem descoberto, recentemente, grupos pertencentes a outras nações indígenas. [...]

As aldeias dos índios da Serra do Norte, em geral, são construídas no alto de pequenas colinas, longe dos cursos d'água. Algumas distam mais de um km do Rio ou do Ribeirão mais próximo. Visam dois objetivos, ao que supomos, levantando suas palhoças em tal situação: sofrem menos dos mosquitos e dominam o território vizinho, o que é vantajoso, vivendo, como até agora viviam, em lutas constantes. A aldeia é construída numa grande praça, de 50 metros de diâmetro; o chão, limpo de mato, arrancado à mão, é entretido sempre assim pelo piso dos moradores.

Uma noite de dança, interminável caminhar nos mesmos pontos, basta para alisar o terreiro das vilas. A mancha circular, que faz o chão da aldeia no meio do cerrado, toma a feição de uma estrela, mercê dos trilhos que partem de sua circunferência. O acesso à praça das vilas é livre: não há cerca, nem tapume, que impeça a chegada ao terreiro. Ao redor, não há fortificações, nem defesas. Constam sempre de duas casas as aldeias Nambiquara; uma defronte da outra, nas extremidades de um dos diâmetros da praça.

Aquela região compreende grandes matas, cerrados e charravascais, poucos tapetes de campo. Os índios escolhem de preferência o cerrado para localizar sua aldeia. A mata é perigosa pelas serpentes, pelas feras e até pelos madeiros, que se despencam, muitas vezes, e esmigalham os caçadores; o campo também o é porque oferece a aldeia ao ataque do inimigo, não protege, de nenhum modo, a casa contra o invasor. Mas o cerrado cumpre muito bem esse mister; poucos são os males que favorece e muitos os benefícios que proporciona. Bem o entenderam os Nambiquara; suas palhoças se confundem com o matiz acinzentado da vegetação ambiente. São moitas do cerrado; quem olha, à distância, quase não as vê. Diluem-se suas formas, aliás bem definidas, nas formas imprecisas do cerrado. Naturalmente, alguém que tenha o hábito de ver as coisas naquele véu poeirento da flora xerófita dos chapadões dá depressa com as palhoças; a confusão não ilude uma vista experiente. Mas o fato desse mimetismo é real. Nas aldeias encontra-se a morada fixa, definitiva; mas além dessa habitação-domicílio, usam ainda os Nambiquara um tipo de habitação-provisória que levantam rapidamente, onde quer que se encontrem à hora de anoitecer.

As casas definitivas, dos índios do vale do Juruena, são pouco diferentes das habitações dos que vivem no extremo da Cordilheira do Norte. A aldeia – (Kôkôzú) – do Rio Juína, onde estivemos, constava de duas casas. A primeira era pequena, hemisférica, mal feita, provida de uma porta mais ou menos ampla; cabiam nela, à vontade, cerca de 20 indivíduos. A outra tinha forma de prisma reto, triangular, de que o solo formava uma das faces. Era mais bem acabada. Media nove metros de comprimento, 3.5 de largura por 2,5 de altura. Uma das suas extremidades era fechada; ao lado, escondida pelas folhas que caíam do teto, uma pequena porta. A outra extremidade era aberta livremente. A cabana estava orientada no sentido Este-Oeste; a extremidade fechada, do lado do nascente. Destarte, à tarde, o Sol entrava pela casa a dentro, durante algumas horas. Duas forquilhas, plantadas nos extremos, sustentavam a travessa longitudinal, à qual vinham ter alguns caibros fixados, do outro lado, no chão, e destinados a suportar as grandes palmas protetoras do uauaçu. As palmas que se achavam de um lado eram dobradas, no alto, sobre o outro lado do teto, por cima da travessa longitudinal; para mantê-las assim, corriam, ao longo da casa, duas varas, amarradas aos caibros interiores por meio de laços de embira. [...]

Frequentemente mudam o local do domicílio. Seguindo o trilho que nos levou à maloca do Juína, onde pernoitamos, passamos por diferentes lugares onde havia estado a aldeia. Não é ainda conhecida a causa determinante das mudanças para locais tão próximos; talvez a morte de um índio, ou a ocorrência de alguma desgraça comum. [...]

Para prevenir a entrada da enxurrada por debaixo da palha, que vem do teto ao chão, cercam os índios Tagnanis e Tauitês as suas casas cônicas, pelo lado de dentro, ao longo da linha que as limita, com uma série de talas imbricadas, feitas das cascas do jatobá. A chuva não penetra. Quem imaginasse que o interior das cabanas é abafadiço e quente faria injustiça ao edifício; o ar entra de um modo admirável, através dos intervalos das folhas. Todavia, quando os índios acendem foguinhos, a coisa muda de figura. E, felizmente para eles, a permeabilidade da cobertura de palha livra seus olhos de graves doenças, que se encontram em muitos povos incultos, cujas habitações retêm a fumaça. [...]

Esteiras de palha, couros preparados, redes, jiraus de dormir, catres e camas são modalidades de leito que predominam neste ou naquele estado de cultura social. A presença das primeiras já indica certo adiantamento; os Nambiquara não têm outro leito senão a terra. Dormem sobre o chão limpo. E não tinham a rede, inseparável companheira dos Pareší, seus vizinhos; hoje, que a conhecem, estimam-na infinitamente. No meio deles, para repousar um pouco, à noite, era uma dificuldade; mal armávamos as nossas, surgiam logo três ou quatro candidatos... E, uma vez donos dela, dificilmente nô-la deixavam. Frequentemente éramos despertados por alguns índios, que a fina força, desejavam dormir nas mesmas em que repousávamos. No pouso de Três Buritis, onde estiveram acampados alguns dias conosco, à noite disputavam tosca mesa de pau, em que os encarregados da estação faziam suas refeições; [...]

Por que, pois, não se utilizavam da rede? Porque não a conheciam. Trançar fios de algodão e de tucum, trançam eles, de maneira mais que suficiente para confeccionar uma delas; apreciar esse leito dos seus vizinhos, também haveriam de apreciar, como agora acontece. [...]

Ora, todos os índios da Serra do Norte dormem diretamente sobre o solo. [...] Deitam-se, quase sempre, em decúbito lateral, pondo o antebraço debaixo da cabeça para servir de travesseiro. Os homens raro se sentam diretamente sobre o chão. Em geral, acocoram-se. As mulheres fazem o contrário. Se estão de pé, no fim de alguns instantes, os homens, habitualmente, flexionam uma das pernas sobre a coxa, apoiando o pé respectivo sobre o joelho do outro lado; as mulheres tomam atitude característica, que nunca vi descrita e se acha bem clara nos instantâneos colhidos. Cruzam as coxas, adiantando o membro pelviano direito em simples adução, enquanto colocam o membro pelviano esquerdo mais atrás, em adução forçada. O grande eixo do pé direito, prolongado, corta o do esquerdo quase em ângulo reto. Frequentemente cruzam os braços. [...]

Alimentam-se principalmente de produtos agrícolas; é um dos traços paradoxais dessa população o desenvolvimento da agricultura no seu meio atrasado. De um modo geral, pode se dizer que os Nambiquara comem tudo; não respeitam certas espécies animais, como fazem alguns índios. Um mosquito que apanham sobre o corpo, um piolho, um gafanhoto, uma lagartixa que passa correndo, nada escapa.

Alguns costumam andar com uma vara para matar as cobras que vão encontrando: assam os ofídios no borralho e comem com prazer a iguaria. Só o estômago das vítimas, depois de assadas, rejeitam. No pouso do Primavera, quando algum tinha fome, corria ao cerrado e voltava trazendo um calango vivo; batia com a cabeça do pequeno sáurio num pau qualquer e atirava-o às cinzas quentes. Depois, com as unhas, rompia o abdômen do animal, retirava o estômago e saboreava o resto. Um tatu que, noutra ocasião, foi apanhado, mataram, torcendo-lhe o pescoço. Para a caça e para a pesca usam flechas que serão descritas.

Aproveitam os ovos do pato do mato fazendo covas rasas no borralho quente e lá os aninhando, depois de revolvidos com um graveto passado por pequeno orifício aberto na casca. A carne de grandes caças: veado, paca, capivara, é primeiro socada no pilão, ou batida entre dois paus, e só depois utilizada. Com as unhas, com os dentes, e às vezes com facas de madeira ou de taquara, cortam grandes bocados. Mal engolem o que lhes vai na boca, logo chupam os dedos, estalando a língua com grande ruído. [...]

Bebem o mel sempre misturado com água: hidromel. Comem com prazer os filhotes das abelhas, mergulhados no mel e no própolis, que não rejeitam. Não deixam amadurecer o milho; comem-no assado, ainda verde. A mandioca sofre o mesmo processo, ou então é utilizada em raspa, com que fazem beijus. Por meio de uma fita de embira espremem a raspa, e com o amido fazem alvíssimos bolos. Para confeccionar os beijus, abrem um buraco nas cinzas quentes de uma fogueira, e lá depositam massa de mandioca, alisando o bolo com um pau qualquer e com a mão.

Cobrem tudo, depois, com cinzas e brasas; no fim de algum tempo, que não sabemos como estimam, descobrem um grande bolo tostado e cheiroso, um tanto azedo, que não seria desagradável se não tivesse tanta cinza e não fosse preparado por tão desasseado processo... [...]

Obtêm fogo pelo atrito de dois bastões, em nada dissemelhantes dos que se acham pelo Brasil afora. A operação é muito mais longa do que se imagina. O índio começa forrando o chão com uma folha seca; sobre ela deita o ignígeno fixo, que mantém com o pé e com o joelho. Com as mãos espalmadas, imprime ao ignígeno móvel a rotação necessária, apertando-o, ao mesmo tempo, de encontro ao primeiro. O movimento faz descer as mãos ao longo do bastão; o índio recomeça, repondo-as na parte superior. De vez em quando para, rapidamente, e passa a língua sobre a palma que o atrito requeima. No fim de algum tempo, quando o suor já poreja a fronte do operador, surge a centelha, na moinha que se depositou na folha. O processo só difere da operação clássica pela presença da folha protetora. Por trabalhoso os índios o executam a contragosto. Desejando obter um filme, que documentasse todos os seus tempos, dificilmente obtive que um índio fizesse fogo. [...]

É fato curioso a falta de utilização dos palmitos por parte dos índios da Serra do Norte. Gabriel Soares (1587) deixou bem expresso que o gentio do litoral não desprezava o gomo folhear das palmeiras: "*do olho destas palmeiras se tiram palmitos façanhosos de cinco a seis palmos de comprido e tão grossos como a perna de um homem*".

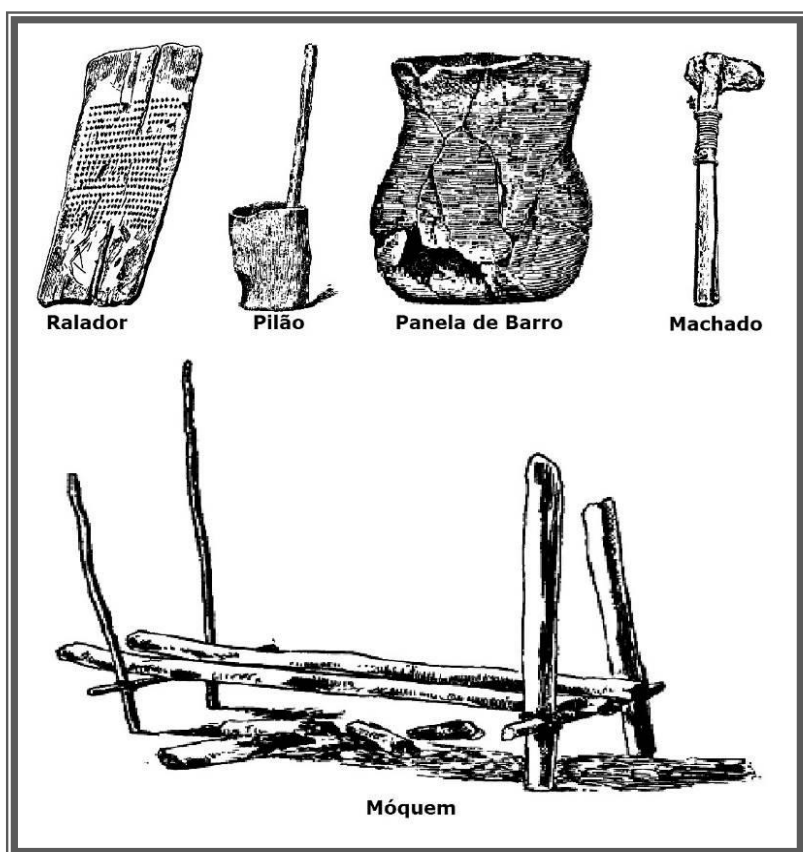



Imagem 60 – Utensílios dos Índios da Serra do Norte

Quanto ao vinho do ananás era bebida corrente; é ainda Soares quem diz: "*a natureza deste fruto é quente e úmido, e muito danoso para quem tem ferida ou chaga aberta; os quais ananases sendo verdes são proveitosos para curar chagas com eles, cujo sumo come todo o câncer, e carne podre, do que se aproveita o gentio: e em tanta maneira come esta fruta, que a limpam com as suas cascas a ferrugem das espadas e facas, e tiram com elas as nódoas da roupa ao lavar; de cujo sumo, quando são maduros, os índios fazem vinho, com que se embebedam; para o que colhem mal maduros, por ser mais azeda...*"

A comida salgada, de nosso uso, não agradava aos índios da serra do Norte. Mais de um rejeitou o prato que lhe destinávamos, dando a entender que o salino sabor o levava a proceder dessa maneira.

O leite condensado foi também, a princípio, recusado; diziam, fazendo uma visagem, que era leite de mulher, e portanto repugnante:

– Anungçú!

É preciso conhecer a gula dos índios, sua fome insaciável, seu – animus devorandi – contínuo, persistente, infalível, sincero, para bem compreender o nojo que os conduzia a tal renúncia.

Às crianças dão tudo para comer; do que levam à boca vão sempre migalhas ao pequenino que lhes anda perto ou entre os braços. [...]

As crianças tomam logo parte na comida; as mulheres comem depois... O que sobra, quando sobra. Aliás, esta é a regra, mesmo entre os índios já civilizados... Mas, em geral, se há abundância, cada qual se serve do que há, quando quer, como quer; a comida é de todos.

Costumes dos Nambiquara

REVISTA

— DO —

MUSEU PAULISTA

TOMO XII

SÃO PAULO

TYP. DO "DIARIO OFFICIAL"

1920

Imagem 61 – Revista do Museu Paulista Tomo XII, 1920

Notas Sobre os Costumes dos Índios Nambiquara

[Tomadas pelo 1° Tenente Pyreneus de Souza, em 1911, quando em serviço da Comissão Rondon e acompanhadas de dois breves vocabulários]

As presentes Notas foram registradas sobre a perna e aos bocados, aqui e ali, conforme a oportunidade, durante a minha permanência em Campos Novos, na Serra do Norte, onde estive, de setembro de 1911 a fevereiro de 1912, organizando a fazenda de Campos Novos e dirigindo o serviço de transporte do material da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, do Juruena a Vilhena. Publicando-as, agora, conservei o primitivo desalinho geral, como foram tomadas, sem influência de leitura de trabalhos publicados sobre os Nambiquara, por me parecer que dar-lhes arranjo mais metódico seria prejudicar a impressão de naturalidade selvática – que é seu único valor.

A grande e valente nação Nambiquara tem por habitat extensa zona das serras dos Parecis e do Norte e está muito subdividida em grupos inimigos entre si. Desses grupos conheci em Campos Novos, os seguintes: Anonzê, Cocosú, Uainedezê, Xaody e Tayôpa.

O índio Nambiquara, tem a estatura mediana, o peito largo, o ventre crescido, os dentes grandes e em geral estragados, orelhas curtas e pés pequenos. Seus cabelos são muitos negros, luzidios, abundantes, grossos e lisos, aparados na testa e no ombro e caindo sobre as orelhas de modo a resguardá-las da chuva. Raramente tem barba e, quando a tem, é pouca e no queixo.

São os Nambiquara, principalmente as mulheres, alegres, de fisionomia franca, inteligentes, muito curiosos, hospitaleiros e extremamente amorosos dos filhos.

Os homens furam o nariz e o lábio superior, onde colocam um enfeite ou um pedaço de pau; furam, também, as orelhas, nas quais colocam brincos. Este enfeite consiste numa taquarinha – de 8 a 18 centímetros de comprimento – tendo engastado em uma das pontas um penacho de penas de periquito ou uma grande pena de arara.

Usam como enfeite, homens e mulheres, colar de cocos, de conchas e de dentes de animais. Apertam fortemente, os braços e as pernas com ligas de fibras de tucum ou de algodão, ordinariamente tecidas pelas mulheres. Os homens trazem à cintura uma embira cujas pontas são compridas e caem para a frente, cobrindo quando novas, as partes pudentas ([80]).

[80] Pudentas: partes íntimas.

As mulheres trazem, no mesmo lugar, um colar de contas de coco, passado em muitas voltas. Os homens, às vezes usam bonitos diademas de penas vistosas ou de peles de onça e raposa. Não usam nenhuma outra vestimenta tanto os homens como as mulheres. Dormem no chão e de preferência, na areia, à beira de pequeno foguinho, aceso toda a noite, tendo por travesseiro, uma cabaça ou alguma perna do vizinho ou vizinha mais próximo.

Há sempre, na Aldeia, um velho, que passa a noite acordado, à beira do fogo, contando a história da tribo e suas lendas aos índios moços, um de cada vez. Estas preleções são feitas em voz baixa, para não perturbar o sono dos outros índios e ouvidas somente pelo índio que está de quarto ([81]). Este educando presta a máxima atenção e vai afirmando com. a cabeça e com um hum! hum! que está entendendo; depois vai dormir e dá lugar a outro. E a lengalenga do pobre velho continua até de manhã com o patriótico interesse de não deixar desaparecer as tradições de sua tribo. Enquanto fala, o velho come e fuma com o discípulo e atiça o foguinho. Quando eu pernoitava com os índios, também eu dormia no chão, ouvindo histórias e registrando estas notas e as palavras cujo significativo entendia.

Alimentam-se, ordinariamente, de mel, frutas silvestres, milho assado e beiju feito de mandioca ralada; peixe e carne de qualquer animal, bem assada e, às vezes, socada [cobras, insetos, larvas e coró extraído do tronco de palmeira podre]. Este pitéu é muito apreciado e procurado com grande avidez e por ele desprezam qualquer ouro. Tendo levado ao meu acampamento, para medicar-se, um menino Anonzé, no fim de oito dias, ele fugiu, por não haver eu permitido que comesse um coró trazido por seu pai.

---

[81] Quarto: plantão.

Nos dias de fome, que não são poucos, devido à sua imprevidência, comem terra de formigueiro e terra torrada [do local onde fizeram fogo]. E, nas horas de lazer, quando as mães catam os filhos, comem os piolhos e lêndeas ([82]), habilmente caçadas na cabeça.

Aos homens cabem as caçadas e a extração do mel. Em procura da caça e mel andam muito, pernoitando, muitas vezes, fora da Aldeia. Geralmente a mulher acompanha ao homem.

Nestas excursões a mulher leva tudo que possui a família e mais os filhos menores, que, pela idade, ainda não podem caminhar. É a mulher quem prepara o rancho provisório da palha que mais houver no local escolhido.

Estes ranchos são baixinhos e circulares, ficando a metade de cada um aberta. Os caibros são fincados no chão e as pontas superiores reúnem-se em um ponto, dispensando assim o esteio. São cobertos de folhas de bacaba, buriti, açaí, guariroba do campo ou qualquer folhagem, quando faltam aquelas palmeiras.

Preferem quase sempre as cabeceiras, não fazendo questão de água corrente. Fazem pequenas cacimbas donde tiram água com cuia para beber e tomar banho.

Estes acampamentos provisórios são formados de tantos ranchos quantas são as famílias, que constituem o grupo. Cada família faz o seu rancho e aí tem toda sua rica mobília e toda sua fortuna! Consistem estas no indispensável samburá com alça, que a mulher carrega, passando a alça na testa.

[82] Lêndeas: ovos do piolho.

Neste samburá acondiciona o machado [outrora de pedra], a cabaça de fumo, a d'água, a do mel, a de contas de enfiar, paus de tirar fogo, resina, panela de barro, pilão e mão de pilão. E ainda o beiju de mandioca, espigas de milho, as frutas que for encontrando e toda a caça que o homem matar em viagem. Com esta pesada carga e mais o filhinho de peito [quando o tem] a tiracolo, a pobre mulher anda o dia inteiro, muitas vezes, pelo mato ou pelo emaranhado charravascal ([83]); corre e trepa, com admirável agilidade, em qualquer árvore.

O homem, apenas conduz o arco com suas flechas e alguns – os mais gentis – ajudam a carregar os filhos pequeninos, que, pela sua pouca idade, ainda não os podem acompanhar em suas longas marchas, quase sempre feitos ao trote, porque o índio Nambiquara não tem paciência de andar devagar nem procurar caminho. Quer logo chegar onde está a caça, o mel, as frutas.

Com a aquisição de nossos machados de aço eles derrubam qualquer pau ([84]) para tirar mel. Já desprezam o machado de pedra que usavam antes do convívio com a Comissão e hoje fazem troça dele. Acham-no ridículo e imprestável. São habilíssimos para descobrir a "*porta*" de uma abelha; acompanham, de muito longe, as pequeninas abelhas até que elas, incautas, denunciem suas casas. Costumam, em vez de derrubar a árvore que tem o mel, fazer um jirau ([85]), para subir até alcançar a porta da colmeia e abrir um tampo na árvore, justamente, onde se acham os preciosos favos.

---

[83] Charravascal: vegetação cerrada, formada basicamente por espinheiros e leguminosas.
[84] Pau: árvore.
[85] Jirau: armação feita de troncos e varas.

Outras vezes sobem por um cipó e abrem a colmeia, manejando o machado com uma das mãos [direita ou esquerda, pois trabalham habilmente com qualquer mão] enquanto com a outra abraçam-se à árvore, para não cair.

São processos estes expeditos e muito simples, mas que exigem grande ginástica e muito desprezo pelas doridas mordidelas das abelhas, que, bravamente, defendem suas casas!

Aproveitam tudo: mel, larvas, samora ([86]) e cera. Não comem geralmente o mel puro; misturam-no com água ou com polpa de coco de buriti.

O Nambiquara é também pescador; pesca com flechas de três pontas, desprovidas de penas. Fica, de tocaia, na barranca do Rio com o arco armado. Quando o peixe passa, lança certeira seta e cai n'água para o pegar. Usa também cevar o peixe com milho ou frutas e flechá-lo, quando ele vem comer a ceva. O peixe traspassado pela flecha não vai ao fundo; vem à tona d'água.

Por mais de uma vez pesquei com os Anonzés nos Rios Nambiquara e Doze de Outubro – à bomba de dinamite – de que tem muito medo. Quando eu atirava a dinamite n'água eles corriam para longe, só se aproximando depois da explosão Ao rebentar a bomba davam gritos de alegria e caiam na água – homens, mulheres e meninos – para apanhar o peixe no fundo. Não perdiam nenhum, nem ainda os menores. Nadam e mergulham muito. Não têm medo de mergulhar nos poços mais fundos, enraizados e de águas escuras.

---

[86] Samora: saburá ou "*pão das abelhas*" – é pólen já processado e armazenado, pelas abelhas indígenas sem ferrão, em potes formato ovoide ou cilíndrico.

Pesquei também com anzóis e os ensinei a prepará-los, iscá-los e puxar o peixe, mas eles apreciam menos o anzol do que a dinamite. O peixe é moqueado com tripas e escamas. Não sofre nenhum preparo prévio e nada se perde.

É o peixe a comida predileta dos Nambiquara; preferem-no a qualquer carne, como tive ocasião de verificar.

Matam o passarinho com fecha especial de madeira tendo a ponta redonda e algumas vezes coberta de palha de milho, para não estragar a vítima. Morto o passarinho depenam-no e o enterram no cinzeiro quente com tripa, bico e unhas. E assim o comem, depois de moqueado.

Gostam muito de um coró branco, grande, encontradiço no tronco do buriti podre. Comem-no vivo, sem assá-lo.

Não deixam escapar uma lagartixa ou um lagarto. Perseguem-nos, tanto no campo como no mato ou charravascal, e, quando os bichos entram no buraco, os índios cavam o chão até tirá-los, tão apreciadas são essas caças. Do mesmo modo pegam ratos para comer assados, com tripas. Assam a caça, enterrando-a no borralho ([87]) e, quando a caça é muito grande – uma anta ou um porco e mesmo um burro da Comissão – preparam um buraco e aí fazem fogo, para enterrar a caça com couro e tripas.

Não cozinham a carne, preferem-na assada e depois socada no pilão. Cozinham em panela de barro o coco da bacaba. O coco de buriti eles o põem dentro d'água, um ou dois dias, até amolecer a polpa, que comem com mel ou só.

---

[87] Borralho: cinza quente.

Tiram a polpa deste coco com os dentes e depois de amassá-la na mão, fazendo assim um bolo, comem-no ou oferecem-no, por amabilidade ao hóspede, que querem agradar. E para ser amável, tem-se que comer. Têm sempre no rancho uma grande provisão de beiju de mandioca e milho. Não comem a mandioca assada nem cosida e sim ralada, em ralo de madeira, feita polvilho.

Plantam na roça mandioca, milho [um milho de grão roxo e mole]; cará, batata doce [diferente da nossa: é amarela e pouco cresce]; fava branca e roxa, muito grande. Plantam também algodão, de que as mulheres fazem fio e meadas, iguais às que se fazem no sertão de Goiás, Minas e Mato Grosso. Com este fio tecem ligas para apertar os braços e pernas as cintas largas [soreguzé] que as mulheres usam a tiracolo, para nelas conduzirem os filhos de peito, cordas de arcos, de enfiar contas, etc.

Cultivam também a mamoneira, mas não sei que uso fazem do seu fruto. Para andar à noite, quando precisam de luz, fazem facho ou então acendem um pedaço de resina. Junto das roças estão suas aldeias [xycês dos Anonzés e xyçús dos Cocozús], a que se recolhem depois das grandes caçadas e na época das chuvas. Nunca a Aldeia fica sem um homem de guarda, geralmente, um velho. A Aldeia se compõe de um ou mais ranchos, grandes, bem cobertos de palha. Não tem divisões no interior; a vida é em comum.

Quando um índio quer sair a passeio, para caçar, pescar, extrair mel e colher frutas, etc., diz ao resto da Aldeia o que vai fazer e quanto tempo demorará. A mesma coisa fazem quando saem em grupos. Quando os índios de uma Aldeia vão visitar os de outra, ao chegar entregam as armas e contam, caminhando de um para outro lado, tudo que eles

têm feito nas caçadas, pescarias, as abelhas que tiraram e si encontraram com outros índios ou civilizados. Depois deste longo discurso, sentam-se e vão comer em comum, falando sempre e fumando muitos cigarros seguidos.

As mulheres têm grande amor aos filhos, que só depois de homem casam-se e só então se separam. As filhas casam-se muito cedo. Não vi nem um homem casado com duas mulheres. São monógamos, parece-me. Conheci mais de uma viúva que, no arranchamento provisório, vivia só com seus filhos.

São muito hospitaleiros: quando eu chegava aos seus ranchos ofereciam-me mel com água e tudo o mais que tinham. Muitas vezes, porém, encontrei-os em completa miséria, famintos. Pobres velhas, já sem dentes, chupando torrão de barro torrado, como se fora doces bombons!

O homem Nambiquara é mais forte porque alimenta-se mais de mel e frutas que encontra em suas caçadas; a mulher fica na Aldeia com os filhos, esperando o marido, que, muitas vezes, não traz nada e ainda come as poucas frutas colhidas pela mulher. Comem a qualquer hora, do dia ou da noite.

Gostam muito de cachorros que tratam com muita estima; assim como as galinhas que recebem de presente, mas, para elas não fugirem, arrancam-lhes as penas, como fazem aos papagaios, araras e jacutingas ([88]). Criam soins ([89]) e macacos, que comem e dormem com eles; nas refeições esses animaizinhos roubam beijus e espigas de milho e sobem para o teto da "*xycê*" ([90]) a comer e a brincar com os índios, que acham nisso muita graça.

---

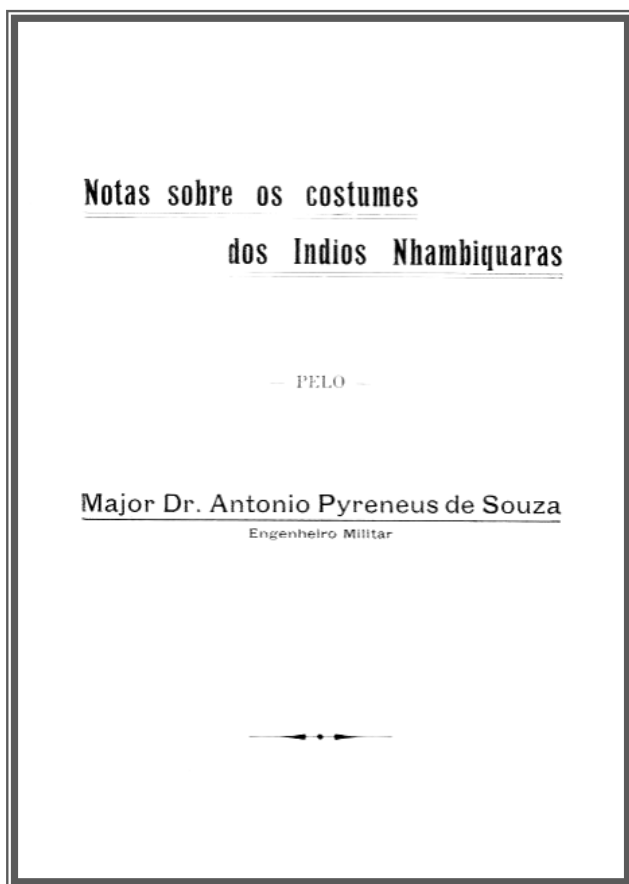
[88] Jacutingas: Galliformes da família Cracidae.
[89] Soins: saguis.
[90] Xycê: casa.

Quando algum dos macacos os incomoda muito, eles amarram as duas mãozinhas do pobre animal nas costas e assim ficam quietos. Outras vezes surram os bichinhos que fogem para cima das “*xycês*” a chorar e depois descem a agradar os índios. Sobem-lhes na cabeça e põem- se a catá-los.

Julgam espalhar a chuva, subindo em um cupim ou toco e soprando para o lado em que as nuvens estão mais carregadas. O homem, se está fumando, tira a fumaça, que espalha, soprando, ou com a mão. E assim acreditam impedir a chuva de cair! (DE SOUZA)

Notas sobre os costumes
dos Indios Nhambiquaras

— PELO —

Major Dr. Antonio Pyreneus de Souza
Engenheiro Militar

Aldeia Utiariti – Fazenda S. Miguel

A exploração do Rio Papagaio constituiu importante serviço que ficamos devendo à orientação do General Rondon, quando traçou e executou magistralmente o programa da Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Quando esta Expedição [1913/14] chegou à Estação Telegráfica de "Utiariti", nome também do belíssimo Salto do Rio Papagaio, junto ao qual foi construída, Rondon destacou uma turma destinada a reconhecer e explorar o Rio Papagaio, a partir deste Salto até sua Foz no Juruena. (MAGALHÃES, 1941)

Aldeia Utiariti à Aldeia do Buracão (08.11.2015)

A partir de Tapirapuã nosso percurso se dirigia para o Norte, subindo e atravessando o planalto deserto do Brasil. Das fraldas desta zona elevada, que é geologicamente muito antiga, defluem para o Norte os tributários do Amazonas, e os do Prata para o Sul, fazendo imensos volteios e desvios sem conta. (ROOSEVELT)

Acordamos por volta das seis horas, o desafio de embarcar os irrequietos muares na balsa do Rio Papagaio preocupava o "*Boi*" e por isso mesmo tínhamos de iniciar cedo os preparativos. Despedi-me da amável anciã Sr.ª Tertuliana e de seu marido e fui, como legítimo militar da arma de Villagran, orientar meus parceiros na transposição do curso d'água, afinal isso era uma missão bem específica da nossa Engenharia Militar.

Curiosamente a travessia do Rio Papagaio, na pequena balsa (13°01'41,8"S / 58°16'54,2"O), diferente do esperado, processou-se rapidamente e sem quaisquer dificuldades. Apenas um senão – o cavalinho "*Polaqueiro*" escorregou ao desembarcar e esfolou, sem gravidade, a pata traseira.

Desde Tapirapuã, vínhamos seguindo, à distância, a Linha Telegráfica já que era impossível seguir a rota exata da Expedição Original tendo em vista os alambrados que cercavam as inúmeras propriedades particulares ao longo do caminho e a vegetação que, nos últimos cem anos, fora, progressivamente, bloqueando a estrada da Linha. Tínhamos, até então, percorrido apenas 2,5 km da Estrada da Linha Telegráfica na chegada à Aldeia de Utiariti.

Hoje, depois da travessia, enveredarmos por 4,5 km da estrada, rumo Sudoeste, até adentramos na mesma trilha (entroncamento: 13°03'07,4" S / 58°18'38,1" O) daqueles valorosos expedicionários do passado usando, como eles, nossos vigorosos muares como meio de transporte. Depois de percorrermos outros 15,5 km seguindo a trilha da Linha Telegráfica encontramos uma bifurcação (13°08'14,3" S / 58°25'25,1" O), abandonamos a estrada e adentramos na trilha da direita, onde fizemos, logo em seguida, a primeira parada. Antes de partirmos, seguindo a trilha da Linha, os muares tiveram de ser recapturados, pois, durante a breve parada, tinham seguido adiante. Na antiga senda, encontramos alguns dos antigos postes erguidos pela Comissão de Linhas Telegráficas chefiada pelo Cel Rondon.

Depois de percorrermos 35 km, enfrentando bloqueios, vespas, e extrema canícula, abandonarmos a rota Sudoeste e enveredarmos pela trilha da Linha Telegráfica no rumo Noroeste que ia cruzar o Rio Buriti 8 km à frente. Como a viatura Marruá ainda não tivesse chegado com a água para aplacar a sede de nossos sedentos muares eu o "*Boi*" descemos uma íngreme trilha em busca do precioso líquido.

A estreita trilha que seguimos, após passarmos pela antiga Aldeia Buracão, estava muito fechada obrigando-nos a deitarmo-nos sobre os animais para acompanhar a tropa que seguia célere em fila indiana.

Chegamos, finalmente, ao leito seco do que deveria ser, na época das águas, um pequeno Ribeirão. O "*Boi*" foi à frente reconhecer o terreno e pediu para que eu aguardasse com os animais. Algum tempo depois, ouvi um grito do "*Boi*" que me pareceu ser de júbilo, por ter encontrado água, e toquei a tropa em sua direção, logo à frente vi a montaria do "*Boi*" amarrada a um tronco com os quartos atolados no lodo.

O "*Boi*" gritou, de longe, pedindo que eu voltasse com os animais afirmando que o terreno dali para frente era muito pior, imediatamente manobrei os animais que ao retornar enveredaram, em louca carreira, pela apertada trilha. Tentei, em vão, controlar os animais e nessa empreitada perdi meu gorro de selva, um troféu que sempre usara com orgulho desde que, em 05.11.1999, concluíra o Curso de Operações de Selva.

Novamente uma estranha sensação me envolveu, a mesma que senti quando perdi, nas águas do Rio Solimões, em 12.01.2009, minha veterana Bússola Silva, que há mais de 32 anos me indicava a rota correta e o chapéu Bandeirante, meu velho parceiro, no dia 12.11.2014, nas águas do Roosevelt após um convívio de 36 anos. Uma profunda angústia invadiu todo o meu ser e veio-me à mente o som vigoroso e fúnebre do "*Requiem Dies Irae*", de Wolfgang Amadeus Mozart. Adeus, velho amigo! Partiste como um dia quero partir, vendo, tratando e pelejando!

As aldeias dos índios da Serra do Norte, em geral, são construídas no alto de pequenas colinas, longe dos cursos d'água. Algumas distam mais de um quilômetro do Rio ou do Ribeirão mais próximo. Visam dois objetivos, ao que supomos, levantando suas palhoças em tal situação: sofrem menos dos mosquitos e dominam o território vizinho, o que é vantajoso, vivendo, como até agora viviam, em lutas constantes. (ROQUETTE-PINTO)

A tropa só foi controlada depois da chegada da viatura Marruá com equipe de apoio (Sargento Yuri e Soldado Eder), Coronel Angonese e o Dr. Marc. Montamos acampamento (AC03 – 13°13'22,8" S / 58°30'49,1" O) nas proximidades da antiga Aldeia do Buracão, onde os pequenos e irritantes insetos assediavam a todos comprometendo a execução das tarefas mais simples. A Aldeia do Buracão foi abandonada pelos Nambiquara depois de terem ocorrido uma série de acidentes, alguns fatais, na sua íngreme trilha de acesso. É interessante ressaltar que a edificação de uma Aldeia Nambiquara em local próximo a um curso d'água e muito insalubre contraria todas as observações realizadas pelos antigos pesquisadores e, fundamentalmente, o preconizado pelos seus ancestrais.

Relatos Pretéritos do Rio Papagaio

Alguns leitores não entendem porque insisto em reportar relatos de outros autores sob o título de "*Relatos Pretéritos*" e eu respondo dizendo que estas narrações são fundamentais. Não me considero um colunista, cronista ou escritor e não tenho nenhuma pretensão de ser reconhecido como historiador e, por isso mesmo, procuro amparo nos textos antigos para embasar minhas afirmações.

Sou apenas um humilde garimpeiro da história e quando encontro algumas pérolas extraviadas nos escaninhos mais empoeirados da Biblioteca Universal procuro repercuti-los. Tento, com isso, apresentar o ponto de vista das "*fontes primas*" para que elas possam ser estudadas, comparadas e analisadas pelo próprio leitor. Mesmo quando há uma unanimidade na percepção de redatores diversos podemos encontrar, no mínimo, belas nuances na expressão literária de cada um.

É extremamente importante recorrer ao relato de historiadores ou cronistas que estiveram cronologicamente o mais próximo possível dos eventos considerados. Infelizmente alguns dos pretensos "*historiadores*" nacionais foram, nas últimas décadas, totalmente contaminados por ideologias alienígenas espúrias apresentando uma versão da "*história*" totalmente travestida, uma realidade maquiavelicamente distorcida do que realmente aconteceu.

Hino do Rio Grande do Sul
(Francisco Pinto da Fontoura)

Mas não basta pra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo

Ao denegrirem a imagem dos heróis do passado ao invés de cultuar-lhes a memória e o exemplo pelo inestimável legado que nos deixaram desconsideraram, por má fé, a máxima de Isidore Auguste Marie François Xavier Comte de que: "*Os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos*". Um povo que não cultua seus heróis, suas virtudes está condenado, inevitavelmente a ser escravo.

O Rio Papagaio guarda eternamente em suas margens mais uma das inúmeras heroicas passagens patrocinadas por Rondon. A retirada da "*Expedição de 1907*", desde o Rio Juruena, sob a presença sempre hostil dos índios Nambiquara, os alimentos escassos, foi extremamente penosa e quando chegaram, finalmente, às margens do Rio Papagaio...

Rondon (1907)

> **04.11.1907**: A 4 de novembro atingimos o Sauêruiná com o pessoal faminto, exausto, sem forças nem ânimo para nada. Até os mais resistentes, o João de Deus e o Domingos, estavam aniquilados. E tínhamos de atravessar o Sauêruiná! Na viagem de ida, havíamos utilizado uma canoa para transportar o pessoal e o material enquanto os animais faziam a travessia a nado. Ficara a canoa amarrada à margem esquerda e com ela contávamos para voltar à margem direita – mas esquecêramos os índios: haviam eles soltado a embarcação que desaparecera na correnteza! Foi tão grande a decepção, que tirou aos abatidos companheiros os últimos restos de coragem e energia. Como transpor o Rio? A nado? Seria impossível para homens famintos, derreados pela fadiga, doentes, apavorados com a possibilidade de um ataque: eles que viessem e pusessem termo aos seus esforços de moribundos; ali ficariam no chão à sua espera. Não perdi, entretanto, a esperança de salvar a Comissão e de levá-la a bom termo. [...] A situação não comportava palavras e gestos inúteis. Era preciso agir. Com um couro de boi, revestido de um arcabouço de varas ligeiramente vergadas e amarradas, construí uma pelota. Carreguei-a com volumes de material e bagagem e, a nado, por meio de uma corda amarrada aos dentes, fui rebocando a improvisada embarcação, através da correnteza.

Depois de repetidas viagens – das 13h00 às 18h00 – tinha eu transportado os doentes, a bagagem e o material. Os homens inclinavam a cabeça para o peito e eu vergastava-os com incisiva apóstrofe:

– Soldado não baixa a cabeça como qualquer covarde!

Estava salva a Expedição do Juruena! (VIVEIROS)

Luiz Leduc (1907)

Travessia do Rio Papagaio

04.11.1907: Depois de todas essas dificuldades, extenuados, estropiados, maltrapilhos e famintos, no dia 4 de novembro, chegamos ao Rio Sauêruiná [Rio Papagaio]. Afinal, chegamos! Nossos soldados puderam, logo, preparar uma boa fogueira, que permitiu armarmos o acampamento, passando, todavia, a noite, nas mesmas condições da anterior. A regra, em viagem, é de atravessar o Rio, fazendo-se o pouso do outro lado, em face de uma possível chuva, que impedisse a travessia no dia seguinte. Nessa ocasião, foi-nos impossível seguir essa regra, em virtude do adiantado da hora e do estado deplorável do pessoal. Nesse dia, uma dúzia de palmitos, sobra ainda do festim de dias passados, acima descrito, mais algumas frutas, maduras ou não, sãs ou bichadas, foi o jantar. Havia fome e cansaço, mas ninguém disse o que sentia, em respeito ao raro valor do nosso Chefe, o Major Rondon, esse grande condutor de homens.

05.11.1907: Felizmente, não havendo chovido, tudo saiu bem, podendo, logo na manhã seguinte, após ser distribuída a escassa refeição a que estávamos reduzidos, atravessar o Rio, contentes, já esperançosos de dias melhores.

Na vinda, havíamos deixado ali uma canoa, desaparecida nessa ocasião, embora a tivéssemos escondido entre a vegetação ribeirinha. Os índios teriam-na descoberto, levando-a dali. Mas, quem pode esconder alguma cousa no mato, que não seja descoberta por esses índios? Para onde levariam os Nambiquara essas e outras canoas não mais encontradas em nossa marcha de volta? Teriam-nas arrastado, escondendo-as no mato, ou teriam-nas solto Rio abaixo? Era preciso passar para a outra margem do Rio. Difícil, mas necessário e não impossível. Meditávamos. Havia, entre nós, meia dúzia de homens ainda suficientemente fortes para essa empresa. No entanto, o Chefe repetiu duas ou três vezes o apelo ao pessoal:

> – Companheiros, o tempo não espera! Precisamos passar para a outra margem! Mãos à obra! Já passa do meio dia! Vamos adiante!

Nos 3 ou 4 cargueiros que nos restavam, não havíamos deixado perder os couros de bois, que em viagem servem para cobrir a carga, preservando-a das chuvas. Esse couro serve também para fazer o que se chamava de "*pelotas*" que, numa emergência, substituíam a canoa, para a travessia da bagagem e dos homens que não sabem nadar. A "*pelota*", único instrumento de que poderíamos nos valer nessa emergência, em pouco estava construída. O restante de nossas bagagens devia ser atravessada com bastante demora, visto que a "*pelota*" não comportava senão poucos volumes de cada vez.

Também na "*pelota*" deviam passar os enfermos, que na ocasião pareciam mais depauperados que doentes, os arreamentos, as bruacas, as cangalhas etc. Nossos companheiros, de força e ânimo verdadeiramente esgotados, não se ofereciam ao trabalho. Era necessário o exemplo.

O Major [Rondon] entrou na água e, puxando, por uma corda presa aos dentes, a "pelota" carregada, levou-a à outra margem. Enquanto ia e vinha, os homens válidos preparavam a carga para a viagem seguinte, continuando, assim, até se encontrar tudo na outra margem. Eram seis horas da tarde quando, terminada a travessia, pôde o Major descansar, o que ainda não havia feito desde que iniciara a primeira travessia. Não mostrava sinais de maior fadiga. (LEDUC)

Amílcar Botelho de Magalhães (1907)

XI – **Sauêruiná ou Papagaio** – Como os anteriores, este Rio nasce em plena linha divisória do chapadão formado pelas cabeceiras Saueruiná-suê e Zolorê-suê. Este nome foi o de um Cacique célebre, e caracteriza o Caxiniti; um índio Paresí – Caxiniti, ao dar o seu nome, acrescenta: "*filho de Zolorê*". As coordenadas da origem da cabeceira principal, a Saueruiná-suê, são: Latitude 14°30' S; Longitude [Rio de Janeiro] 15°50' O. É seu contravertente o braço mais oriental e setentrional do Jauru, cujas cabeceiras são a Jauru-suê e a Xiviolonô-suê. [...]

Ao cansaço e enfraquecimento geral do pessoal, veio juntar-se a grande decepção de não encontrarem a canoa com que contavam para a travessia e que ali deixaram amarrada à margem esquerda, na ida: os índios, haviam-na feito desaparecer e provavelmente combinaram alguma ação de guerra baseada nesse ato de hostilidade, cujo efeito moral repercutiu dolorosamente, tornando evidente o extremo desânimo de todos, menos do Chefe, cuja energia máscula ia produzir uma das mais belas páginas de sua vida no Sertão. Testemunha ocular referiu-me, com cores nítidas, o quadro desalentador que então se apresentou e que lhe parecia o fim trágico de toda a Expedição: os homens, desanimados, rojavam-se

([91]) ao solo, sem coragem de empreender o mínimo esforço, dominados por invencível torpor e como que resignados a ali se deixarem matar pelos silvícolas que flanqueavam a coluna. Rondon, num seguro relance d'olhos, compreendeu o esgotamento dos seus homens e, pois, a dupla necessidade de atravessar o curso d'água, para acampar na margem oposta, interpondo esse formidável desfiladeiro entre a sua gente e os guerreiros Nambiquara; e, Chefe insubstituível em tão difícil emergência, lançou-se ele próprio à corrente, para salvar a Expedição de um fracasso, à custa embora de seu esforço isolado e sobre-humano. Desde as 13h00 até às 18h00 da memorável tarde de novembro, nadou ele ininterruptamente de uma para outra margem, conduzindo a reboque uma pelota de couro cru, dentro da qual efetuou a travessia de todo o pessoal e de toda a carga da Expedição! Para ter mais livres os membros e facilitar, por conseguinte, a natação, servia-se dos dentes para agarrar a ponta do cabo de reboque!

Só os seus oficiais ["*noblesse oblige!*"] ([92]) recusaram deixar-se conduzir assim pelo valoroso Chefe. O Ten Lyra, de saudosíssima memória, que era um de seus prestimosos e competentes ajudantes e como tal presenciou o lance heroico, afirmou-me que, para incutir no seu pessoal a convicção de não o fatigar semelhante esforço, Rondon se mantinha dentro d'água, a evoluir contra a correnteza, mesmo durante o tempo em que a pelota era encostada à margem quer para o embarque, quer para o desembarque! Para terminar e para que os leitores tenham uma prova da modéstia desse homem fora do comum, aqui lhes apresento a forma singela com que narrou ele essa emocionante passagem em seu relatório:

---

[91] Rojavam-se: arrastavam-se.

[92] "*Noblesse oblige!*": a nobreza obriga. A nobreza exige que se cumpra, com generosidade e responsabilidade, certas responsabilidades sociais.

> Os índios haviam lançado Rio abaixo a canoa que tinha servido para nos transportar da margem direita para a esquerda, na nossa ida. Mas era preciso avançar, isto é, transpor o pessoal, a tropa e a carga para a outra margem, o que pude executar nadando de uma hora às seis da tarde, consecutivamente. (MAGALHÃES, 1941)

Aldeia do Buracão à Fz São Miguel (09.11.2015)

Partimos às 06h30, o Coronel Angonese tinha acordado, com o Oriovaldo Dal Ponte – Gerente da Fazenda São Miguel, o apoio de uma embarcação para a transposição do Rio Buriti exatamente no mesmo local (13°10’45,6” S / 58°33’43,9” O) em que a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, de 1914, o fizera. Apenas 08 km nos separavam do local da passagem e o percurso foi vencido com tranquilidade, a trilha ainda era nítida e, como sempre, extremamente retilínea.

Chegamos à margem direita do Rio Buriti antes das 08h30 e aguardamos no local da passagem, até as 10h00, sem verificar nenhum movimento na margem oposta. Tínhamos feito um embarcadouro a montante do local de desembarque na margem esquerda e um cercado para que os muares não se evadissem da área.

No início da tarde, como nem mesmo a viatura Marruá tivesse aparecido, o Coronel Angonese resolveu nadar até a margem oposta e tentar contatar o Oriovaldo. O Angonese ao retornar informou que o Oriovaldo fora até a cidade buscar o motor de popa que se encontrava em manutenção, só nos restava, portanto, continuar aguardando. Finalmente a Marruá, com nossa equipe de apoio do 2° B Fron, e, quase que imediatamente, uma comitiva chefiada pelo Oriovaldo chegaram dando-se imediatamente início à transposição.

Imagem 62 – Sede da Fazenda São Miguel

A travessia da primeira mula foi complicada, a correnteza forte e uma galhada a jusante do embarcadouro dificultaram a operação. A partir do segundo animal, o Oriovaldo conseguiu dominar a contento a pequena embarcação permitindo que o Angonese embarcado na voadeira conduzisse, cada um dos animais, à soga. O processo era simples, o "*Boi*" trazia os muares e eu e o Sgt Yuri os conduzíamos até a água de onde atirávamos a corda que estava amarrada ao cabresto dos animais para o Angonese. O Dr. Marc, na margem direita e o Soldado Eder, na esquerda filmavam toda a operação. Percorremos 11 km desde o Rio Buriti até a sede Fazenda São Miguel onde depois de colocarmos a tropa no cercado, sermos confortavelmente alojados e tomarmos um bom banho fomos desfrutar do excelente restaurante da Fazenda S. Miguel.

A Fazenda São Miguel faz parte do Grupo Scheffer que possui 11 unidades de produção no Sudoeste e meio Norte de Mato Grosso num total de 108 mil ha de terras.

Concluímos a 2ª Parte da 2ª Fase da Expedição Científica R-R cavalgando 395 km em 17 dias (com um de descanso). O ponto alto foi, sem sombra de dúvida, o apoio fantástico do Comando Militar do Oeste (CMO), através do 2° B Fron, Cáceres, MT. Tanto o Sgt YURI Vicente Cândido como o Soldado Paulo ÉDER Pereira Dias, nosso cozinheiro e condutor da viatura Agrale Marruá foram incansáveis em proporcionar-nos o maior conforto possível em todos os momentos agindo com uma competência e um profissionalismo singulares.

Nossa Expedição, até agora, tinha sido muito tranquila, sem grandes transtornos ou desafios, nenhum desgaste físico importante, mas carregada de novas e extremamente gratificantes experiências.

Relatos Pretéritos do Rio Buriti

Edgard Roquette-Pinto (1912)

> No passo do Rio Buriti existe um posto, guardado por dois soldados incumbidos da canoa. Havia cerca de dois anos que ali estavam. (ROQUETTE-PINTO)

Cândido Mariano da Silva Rondon (1914)

> Fomos, depois acampar à margem do Rio Buriti, que atravessamos em uma balsa, manobrada por dois Paresí, funcionários da Comissão e tão possuídos do espírito de nossa divisa que, certa vez, atacados pelos Nambiquara, se limitaram a disparar as armas para o ar. (VIVEIROS)

Theodore Roosevelt (1914)

Acampamos na margem Ocidental do Rio Buriti, onde há uma balsa movida por dois índios Paresí, funcionários da Comissão sob as ordens do Coronel Rondon. Cada um deles tinha uma casa coberta de palha e duas esposas – todos aqueles índios eram polígamos. As mulheres manobravam a balsa tão bem quanto os homens. Não tinham lavoura e durante semanas inteiras viviam apenas de caça e mel de pau. Com alegria saudaram nossa chegada e o arroz e feijão que o Coronel lhes deixou além de alguma carne. Estiveram em festa quase a noite toda. Tinham nas casas redes, cestas e outros objetos; criavam galinhas. Em uma das casas havia um periquito muito manso, mas pouco amigo de estranhos.

Existem nas proximidades Nambiquara bravios que recentemente haviam ameaçado atacar os dois balseiros, chegando mesmo a lançar-lhes algumas flechadas. Os Paresí conseguiram afugentá-los disparando suas carabinas para o ar e receberam do Coronel os esperados aplausos pela sua prudência, pois o Coronel fazia tudo o que podia para persuadir os índios a desistirem de suas lutas sangrentas. As carabinas eram Winchester leves, de cano curto, do tipo comumente usado pelos seringueiros e por outros que se aventuram nos ermos selváticos do Brasil. Existia certo número de seringueiras naquelas redondezas. Deleitamo-nos com um bom banho no Rio Buriti, embora fosse impossível nadar contra a violenta correnteza.

Poucos pernilongos mas, por outro lado, piuns de várias espécies eram um tanto excessivos; variavam de tamanho entre o pólvora e a grande mutuca preta. As pequenas abelhas sem ferrão não se amedrontavam e com dificuldade são afastadas

quando pousam na mão ou no rosto, mas nunca picam, só fazendo cócegas na pele. Apareciam também abelhas grandes que havendo pousado, não ofendiam se não fossem molestadas; no caso contrário enterravam o ferrão cruel. Os insetos não eram de ordinário inconveniente sério, mas em certas horas se tornavam tão numerosos que eu tinha de escrever de luvas e com a gaze na cabeça.

Na noite de nossa chegada ao Buriti choveu copiosamente; no dia seguinte continuou a chover. Pela manhã os muares foram passados na balsa, ao passo que os bois atravessaram o Rio a nado. Meia dúzia de nossos homens, brancos, índios e negros – todos nus e dando gritos extravagantes – tocavam os bois para o Rio, e com braçadas vigorosas nadavam ao lado e atrás deles, cortando obliquamente a correnteza. Era um atraente espetáculo ver os chifrudos e grandes bois espantados nadando valentemente, enquanto os possantes camaradas nus os tocavam para a frente, inteiramente à vontade na violenta correnteza. (ROOSEVELT)

Major Amílcar Botelho de Magalhães (1941)

O Zolaharuiná ou Buriti também nasce na linha divisória, um pouco mais ao Norte das nascentes do Papagaio, na Latitude Sul 14°20′ e Longitude Oeste 16°. Pelas suas cabeceiras, Zolaharuiná-suê e Taloré-sue, contravertem com o braço mais ocidental do Jauru e com o mais oriental do Guaporé. É afluente da margem esquerda do Papagaio. (MAGALHÃES, 1941)

Tragédia no Oceano I

(Múcio Teixeira)

[...] Estou vendo a correr dum para o outro lado
Um pequeno, que ri, vendo o pai espantado...
Outro, que pede à mãe um doce – no momento
Em que ela crava mais o olhar no firmamento!

É horrível de ver-se a nau desarvorada:
A corda, que rebenta ao choque da lufada,
Sibila, estala, zune... O pano, que se rasga,
Tem não sei quê da voz da fera que se engasga
Com os ossos da presa, enquanto ruge, rouca,
Sentindo-a espernear por lhe fugir da boca!

Estoura o raio! Estoura a embarcação! Estoura
A onda – que de espuma o Armamento doura!

– Empina-se o navio – e range surdamente...
Cai o mastro, esmagando uma porção de gente!

Uma vaga, que lambe a proa, cospe n'água
O homem do leme... uma outra inunda a viva frágua... ([93])
Oh! Rebenta a caldeira em nuvem de estilhaços!
Uns – nem soltam um ai... outros, ficam sem braços,
Sem olhos, sem saber da esposa idolatrada,
Do filhinho gentil, da mãe — que de assustada
Nem podia rezar...

Já ninguém mais se entende...
E um coro sem igual de súplicas se estende
Da vasta solidão dos implacáveis mares
A' vasta solidão dos insensíveis ares.

Aonde está Deus? – Não sei... [...]

---

[93] Frágua: fornalha.

Imagem 63 – Transposição do Rio Buriti

Imagem 64 – Despedida da Comitiva – Fz São Miguel

Imagem 65 – Rumo à Vilhena

Imagem 66 – Ponte do Rio Roosevelt

Fazenda S. Miguel – Campos de Júlio

***Sapezal**: também sapezeiro, campo de sapé, gramínea do gênero saccharum, cuja palha é muito usada na Bahia sertaneja para cobrir as choças dos matutos. É frequente ouvir-se no Sertão baiano: "Tal fazenda tem tantas casas de sapé". Manoel Victor em seu livro Os Dramas da Floresta Virgem, escreve: "E lá ao longe, muito além, muito ao depois de se ter cansado e se esgotado sob os sapezais, ora no campo raso, ora nas furnas, desaguava aos ribombos no velho São Francisco". Sapezeiro foi empregado por Amando Caiuby, nos seus contos sertanejos Sapezais e Tigueras: "Na venda do José Português, na encruzilhada do Serrano, quando o caminho da vila perde os barrancos marginais e entra no sapezeiro da chapada alta, alguns caboclos jogavam truque, naquele fim de tarde domingueira". (SOUZA)*

A despedida dos amigos muares foi, de minha parte, um momento de tristeza, pois, só tínhamos chegado até aqui graças aos nossos formidáveis parceiros de quatro patas.

A rusticidade destes caros animais, a sua capacidade de ingerir a campo os alimentos mais grosseiros, a imbatível eficiência e resistência com que marcham ao longo de estreitas e sinuosas trilhas, atalhos escorregadios e pedregosos, veredas acidentadas e íngremes lhes conferem, sem dúvida, uma característica singular.

Ao contrário do que se supõe, os muares possuem uma inteligência bem mais desenvolvida do que os demais equinos e acredito que, por vezes, suplantam a de alguns "*seres*" humanos. Obrigado a cada um de vocês meus quadrúpedes amigos e, em especial, à "*Bolita*" e "*Roxinho*" que me serviram de montaria durante 16 dias.

Fazenda São Miguel à Campos de Júlio

10.11.2015: Acordamos cedo, fizemos o desjejum, despedimo-nos do gentil Sr. Oriovaldo Dal Ponte, dos caros amigos da Comitiva Santo Antônio, de seus magníficos muares e partimos, embarcados na viatura Marruá, para a 3° Parte desta Expedição que seria executada, em um pequeno trecho, a pé.

Depois de meia hora, adentramos na BR-364, minha velha conhecida, onde tive o privilégio de trabalhar como Tenente de Engenharia do 9° Batalhão de Engenharia de Construção (9° BEC) – Cuiabá, MT, nos idos de 1978-79. A rodovia BR-364 atravessa o Brasil diagonalmente, seguindo o sentido Sudeste-Noroeste, desde o Município de Limeira no Centro-Leste do Estado de São Paulo, cruzando Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Rondônia e estendendo-se até o Município de Rodrigues Alves no Acre, totalizando 4.099 km de extensão. A diferença, desde a década de 70, para os dias de hoje era notável, as grandes extensões de cerrado que se avistavam ao longo da rodovia tinham sido substituídas por grandes e extremamente produtivas fazendas dedicadas a agricultura extensiva, que conseguem lucrar com seus produtos, mesmo pagando vultosos impostos ao Governo, comprando os insumos mecânicos, biológicos, minerais ou químicos diretamente das fábricas.

Sapezal

Chegamos a Sapezal, onde depois de tomar algumas medidas administrativas e almoçar fomos encontrar o Sr. Nivaldo Bertotto, que já tinha sido contatado pelo Coronel Angonese por ocasião do reconhecimento executado em maio.

O Nivaldo é um entusiasmado garimpeiro de relíquias históricas e levou-nos até o Museu João Bertotto, que leva o nome de seu progenitor, onde mostrou-nos animado uma série de artefatos da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, que ele próprio tinha recuperado.

Relato Hodierno: Sapezal

A formação do núcleo urbano de Sapezal está ancorada numa proposta de colonização do Sr André Antônio Maggi, que foi desbravador do Município e deu esta denominação à cidade em referência ao Rio Sapezal. O Rio Sapezal deságua no Rio Papagaio, pela margem esquerda, que por sua vez joga suas águas no Juruena. O sapé [Imperata brasiliensis], que dá nome ao Rio, é planta da família das gramíneas, conhecida por sua propriedade de servir de cobertura de ranchos.

O território de Sapezal foi amplamente cortado por viajantes e aventureiros a partir do séc. XVIII. Passou pela região a Expedição de Marechal Rondon que instalou a Linha Telegráfica cortando o Brasil. Mas, a Colonização só veio a partir da abertura da fronteira agrícola Mato-grossense. As distâncias entre as fazendas variavam de 40 a até 100 Km. As estradas que ligavam as fazendas umas às outras eram, na verdade, picadas abertas no cerrado pelos próprios colonos, o que dificultava a formação de um centro de maior povoamento.

Os pioneiros foram colonos sulistas, a maior parte vinda do Norte do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Oeste do Paraná que chegaram nas décadas de 70 e 80. Citamos alguns: Paulino Abatti, Ricardo Roberto, Arno Schneider, Ademar Rauber, Eriberto Dal Maso, Elenor Dal Maso, Írio Dal Maso,

> Mauro Paludo, família Scariote e outros. A formação do núcleo urbano de Sapezal está ancorada em uma proposta de colonização do Sr André Antonio Maggi, que deu esta denominação à cidade em referência ao Rio Sapezal. A atual zona urbana começou a ser povoada com a abertura da estrada MT-235 [Estrada Nova Fronteira] e do Loteamento da Cidezal Agrícola, de propriedade de André Antonio Maggi, em meados de 1987.
>
> O Município de Sapezal foi criado pela Lei Estadual nº 6.534, de 19.09.1994, sendo primeiro Prefeito André Antonio Maggi. O Município de Cuiabá deu origem ao Município de Nossa Senhora da Conceição do Alto Araguaia Diamantino [Diamantino], que deu origem ao Município de Campo Novo do Paresí, do qual originou-se o Município de Sapezal. (Fonte: Prefeitura Municipal de Sapezal)

O Nivaldo presenteou a Expedição Centenária com um rolo de cabo de aço galvanizado usados na Linha Telegráfica do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que segundo Roquette-Pinto: "*os Parесí chamam 'língua de Mariano', em homenagem ao seu grande amigo.*" (ROQUETTE-PINTO) De Sapezal fomos para Campos de Júlio, onde pernoitamos antes de adentrar, novamente, na Área Indígena Nambiquara.

Relato Hodierno: Campos de Júlio

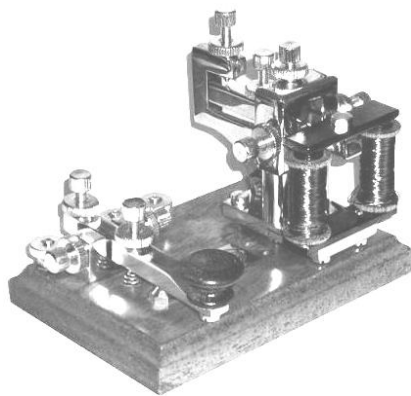
> Esta área, antes de ser colonizada, foi povoada pelos índios Nambiquara e pelos Ená-wenê-nawê, embora, atualmente, não haja área indígena nos limites do Município. O início da colonização deu-se através da atuação de Valdir Massutti, que trouxe à região, na década de 80, dezenas de famílias sulistas. Formou-se um povoado, tendo a sua volta milhares de hectares de plantações de soja, a economia que

sustenta a região. A Lei Estadual n° 5.000, de 13.05.1986, criou o Distrito de Campos de Júlio, sancionada pelo governador Júlio José de Campos. A Lei Estadual nº 6.561, de 28.11.1994, criou o Município de Campos de Júlio, com desmembrando do Município de Comodoro. (Prefeitura Municipal de Campos de Júlio)

Campos de Prosperidade

Em tempo. Há poucos dias, uma conceituada revista semanal de Cuiabá publicou reportagem com o título "*Campos de Prosperidade*", abordando a história da colonização do Município de Campos de Júlio, sua produção agrícola e desenvolvimento. A matéria é assinada pelo jornalista Rui Matos. Gostaria apenas de registrar que há um equívoco nas informações que se referem à minha pessoa, o que convém uma retificação, para o bem da história. Conforme o jornalista, Campos de Júlio foi assim denominada por imposição minha, que à época era Governador do Estado. Por iniciativa do senhor Valdir Masutti, ex-prefeito de Comodoro, Campos de Júlio foi criada em 1983 com a denominação de COOFLASUL [Cooperativa dos Flagelados do Sul].

A Lei Estadual 5.000, de 13.05.1986 criou o Distrito de Campos de Júlio, elevado a Município pela Lei 6.552 de 28.11.1994. A versão que se tem é a de que uma grande parte dessas terras que compõe Campos de Júlio pertencia ao Montepio da Família Militar e foi ocupada por um grupo de sulistas comandados pelo senhor Valdir Masutti. Ocorreu que, com a invasão dessas terras, já com o primeiro núcleo de ocupação, a diretoria da Família Militar requereu junto às autoridades do Governo de Mato Grosso, em especial à Secretaria de Segurança Pública, que fosse feita a desocupação da área de sua propriedade.

O então diretor da Polícia Civil de Mato Grosso, Coronel João Evangelista, que tempos depois veio a ser Comandante da Polícia Militar do Estado, designou, em conjunto com o Secretário de Segurança, Oscar Travassos, e o Comandante da Polícia Militar, Coronel José Silvério da Silva, uma equipe de policiais militares para fazer cumprir a ordem de desocupação da área. Chegando ao local, o Tenente Cruz, hoje falecido, comunicou a ordem de desocupação e teve como reação dos posseiros: "*Calma! Calma! Não precisa força. Esse campo é do Júlio! Esse campo é do Júlio!*". Aí, então, conforme relatos, o Tenente Cruz recuou com seus comandados, acreditando ser aquela terra de propriedade minha, Júlio Campos, então Governador do Estado. Depois desse episódio, ficou o nome "*Campos de Júlio*". Se perguntasse a alguém: Onde você está morando? A resposta era Campos de Júlio. E aí o nome pegou. Tanto é verdade, que quando foi criado o Município houve por parte de alguns deputados da oposição na Assembleia Legislativa um movimento para mudar o nome, mas a população local não aceitou e manifestou sua vontade de que continuasse o nome Campos de Júlio. E o município foi criado por Lei Estadual em 1994. Posteriormente, já no Governo Dante de Oliveira, foi feita uma nova tentativa de mudança do nome e a população não quis. (DIÁRIO DE CUIABÁ N° 11.334)

Campos de Júlio – Aldeia Kithaulu

Quando os seres humanos estão se transformando, este processo é normalmente chamado de "rito de passagem", um cerimonial que permite às pessoas passarem de uma fase da vida à outra – tal como o que se dá, com o recém-nascido, batizando-o e transformando-o em membro da tribo; são os ritos de passagem que transformam os jovens em homens ou as moças em mulheres ou, ainda, os mortos em habitantes do outro mundo. (HUXLEY)

Campos de Júlio ao Acampamento 03

11.11.2015: Fizemos contato, em Comodoro, MT, com a Sr.ª Adriani Aparecida Vicentini – Coordenadora Técnica da FUNAI, que fez questão de nos acompanhar até a Aldeia Nova Mutum (13°31'50,1"S / 59°46'41,2"O) onde fomos recebidos pelo Jair – Cacique Geral dos Nambiquara, o Mané Manduca – Presidente da Associação Haiyo e o simpático e leal ex-Cacique da Aldeia Três Jacus Sr. Ari Wakalitesu ([94]).

O Angonese vinha tentando há quase dois meses exaustivamente, sem sucesso, contato com o tal do Mané Manduca e na reunião, no Centro Comunitário da Aldeia Nova Mutum, a Coordenadora da FUNAI Adriani admoestou o Mané afirmando que aguardava, também, há mais de um mês, uma resposta dele. Depois de exaustivas tratativas ficou acordado que o Dr. Marc Meyers pagaria R$ 4.000,00 a título de pedágio ao Cacique Geral, aos Caciques das Aldeias Camararé e

[94] Wakalitesu (povo do jacaré): o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss realizou duas expedições ao Centro-Oeste brasileiro. Na 2° Expedição (1938-1939) ele contatou, em Utiariti, pela primeira vez, um grupo Nambiquara – conhecido como Wakalitesu, um povo cujos costumes simples muito impressionaram Lévi-Strauss.

Kithãulu cujas terras teríamos de cruzar e mais R$1.000,00 para os guias Mané Manduca e Ari Wakalitesu.

Aguardamos os guias pegarem as suas mochilas e, embarcados na viatura Marruá, do 2° Batalhão de Fronteira (2° B Fron), de Cáceres, MT, seguimos destino à Aldeia Camararé, comandada pelo Cacique Eládio, em cujas terras daríamos início à nossa jornada a pé pela trilha da Linha Telegráfica.

Chegamos por volta das três horas da tarde ao Acampamento 03 (13°08'14,0"S / 58°25'24,0"O) e, enquanto, nossos amigos Sargento Matheus YURI Vicente Cândido (Chefe da viatura) e o Soldado Paulo ÉDER Pereira Dias (motorista e cozinheiro) preparavam a refeição, o Dr. Marc Meyers e o Coronel Angonese seguiram rumo Este na trilha da Linha Telegráfica e eu, simultaneamente, caminhei rumo Oeste, o mesmo caminho que seguiríamos a partir de amanhã. Aproveitei para limpar os primeiros 800 m do cerrado que, nos arredores, era ralo e permitia uma progressão bastante fácil. Fomos dormir cedo, embora a previsão fosse de que o percurso a pé pudesse ser vencido em apenas um dia (mais ou menos 24 km), esta cronologia, logicamente, estava totalmente condicionada às condições do terreno e da vegetação ao longo da Linha Telegráfica.

Acampamento 03 ao Acampamento 04

Aqui, uma lixeira, de tronco gretado e largas folhas ásperas; ali, um açoita-cavalo, de flores alvas e cheirosas; mais adiante uma maria-preta, o pau-terra, a sicupira, de ramas bem dicotomizadas, ou ainda o vinhático do cerrado, com o caule escuro e tortuoso. (CRULS)

12.11.2015: O caro amigo Ari Wakalitesu guiaria nossos guerreiros do 2° B Fron, na viatura Marruá, enquanto o Mané Manduca seguiria, por terra, conosco. Durante o café o Coronel Angonese alertou a todos sobre a necessidade de levarmos material para acamparmos e, na mochila, água e ração. Infelizmente eu tinha dado meu cantil reserva para o "*Boi*" – Chefe da Comitiva Santo Antônio e levei apenas um cantil com um litro de capacidade. Partimos antes das sete horas e a marcha corria célere durante os primeiros 2,5 quilômetros quando, então, a vegetação começou progressivamente a obstaculizar nossa progressão.

O Mané ia, à frente, abrindo o caminho a facão, quando necessário, e, em uma dessas oportunidades, um fino cipó enganchou no gargalo da garrafa PET (Politereftalato de etileno) que ele carregava na mochila e eu imediatamente liberei-o da trepadeira. Encontramos, pelo caminho, grandes extensões de cabo de aço galvanizado e enormes isolantes de cerâmica, alguns ainda conectados à linha.

Todavia, margeando os grandes Rios, ou adornando os mananciais, a mata, por toda parte, cresce e domina; conforta com sua sombra e seus frutos; espanta com suas formas. (ROQUETTE-PINTO)

Aos poucos a altitude foi diminuindo e a vegetação, em consequência, foi se alterando e o cerrado progressivamente deu lugar às matas que se estendiam ao longo das canhadas mais úmidas. No terceiro quilômetro (12°53'26,5" S / 59°28'51,0" O) a Linha "*derivou*" à esquerda num ângulo de aproximadamente 30°, onde o cerrado dava lugar, definitivamente, à uma mata e passamos, a uns 150 m após a "*deriva*", por um pequeno afluente do Rio Camararé

atravessando-o graças a um tronco caído – a título de pinguela natural.

A Linha fazia nova "*deriva*" à direita de aproximadamente 20° graus (12°54'00,7" S / 59°30'14,1" O) a 2,7 km da anterior e 800 m depois da deriva chegamos ao Rio Camararé, um Rio de águas cristalinas, que permitiu saciássemos nossa sede e tomássemos um revigorante banho. Os restos de uma velha ponte (12°54'04,7" S / 59°30'40,8" O) edificada pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas lá estavam assim como o cabo galvanizado que atravessava o Rio e que utilizamos para nossa transposição.

Infelizmente o Coronel Angonese não tinha georeferenciado os pontos de deriva, talvez considerando que a trilha fosse facilmente visível durante grande parte da marcha. Como tivemos de usar a bússola e o GPS entre os pontos amarrados a mais de 20 km um do outro e entre eles existiam duas derivas chegamos, ao longo de todo o trajeto, a nos afastar algumas centenas de metros da Linha Telegráfica.

Depois desta parada, extremamente revitalizante, continuamos nossa marcha com a sede castigando-nos sem trégua. Lembrei-me de pedir socorro a São Pedro, Padroeiro do Rio Grande do Sul e Guardião das chuvas e, logo em seguida, nuvens carregadas formaram-se sobre nossas cabeças, rapidamente estendemos a lona para coletar água, saciando a sede e abastecendo nossos cantis.

Acampamos (12°54'16,5" S / 59°32'02,4" O) antes das dezessete horas, depois de percorrermos 9

km em 11 horas. Montamos nossas barracas e tentei comer a farofa com carne preparada pelo Soldado Eder, mas, como estava muito salgada e eu bastante cansado resolvi dormir imediatamente. Meus parceiros foram incomodados por formigas cortadeiras que abriram enormes buracos nas suas barracas.

Relato Pretérito Rio Camararé

Major Amílcar Botelho de Magalhães (1941)

> A Expedição, depois de cair no "*Doze de Outubro*", desceu este curso d'água e verificou que, 1.800 metros a jusante, entra ele no Rio Camararé, pela margem esquerda no trecho em que este último mede aproximadamente 120 metros de largura e corre exatamente de Oeste para Leste. Percorridos os 45 quilômetros, 600 metros de distância entre o ponto de afluência do "*Doze de Outubro*" e sua Foz, o Camararé lança-se no Juruena, pela margem esquerda, depois de atravessar uma faixa de terreno onde o Tenente Júlio observou a existência de capoeiras, provavelmente advindas das queimadas com que os indígenas aí destruíram as primitivas matas opulentas, para plantar suas roças... tal como condenavelmente praticam até hoje os civilizados no Brasil inteiro. (MAGALHÃES, 1941)

Acampamento 04 ao AC 05 (13.11.2015)

Partimos cedo, o calor era intenso, a altitude do terreno novamente aumentara e grande parte do trecho voltara a ser de cerrado muito fechado. Mané Manduca, nosso "*guia*" nativo, que desde ontem necessitou ser orientado por mim e pelo meu GPS, entregara definitivamente os pontos e quem ia à frente como guia e abrindo caminho era o Coronel Angonese.

O palmito do inajá [Maximiliana maripa] pareceu-me mais nutritivo que outro qualquer, pela sua riqueza em substância amilácea. (ROQUETTE-PINTO)

Ao alvorecer, ao longo do caminho, eu sugava avidamente as gotículas do orvalho condensado nas folhas mais lisas dos arbustos e dividia com meus parceiros a parte mais clara e tenra das folhas espinhosas em forma de calha e o pedúnculo dos Ananás (Abacaxi do cerrado – Ananás comosus var. bracteatus) que encontrava. Infelizmente o Ananás prefere áreas ensolaradas, e encontrei apenas dois no dia de hoje. Pedi para o Coronel Angonese cortar uma pequena palmeira conhecida como Inajá (Maximiliana regia) e extrair o seu macio cilindro branco formado pelos embriões foliares conhecido como palmito.

O Mané, neste dia, marchava, sistematicamente, à retaguarda provavelmente para beber escondido a água de sua garrafa PET. No final da manhã, mentiu afirmando não ter levado nenhum recipiente d'água e começou a consumir a parca água que nós três carregávamos como precioso tesouro. Bebíamos parcimoniosamente apenas para umedecer a língua e a garganta enquanto o Mané sorvia egoisticamente grandes goles d'água de nossos cantis, o resultado disso foi que minha água terminou logo cedo. Em uma das paradas o vil nativo solicitou-me, mais uma vez, um trago e informei-lhe que o cantil estava vazio, mesmo assim, achando que eu mentia pegou meu cantil para verificar pensando, talvez, ser eu um tratante e cínico como ele.

O calor e a falta de alimento e água minavam nossas resistências e em uma das últimas paradas informei aos meus parceiros que eles podiam seguir em frente que eu e o Manduca logo os alcançaríamos.

A parada foi reparadora, parti e, logo em seguida, encontrei meus extenuados parceiros deitados. As nuvens pesadas pressagiavam chuva e armamos nossa lona rapidamente, infelizmente, choveu apenas no entorno e nenhuma gota foi coletada.

Seguimos nossa fatigante jornada e mais adiante, a 8 km do acampamento, o Coronel Angonese sugeriu que "*desovássemos*" nossas tralhas para continuarmos nossa rota mais aliviados. Deixei minha mochila, georeferenciei o local da "*desova*" (12°54'43,0"S / 59°36'24,7"O) e levei apenas o cantil e o GPS.

Depois de caminharmos por mais de uma hora derivamos para a esquerda, abandonando a trilha da Linha Telegráfica, rumo a um terreno mais baixo e consequentemente com maior probabilidade de se encontrar água. Chegamos, por volta das dezoito horas a um pequeno e abençoado curso d'água. Tínhamos percorrido 10 km desde o acampamento anterior (AC05). Depois de matarmos a sede montamos acampamento, o Dr. Marc, à noite, me cedeu uma ração à base de cereais que foi muito bem vinda e tonificante. Como a noite estava muito fria, passei a noite toda alimentando a fogueira e, cada vez que as chamas clareavam o entorno e crepitavam, um curioso Macaco rabo-de-fogo ([95]) resmungava e resolvia passar, novamente, pelas árvores sob as quais acampáramos derrubando gravetos e folhas sobre a lona.

---

[95] Macaco rabo-de-fogo (Zogue-zogue-rabo-de-fogo): Callicebus miltoni é o nome da nova espécie de macaco descoberta na Amazônia na região do arco do desmatamento. Popularmente chamado de zogue-zogue-rabo-de-fogo por causa da cor avermelhada da cauda (...). O nome foi dado em homenagem ao veterinário Milton Thiago de Mello, 99 anos. (Erika Suzuki –Secretaria de Comunicação da Universidade de Brasília)

Acampamento 05 à Aldeia Kithaulu (14.11.2015)

Acordamos cedo e quando fui abastecer meu cantil fui atacado por um enxame de pequenas vespas. Contei apenas no braço direito 52 picadas, felizmente não havia inchaço e a dor se resumia a uma sensação de queimação semelhante a do pium. O Coronel Angonese resolveu recuperar o material deixado no local da desova, tínhamos planejado que o material seria resgatado pela equipe de apoio, mas isso geraria uma perda de tempo de mais de três horas.

Logo que o Angonese e o Manduca voltaram, iniciamos nossa marcha e insisti com o Dr. Marc deixasse a critério do nosso "*Jungle*" (Angonese) aonde e quanto tempo deveríamos parar tendo em vista que ele já tinha se deslocado até o local da desova enquanto nós ficáramos descansando no AC05. Após a segunda parada encontramos nosso caro amigo Ari Wakalitesu que nos guiou até aonde nos aguardava a equipe de apoio. Nossos caros parceiros preocupados com nossa demora tinham, por mais de uma vez, tentado, sem sucesso, nos encontrar. Chegando ao acampamento, por volta das 12h50, resolvi tomar um banho e o Sargento Yuri me conduziu na viatura Marruá até um córrego próximo. Depois do almoço partimos para a Aldeia Kithaulu e no trajeto passamos por uma ponte de madeira sobre o Rio Nambiquara (às 16h50), um belo e encachoeirado Rio de águas translúcidas.

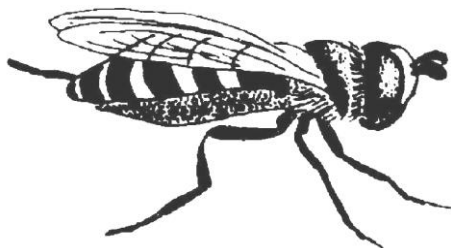



Imagem 67 – Marcha Sofrida

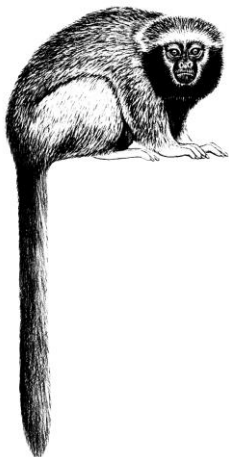
Relato Pretérito Rio Nambiquara

Rondon

11.06.1909: A 11 de junho, acampamos na margem esquerda do Rio Nambiquara; havíamos, por ocasião do regresso da Expedição anterior, enterrado uma boa porção de comestíveis em latas e conservas "Knorr", para poupar o trabalho de as conduzir de um lado para o outro. (VIVEIROS)

Angyone Costa

Em 1908, recomeça a Expedição. Rondon atravessa o Juruena, penetra o território dos Nambiquara e dos Tapanaiunas, corta o Juína, o Camararé, avançando sempre na direção NNO Descobre dois Rios incógnitos, até então, na carta geográfica, a que dá os nomes de Rio Nambiquara, e Rio 12 de outubro. Novamente é perseguido pelos índios. (COSTA)

A Marruá ultrapassou obstáculos de todos os tipos justificando sua adoção pelo Exército Brasileiro. Fomos bem recebidos na Aldeia Kithaulu e nos instalamos na varanda de um Posto de Saúde abandonado.

Tragédia no Oceano II
(Múcio Teixeira)

[...] Ah! mas se Deus existe
Como é que ele não vê aquele quadro triste,
Horrível, monstruoso?! Esse naufrágio bruto
Que a tantos leva a morte e a tantos traz o luto!

Como é triste morrer de um modo tão pungente
− A virtuosa mãe, o filhinho inocente,
O esposo honrado e bom, a esposa casta e bela,
E a virginal irmã − que a virginal capela

Ostentava, gentil, tão cheia de esperanças!
E os bandos infantis das tímidas crianças,
Com lágrimas na falia e súplicas nos olhos,
Que a onda arrasta... atira, esmaga nos escolhos!

Há um confuso lutar, como as visões de um sonho.
E tudo se afundou num turbilhão medonho!

Mas nem todos ai morreram nesse instante;
Para maior angústia e dor mais lacerante,
Dizem... é espantoso! − e dizem a verdade:
Que rolaram do mar na imensa soledade,
Dia e noite a lutar – lutando tantos dias –
Uns míseros, que após tão lentas agonias
Deram à costa... e lá, de todo abandonados,
Uns morreram à fome... outros – apunhalados!

O cão, que encontra o cão ferido em seu caminho,
Lambe-lhe o ferimento e leva-o com carinho;
A formiga, que vê as outras esmagadas,
Deita-lhes terra em cima e toma outras estradas...

– Os elefantes têm necrópoles sombrias:
E só o Homem deixa, assim, por tantos dias,
Tantos homens, oh! Deus! Naquelas águas frias!

Peão das Águas
(Mario de Freitas)

O Rio Grande não é feito só de Pampas
De Coxilhas, só de Matas ou de Campos
Tenho aqui minha parelha de Canoas
Sou gaúcho da Lagoa.

De manhã, muito cedinho o Sol desponta,
Já reponto a minha rede
Cevo o mate, ligo o rádio,
E a vaneira então ecoa,
Despacito vou cantando
No lombo da Lagoa.

Jogo a rede que é meu laço,
E com o braço esticado,
Vou levando de arrasto
Traíra, bagre e pintado.
Mas o peixe anda escasso,
Nos meus olhos a tristeza,
Se usou tanto a Lagoa,
Sem respeito à natureza.

Nesta sina andarenga de cruzar
As planuras destas águas
Trago as minhas mãos marcadas
Pelas redes e esporões.
Sou um Taura sobre as ondas
Cultivando as tradições.

A Lagoa não se doma,
Com temporal corcoveia,
Quando o barco boleia...
Que peleia, que peleia.
Valei-me Nossa Senhora,
No entrevero da batalha,
As águas que dão sustento
Também servem de mortalha

Kithaulu – Ponte da C. Telegráfica

De acordo com Gluckman, sociedades fazem uso de cerimônias, elaboram padrões de etiqueta e ritos de passagem, que marcam e delimitam status sociais distintos. Não é suficiente ocupar um status social; ele deve ser ocupado completamente. Muitas instituições Mehináku ([96]) refletem este padrão. O longo ciclo de reclusão, por exemplo, pode ser interpretado como um artifício para dramatizar novos status na comunidade. (GREGOR)

Aldeia Kithaulu a Vilhena (15.11.2015)

De madrugada o Cacique informou-nos que um vendaval derrubara diversas árvores sobre a estrada de acesso à Vilhena, RO, e que era importante levarmos mais um machado. De manhã o Coronel Angonese e o Dr. Marc foram reconhecer uma trilha da Linha Telegráfica e eu preferi ficar na Aldeia fotografando e coletando maiores informações sobre o Rito de Passagem das meninas-moças Nambiquara. A antropologia me fascina e sempre procuro ampliar ou checar as informações de autores do longínquo pretérito com a finalidade de observar as inevitáveis mudanças e adaptações que ocorrem ao longo dos anos. Quando desci o Solimões, em 2008, pude coletar exaustivamente informações sobre o "*Festa da Moça-Nova*", no período de 01 a 04.12.2008, com muita calma e de diversas fontes, pois parei dois dias na Comunidade Tikuna de Feijoal e outros dois na Comunidade Tikuna de Belém do Solimões. Apesar do Rito de Passagem dos Nambiquara não ter o refinamento e o simbolismo sofisticado dos Tikuna a sua singeleza extrema não deixa de ter certo encanto.

---

[96] Mehináku (Grupo Aruaque) - Meinaco, Meinacu, Meinaku.

Rito de Passagem - Menina-Moça Nambiquara

Três meninas me espiavam de dentro de uma pequena maloca. Foram as mulheres da Aldeia que trouxeram as folhas de uma de uma palmeira nativa chamada guariroba (Syagrus oleracea) usadas na cobertura da maloca construída no pátio da Aldeia. Logo após a primeira menstruação, as três adolescentes, foram para lá levadas pelos anciãos, onde ficarão reclusas por um período que pode variar de dois a seis meses. O ritual visa, segundo os Nambiquara, preservar as jovens de futuros males. Durante a reclusão, elas são orientadas, pelas mães e outras anciãs, sobre os deveres e obrigações de uma mulher para com o marido, filhos e demais membros da Aldeia.

No dia da festa, fim da reclusão, as mães das meninas se encarregarão do banho das meninas, de lavar-lhes os cabelos, de passar-lhes urucu e jenipapo (Genipa americana) no corpo e no rosto. A seguir, as penteiam e cortam-lhes os cabelos que são ornados com cocares de flores e penas coloridas e colocam-lhes no pescoço colares de sementes.

Ao entardecer, um padrinho, indicado pelo pai da menina, retira-a da maloca e leva-a para dançar. A menina, mantendo sempre a cabeça baixa, entra na roda e junto com os demais foliões canta e dança, de mãos dadas, até o alvorecer, quando os Caciques e Pajés entregam pequenas porções de peixe e beijus às meninas, à título de oblata. As moças dirigem-se, então, ao centro da roda e postam-se de joelhos até que o Pajé lhes autorize a levantar a cabeça e passem a enxergar o mundo, agora, com os olhos de uma mulher e não mais de uma criança.

Imagem 68 – Rito de Passagem – Menina-Moça Nambiquara

Relatos Pretéritos – Ritos de Passagem

Henry Walter Bates (1848)

Os Tikuna têm o singular costume, em comum com os Kolinas e Maués, de tratar as mocinhas, quando estas mostram os primeiros sinais de puberdade, como se elas tivessem cometido um crime. São postas em um jirau sob o teto fumacento e sujo e aí conservadas em regímen severo, às vezes durante um mês inteiro; soube de uma rapariguinha que morreu deste tratamento. (BATES)

Alfred Russel Wallace (1848)

As moças, aos primeiros sinais da puberdade, têm que submeter-se a uma prova. Primeiramente, desde um mês antes da sua realização, ficam separadas, como que reclusas em casa, sendo-lhes permitido alimentar-se somente de pequena quantidade de pão de mandioca e de água. Vencido esse prazo, reúnem-se ali, num dia designado, os parentes e amigos dos pais, que são para isso convidados, trazendo cada um deles uns pedaços de cipós (uma trepadeira flexível).

A menina é, então, trazida para fora da casa, totalmente nua, para o meio do grupo, que se acha no terreiro fronteiro à habitação. Cada um dos presentes, nessa ocasião, é obrigado a dar-lhe, com o cipó, cinco ou seis fortes chicotadas, no peito e nas costas, de través, até que ela caia prostrada, sem sentidos, acontecendo disso resultar-lhe por vezes a morte; se, entretanto, ela recobra o ânimo, ainda se lhe repete a operação, umas quatro ou cinco vezes, com intervalos de seis horas. (WALLACE)

Roy Nash (1926)

E o rito da pubescência constituía, em muitas tribos, cerimônia bárbara. Depois de passar a jovem um mês a farinha de mandioca e água, reuniam-se os membros da família e seus amigos, munidos já de caniços flexíveis, e o corpo nu da donzela sofria tão impiedoso açoite, quatro vezes repetido em seis horas, que em geral desmaiava e não raramente sucumbia. (NASH)

Francis Huxley (1957)

Para os índios, o mais perigoso de todos esses processos é o da menstruação, manifestação, regular e espontânea, do poder criador do sangue. O sangue é o verdadeiro princípio da vida, como os índios admitem sempre que pintam o rosto de vermelho, com o suco do urucu, em imitação a ele. Por esta simples razão ele é perigoso.

Nenhum índio comerá carne mal passada, pois o sangue que ainda existe nela, poderá envenená-lo. Se, acaso, pisar no sangue de outro homem, ficará amarelo [sinal certo de doença espiritual] e morrerá. O sangue da menstruação, que é a substância da qual é feita a criança, é muito mais perigoso. [...]

> Por isso, quando menstruadas, recolhem-se as mulheres em reclusão parcial, sentando-se nas redes e comendo alimentos especiais. A primeira menstruação da mulher é, naturalmente, muito mais importante, porque, então, ela está, não somente manifestando seu poder de criação, como se está transformando em verdadeira mulher que pode produzir filhos. (HUXLEY)

Festa da Moça-Nova - Tikuna

A Festa da Moça-Nova, ou seja, da menina que se torna mulher, para os Tikuna é muito importante, pois eles consideram a fase da puberdade muito perigosa, período em que as jovens podem ser influenciadas por maus espíritos. O ritual tem por objetivo iniciar as meninas-moças na vida adulta e, como verificamos, é composto por eventos expressivos, como:

- **Clausura** – construção do local (turi) onde a menina ficará isolada;
- **Convite** – aos Tikunas de outros clãs;
- **Pintura Corporal** – da Moça-Nova e dos convidados;
- **Ornamentos** – carregados de profundo significado;
- **Mascarados** – representando seres mitológicos;
- **Músicas e instrumentos musicais** – selecionados especificamente;
- **Pelação** – momento em que os cabelos da Moça-Nova são arrancados;
- **Purificação** – representada pelo banho.

A partir da primeira menstruação, a menina é conduzida para um local reservado (turi), construído para este fim, com esteiras ou cortinados, sem aberturas a Este ou a Oeste, de acordo com o seu clã, onde permanecerá enclausurada por um longo período, podendo se comunicar somente com a mãe e a tia paterna. Neste período, receberá as orientações necessárias de caráter místico e profano para que possa conduzir com eficiência sua vida dali por diante. O objetivo desse procedimento é estabelecer uma nova família enquanto os parentes se encarregam de convidar os Tikuna de diversos clãs para o evento. O pai, uma semana antes do evento, se dedica a estocar grande quantidade de caça e pesca, as quais serão moqueadas ([97]) para resistir até o dia da festa, ocasião em que será consumida grande quantidade de comida e pajuaru ([98]).

A cerimônia começa oficialmente com um brinde de pajuaru na casa do pai da moça. Os parentes e convidados pintam o corpo com jenipapo. A tia da moça traz feixes de fibras de palmeiras (babaçu, buriti e tucum [99]), que simbolizam a fertilidade, e serão utilizadas nas danças tribais. Durante o corte do tronco de envira ([100]), de onde se tira o material para tecer o cocar, os convivas entoam melancólicas cantigas, e o

---

[97] Moquear: tornar seco, enxugar; assar a caça ou a pesca com o couro em um gradeado de madeira ou diretamente sobre as brasas. Após ser submetido a esse processo, o produto pode ser consumido até em uma semana.

[98] Pajuaru: bebida inebriante feita da mandioca fermentada e azeda.

[99] Buriti (Mauritia flexuoxa): presente nas várzeas e margens dos Igarapés, a palmeira é conhecida como coqueiro-buriti, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu. Fornece a palha para cobrir cabanas e, do broto, tira-se a envira, fibra que serve para tecer redes, tapetes e bolsas.

[100] Envira ou embira: fibra extraída da casca de algumas árvores.

curaca ([101]) realiza rituais de pajelança para atrair os seres da floresta e alimentá-los.

Os mascarados surgem quando a moça sai da reclusão para a primeira pintura corporal pela manhã. As máscaras são confeccionadas de acordo com a realidade de cada comunidade e imitam entidades ou animais. Representam os espíritos demoníacos que, num tempo mítico, massacravam os Tikuna. Essas máscaras lembram à jovem índia que o perigo existe.

- **Mawu** – mãe dos ventos e dos morros;
- **O'ma** – mãe da montanha e da tempestade;
- **Tôo** – os micos;
- **Yurwu** – parente do demônio.

As senhoras de seu clã iniciam a pintura com um sabugo de milho que molham na tintura e passam pelo corpo da moça, de cima para baixo, em duas grandes linhas curvas, abertas, para fora, na frente e atrás. O rosto é pintado em linhas que cobrem a face e a testa. Depois de seca a primeira pintura, derramam tinta de jenipapo no corpo da moça espalhando-a com as mãos, escurecendo totalmente o tronco.

O objetivo da pintura é criar uma nova pele que, ao ser removida naturalmente, carrega com ela todas as mazelas passadas, simbolizando o renascimento de uma nova fase. Por volta do meio-dia, as mulheres mais velhas, incluindo a mãe e a avó, vão até o turi colocar os adornos na Moça-Nova e pintá-la. Cada um dos ornamentos tem uma preparação bastante elaborada e um significado muito especial:

---

[101] Curaca: chefe temporal das tribos indígenas brasileiras.

Coroa de penas vermelhas de arara – as penas de arara vermelha representam o sol e têm poderes sobrenaturais já que, normalmente, é usada pelo curaca. A coroa é confeccionada com a fibra do tururi ([102]) e possui duas pontas das asas da arara. É colocada na testa da Moça-Nova, de maneira a cobrir-lhe os olhos, para que ela não possa ver.

Tanga Vermelha – feita pela avó ou pela mãe; deve ser pintada com folhas de crajiru ([103]), semente de urucum ([104]) ou com a fruta da pacovan ([105]). O vermelho representa a vida, o sangue; sobre essa tanga, a menina usa uma pequena tanga de miçangas coloridas.

Colares – cruzados à altura do peito servem apenas de adorno. As penas de arara têm um significado especial, pois representam o Nutapá ([106]) e o seu uso representa que somos feitos à imagem Dele.

Braçadeiras e perneiras – feitas de penas e fios, são colocadas nos braços e nas pernas.

---

[102] Tururi, Ubuçu ou Buçu (Manicaria sacifera): palmeira com frutos em forma de cocos pequenos, da família das Palmáceas, abundante nas margens das várzeas e Ilhas da Amazônia. A palha é utilizada por ribeirinhos na cobertura de casas. O cacho que pende da palmeira é protegido por um invólucro semelhante a um saco de material fibroso e resistente chamado de tururi. (Hiram Reis)

[103] Crajiru (Arrabidaea chica): as folhas trituradas, esmagadas em água, cozidas ou cruas, rendem uma tintura marrom ou enegrecida usada pelos Tikunas em pintura de vestuário e da face.

[104] Urucum (Bixa orellana): seu nome popular tem origem na palavra tupi "uru-ku", que significa "vermelho". De suas sementes extrai-se um pigmento vermelho usado pelas tribos indígenas como corante e como protetor da pele contra os raios solares intensos.

[105] Banana Pacovan (banana-chifre-de-boi, banana-comprida ou banana-da-terra): são as maiores bananas conhecidas; chegam a pesar 500g cada fruta e a ter comprimento de 30 cm. É achatada num dos lados, tem casca amarelo-escura, com grandes manchas pretas quando maduras; a polpa é consistente, de cor rosada e textura macia e compacta, sendo mais rica em amido do que açúcar, o que a torna ideal para cozinhar, assar ou fritar

[106] Nutapá: o grande chefe que deu origem ao povo Tikuna.

Depois da colocação de todos os adornos, é a hora da terceira pintura. Os braços são enfeitados com penas coladas ao corpo. A substância colante, nas cores vermelha e azul, é feita de urucum e resina de madeira. Agora a Moça-Nova pode, finalmente, sair do seu turi. E sua chegada à sala de festa ocorre de forma especial, dançando com pessoas da família, conduzida por alguém especialmente escolhido para essa tarefa. É um momento muito esperado por todos.

Juntam-se a eles muitos dos convidados e continuam dançando. Ao chegar à parte externa da casa, o condutor inclina a cabeça da Moça-Nova para trás, fazendo com que o rosto dela receba a luz do sol, a mesma que ela tinha ficado sem ver durante a reclusão. Os convidados continuam dançando em volta da casa, de braços dados, em grupos de quatro a seis pessoas, deslocando-se para frente e para trás.

A pelação significa renovação, mudança, pois a menina já se tornou moça. Ela deve retirar todo o cabelo para renovar-se e redimir-se das faltas cometidas, e para ser incentivada a assumir uma postura de pessoa adulta. O processo de retirada dos cabelos é manual, sendo arrancados em pequenas mechas. A Moça-Nova é sentada sobre um tapete de palhas no centro da sala enquanto, ao seu lado, todos os participantes da festa dançam, tocam instrumentos e bebem pajuaru. A Moça-Nova também bebe o pajuaru antes da pelação.

Os adornos são retirados e os mais velhos começam a retirar o cabelo da Moça-Nova. Vão retirando as mechas e entregando ao tio ou ao avô dela. Durante a pelação, explicam-lhe as razões do ritual, invocando a história do seu povo.

Explicam que, para se tornar uma nova pessoa, para iniciar uma nova vida como adulta, é preciso que o corpo passe pelo sofrimento que ela está passando. O ritual não é só para garantir a limpeza do corpo para entrar na vida adulta, mas também uma homenagem aos seres sobrenaturais. Eventualmente, o couro cabeludo pode ser preparado para que a moça não sinta tanta dor. Uma semana antes da festa, tira-se a casa da tucandeira ([107]), faz-se uma pasta, com os filhotes e as formigas, que é colocada na cabeça da Moça. Esta técnica ameniza a dor facilitando a retirada dos cabelos. A última mecha de cabelo é tirada pelo tio ou o avô, ou uma pessoa idosa. Depois disso, os adornos são recolocados, e o tio ou avô dão algumas voltas pelo interior da casa com a Moça-Nova. A festa dura três dias e três noites e os participantes dançam e batem tambores e repetem o ritual da bebida diversas vezes. A bebida é servida na mesma cuia para todos.

No final da festa, o turi é destruído e a Moça-Nova é conduzida para um Igarapé ostentando toda a decoração corporal. A ornamentação é retirada e ela mergulha dando duas voltas em torno de uma flecha fincada no Igarapé, com o objetivo de preservá-la dos perigos da vida, concluindo o ritual. Ela vai para casa se alimentar e descansar. Quando acordar, ela irá colocar um lenço branco na cabeça que só deve ser retirado quando o cabelo crescer.

---

[107] Tucandeira (Tocandira – Paraponera clavata): inseto himenóptero classificado na grande família dos formicídeos, subfamília das poneríneas. De cor preta, chega a medir 25mm de comprimento. É conhecida como tocandira, tucanaíra, formiga-agulhada, formiga-cabo-verde, formiga-de-febre, formigão e outros nomes. Habitante da selva, a tocandira constrói ninhos subterrâneos na base das árvores, cujas copas utiliza para forragear. As picadas causam manchas e calombos na pele, mal-estar generalizado e vômitos.

Ponte sobre o Rio Roosevelt

Partimos, por volta das 11h30, e como o Cacique nos alertara, encontramos diversos obstáculos pelo caminho que foram eliminados pelo nosso amigo Ari Wakalitesu e mais dois amigos Nambiquara que nos acompanharam até a BR-364. Chegamos à Vilhena e hospedamo-nos, mais uma vez, no Hotel Colorado da cara amiga Dona Ângela.

A 27.02.1914, pouco depois do meio-dia, iniciamos a descida do Rio da Dúvida para o desconhecido. [...] Estivéramos acampados junto ao Rio, no lugar da picada da linha telegráfica, onde há sobre ele uma ponte rústica. (ROOSEVELT)

Afigura-se-me ainda fixada na retina aquela cena inolvidável do embarque, presenciado por mim do tosco balaústre da ponte aí construída pela Comissão Telegráfica, para servir ao pessoal da conservação e às tropas. Parece que sinto até agora no coração, ao relembrar o fato, o aperto desse vago temor de um insucesso que pudesse empalidecer a estrela do eminente amigo General Rondon e se refletisse sobre a nossa estremecida pátria! (MAGALHÃES, 1942)

16.11.2015: O Dr. Marc não estava se sentindo bem e permaneceu em Vilhena, RO, enquanto eu e o Coronel Angonese partimos na viatura Marruá, com nossa equipe de apoio, rumo à Fazenda Baliza. Chegamos à residência do Sr. Grilo, que conhecêramos na descida do Rio Roosevelt, em outubro de 2008, na hora do almoço e sua esposa, gentilmente convidou-nos para o almoço. Após o almoço eu e o Angonese embarcamos na voadeira pilotada pelo Sr. Grilo, no mesmo Porto da Fazenda Baliza (12°01’34,1”S / 60°22’41,7”O) em que déramos início à jornada de caiaque pelo Rio Roosevelt.

Naquela oportunidade eu navegara 6 km Rio acima (12°03'14,27"S / 60°22'14,5"O) e não encontrara nenhum sinal da Ponte de onde partira a Expedição Científica Roosevelt-Rondon nos idos de 1914.

Desta feita subimos 9,1 km desde o Porto da Fazenda Baliza e encontramos, finalmente, a Ponte construída em 1909, pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas comandada por Rondon (12°03'55,37"S / 60°21'46,59"O). A Comissão estabelecera que Latitude da Ponte 12°01'S, portanto a jusante (ao Norte) do AC01 (Porto da Fazenda Baliza) e eu reconhecera o curso d'água mais 6.000 m na direção geral Sul.

Historicamente os erros de locação jamais tinham chegado à casa dos minutos. A título de exemplo cito a Latitude encontrada pela Expedição original para a Confluência do Rio Roosevelt com o Rio Capitão Cardoso que foi de 10°59'00,3"S e que nós estabelecemos como sendo 10°59'20,8"S, um erro de pouco mais de 20" perfeitamente aceitável para os rudimentares equipamentos de que dispunha a Comissão. Certamente houve um erro na edição da transcrição das anotações manuais de Roosevelt – os editores confundiram o 04' (quatro minutos) com 01' (um minuto) que foi transcrito nas edição impressas).

Foi o momento mais emocionante de toda a Expedição. Ainda se podia visualizar perfeitamente os detalhes da construção da cabeceira da margem direita e os dois cavaletes ancorados no leito do Rio, sendo que um deles ainda ostentava as três estacas originais onde podia-se notar a amarração complementar do chapéu de cavalete às vigas com o mesmo cabo de aço galvanizado empregado nas linhas telegráficas.

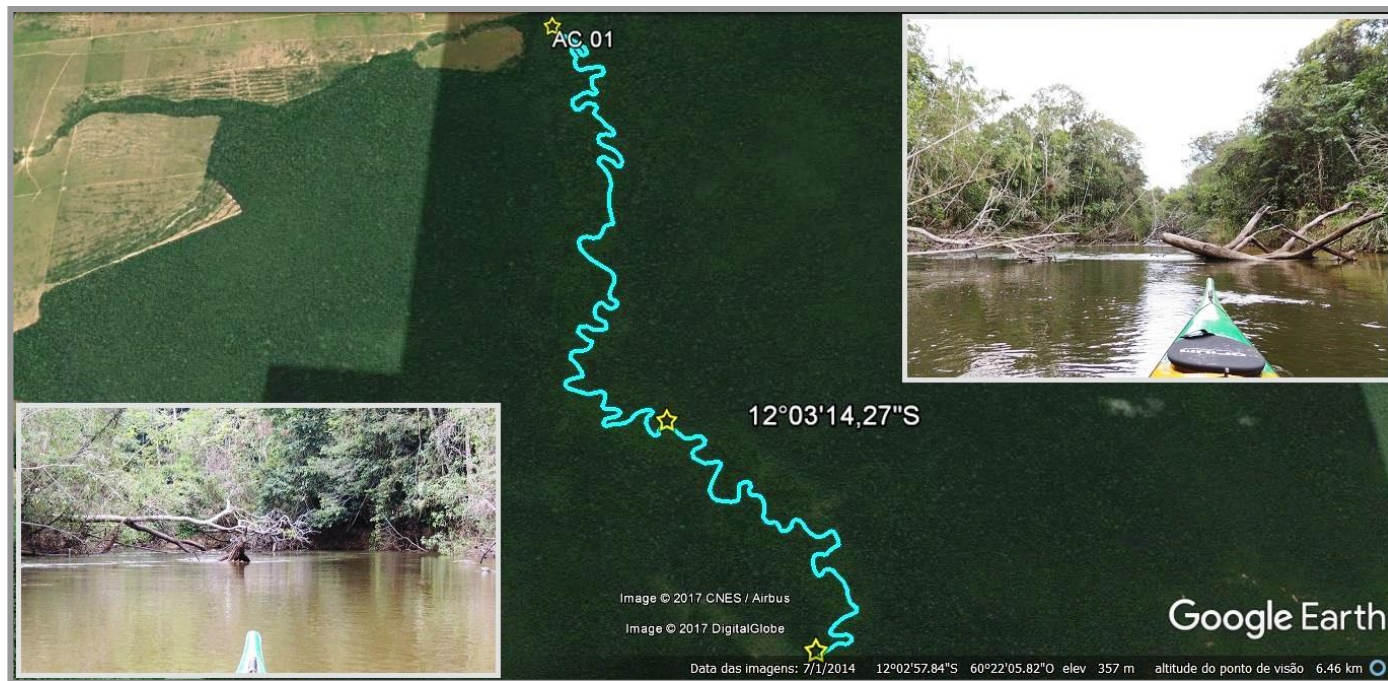



Imagem 69 – Ponte Telegráfica – Rio Roosevelt, 2014

Imagem 70 – Ponte Telegráfica – Rio Roosevelt, 2015

Imagem 71 – Ponte Telegráfica – Rio Roosevelt, 2015

Imagem 72 – Ponte Telegráfica – Rio Roosevelt, 2015

Imagem 73 – Ponte Telegráfica – Rio Roosevelt, 2015

Imagem 74 – Ponte Telegráfica – Rio Roosevelt, 2015

Coordenadas da Ponte Telegráfica

Eu baseara meu planejamento na informação equivocada do livro de Esther de Viveiros, “*Rondon Conta Sua Vida*” (baseada no livro de Roosevelt – Through the Brazilian Wilderness), em que ela faz a seguinte narrativa:

> Começamos a descer o Rio da Dúvida pouco depois do meio-dia de 27 de fevereiro. [...] O Cap Amílcar, com seu grupo, dizia adeus da margem quando as canoas partiram rio abaixo – corrente escura, volumosa, porque era plena estação das águas. Era tão grande a enchente que a correnteza molhava a parte inferior do tabuleiro da ponte aí existente. Isso tinha a vantagem de imergir os obstáculos, inclusive árvores caídas. Na estiagem, estariam certamente à tona. Partíamos de **12°1’** de latitude Sul e 17°7’34” de longitude Este do Rio de Janeiro. A direção a seguir era Norte, para o Equador. (VIVEIROS)

Felizmente, depois de muita pesquisa, verifiquei nas “*Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915*”, por Rondon, no Teatro Fênix do Rio de Janeiro, sobre os trabalhos da Expedição Roosevelt-Rondon e da Comissão Telegráfica:

> **2ª CONFERÊNCIA**
>
> **I**
>
> Reconhecimento e exploração do Rio da Dúvida: [...]
>
> **II**
>
> Exploração e levantamento do Rio da Dúvida, desde o Passo da Linha, na lat. **12°03’56,8”S** e long. 60°21’55,8”O de Greenwich, até o encontro com a turma auxiliar do Tenente Pyrineus no Aripuanã. (RONDON)

CHAPTER VIII

THE RIVER OF DOUBT

ON February 27, 1914, shortly after midday, we started down the River of Doubt into the unknown. We were quite uncertain whether after a week we should find ourselves in the Gy-Paraná, or after six weeks in the Madeira, or after three months we knew not where. That was why the river was rightly christened the Dúvida.

We had been camped close to the river, where the trail that follows the telegraph-line crosses it by a rough bridge. As our laden dugouts swung into the stream, Amilcar and Miller and all the others of the Gy-Paraná party were on the banks and the bridge to wave farewell and wish us good-by and good luck. It was the height of the rainy season, and the swollen torrent was swift and brown. Our camp was at about 12° 1′ latitude south and 60° 15′ longitude west of Greenwich. Our general course was to be northward toward the equator, by waterway through the vast forest.

We had seven canoes, all of them dugouts. One was small, one was cranky, and two were old, waterlogged, and leaky. The other three were good. The two old canoes were lashed together, and the cranky one was lashed to one of the others. Kermit with two paddlers

249

Imagem 75 – Through the Brazilian Wilderness

2ª CONFERENCIA

I

Reconhecimento e exploração do rio da Duvida:

Caracteres do problema geographico:

a) trabalhos de Ricardo Franco de Almeida Serra e cartas de Pimenta Bueno, Horacio Willians e Rio Branco;

b) a expedição de 1909, para reconhecimento do traçado da Linha Telegraphica de Cuyabá ao Madeira, descóbre, alem de outros, um rio a que se dá o nome de Duvida: motivo desta denominação.

Reconhecimento do "Commemoração de Floriano" em 1913:

a) o Duvida não é affluente do Gy-Paraná;

b) será um dos formadores do Aripuanã;

c) definição deste rio.

Turma do Tenente Antonio Pyrineus de Souza no Aripuanã, auxiliar da expedição de reconhecimento do Duvida.

O Sr. Roosevelt inicia os trabalhos da expedição, ainda em duvida sobre a direcção e a importancia do curso deste rio: medidas para hypothese delle correr para o Gy: construcção de canôas no Ananaz.

II

Exploração e levantamento do rio da Duvida, desde o Passo da Linha, na lat. 12° 3' 56",8-S. e long. 60° 21' 55",8 a O. de Greenwich, até o encontro com a turma auxiliar do Tenente Pyrineus, no Aripuanã.

Affluentes, cachoeiras, corredeiras, serras, constituição geologica e florestas do rio da Duvida.

Adopção de nova denominação: RIO ROOSEVELT.

Identificação com o Alto Castanha.

Tribus indigenas.

Imagem 76 – Conferências Realizadas – 5, 7 e 09.10.1915

Despedidas (17.11.2015)

Hoje foi um dia de despedidas. Despedimo-nos de nossos valorosos guerreiros do 2° B Fron (Cáceres, MT), o Sargento Matheus YURI Vicente Cândido (Chefe da viatura) e o Soldado Paulo ÉDER Pereira Dias (motorista e cozinheiro) cujo profissionalismo e dedicação à missão foram sobejamente demonstrados durante toda a Expedição. Despedimo-nos, também, de nosso caro e prestativo amigo e guia Ari Wakalitesu e do tal do Mané Manduca.

Bibliografia

ABNRJ N° 35. **Aborígenes e Ethnographos – Dr. Roquette Pinto**– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes da Bibliotheca Nacional n° 35, Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1913

AQUINO, Carla Abreu Soares. **A Preguiça Comum (Bradypus variegatus)** – Prefácio da Monografia, 2002.

ARRUPE, Pedro. **Os Jesuítas: Para Onde Caminham?** – Brasil – São Paulo, SP – Edições Loyola, 1978.

BATES, Henry Walter. **O Naturalista no Rio Amazonas** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1944.

DIÁRIO DE CUIABÁ N° 11.334. **Campos de Prosperidade** – Brasil – Cuiabá, MT – Diário de Cuiabá, Edição n° 11.334, 01.10.2005.

CANSTATT, Oscar. Brasil: **Terra e Gente (1871)** – Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, 2002.

CASTELNAU, Francis de. **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul** – Brasil – Rio de Janeiro, DF – Companhia Editora Nacional, 1949.

COMÉRCIO, Jornal do. **Missão Rondon** – Brasil – Brasília, DF – Edições Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

COSTA, Angyone. **Introdução à Arqueologia Brasileira** - Etnografia e História – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1934.

COUDREAU, Henri Anatole. **Viagem ao Tapajós** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1940.

OCTAVIE COUDREAU, Marie. **Voyage au Cuminá** – França – Paris – A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1901.

CRULS, Gastão Luís. **A Amazônia que eu vi** – Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1938.

CUNHA, Comandante Heitor Xavier Pereira da. **Viagens e Caçadas em Mato Grosso: Três Semanas em Companhia de Th. Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Francisco Alves, 1922.

DANIEL, João. **Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Contraponto Editora, 2004.

DEAN, Warren Kempton. **A Ferro e Fogo: a História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira** – Brasil – São Paulo, SP – Cia. Das letras, 2004.

DEN STEINEN, Karl Von. **Entre os Aborígenes do Brasil Central** – Brasil – São Paulo, SP – Departamento de Cultura de são Paulo, 1940.

DE SOUZA, Antônio Pyreneus. **Notas Sobre os Costumes dos índios Nambiquara** – Brasil – São Paulo, SP – Revista do Museu Paulista, Tomo XII – Tipografia do Diário Oficial, 1920.

FIGUEIREDO, Major José de Lima. **Índios do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939.

FONTANA, Riccardo. **Francesco Tosi Colombina, Explorador, Geógrafo, Cartógrafo e Engenheiro Militar Italiano no Brasil do século XVIII** – Brasil – Brasília, DF – Editora R. Fontana Brasília, 2004.

GREGOR, Thomas. **Mihináku: o Drama da Vida Diária em uma Aldeia do Alto Xingu** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1982.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Mato Grosso do Sul, sua Evolução Histórica** – Brasil – Campo Grande, MS – Editora UCDB, 1999.

HUXLEY, Francis. Selvagens amáveis – **Um Antropologista Entre os Índios Urubus do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1963.

JORNAL DO BRASIL N° 137. **A Expedição Dyott-Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil n° 137, 09.06.1927.

JORNAL DO COMMERCIO N° 216. **Populações Indígenas Encontradas nos Sertões Mato-Grossenses; Contatos e Relações Estabelecidas Entre elas e a Comissão Rondon; Hábitos e Costumes Indígenas** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Commercio n° 216, 05.08.1915.

LEDUC, Luiz. **Luiz Leduc e a Saga na Comissão Rondon** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – www.luizleducjr.com.br/1parte-historia4.html, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos. Perspectivas do Homem** – Portugal – Lisboa – Edições 70, 1979.

LINS, Álvaro de Barros. **Estilo Literário e Estilo Científico: Estudo da Obra de Roquette-Pinto** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal de Crítica, Edições O Cruzeiro – Sétima Série, 1963.

MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de. **Anexo n° 5 – Relatório Apresentado ao Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon** – Chefe da Comissão Brasileira – Brasil – Rio de Janeiro, RJ, 1916

MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de. **Impressões da Comissão Rondon** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1942.

MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A Expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil, 1821-1828** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1967.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Quando o Amazonas Corria para o Pacífico** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Vozes, 2007.

MONTECCHI & MONTECCHI, Acir Fonseca Montecchi & Inêz Aparecida Deliberaes Montecchi. **Anjo da Ventura: a Cidade e o Espelho – História e Memória de Cáceres – Parte II** – Brasil – Cáceres, MT – Editora UneMat, 2011.

MORAES Raymundo – **Na Planície Amazônica** – Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil** – Brasil – São Paulo, SP – Editora Leya, 2009.

NASH, Roy. **A Conquista do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939.

PINHEIRO JR, Renato Frota. **Rotação: Contando A Floresta** – Brasil – São Paulo, SP – Clube de Autores Publicações S/A, 2016.

RIHGB - XXVIII - I, 1865. **Termo de Fundação da "Vila Maria do Paraguai"** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – RIHGB, Tomo XXVIII, Parte I, 1865.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Editora da Casa, 1961.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de Outubro de 1915 pelo Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon no Teatro Phenix do Rio de Janeiro Sobre os Trabalhos da Expedição Roosevelt-Rondon e da Comissão Telegráfica** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1916.

ROOSEVELT, Theodore. **Através do Sertão do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1944.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Rondônia** – Brasil – Rio, RJ – Companhia Editora Nacional, 1938.

SOUZA, Bernardino José de. **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil** – Brasil – Rio, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939.

STEINEN, Carlos Von den. **Os Paresí** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – RIHGB – Tomo 84 - 2ª Parte, 1918.

VIVEIROS, Esther de. **Rondon Conta Sua Vida** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria São José, 1958.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagem pelo Amazonas e Rio Negro** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939

ZEKEZOKEMAE, Ivânio. **TCC do Projeto Tucum** – Brasil – Cuiabá, MT – Programa de Formação de Professores Índios para o Magistério – UFMT.

ANNO XIII RIO DE JANEIRO, 3 DE JANEIRO DE 1914 N. 590

O MALHO

TELEGRAMMAS ONÇAS...

«O Sr. Roosevelt telegraphou de Matto Grosso ao Sr. presidente da Republica, communicando-lhe que já tinha matado duas onças, e que proseguia a viagem atravéz do sertão, encantado com o coronel Rondon, seu guia designado pelo governo» — (Dos jornaes).

Imagem 77 – O Malho, n° 590, 03.01.1914

Dali, Paixão passou a servir no Acampamento Geral da Construção onde, foi promovido a graduação de Sargento, graças aos seus relevantes serviços. Concluindo seu tempo de serviço nas fileiras do Exército, reengajou no 5° Batalhão de Engenharia, continuando a contribuir com sua invulgar capacidade de trabalho e liderança à Comissão de Linhas Telegráficas e, mais tarde, à Expedição Científica Roosevelt-Rondon. O Sargento Paixão sempre demonstrou aos seus superiores, pares e subordinados uma inexcedível boa vontade no desempenho de suas funções e, como disse Rondon: "*servindo de exemplo aos seus camaradas, pelo espírito de disciplina que imprimia a todos os seus atos, e sobretudo pela moralidade de sua vida de Soldado e de Homem*".

O Sargento Paixão foi covardemente assassinado por um dos camaradas que vinha furtando, sistematicamente, os escassos víveres destinados a suprir a todos os membros da Expedição.

Coronel Hiram Reis e Silva
(Pesquisador Militar)